

Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna



DANIEL VALENTIM NUNES MARTINS

Aspirante a Oficial de Polícia

Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais

XXVI Curso de Formação de Oficiais de Polícia

**AL-ÂNDALUS -
DO TERRORISMO DOMÉSTICO
ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Orientadores:

CRISTINA MONTALVÃO SARMENTO

EDUARDO PEREIRA CORREIA

Abril, 2014

Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna



DANIEL VALENTIM NUNES MARTINS

Aspirante a Oficial de Polícia

Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais

XXVI Curso de Formação de Oficiais de Polícia

**AL-ÂNDALUS -
DO TERRORISMO DOMÉSTICO
ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Orientadores:

CRISTINA MONTALVÃO SARMENTO

EDUARDO PEREIRA CORREIA

Abril, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Policiais e Segurança Interna, sob orientação científica da Professora Doutora Cristina Montalvão Sarmiento e do Mestre Eduardo Pereira Correia.

A defesa pública da dissertação realizou-se a 12 de maio de 2014 no Auditório Francisco de Almeida do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), perante os senhores membros do Júri sob a presidência do Diretor do ISCPSI, Prof. Doutor Pedro José Lopes Clemente, resultando a aprovação e obtenção do grau de Mestre em Ciências Policiais e Segurança Interna, com a classificação de 19 valores (Muito Bom com distinção).

*Aos meus pais,
a quem tudo devo*

AGRADECIMENTOS

Como qualquer trabalho científico e mais aprofundado, também esta dissertação não é unicamente fruto exclusivo do meu trabalho individual. É igualmente o resultado da confiança, sabedoria, e do apoio incondicional que recebi durante esta investigação através do contributo de várias pessoas, e a quem me cumpre agora prestar os meus devidos e mais sinceros agradecimentos, sem qualquer ordem ou preferência, mas evidenciando que nutro por todos a minha maior admiração, respeito e reconhecimento.

Em primeiro lugar, quero dirigir um sincero agradecimento aos meus companheiros de curso (XXVI CFOP) que me acompanharam ao longo destes cinco anos no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. É impossível não destacar a cumplicidade e interajuda dos elementos do “*quarto 21*”, os quais me sinto afortunado por ter tido o privilégio da sua amizade.

Aos meus orientadores, Professora Cristina Montalvão Sarmiento e Mestre Eduardo Pereira Correia, por toda a disponibilidade e persistência evidenciada ao longo desta dissertação, um importante estímulo ao constante aperfeiçoamento.

Gostaria também de deixar uma palavra de agradecimento ao Professor Armando Marques Guedes, Professor Felipe Pathé Duarte e Mestre Raquel Duque, por toda a ajuda e aconselhamento que sempre me dispuseram.

Last but not least, uma palavra especial para agradecer à minha família e amigos que sempre me apoiaram e, em particular, nesta etapa tão decisiva da minha formação.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

AL-ÂNDALUS - DO TERRORISMO DOMÉSTICO ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA

DANIEL VALENTIM NUNES MARTINS

No mundo globalizado de hoje, vivemos num clima de incerteza, pautado pela desconfiança e insegurança. Com a queda do Muro de Berlim e o fim do mundo bipolar, o que tomávamos como certo e estável alterou-se e tornou-se imprevisível.

Atualmente, o Islamismo tem ganho proeminência internacional, assumindo-se como sucessor por direito do lugar desocupado pelo comunismo soviético. Dentro da ideologia islamista, uma franja radical denominada de jihadista, perpetua atos de terrorismo que concorrem com a legitimidade dos Estados-nação ocidentais.

Ao longo deste trabalho, pretendemos dar a conhecer o Jihadismo global, vertente jihadista do Islamismo radical que ambiciona destruir os infiéis ocidentais e converter o mundo, quer por força do proselitismo quer por força da *jihad*.

Ao contrário do que tem sido normalmente acalentado, o Islamismo não se resume à prática de atos terroristas. Dissimulados e sob a capa de uma identidade forjada, a versão radical *dawah* procura radicalizar e recrutar autênticas comunidades muçulmanas e não-muçulmanos na Europa às hostes jihadistas. Desta forma, o que era uma ameaça exterior, tornou-se uma ameaça interior crescente - o Jihadismo doméstico.

Numa altura em que novas ameaças surgem, cabe à Europa e aos países ibéricos em particular, adaptarem-se às mudanças, perceber a ameaça e prevenir riscos desnecessários compatíveis com uma visão incipiente da realidade.

Palavras-chave: Islão; Islamismo; Radicalização; Terrorismo Doméstico; Al-Ândalus.

ABSTRACT

AL-ÂNDALUS - DO TERRORISMO DOMÉSTICO ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA

DANIEL VALENTIM NUNES MARTINS

In today's globalized world, we live in a climate of uncertainty marked by mistrust and insecurity. With the fall of the Berlin Wall and the end of the bipolar world, what we took for granted and stable changed and became unpredictable.

Today, Islamism has gained international prominence, becoming the successor in law of the place vacated by soviet communism. Inside the Islamist ideology, a radical fringe called jihadist perpetuates acts of terrorism that question with the legitimacy of Western nation-states.

With this work, we intend to warn against the global Jihadism, the jihadist strand of radical Islamism that aims to destroy the western infidels and convert the world, either by virtue of proselytism or by virtue of *jihad*.

As we shall give testimony, contrary to what has generally been cherished, Islamism is not limited to acts of terrorism. Concealed under the cover of a forged identity, the *dawah* radical version seeks to radicalize and recruit within both Muslim and non-Muslim communities in Europe to join the *jihad*. Thus, what was once an outside threat, has become a growing threat inside Europe - the homegrown Jihadism.

At a time when new threats emerge, it is up to Europe and the iberian countries in particular, to adapt to changes, realize the threat and prevent unnecessary risks consistent with a distorted view of reality.

Keywords: Islam; Islamism; Radicalization; Homegrown Terrorism; Al-Ândalus.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AKP – Partido da Justiça e Desenvolvimento.

AQEF - Al-Qaeda no Este de África.

AQI – Al-Qaeda no Iraque e Levante.

AQMI – Al-Qaeda no Magrebe Islâmico.

AQP – Al-Qaeda *Prime*.

AQPA – Al-Qaeda na Península Arábica.

CEFP - Conselho Europeu para a *Fatwa* e Pesquisa.

CIL – Comunidade Islâmica de Lisboa.

CIP – Comunidade Islâmica de Portugal.

DCCB – Direção Central de Combate ao Banditismo.

EAU – Emirados Árabes Unidos.

EIIL - Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

EUA – Estados Unidos da América.

Europol - Serviço Europeu de Polícia.

FBI – *Federal Bureau of Investigation*.

FEERI – Federação Espanhola de Entidades Religiosas Islâmicas.

FGIM - Frente Global Islâmica para os *Media*.

FIS – Frente Islâmica de Salvação.

FSS – Forças e Serviços de Segurança.

GIA – Grupo Islâmico Armado.

GSPC - Grupo Salafista para Pregar e Combater.

Hamas – Movimento de Resistência Islâmica.

ICG – *International Crisis Group*.

IFL – Fundação Islâmica de Leicester.

IM – Irmandade Muçulmana.

Interpol – Organização Internacional de Polícia Criminal.

JNA – Jihadismo de Natureza Autóctone.

LIM – Liga Islâmica Mundial.

MAK – *Makhtab al-Khidmat*.

MET – *Muslim Educational Trust*.

NATO – *North Atlantic Treaty Organization*.

NSA – *National Security Agency*.

NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

OAN - Organização Abu Nidal.

OCI – Organização da Conferência Islâmica.

OLP – Organização para a Libertação da Palestina.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

PIMO – Partido Independente de Moçambique.

PJ – Polícia Judiciária.

PSP – Polícia de Segurança Pública.

SAM - Sociedade de Advogados Muçulmanos.

SAQ – Sistema al-Qaeda.

SIS – Serviço de Informações de Segurança.

UCIDE – União das Comunidades Islâmicas de Espanha.

UMSI – União Mundial de Sábios Islâmicos.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

ZEE – Zona Económica Exclusiva.

LISTA DE TABELAS

Tabela I: Principais variantes da *jihad* islâmica.

Tabela II: Islamismo e as suas ramificações ideológicas.

Tabela III: Relação de grupos jihadistas face ao total (1968-1995).

Tabela IV: Elementos característicos dos *Assassins*.

Tabela V: Características dos grupos jihadistas globais.

Tabela VI: Os três “Centros de Gravidade do SAQ”.

Tabela VII: Fatores potenciadores de radicalização islamista em muçulmanos.

Tabela VIII: Tipologia dos ataques jihadistas em países europeus (2004-2013).

GLOSSÁRIO

Allah	Palavra árabe, em português Alá, é o Deus da fé islâmica. O Corão refere-se a <i>Allah</i> como “criador, juiz e líder de um universo material” (Lopes, 2010: 43).
Apóstata	Nome dado àqueles que renunciam ao Islão. Em árabe <i>murtadd</i> , a apostasia ou <i>irtidad</i> é anunciada no Corão como condenável à morte (Lopes, 2010: 174).
Ayat Allah	São os versículos do Corão, que em árabe significam “sinais de Deus” ou “versículos de Deus” (Lopes, 2010: 61).
Bidah	Do árabe, tem o significado de “inovação” em português. Palavra desenvolvida por juristas sunitas de forma a filtrar todas as inovações que não fossem úteis (Lopes, 2010: 80).
Dar al-Harb	Com o significado de “Casa da Guerra”, engloba todas as terras fora do domínio estritamente islâmico (Lopes, 2010: 99).
Dar al-Islam	Do árabe para o português “Casa do Islão” (Lopes, 2010: 100).
Dawah	Em português “apelo” ou “exortação missionária” (Lopes, 2010: 101).
Dhimmi	Palavra árabe para cristãos e judeus que vivessem nas terras do Islão, os subordinados ou vencidos. Englobava “todos os não muçulmanos que vivessem em território muçulmano e a quem os governantes ofereciam proteção, segurança e liberdade de prática religiosa” em troca do pagamento de uma taxa (Lopes, 2010: 103-104).
Diásporas	Grupo de pessoas que, apesar de viverem num país estrangeiro, optam pela manutenção da identidade dos seus países de origem.
Fatwa	Édito ou decreto interpretativo próprio do Islão (Lopes, 2010: 117).
Gharb	Traduzido para o português “Ocidente” (Lopes, 2010: 128).
Hadith	Em português “discurso” ou “tradição”, são ditos e feitos do Profeta, contidos na <i>Sunnah</i> . Também existem <i>hadith</i> dos companheiros do profeta. É considerada a segunda fonte direta mais importante da

jurisprudência islâmica (Lopes, 2010: 136).

Ijtihad	“Esforço” pessoal de interpretação da lei islâmica, é uma das fontes indiretas do direito muçulmano, a par da <i>fatwa</i> e do <i>fiqh</i> (Lopes, 2010:166).
Imam	Várias conotações distintas. Pode ser entendido como “líder de oração”, em virtude da inexistência de clero no Islão; pode ser um chefe supremo para xiitas duodecimanos ou septimanos; pode ainda ser encarado enquanto “comandante dos fiéis”, por antigamente ser associado a califa; por fim, meramente um título de respeito (Lopes, 2010: 170).
Irtidad	Apostasia em árabe (Lopes, 2010: 174).
Islão	Islão ou <i>Islam</i> em árabe, significa submissão e obediência a Deus, <i>Allah</i> (Lopes, 2010: 177).
Jahiliyya	Palavra árabe que designa um “estado de ignorância”. Inicialmente entendido como o tempo pré-islâmico árabe, tornar-se-á aplicável aos tempos modernos secularistas para Qutb e outros radicais islamistas (Lopes, 2010: 184).
Jihad	Mais do que um conceito, o seu significado difere de acordo com quem o analisa. Do árabe, pode ser encarado enquanto “esforço” ou “dedicação”. Comummente, divide-se em <i>jihad menor</i> e <i>jihad maior</i> , luta contra os inimigos do Islão ou luta interior com vista ao seu aperfeiçoamento pessoal, respetivamente. (Lopes, 2010: 185). Para o grupo restrito dos islamistas, <i>jihad</i> ainda podia ser entendida enquanto “guerra santa”.
Kafir	Termo que designa o “não crente” ou “infiel”. Do seu significado original, vai ser alargado a todos aqueles que não sigam o Islão e a muçulmanos que não pratiquem o Islão rígido dos islamistas (Lopes, 2010: 190).
Khalifah	Vice-regência do homem na Terra, concedida por Deus (Ushama e Osmani, 2006: 96). Em Português, o califa era o sucessor de Maomé na Terra (Lopes, 2010: 193).
Kufr	Importante conceito islâmico, inicialmente entendido como “descrença”, é atualmente encarado como “idolatria” (<i>shirk</i>) ou “ignorância” (jahiliyya)

por islamistas (Lopes, 2010: 204).

Makhtab al-Khidmat	Em português “gabinete de serviços”, foi fundada por Abdullah Azzam com o propósito de recrutar voluntários para a resistência afegã e colher fundos (Wilkinson, 2011: 41).
Maniqueísmo	Provém do mundo dualista do gnosticismo. Traduz-se na divisão do mundo em bem e mal, luz e trevas. Do profeta Mani, outro exemplo conhecido do mundo maniqueísta é a <i>Cidade de Deus</i> de Santo Agostinho. Os islamistas partem desta divisão para legitimarem ações violentas contra o mundo das trevas, a diabolização do Ocidente.
Maomé	Maomé é considerado como o “mensageiro de deus” pelos muçulmanos. O Profeta foi o fundador do Islão, em 622, ano de início da Hégira, a deslocação de Maomé de Meca para Medina onde formou a base para a futura expansão da fé (Lopes, 2010: 242-246).
Mujahidin	Plural de <i>mujahid</i> , significa em árabe “o guerreiro de Deus” ou “aquele que participa na <i>jihad</i> ” (Lopes, 2010: 247)
Pan-Islamismo	Termo conhecido no Ocidente pela ascensão de poder na pessoa do Califa. Surge pela primeira vez num tratado celebrado no último quartel do século XVIII, entre a Rússia e o Império Otomano. O califa torna-se a autoridade política e religiosa máxima dos muçulmanos (Lewis, 2001). O termo apelava a uma união dos muçulmanos contra os invasores ocidentais. Como conceito religioso existe desde os primórdios islâmicos. A partir de meados do século XX, ganhou novo fôlego com a LIM e a OCI (Lopes, 2010: 276).
Qiyas	As <i>qiyas</i> são deduções analógicas das diretivas legais do Corão e <i>Sunnah</i> , ou seja, é um julgamento pessoal sobre o caso em litígio comparado com um caso antigo análogo (Lopes, 2010: 292). São consideradas a quarta fonte direta de direito islâmico (Silva, 2011: 26).
Qur'an	Palavra árabe, em português Alcorão ou Corão. Significa “Leitura por excelência”. Livro sagrado dos muçulmanos é neste livro que estão prescritas a maioria das instruções de Allah aos crentes. É a maior fonte direta islâmica (Lopes, 2010: 295).
Rashidun	Os quatro <i>Rashidun</i> , também conhecidos como os quatro “bem-guiados”

ou antepassados pios do profeta, foram os quatro primeiros califas ou representantes dos muçulmanos após a morte de Maomé. São respeitados enquanto companheiros do profeta e os seus *hadith* são seguidos quando os ensinamentos do profeta não constituam uma certeza clara (Silva, 2011: 17-22).

Risalah	Supremacia da <i>Shariah</i> (Ushama e Osmani, 2006: 96).
Salaf	Do árabe refere-se aos “antepassados pios” do Islão, os <i>Sahaba</i> (companheiros) ou <i>Rashidun</i> que sucederam a Maomé (Lopes, 2010: 316).
Salafiyya	Em português “Salafismo”, é um movimento que defende o retorno aos primeiros anos do Islão, à época de Maomé e dos seus companheiros, vista como uma idade de ouro onde as doutrinas islâmicas “puras” eram seguidas e respeitadas (Lopes, 2010: 316-317).
Shariah	Considerada como a lei islâmica modelar, a <i>Shariah</i> é a incorporação no direito dos preceitos religiosos do Corão, <i>Sunnah</i> e restante jurisprudência muçulmana (Lopes, 2010: 330).
Shirk	Em português “idolatria” ou “politeísmo”, é o desvio do caminho da <i>tawhid</i> , da unicidade de Deus. É considerado como pecado grave no Corão (Lopes, 2010: 332).
Sunnah	Palavra árabe que tem o significado de “caminho percorrido”. Tudo aquilo que foi feito, dito e consentido por Maomé após o início da sua missão profética. É o costume e as tradições fundadas no exemplo de Maomé (Lopes, 2010: 336).
Taqiyah	Em português, o ato de dissimular. Consiste numa “negação preventiva da fé num contexto de perseguição religiosa” (Lopes, 2010: 344).
Tawhid	Considerada como núcleo central no <i>core</i> islâmico, <i>tawhid</i> é a unicidade de Deus (Lopes, 2010: 347).
Ulama	“Homens da sabedoria”. Na Era clássica sunita eram os criadores da teologia islâmica, enquanto no Xiismo sempre funcionaram como verdadeiros clérigos (Lopes, 2010: 356-357).

Umma	Comunidade muçulmana. Para o Corão, Umma é definida como “um povo a quem Deus enviou um profeta” (Lopes, 2010: 360). Na heterogeneidade do mundo muçulmano, a <i>Umma</i> é sinónimo de igualdade e união (Lopes, 2010).
Zakat	Esmola obrigatória aos pobres, faz parte dos cinco pilares islâmicos. É encarada como uma responsabilidade do fiel, ato de reconhecida pureza e espiritualidade (Lopes, 2010: 389).

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo.....	II
Abstract	III
Lista de siglas e abreviaturas.....	IV
Lista de tabelas	VI
Glossário	VII

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

Capítulo I: *CHECKS AND BALANCES* NA IDEOLOGIA ISLAMISTA

I. 1.1 Conceitos Temáticos.....	5
I. 1.2 Religião e Ideologia: o Ativismo Sunita e Xiita.....	7
I. 1.3 Ideologia e História	10
I. 1.4 A Ideologia Islamista: Dinâmica Temporal.....	10
I. 1.5 O Desafio da Ideologia Islamista ao Mundo Moderno	15
I. 1.5.1. A <i>Jihad</i> na Distorção Islamista do Islão	17
I. 1.6 Da <i>Dawah</i> à <i>Jihad</i> : Heterogeneidade Islamista	20
I. 1.6.1. As Ramificações Islamistas: Construção de um Modelo de Análise	20
I. 1.6.2. Islamismo Capitalista e Islamismo Multiculturalista	23

Capítulo II: INSURGÊNCIA, TERRORISMO E GUERRA ASSIMÉTRICA

II. 2.1 Elementos Definidores de Terrorismo.....	28
II. 2.2 A Evolução da Agenda Terrorista Islamista	33
II. 2.3 Jihadismo Contemporâneo: Novas Articulações e Mecanismos de Coordenação	37
II. 2.3.1. O Sistema al-Qaeda: Estrutura Organizacional e Operacional.....	38
II. 2.3.2. A <i>Scale Free Network</i> Global do Sistema al-Qaeda: o Centro de Gravidade Ideológico	40

Capítulo III: EURÁBIA: MITO OU REALIDADE? O ISLAMISMO RADICAL NO CONTINENTE EUROPEU

III. 3.1 O Islamismo Europeu <i>Dawah</i> : Caminhos para o Terrorismo.....	45
III. 3.2 O Processo de Radicalização Islamista na Europa: Construção de um Modelo de Análise	47

III. 3.3	As Quatro Fases de Radicalização Islamista na Europa	48
III. 3.4	A Chamada para um Jihadismo de Natureza Autóctone	53
III. 3.5	As Redes Jihadistas Globais na Europa: Tipologias	56
III. 3.6	Relíquia de um Tempo Antigo: o Al-Ândalus no Âmagô Islamista.....	58
III.3.6.1.	Radicalização e Jihadização em Espanha.....	59
III.3.6.2.	Gharb Al-Ândalus: O Jihadismo de Natureza Autóctone em Portugal.....	62
CONCLUSÃO		66
Referências Bibliográficas.....		70
Anexo I		93
Anexo II		109
Anexo III		112
Anexo IV.....		121
Anexo V.....		124
Anexo VI.....		132
Anexo VII.....		134
Anexo VIII.....		137
Anexo IX.....		151
Anexo X.....		153
Anexo XI.....		162
Anexo XII.....		164
Anexo XIII.....		166
Anexo XIV		168
Anexo XV		170
Anexo XVI		172
Anexo XVII		177
Anexo XVIII		189
Anexo XIX		194
Anexo XX		197
Anexo XXI		199
Anexo XXII		201
Anexo XXIII		203

INTRODUÇÃO

*Devemos conhecer o inimigo e conhecemo-nos a nós mesmos;
Em cem batalhas nunca estaremos em perigo.
(Sun Tzu, 2007: 125)*

Iniciamos esta investigação conscientes da conceção do que é perceptível por todos como uma ameaça de âmbito global ao Ocidente, dos conceitos de Estado de Direito e de Democracia – que devem ser monitorizados e prevenidos – e da observância de valores em que assenta a própria sociedade ocidental.

Ao longo das últimas décadas, esta difícil complementaridade conduziu a que as democracias ocidentais se tornassem reféns de pressupostos que estão na sua génese e sempre defenderam: a aceitação da diferença religiosa, política, cultural e social; o multiculturalismo; a liberdade de circulação de pessoas e bens; a liberdade de expressão e a observância dos Direitos Humanos. Tal como acontece com o conceito do espaço europeu, também estas ameaças, riscos e perigos não têm fronteiras, pelo que os limites à ação das forças armadas e das polícias são objeto de constante redefinição e ajustamento face às novas exigências de liberdade e segurança dos cidadãos.

Vivendo num mundo e num momento temporal em que a globalização se vai revelando mais um fator de desenvolvimento(s), é inevitável que ameaças outrora inexistentes, impercetíveis ou confinadas a espaços geográficos longínquos, conduzam à perturbação do quotidiano de uma Europa incapaz de as prever. O Jihadismo global, tipologia terrorista islamista formalmente criada em finais da década de 1990 com o surgimento da retórica do *far enemy*¹, deitou por terra a crença do “fim da História” apontada por Fukuyama². Desde meados do século XX que ideólogos como Raymond Aron³ e Daniel Bell⁴ apontavam o socialismo soviético como o último grande rival das democracias capitalistas. Com a queda do Muro de Berlim a desintegração das Repúblicas Soviéticas e o fim da Guerra Fria, autores como Francis Fukuyama prontificaram-se a certificar essas mesmas previsões.

Os eventos do 11 de setembro de 2001 deixaram expostas fraturas com décadas de maturação. Na Europa, a perceção da ameaça como algo endógeno só ficou claro com os atentados de 2004 em Madrid, e de 2005 em Londres.

¹ Nos anos noventa, com as declarações da al-Qaeda, substituíam-se os governos islâmicos no mundo muçulmano pelos EUA e aliados como novos alvos prioritários na agenda islamista (Fawaz, 2005).

² Vide Francis Fukuyama (1992), *The End of History and the Last Man*. Los Angeles: Avon Books.

³ Vide Raymond Aron (1955), *L'Opium des Intellectuels*. Paris: Calmann-Lévy.

⁴ Sobre este assunto, consulte-se Daniel Bell (1960), *The End of Ideology: On the Political Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*. New York: The Free Press.

Os fluxos migratórios, internos e/ou externos, assentes em pressupostos legais ou ilegais, puseram a nu o quão impreparadas as democracias europeias estavam para lidar com uma realidade que o espaço *Schengen* só veio acentuar: a disseminação do Islamismo, em todas as suas vertentes. Neste sentido, é claro que o diagnóstico, a prevenção e o combate aos ideais subversivos e ao Jihadismo subjacente ao Islamismo estarão na primeira linha no que toca às preocupações das forças de segurança (AIVD, 2004). Perante políticas de imigração que simplesmente têm radicalizado pontos de vista e promovido preconceitos, as comunidades muçulmanas radicadas na Europa têm vindo a demonstrar que a integração e a aculturação, sobretudo entre os mais jovens, simplesmente não está a acontecer (Costa, 2012; Silva, 2011).

Acresce que a *guetização* dessas comunidades, muitas das vezes autoimposta, tem produzido um abundante e perigoso nicho de disseminação de ideais veiculados pelos ditos representantes dessas mesmas comunidades. É nestes moldes que surge a radicalização e o recrutamento no Jihadismo, especialmente entre a juventude muçulmana: desorientada, desenraizada e marginalizada, em parte devido à difícil situação social, económica e financeira com que atualmente vários países europeus se debatem. A massa humana que a compõem não só não se revê na cultura e nos valores dos países europeus de acolhimento, como também sente que o “sonho europeu” é algo inalcançável. Se juntarmos as incertezas da “primavera árabe”, a situação só poderá contribuir para uma maior desconfiança, desencantamento e agudização de posições, transformando o terrorismo não só numa ameaça exterior mas também numa ameaça interior, o denominado *homegrown terrorism*.

Das vastas comunidades muçulmanas existentes no “velho continente”, são muitos os muçulmanos que rejeitam, parcial ou totalmente, os velhos ideais europeus e ocidentais. Desses princípios ressalta uma minoria que distorce a essência dos ideais da religião de Maomé, distorção essa bem patente no discurso islamista (Zaidi, 2008). Os precursores desses ideais são muitas vezes membros respeitados pelas comunidades europeias em que se inserem e são tidos como “moderados”. São cada vez mais os muçulmanos e convertidos europeus que se juntam à *jihad*, seja ela doméstica ou internacional.

Numa altura em que a identidade europeia evidencia sintomas de enfraquecimento, o Islamismo, com um objetivo claro de conquista do Ocidente, quer por via do proselitismo quer por via de meios violentos, vê a Europa à sua mercê. Enfraquecida, com uma pirâmide etária invertida, em contraste com o peso demográfico muçulmano, encontra-se como defendem alguns autores, à beira de uma terceira invasão muçulmana (Fourest, 2005).

Mais do que países ocidentais, Portugal e Espanha apresentam importantes razões históricas para se sentirem involuntariamente incluídos, tanto nos planos expansionistas islamistas, como na lista de potenciais alvos de atos jihadistas.

Urge uma análise crítica, cuidada e científica para que possa ser prevenida e contida. Desta forma, o desenvolvimento deste estudo pretende demonstrar-se relevante para a Polícia de Segurança Pública (PSP) e para a própria segurança nacional. Cabe às polícias, e à PSP em particular, assumirem conscientemente que este é um paradigma sem fronteiras, traduzido numa ameaça que coloca em causa a própria identidade histórica europeia.

A problemática do nosso trabalho centra-se na expansão da ideologia islamista em território ibérico e no modo como são trilhados os caminhos que conduzem ao Jihadismo. Desta forma, impõe-se a questão de compreender se existe verdadeiramente uma ameaça jihadista na Península Ibérica, nomeadamente no caso de Portugal.

Deste modo, estabelecemos algumas questões prioritárias para esta investigação. Primeiramente urge-nos estabelecer uma conceptualização do Islamismo, contemplando a sua estrutura e as suas pretensões. Acresce a necessidade de entender que grupos e movimentos representam maior perigo para a Europa, bem como clarificar o entendimento generalizado do conceito de terrorismo, e quais as particularidades do fenómeno jihadista contemporâneo. Por fim, destaque-se a compreensão dos mecanismos e dinâmicas de difusão e expansão jihadista na Europa, de acordo com as comunidades islâmicas na Europa ao nível de recrutamento e radicalização.

Para que consigamos produzir um resultado válido e fiável (Freixo, 2001: 145), iremos recorrer ao método científico qualitativo. Este método revela-se essencial para a criação de um estudo empírico sobre uma dada realidade, sobretudo em realidades em que o trabalho de campo se mostra claramente impossibilitado. Neste sentido, “deve ser examinada com referência um objetivo teoricamente informado, ou conceptualizado, e de acordo com um procedimento sistemático de recolha e análise de informação” (Jensen *in* Vegar, 2008, p.5).

Na primeira fase processual desta investigação, conceptualmente definida por “rutura” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 26), procedemos à revisão e recolha bibliográfica da temática, essencial para uma construção sólida e equilibrada da realidade.

Numa segunda fase, a componente de recolha de documentos própria da análise documental deu lugar a uma análise de conteúdo. Como afirma Krippendorff, “a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa utilizada para tornar replicáveis e válidas as inferências de textos para os contextos do seu uso” (Krippendorff, 2003: 18). Neste caso em particular, procedemos aos denominados “Estudos Estratégicos Jihadistas” (Lia e Hegghammer, 2004), isto é, ao estudo das declarações e trabalhos de ideólogos

islamistas de forma a compreendermos o seu pensamento e assegurarmos a validade desta investigação⁵.

Por outro lado, também enquadrado na análise de conteúdo, dividida em três fases: redução dos dados, apresentação dos dados e conclusões (Calado e Ferreira, 2004), serão utilizadas grelhas de análise onde, através da construção de categorias, faremos a interpretação de dados recolhidos que se afigurem como proveitosos e úteis às nossas questões de investigação. A pertinência desta técnica surge-nos por ser a mais qualificada para a análise de ideologias, das suas transformações e aspirações, e para o exame do funcionamento das organizações e análise das estratégias (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Quanto à estrutura do trabalho, num primeiro capítulo, iremos proceder ao estudo da ideologia islamista. Por um lado, estipularemos uma delimitação prévia do nosso objeto, definindo-o conceptualmente, separando-o da religião islâmica e procurando justificar o estudo do Islamismo radical sunita em particular. Por outro, apoiando-nos na sua génese e evolução, apresentaremos um modelo-tipo paradigmático do Islamismo de modo a melhor compreender a heterogeneidade com que esta ideologia se nos apresenta.

Num segundo capítulo, partindo da conceptualização e tipologias do terrorismo, iremos estudar o terrorismo jihadista e respetivas adaptações estratégicas da *jihad* global num esforço de adequação aos tempos modernos. Procederemos ainda a um diagnóstico da atual estrutura organizacional e mecanismos de coordenação entre células e grupos do sistema al-Qaeda, através das configurações em redes sociais.

Por fim, abordaremos o fenómeno jihadista na Europa, partindo do conceito de “Eurábia”, definindo os moldes em que assentam a radicalização e recrutamento no terrorismo doméstico. Propomo-nos estabelecer uma ponte entre as duas vertentes radicais do Islamismo e de que forma convergem para os mesmos objetivos. No final, analisaremos a ameaça em Espanha e Portugal, nomeadamente, as razões, manifestações conhecidas e previsões da estratégia jihadista nestes dois países.

⁵ Ao longo deste trabalho, procurámos complementar o corpo de texto principal com a informação que considerámos oportuna. Por limitação de número de páginas, colocámo-la em Anexos.

CAPÍTULO I: *CHECKS AND BALANCES* NA IDEOLOGIA ISLAMISTA

1.1. CONCEITOS TEMÁTICOS

Numa temática tão vasta como o mundo muçulmano, as terminologias, por mais tendenciosas que se possam revelar, são necessárias para uma análise científica. Neste capítulo, pretendemos apresentar as nomenclaturas em uso, tanto por ocidentais como por orientais, para definir a ideologia islamista e, consequentemente, o significado da sua utilização.

Com a imposição da cultura e valores ocidentais, os muçulmanos optaram por três vias distintas: a total adoção das premissas ocidentais; a consonância do Islão com características ocidentais; e a terceira via, de confrontação e rejeição de todas as práticas estranhas ao Islão - o Fundamentalismo islâmico. Dentro deste movimento, a terminologia a empregar nesta temática tem-se provado de difícil materialização e consolidação⁶. Atualmente, o Islamismo revela-se mais consensual do que qualquer outro dos termos apresentados. Mas nem sempre tal se verificou. Em meados da década de oitenta, o conceito de Fundamentalismo islâmico era largamente utilizado, só tendo sido substituído por Islamismo através da difusão francófona e, mais tarde, anglo-saxónica. Durante a Idade Média, os muçulmanos eram conhecidos por maometanos, em virtude de descenderem do profeta Maomé, à semelhança do Cristianismo e do seu fundador⁷. No Iluminismo surge pela primeira vez o termo “Islamismo”, mas em referência à religião e não à ideologia.

É na década de vinte que nasce o termo “fundamentalismo” que, sessenta anos mais tarde, será utilizado para denominar os movimentos associados ao Islão. Etimologicamente, a palavra pretende definir os apoiantes de uma interpretação literal da Bíblia, na América em plena progressão social. Só em 1979, com a revolução iraniana, este termo começa a ser veiculado em associação aos seguidores do Ayatollah Khomeini, apoiantes de uma ideologia islamista e antiocidental (Kramer, 2003). A partir de então, esta terminologia ganha cada vez mais expressão nos *media*. Em oposição a esta opção por parte dos jornalistas, certos doutrinários ocidentais, por diferentes razões, recusaram a generalização de emprego do termo.

Por um lado, o fundamentalismo impõe um “ascetismo do pensamento” (Künzli, 1990 *in* Pinto, 1996: 118-119), ou seja, há uma ausência crassa da razão nas decisões dessa matéria e “todo o fundamentalismo é radical na medida em que preconiza o retorno

⁶ Neste sentido, as terminologias variam entre “Fundamentalismo islâmico”, “Integrismo”, “Islamismo”, “Islão político”, “Ativismo islâmico”, “Militância islâmica” e “Revivalismo islâmico”.

⁷ Para uma melhor compreensão da evolução do Islão, *vide* Anexo I.

às raízes, a um início teórico que absolutiza e oferece como único fundamento sólido para a existência humana” (Pinto, 1996: 118).

Ora, na ideologia islamista, tal como na religião islâmica, a heterogeneidade impera. Sendo verdade que todos têm como objetivo último o pan-Islamismo e a confrontação ideológica com capitalismo e socialismo, o Islamismo reparte-se, como iremos ver, em três subcategorias. Os fins mantêm-se, só mudam os meios.

A palavra “fundamentalista” é de origem cristã e fazia referência aos eclesiásticos que mantinham uma visão mais literal da Bíblia em oposição aos modernistas, com uma visão mais alargada e consciente do texto sagrado⁸. Ademais, além de não existir semelhante visão, mais moderna e crítica, do Corão, entre os doutrinários e juristas muçulmanos, estes advogam a rejeição de todos os textos e normas seculares (Lewis, 2001; Shepard, 1987; Kepel, 2005).

Atualmente, a comunidade internacional não recorre ao termo, considerando-o demasiado pejorativo, preferindo a utilização de Islamismo. “Islamismo permite uma diferenciação mais desapaixonada entre o Islão extremista e a principal corrente do Islão”⁹ (Cantori, 1993 in Kramer, 2003: 7). Desta forma, pretende assegurar-se uma distinção objetiva entre Islão (religião) e uma ideologia totalitária que se legitima nos textos sagrados do Corão (Gonçalves, 2011; Tibi, 1997; Esposito, 2002). Lembre-se que em plena entrada no século XXI esta separação não estava ainda bem delineada¹⁰.

O Islão, enquanto uma das três religiões monoteístas do mundo (Judaísmo, Cristianismo e Islão), é uma crença com catorze séculos de existência, podendo o seu nascimento ser datado a 610 d.C., ano da primeira revelação a Maomé e início da primeira carreira profética, o período de Meca (610-622 d.C.). De forma a não mesclarmos extremismo com fé, a separação entre islamistas e meros crentes torna-se essencial. Estando clara a necessidade desta separação, a forma como a fazemos implica uma profunda reflexão, para evitar tendências dicotómicas do discurso ocidental.

Em primeiro lugar, o Islão não é uma religião de paz como apontam a maior parte dos doutrinários ocidentais e orientais (Tibi, 1997), nem de guerra como apontam fundamentalistas cristãos¹¹. Tal como o Cristianismo, tem uma longa história de guerras justificadas em nome de Deus e é acima de tudo, uma “religião de lei” (ICG, 2005: 1-2). De seguida, o Islão é implicitamente um assunto público e, como tal, nunca existiu uma separação entre a política e a religião. Por último, as divisões entre os vários movimentos

⁸ Mas se assim fosse, outras designações como “secularismo” ou “nacionalismo” também teriam de ser descartadas, uma vez que têm origem no Ocidente (Ruthven, 2005: 8).

⁹ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁰ Em duas obras emblemáticas da década de 1990, *The End of History and the Last Man* de Francis Fukuyama (1992) e *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order* de Samuel Huntington (1996) os autores não distinguiram o sistema religioso e cultural dos muçulmanos da ideologia islamista.

¹¹ Aliás, o Antigo Testamento tem mais incitações à guerra que o próprio Corão (Nasr, 2002: 216).

que compõem o fenómeno não se devem limitar a uma diferenciação linear entre “moderados e radicais”.

De facto, os termos escolhidos para definir o movimento acabam por ser uma “questão de gosto”¹² (Kramer, 2003: 10). As escolhas têm variado ao longo dos tempos e assim continuarão, numa guerra ideológica e de interesses, entre comunidade muçulmana, académicos, políticos e jornalistas ocidentais. De forma a clarificarmos as nossas opções, construímos um pequeno quadro-resumo exemplificativo da falta de consenso na conceptualização do nosso objeto¹³.

Ao longo do trabalho, adotaremos Islamismo enquanto “ideologia religiosa com uma interpretação holística do Islão cujo objetivo final é a conquista do mundo por qualquer meio”¹⁴ (Mozaffari, 2007: 21), que veio para ocupar o espaço criado pelo desaparecimento da herança intelectual islâmica, à semelhança do que tem vindo a acontecer com o Cristianismo no mundo ocidental. Os seguidores da ideologia serão denominados por islamistas, ao passo que islamita ou muçulmano será apenas entendido enquanto crente islâmico. Esta opção pauta-se não só pela necessidade de separação da religião islâmica da ideologia islamista mas também pela diversidade do movimento ideológico em causa. Importa ter presente que um islamista não será necessariamente um terrorista.

Por fim, serão feitas diferenciações dos movimentos islamistas, as quais se tornam necessárias para a avaliação da sua ameaça. Desta forma, evitamos encararmos todos os fenómenos como equivalentes, podendo espoletar “a união das correntes do ativismo islâmico em reação” ou “causar o eclipse das tendências modernistas e não violentas pelos jihadistas” (ICG, 2005: ii).

1.2. RELIGIÃO E IDEOLOGIA: O ATIVISMO SUNITA E XIITA

Decorrente das diferenças religiosas que distinguem sunitas de xiitas, a ideologia islamista deve ser analisada dicotomicamente, isto é, consoante seja de origem sunita ou xiita. As interpretações da lei islâmica, à semelhança do entendimento sobre os problemas que mais afetam a sociedade muçulmana, as esferas de atuações e os meios a empregar, separam as duas principais secções islâmicas. Por um lado, encontra-se a revolução islâmica xiita, e por outro a *jihad* global sunita.

No que refere ao Sunismo, o *International Crisis Group* (ICG) e Marquardt e Heffelfinger (2008a), subdividem o movimento em três principais variantes: Islamismo

¹² Tradução da nossa responsabilidade.

¹³ Vide Anexo II.

¹⁴ *Ibidem*.

político, para os grupos islamistas que não recorrem a atos violentos, mas sim à reivindicação política dentro das normas institucionais; Islamismo missionário, aos indivíduos e organizações que se dedicam por inteiro à difusão da fé, essencialmente salafistas e representantes do grupo *Tablighi*¹⁵; e os jihadistas, ramo mais radical. Para o ICG, o movimento de *jihad* global a que o mundo assiste desde a década de noventa, é fruto da “sintetização dos salafistas jihadistas com elementos qutbistas”¹⁶ (ICG, 2005: 4), ou seja, os dois ramos que formam o grupo radical islamista segundo esta construção analítica¹⁷.

Quanto ao setor jihadista, o ICG aponta três variantes principais na tendência jihadista: interna, irredentista ou global. A *jihad* interna consiste na luta dos muçulmanos contra os governantes de países muçulmanos considerados ímpios. Já os segundos traduzem-se nos guerreiros muçulmanos que lutam pela recuperação de terras pertencentes ao *Dar al-Islam*, enquanto os últimos são resultados do pós-guerra afgã, numa *jihad* global “conduzida por células autónomas que beneficiam do patrocínio da al-Qaeda”¹⁸ (ICG, 2005: 14).

De forma errónea, alguns académicos ocidentais têm vindo a considerar estas três variantes como sinónimas. Ao negar a licitude de certas resistências armadas, no caso dos jihadistas internos e irredentistas, e ao considerar todo o ativista islâmico como terrorista, o Ocidente tende a tornar a “guerra contra o terrorismo” numa “guerra contra o Islão”.

Em contrapartida, o Islamismo xiita, “elemento marginal nas diásporas europeias”¹⁹ (ICG, 2005: 19), e por essa razão, menos aprofundado neste trabalho, contrasta fortemente com os congéneres sunitas. Enquanto os muçulmanos xiitas são as principais vítimas dos jihadistas (ICG, 2005), os sunitas são responsáveis pela maior parte dos ataques terroristas (Mora, 2012).

Os *ulama* xiitas²⁰, por desempenharem o papel de líderes e contribuírem para a manutenção do debate e crítica dos textos sagrados por meio da *ijtihad*, ajudaram à estabilidade do ativismo xiita e à manutenção do seu vigorismo intelectual²¹. O “Comunalismo”, isto é, “defesa dos interesses da comunidade em relação a outras

¹⁵ Fundado na Índia em 1926, baseado nos fundamentos da Escola Deobandi, é o maior grupo proselitista islamista.

¹⁶ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁷ Os salafistas-jihadistas, mais versados na doutrina religiosa (wahhabita e salafista) são considerados mais extremistas, internacionalistas e antiocidentais que os qutbistas, politicamente mais pragmáticos (Duarte, 2011). Enquanto uns são os principais mentores do sistema al-Qaeda, os últimos serão enquadrados dentro da variante radical *dawah* como veremos mais adiante.

¹⁸ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Veja-se, a título de exemplo, o Ayatollah Khomeini no Irão ou o Ayatollah Mohammed Hussein Fadlallah no Líbano, Síria, Iraque, Bahrein. (ICG, 2005: 20).

²¹ Ao contrário do Sunismo, onde as quatro escolas de pensamento, Malikita, Hanifita, Shafiita e Hanbalita, não o permitem. Para mais informações, ver Silva (2011), pp. 23-28.

populações e ao Estado²² (ICG, 2005: 20), tem vingado como a principal forma de Jihadismo xiita²³. A título de exemplo, uma das exceções foi o *Hizb al-Dawah*²⁴, grupo político-missionário xiita, criado na década de sessenta no Iraque e que recorreu à violência para se opor ao regime ditatorial do partido *Ba'ath*²⁵ de Saddam Hussein (ICG, 2005). Em virtude da dispersão das suas populações, o ativismo xiita tende a focar-se nas lutas nacionalistas de forma a assegurar maior inclusão dos xiitas nos seus países. Além disso, tem demonstrado uma maior inclusão de princípios de pluralidade, igualdade e não-discriminação religiosa.

O Islamismo xiita que culminou na revolução iraniana e a teoria de que seria mais ameaçador para o Ocidente do que o congénere sunita (Marquardt, e Heffelfinger, 2008b: 75) revelou-se claramente desadequada e desproporcionada, mormente após a invasão do Iraque em 2003²⁶. Porém, o impacto da revolução, como referido anteriormente, e a eficácia do uso de bombistas-suicidas no Líbano, em 1982 por militantes xiitas não deve ser ignorado²⁷. Aludindo ao Islamismo em geral, mas focando no Sunismo enquanto maior preocupação e ameaça²⁸ pelas razões já especificadas, o Ocidente (e a Europa em particular), pela elevada presença de muçulmanos sunitas nos seus centros urbanos e sua crescente radicalização nos princípios jihadistas, encontra-se à sua mercê. A omissão desta perceção e a sua desejável prevenção poderá resultar em grave instabilidade interna, ao jeito dos distúrbios na França em 2005.

²² Tradução da nossa responsabilidade.

²³ Vide o caso do *Hezbollah* no Líbano. Patrocinado pelo Irão, começou como grupo destinado à proteção da população xiita do Líbano sob invasão de Israel, para culminar num dos grupos xiitas mais organizados, empenhados na defesa de terras islâmicas (Líbano) e destruição de Israel.

²⁴ Traduzido por Partido Missionário em português (Lopes, 2010). Outra exceção terá sido o Ayatollah Khomeini, vide Costa (2001), pp. 41-45.

²⁵ Sobre esta matéria, consulte-se Lopes (2010), p. 75.

²⁶ A título de exemplo, vejam-se o número de atentados perpetrados por terroristas islamistas sunitas contra a maioria da população xiita iraquiana, especialmente ao leme da liderança de Abu Musab al-Zarqawi até à sua morte por forças da coligação em 2006.

²⁷ Esta sugestão baseia-se na história da dissidência xiita, no martírio de Hussein e dos seus companheiros em 680 d.C. no massacre de Karbala e, mais propriamente, no grupo *Tawwabun* (Penitentes), verdadeiros mártires que, em 685 d.C., como forma de redenção e vingança, atacaram um exército do califado ummaya largamente mais numeroso às mãos do qual pretendiam morrer (Marquardt, e Heffelfinger, 2008b: 79-80). Mais tarde, “a utilização e eficácia dos atentados suicidas (...) levados a cabo por grupos xiitas (...) tem levado à sua adoção por grupos sunitas” (Gonçalves, 2011: 7; Kepel, 2008).

²⁸ Ainda assim, não deve ser desvalorizada a crescente influência do Xiismo no Médio Oriente (Nasr, 2006: 95-106) nem outras contribuições para a ideologia islamista. (Lara, 2009: 713-714; Tibi, 1997: 55).

1.3. IDEOLOGIA E HISTÓRIA

O Fundamentalismo islâmico, da forma a que se assiste atualmente um pouco por todo o mundo muçulmano não é um fenómeno novo. A génese deste movimento pode ser encontrada em Ibn Taymiyya ou, até mesmo, nos Kharijistas²⁹ (Silva, 2011).

Embora seja um fenómeno dos tempos modernos, sob certos aspetos, a sua génese encontra-se a montante de figuras incontornáveis do Islamismo do nosso tempo. Torna-se assim fundamental enumerar aqueles que com o seu trabalho e pensamento mais contribuíram para a evolução do movimento, sob pena de entendermos o fenómeno como uma realidade nova, sem enquadramento histórico³⁰.

Apesar dos denominadores comuns que preenchem as figuras apresentadas, estes devem ser distinguidos quanto a certas particularidades que fazem deste movimento um fenómeno heterogéneo e multifacetado. Ainda assim, é nossa intenção prosseguir com uma classificação abrangente de todas as personagens destacadas, uma vez que todos eles, de uma maneira ou de outra, prosseguem os mesmos objetivos: “o desejo de purificar a vida islâmica, o desejo de restauro da glória islâmica, e a convicção de que isso só será atingível pela imitação do exemplo *sala*”³¹ (Fradkin, 2008: 7).

1.4. A IDEOLOGIA ISLAMISTA: DINÂMICA TEMPORAL

Na religião islâmica, como já vimos, não existe separação entre a esfera secular e a esfera religiosa³². Esta característica manteve-se inalterada ao longo de séculos desde a época do Profeta (Silva, 2011). O próprio Corão define esta particularidade: “*Allah* é o único soberano dos paraísos e da terra e entre ambos, e até ele é a jornada” (Corão, 5: 18). É compreendendo os fundamentos da religião que se entende como o discurso político islamista está polvilhado por elementos islâmicos versados para a mobilização das massas em seu apoio.

²⁹ Em português “os que se vão embora”, estes “puritanos do Islão” (Silva, 2011: 68), são os primeiros dissidentes no seio islâmico. São fruto das divisões criadas após a submissão do poder divino ao poder temporal do Califa omíada, pelo último dos quatro *Rashidun*, Ali Talib na batalha de Siffin (657) (Lopes, 2010: 196-197).

³⁰ Vide Anexo III.

³¹ Tradução da nossa responsabilidade.

³² Para o celebrado autor francês Alexis de Tocqueville “a religião desempenha um papel semelhante para a alma democrática, providenciando-a com *Checks and Balances* que, de forma indireta, fazem tanto pela preservação de liberdade como qualquer constituição política” (Kahan, 2011).

O Islão mistura sem reserva o Estado à religião e considera a lei como uma parte integrante desta última. O direito humano ou positivo é ele próprio um direito revelado e o Alcorão, que é o código por excelência, é um conjunto de disposições legislativas, e ao mesmo tempo de prescrições religiosas (Fattal, 1958 [1995] in Fernandes, 2006: 22).

A ideologia islamista é global em todas as suas pretensões. Nas palavras de Antoine Sfeir (2007), os islamistas são “todos aqueles que procuram islamizar o ambiente em que se encontram, seja ele de cariz social, político ou económico”³³ (Sfeir, 2007: 170). O “*slogan*” do retorno aos ideais puros da fé islâmica tem sido utilizado como móbil para uma melhoria do bem-estar social e económico das populações mais pobres no mundo muçulmano. Noutros lugares, serviu como veículo para revolucionar aspetos políticos da sociedade muçulmana.

O Islamismo é o reflexo do desejo de libertação nacional dos países muçulmanos sob jugo estrangeiro e, em última análise, do fracasso do pan-Arabismo³⁴ (Ghori, 2010). De facto, uma multiplicidade de fatores e intercorrências convergiram não só para a implementação da ideologia islamista mas também para a futura agudização deste “estado de arte”.³⁵ Na base dos desenvolvimentos assistidos nos países islâmicos nesta Idade Moderna estão razões históricas, religiosas, políticas e, mais recentemente, causas económico-sociais.

Historicamente foram os conflitos mal resolvidos da História que determinaram o rumo do mundo muçulmano. O passado entre a civilização ocidental e a civilização oriental³⁶ remonta ao conflito grego-troiano do século XIV-XIII a.C., relatada na *Ilíada* de Homero (Padgens, 2009). A história destes dois mundos irá caracterizar-se por uma constante luta pela supremacia.³⁷

O primeiro movimento de reforma no mundo muçulmano da Idade Moderna surge em meados do século XIX com o Salafismo sunita de al-Afghani (Pinto, 1996; Marquardt, e Heffelfinger, 2008a: 71). Segundo os primeiros salafistas, para combater o Ocidente era necessário imitá-lo. Só assim seria possível alcançar a recuperação da estagnação económica, social e cultural do mundo muçulmano, e dessa forma, fazer face ao modernismo e desenvoltura do Ocidente.

³³ Tradução da nossa responsabilidade.

³⁴ O pan-Arabismo foi um movimento congregador de países árabes-muçulmanos que propunha a sua união com vista à afirmação islâmica perante a hegemonia ocidental.

³⁵ De forma a não sobrecarregar o fluxo textual, decidimos colocar em anexo os condicionantes que destacámos como estando na base do Islamismo. Para o efeito, consulte-se o Anexo IV.

³⁶ Até ao século XX, os dois termos tinham um significado meramente territorial.

³⁷ A Arábia, terra santa dos muçulmanos, teve nos cruzados cristãos do século XII a sua primeira grande ameaça. Já no século XVI, praças-fortes da Península Arábica e por todo o Índico seriam tomadas por potências europeias, como foi o caso dos portugueses. Vide Rainier Daehnhardt (2010), *Homens, espadas e tomates*.

Os sucessores islamistas, com o problema da independência ultrapassado, concentraram-se em planos mais radicais e ambiciosos. Para estes, a reforma daria lugar à revolução. E a revolução não se daria apenas nas mesquitas, mas na rua, nas escolas, nos quartéis e no parlamento. Na idealização de Rashid Rida³⁸, a *Umma* deveria ser reestruturada, através de uma atualização dos *ulama* aos tempos modernos e aplicação sem entraves da *Shariah* de acordo com os preceitos corânicos e da *Sunnah*. Operava-se a radicalização do movimento salafista.

Com organizações como a Irmandade Muçulmana (IM) ao leme, o Islamismo ‘propunha’ o retorno aos ideais e *modus vivendi* do tempo do Profeta e dos quatro *Rashidun*, vistos como a idade de ouro do Islão, e forma de retorno à passada glória islâmica³⁹. Na literatura muçulmana encontramos inúmeros testemunhos desse facto como é o caso do ideólogo da IM, Sayyid Qutb: “Se o Islão quiser desempenhar novamente o papel de líder da humanidade, será necessário que a comunidade muçulmana seja restaurada à sua forma original”⁴⁰ (Qutb, 1964: 5). Para tal, legitima-se no facto de constituir, na sua visão, a única alternativa à decadência recente do mundo muçulmano.

A fuga de membros da IM para a Arábia Saudita, durante a perseguição de Nasser⁴¹, contribuiu para a junção dos ensinamentos de Sayyid Qutb e da IM com o Wahhabismo⁴² saudita. Esta mistura, conjuntamente com o esforço proselitista e político por todo o mundo pela Arábia Saudita através da Liga Islâmica Mundial (LIM), da Organização da Conferência Islâmica (OCI) e de uma extensa rede de mesquitas, funcionou como fator de união da *Umma* islâmica em torno do movimento (Kepel, 2006: 48-52; 72-73). Estes factos seriam catalisadores dos eventos que haveriam de se desenrolar nas décadas de setenta e oitenta.

É neste momento que surge uma nova geração de islamistas, capazes de recorrer a atos violentos para a consumação dos seus objetivos. Este movimento faz-se representar por jovens saídos de *campus* universitários, de classes médias e altas, que misturaram a doutrina marxista com alguns termos corânicos, inspirando-se em teólogos como Sayyid Qutb e Khomeini⁴³ (Etienne, 1987).

A década de setenta ficou marcada pelo “boom demográfico, êxodo rural, migração internacional, educação em massa e rápida urbanização”⁴⁴ (Kepel, 2006: 74) que moldou o muçulmano epílogo da primeira geração pós-independência e que não beneficiou

³⁸ Vide Anexo III.

³⁹ *Idem*.

⁴⁰ Tradução da nossa responsabilidade.

⁴¹ O general Gamal Abdel Nasser, líder do movimento pan-arabista, foi presidente do Egito de 1954 até ao dia 23 de setembro de 1970, data do seu falecimento.

⁴² Para uma melhor perceção do fenómeno wahhabita, consulte-se Anexo III.

⁴³ Um exemplo da radicalização proveniente das universidades, principalmente sauditas e egípcias, é bin Laden. Vide Deepa Kumar (2011a), e Deepa Kumar (2011b), “*Political Islam: a Marxist Analysis*”.

⁴⁴ Tradução da nossa responsabilidade.

diretamente das vantagens do nacionalismo. O maior acesso ao ensino superior garantiu-lhes conhecimentos e ferramentas de inclusão social que, contudo, não foram acompanhadas da tão desejada progressão. Os jovens urbanizados eram confinados aos subúrbios pobres das grandes cidades. Esta rápida mudança na configuração das sociedades islâmicas produziu uma enorme revolução social entre gerações.

A crescente procura de islamização da sociedade vai ser difundida por uma população jovem, letrada mas pobre, dos subúrbios e ainda pela classe burguesa omissa do poder político vigente. A união destas duas classes foi imprescindível para o sucesso da revolução iraniana, auge do poder islamista (Kepel, 2006: 67-68; Pinto, 1996). A década de setenta ficará como sinónimo de transição do Islão tradicional, isto é, “Islão popular” e “Islão escolástico” para um Islão refém da sua dimensão política. Era o começo do Islamismo.

A partir de finais dos anos oitenta, a impotência do Islamismo em unir as duas classes e o consequente falhanço na mobilização social das *jihad* de guerrilha no Egipto, Argélia, Bósnia, Cachemira, e na Chechénia nos anos noventa, onde tentaram replicar a *jihad* afegã, justificaram a transposição de um inimigo interno (*near enemy*) para um inimigo externo (*far enemy*) (Kepel, 2005: 15-16; Esposito, 2002: 12). Esta mudança estratégica constituirá a “quarta onda de terrorismo”⁴⁵ ou *religious wave* de Rapoport (2002: 2). Surge uma distinção entre Islamismo nacionalista e Islamismo global.

No Islamismo de cariz nacionalista abarcam-se todos os grupos cujos objetivos se confinam a um espaço geográfico, como o caso do Líbano, da Palestina, de Cachemira ou da Chechénia. Conforme se expandam do centro para fora ou congreguem esforços exteriores em torno dos seus objetivos, dividem-se em centrípetos⁴⁶ e centrífugos,⁴⁷ respetivamente (Mozaffari, 2007).

Por outro lado, quanto ao Islamismo na sua variante global⁴⁸, entendido como o conjunto dos grupos com aspirações globais da mensagem corânica, ressaltam-se a al-Qaeda, a IM, a *Jama'at i-Islami* de Mawdudi e grupos ideologicamente ligados a Khomeini no Irão (Mozaffari, 2007). A única diferença entre estes grupos reporta aos meios que

⁴⁵ É a última das “Ondas do terrorismo moderno” definidas por Rapoport (2002). Segundo o autor, o terrorismo moderno começa com a “Onda anárquica” de finais de século XX, a “Onda anticolonial” que marca o período que medeia o fim da Primeira Grande Guerra Mundial e anos sessenta, altura de desenvolvimento da terceira onda, a “Onda de esquerda” que perduraria de forma ativa até ao fim do século. No ano de 1979, surgiria a atual “Onda religiosa” catapultado pelos desenvolvimentos no mundo muçulmano (Rapoport, 2002).

⁴⁶ Caso do *Hamas*. Se consultarmos o artigo 6º da Constituição do *Hamas* encontraremos um claro indício dessa estratégia: “O movimento de resistência islâmica é um movimento palestino conceituado, cuja fidelidade recai sob *Allah* e cujo modo de vida é o Islão. Ambiciona içar a bandeira de *Allah* por toda a Palestina” (Hamas Charter, 1988).

⁴⁷ O *Hezbollah* é um exemplo distinto. O movimento libanês de origem xiita, largamente apoiado pelo Irão, ambiciona não só a expansão do Xiismo pelo Líbano, mas também a destruição de Israel e o fim da influência ocidental no Médio Oriente. Os objetivos globais não figuram, em princípio, nos planos do *Hezbollah*.

⁴⁸ Para Pinto (2012), “a *jihad* global é o fenómeno de solidariedade entre grupos díspares que partilham interpretações limitadas e extremistas do Islão”. (Pinto, 2012: 12).

utilizam para atingir um fim comum a todos: a restauração da glória do califado islâmico.

Independentemente da geração islamista, o seu “programa de governo” é, como ironicamente observado por Lerch (1992), um “salto mortal de uma imagem medieval do mundo pré-científica, pré-técnica e teocrática para a problemática do século XX” (Lerch, 1992 *in* Pereira, 1992). O discurso islamista é sinónimo de apoptose da razão.

O fundamentalismo arvora-se em discurso único, impõe-se dogmaticamente sem discussão [...] é o discurso da sociedade fechada e do “gueto”, que mantém os seus fiéis na menoridade mental mediante um frequente recurso a práticas irracionais (Pfürtner, 1991 in Pereira, 1992: 216).

Também nesta época surge uma nova vaga de islamistas, intitulados por Olivier Roy (1994) de “neofundamentalistas” ou “pós-islamistas”. Este movimento distinguia-se por centrar a sua atividade na incessante procura de doutrinação dos indivíduos e da religião, como forma de se atingir a islamização da sociedade, ou seja, visava a criação de um “espaço islamizado” entendido como o “laboratório da sociedade islâmica do futuro” (Pinto, 1996: 125).

No seio do grupo, eram apontadas duas principais estratégias: uma centrada na participação e luta política, outra virada para o proselitismo e para o radicalismo violento. Com a Guerra do Golfo e a presença de tropas ocidentais em solo islâmico, e com o falhanço das *jihad* argelina, egípcia e síria na década de noventa, surgia uma dissidência no movimento islamista, caracterizada pela democratização do Islamismo político e, num lado oposto, pela violência do radicalismo que o tornaria desajustado de uma qualquer realidade social.

O terrorismo islamista, enquanto expressão máxima do extremismo, deve ser atribuído ao Neofundamentalismo (Manassero, 2011). A própria definição pressupõe a prática de atos terroristas de forma indiscriminatória enquanto instrumento político (Migaux, 2007). Na visão dos neofundamentalistas, a pureza do Islão devia ser protegida dos inimigos, uma “Tríplice Entente Irão-Occidente-Israel”. Convertidos à doutrina wahhabita, fermentam uma verdadeira guerra religiosa ou guerra santa, contra Xiismo e outras religiões, principalmente Cristianismo e Judaísmo. Com a migração em massa de largas centenas de milhares de muçulmanos para as urbes europeias, própria dum mundo globalizado, a radicalização dos jovens muçulmanos acabaria por se tornar endémica.

A partir do 11 de setembro, os militantes já não são os pobres e desempregados, mas na sua maioria produtos de universidades ocidentais e advogam a instauração de um restaurado império muçulmano (Tibi, 1997; Kepel, 2008). Com o pós-Islamismo, assiste-se

a uma desterritorialização e privatização do Islamismo em oposição ao Islamismo de Estado. A modernidade expôs as lacunas no discurso islamista e condenou-o ao seu inevitável falhanço⁴⁹ (Roy, 1994).

De qualquer forma, as condições sociais e políticas dos anos setenta e oitenta que permitiram a proliferação do Islamismo deixaram de existir na última década do século XX. Para agudizar a proposta islamista, os atos de terrorismo e de massacre ao longo da década de noventa, acentuaram o fosso entre as massas pobres dos subúrbios largamente radicalizadas e uma classe média receosa do eminente cataclismo social que os militantes islamistas provocariam. O Islamismo acabou por ser obrigado a recuar na sua apologia de islamização da sociedade e tomada do poder para uma política de aproximação aos ideais ocidentais, aos princípios de Democracia, Liberdade e Igualdade, ao mesmo tempo que propunha uma atualização dos preceitos islâmicos.

Todavia, esta mudança ideológica não é tão transparente como aparenta. Pelo estudo e análise dos seus discursos, aliado à constatação factual, veremos como a dissimulação⁵⁰ funciona como motor de uma nova estratégia islamista. Se o Islamismo político falhou, novas modalidades surgiram. Além disso, importa analisarmos a franja radical do movimento, em contínuo funcionamento e atualização. Os ataques de 11 de setembro, de Madrid em 2004 e Londres em 2005, não deixaram dúvidas: os EUA e a Europa, antigos patrocinadores do movimento islamista tinham acabado por se tornar uma nova frente do Jihadismo salafista (Kepel, 2006).

1.5. O DESAFIO DA IDEOLOGIA ISLAMISTA AO MUNDO MODERNO

Porventura mais importante do que estudar fatores económicos ou sociais que possam patrocinar o terrorismo, importa compreender a essência da sua ideologia, garante e mote de legitimidade. Como se depreende pela etimologia do próprio vocábulo, o Islamismo é construído por características próprias da religião (Islão) e da ideologia (sufixo -ismo).

O Islão é uma religião antiga, com um percurso vagamente delineado, com constantes diferenças no Corão. O texto sagrado é dividido em dois períodos muito

⁴⁹ Na opinião de El Sherif (2006) e Bayat (2005) uma prematura atribuição de “sentença de morte” à ideologia islamista deve ser condenada. Para além da inconsistência científica desta tese, os autores atribuem o pós-Islamismo a uma mera transformação ou adaptação dos ideais islamistas às realidades sociais num mundo globalizado, pelo que o Islamismo se tornou sinónimo de democratização, direito e liberdades. Constitui, na sua visão, uma aproximação da doutrina islamista aos ideais das sociedades livres do mundo ocidental (Sherif, 2006; Bayat, 2005).

⁵⁰ A camuflagem ou *taqiya*, é uma prática ancestral islâmica de dissimulação, historicamente religiosa, que os muçulmanos poderiam utilizar em casos de extrema necessidade.

distintos: o período de Meca (610-622): “A ti a tua religião, e a mim a minha religião” (Corão, 109: 6); e o período de Medina (622-632): “E matem-nos onde quer que os encontrem, e expulsem-nos dos lugares de onde vos expulsaram, porque a perseguição é pior que a chacina” (Corão, 2: 191). Enquanto o primeiro período é mais moderado e tolerante, o período de Medina pode ser encarado como o período radical do Islão. A maioria dos muçulmanos diz-se seguidora de ambos os períodos, porquanto os muçulmanos culturais⁵¹ se dizem seguidores do período de Meca. Já os islamistas são seguidores veementes do período de Medina (Mozaffari, 2007).

Relativamente à ideologia, esta tem provado ser um valioso utensílio ao serviço dos sistemas totalitários no que concerne à mobilização das massas e seu controlo pelos governantes. O Islamismo recorre à sacralização da ideologia, reunindo elementos religiosos, principalmente do período de Medina, para a legitimação das suas ações. Assim sendo, qualquer islamista deve obediência tanto ao seu líder como a *Allah*. Mas o Islamismo foi mais longe. Mais do que se legitimar nos textos islâmicos, subverte-os, transformando-os conforme as necessidades próprias.

Desta forma, o Islamismo deve ser incluído no rol de ideologias totalitárias, uma vez que o seu âmbito se expande a todas as particularidades da vida em sociedade (Clemente, 2008). Dado que a sua influência não se esgota no plano religioso, mas se transfere para todos os campos sociais, desde a alimentação, ao casamento, ao estatuto da mulher, às diversões sociais e à família, o Islão, nas palavras de Samir (2001), é apelidado por *din wa-dunya wa-dawla*, isto é, religião, sociedade e Estado” (Samir, 2001 [2003] in Fernandes, 2006: 26).

Outra característica vincada do Islamismo é a sua universalidade. Ressalvando-nos nos escritos de um já referido precursor do movimento, Mawdudi⁵² declara que o Islão não se esgota no território muçulmano mas que as suas pretensões são globais⁵³, “o Islão reclama a terra – não apenas uma porção mas todo o planeta”⁵⁴ (Mawdudi, 1973: 66-69). Para isso, proclama a aplicação literalista da lei islâmica. A *Shariah* deve ser seguida na sua totalidade, com rigor e sem qualquer desvio das normas prescritas.

⁵¹ Este conceito foi criado por Ruthven (2000), referindo-se a todo o crente muçulmano. Baseia-se numa separação lógica entre fiéis muçulmanos e islamistas, numa dialética omissa de uma categoria moderada num modelo-tipo paradigmático do Islamismo.

⁵² Vide Anexo III.

⁵³ Aliás, o termo pan-Islamismo, por via da adição dos conceitos de *jihad* e *Umma*, tem norteado a ação e evolução islâmica ao longo dos tempos.

⁵⁴ Tradução da nossa responsabilidade.

1.5.1. A *JIHAD* NA DISTORÇÃO ISLAMISTA DO ISLÃO

Na Idade Moderna, o Islão tem perdido espaço perante uma ideologia totalitária que faz interpretações seletivas conforme os seus fins. Uma religião prolífera na aquisição de conhecimento encontra-se em risco de se ver suplantada por projetos de pensadores radicais, que mais não têm feito do que tornar o Islão num dogma de intolerância e ódio.

Enquanto Direito holístico que é, o Islão tem quatro fontes diretas de direito. Por ordem crescente de importância será o Corão, o texto religioso por excelência; a *Sunnah* que contém a coletânea de ditos e feitos de Maomé (*Hadith*) vistos como exemplo; a *Ijma* traduz-se no consenso da comunidade muçulmana e serve para reforçar a *Sunnah*; e por último, a *Qiyas*, uma decisão pessoal por analogia (Cardoso, 2012). Outra fonte importante será o *Ijtihad*, entendido como a interpretação pessoal, independente das normas legais islâmicas. Esta última constitui-se enquanto fonte indireta do direito islâmico (Silva, 2011). Ora, tradicionalmente o Corão foi sempre encarado como uma “constituição divina” mas as suas lacunas eram ocupadas por legislação subsidiária criada para suprimir determinado problema em determinada altura, ou seja, existia uma coerência temporal lógica e prática. Na verdade, para além da inexistente procura pelo conhecimento presente no discurso e pensamento islamista, toda e qualquer legislação que não emanada pelo Corão foi posta de lado por não cumprir os requisitos islamistas. Ao longo das últimas décadas, o lado pacifista do Corão tem vindo a ser colocado de lado.

Um exemplo claro desta “aberração” do texto sagrado contempla-se no recurso à *jihad* para a conversão forçada dos descrentes. O Corão refere explicitamente que só deverá ser utilizada a força quando um muçulmano se vir atacado em razão da sua religião ou para efeitos de expulsão da sua terra natal (Corão: 5: 33).

De uma forma mais sistematizada, Mahmoud e Ahmad Sadri (2000) separam aquilo que denominam por *Islão da verdade* do *Islão de identidade*⁵⁵. Enquanto o primeiro é compatível com outras existências e identidades, o último é por natureza bélico e agressivo. É o “*Islão da paz*” em oposição ao “*Islão da guerra*” (Mahmoud e Ahmad Sadri, 2000: 24). As declarações públicas de um dos mais proeminentes rostos da ideologia islamista, Osama bin Laden, são demonstrativas⁵⁶. O seu discurso é o resultado da convergência de ideias radicais com escritos corânicos antigos, em desuso e construídos para realidades concretas. “Ele sequestra o Islão, usando doutrina islâmica e lei para legitimar o terrorismo”⁵⁷ (Esposito, 2002: 22).

⁵⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

⁵⁶ Vide Anexo V.

⁵⁷ Tradução da nossa responsabilidade.

Uma forma de procedermos automaticamente à distinção entre um moderado e um extremista é através da sua conceção de *jihad*⁵⁸. Ao contrário da comum tradução de “*jihad*” enquanto “guerra santa”, a palavra tem o significado de exortação missionária. Era dever dos muçulmanos expandir a sua fé, espalhando a mensagem de *Allah* pelo mundo, encetando esforços na construção de uma *Dar al-Salam*⁵⁹ à escala global. A simples resistência dos povos à submissão a Deus⁶⁰ tornaria legítimo empregar não a guerra, mas a *jihad* como forma de estabilizar a *dawah* islâmica (Tibi, 1997).

Na idealização islâmica, a *jihad* contém não só objetivos religiosos como políticos. A *jihad* é utilizada como instrumento para o estabelecimento do domínio islâmico, isto é, a criação de uma ordem política e social islâmica para além da supressão de outras fés. Conforme a altura e a necessidade, o conceito de *jihad* tende a variar. Na religião islâmica existem quatro principais tipos de *jihad*.

Tabela I: Principais variantes da *jihad* islâmica

<i>Jihad al-akbar</i>	Traduzida enquanto <i>jihad</i> maior, <i>jihad</i> interior ou social. Consiste num incessante esforço individual de aprimoramento.
<i>Jihad ash-Shaitan</i>	<i>Jihad</i> religiosa. Luta contra o Diabo e as tentações (pecados).
<i>Jihad al-Kuffar wal Munafiqeen</i>	<i>Jihad</i> económica. Consiste num espírito de solidariedade e caridade com os pobres e subjugados da sociedade.
<i>Jihad al-ashgar</i>	<i>Jihad</i> física ou menor. Empregada contra todos os que impeçam muçulmanos de servirem Deus, pessoas de conhecerem o Islão, ataquem países islâmicos ou que oprimam islamitas.

Fonte: Manzoor Elahi (2013).

Na tradição islâmica, este não era um dever individual (*fard al-ayn*) mas um dever comunitário (*fard al-kifayah*). Só em situações de invasão ao território islâmico, se tornaria um dever de cada muçulmano (Knapp, 2003).

Enquanto guerra, é na *jihad* menor que as comunidades islâmicas se têm influenciado ao longo da sua história, desde a batalha de Badr⁶¹, travada em 624 d.C., até às lutas de independência de inícios e meados do século XX. Durante os califados islâmicos, este tipo de *jihad* assumia uma postura externa (*jihad* ofensiva), na medida em que era conduzida não para defesa dos territórios islâmicos (*jihad* defensiva), mas para expansão territorial, sob o direto comando do Califa (Wiktorowicz, 2005). Ainda que fosse

⁵⁸ Tal como na guerra, conhecer o nosso inimigo, saber como ele pensa e quais são os seus objetivos, torna-se vital para uma política de defesa e prevenção eficaz, de forma a conseguirmos proteger os cidadãos em particular e a sociedade em geral.

⁵⁹ Sinónimo de *Dar al Islam*, “Casa do Islão” ou “Casa da Paz”.

⁶⁰ O Islão significa submissão a Deus.

⁶¹ Batalha que marca o início da expansão islâmica, depois de vencida a oposição em Meca. A vitória das forças de Maomé e seguidores de Medina contra o exército de Meca, comandado por Abu Jahl, foi atribuída à intervenção divina. Vide Anexo I, p. 94.

possível encetar a guerra em nome da *jihad* islâmica, esta teria de ser justa, proporcional e de acordo com as regras islâmicas. Mais tarde, a ideologia islamista iria proceder a uma total reconfiguração das especificidades do conceito de *jihad*.

Conhecidos teólogos e doutrinários islâmicos, como Ibn Taymiyya e al-Wahhab⁶² cedo começaram a demonstrar a sua aversão e descontentamento com o que entendiam ser uma aberração do *modus vivendi* islâmico. Para estes ideólogos, era necessário regressar aos moldes do “Islão puro”, dos tempos do Profeta e dos *Rashidun*⁶³.

Nas décadas de sessenta e setenta do século XX assistiu-se a uma radicalização do movimento islamista, cada vez mais intolerante para o que diziam ser uma invasão ocidental e corrupção dos valores islâmicos⁶⁴. Para estes, a *jihad* deixava de consistir numa luta individual pelo aprimorar da alma e guerra defensiva do povo muçulmano para *vestir* o papel de luta armada contra o governo de apóstatas e controlo ocidental⁶⁵. Mais tarde, grupos islamistas radicais como a al-Qaeda iriam suportar-se na visão maniqueísta do mundo, sobretudo como forma de suporte às suas ações terroristas contra os inimigos do Islão⁶⁶. O conceito de origem islâmica vai ser adulterado no seu significado. De obrigação coletiva, torna-se uma obrigação individual (Mawdudi, 1973; Azzam, 2001; Kepel e Milelli, 2008).

*Atualmente, a obrigação da jihad mantém-se enquanto dever individual até à libertação do último pedaço de território que esteve sob poder muçulmano mas que foi ocupado pelos descrentes*⁶⁷ (Azzam⁶⁸, 2001: 25).

Com a declaração da *Frente Mundial Islâmica para a Jihad contra os Judeus e Cruzados* em 1998, a *jihad* tomava a forma de *esforço armado* contra americanos e seus aliados. Era o prelúdio de uma luta transnacional, a *jihad* global.

⁶² Vide Anexo III.

⁶³ Sobre os *Rashidun*, em português “antepassados pios”, vide glossário.

⁶⁴ Vide Anexo IV.

⁶⁵ Segundo Lewis (2001), dos quatro inimigos legais do Islão (infiéis, bandidos, rebeldes e apóstatas), os infiéis e os apóstatas serão os supremos inimigos.

⁶⁶ O egípcio Muhammad al-Faraj (1986), membro e conhecido doutrinário da *jihad* islamista, refere na sua obra-prima – *al-Faridah al-Ghaiba*⁶⁶ - a necessidade de recuperar a verdadeira essência do conceito, incorporá-lo nos pilares islâmicos e, dessa forma, edificar a guerra contra os governantes apóstatas (Faraj, 1986; McGregor, 2003).

⁶⁷ Recorde-se que a Península Ibérica foi território islâmico (exceto Astúrias, e perdendo gradualmente ao longo da Reconquista Cristã) desde o ano 711 d.C. até 1492 d.C., na queda do reino de Granada às mãos dos reis Católicos Fernando e Isabel (Padgens, 2009: 183-216). O al-Ândalus faz parte da agenda islamista (Kepel, 2005).

⁶⁸ Abdullah Azzam foi fundador do *Hamas*, professor de bin Laden na faculdade rei Abdulaziz, membro da IM palestina e considerado “pai da *jihad* global” (Esposito, 2002: 7).

Matar americanos e os seus aliados, civis e militares, é um dever individual de todo o muçulmano capaz, em todos os países em que seja possível, até que a mesquita de Al-Aqsa (Jerusalém) e a mesquita de Masjid al-Haram (Meca) sejam libertadas do seu domínio (Bin Laden et al., 1998).

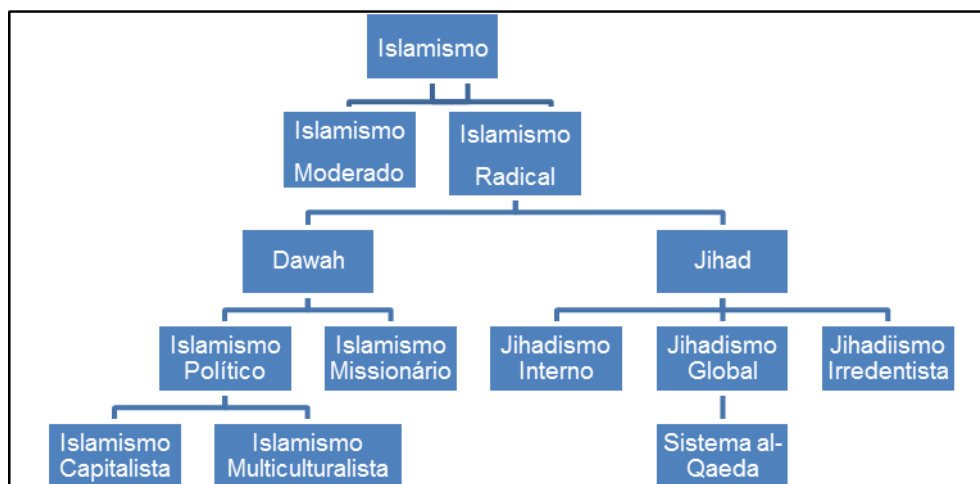
1.6. DA DAWAH À JIHAD: HETEROGENEIDADE ISLAMISTA

Para que consigamos depreender a dimensão da ameaça que nos propusemos a analisar, teremos de seguir as tendências da *dawah*, vertente não-bélica do Islamismo radical. Cabe-nos demonstrar a inter-relação existente entre esta dimensão tão distinta (dentro do nosso modelo-tipo de análise concebido) e a facção bélica (*jihad*), na sua variante jihadista global, que se propõe a destruir a sociedade ocidental.

1.6.1 AS RAMIFICAÇÕES ISLAMISTAS: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE

São inúmeras as propostas de modelos-tipo de análise à ideologia islamista. Para comprimirmos de forma esquemática a ideologia islamista e compreendermos bem o fenómeno, propomos o seguinte exemplo das ramificações islamistas.

Tabela II: Islamismo e as suas ramificações ideológicas



Adaptado de Francisco Gonçalves (2011); ICG (2005); Quintan Wiktorowicz (2005); José Fernandes (2006).

O Islamismo radical caracteriza-se, como já vimos, pelo desejo de edificação de um Estado pan-islâmico, totalitário e onde a lei (*Shariah*) se circunscreva a duas das fontes diretas: o Corão e a *Sunnah*. Para tal, suporta-se numa legitimação divina distorcida, de forma a consolidar os seus objetivos. Por outro lado, a versão moderada do Islamismo, para além de rejeitar o emprego genérico de meios violentos, visa apenas uma parcial aplicação das leis religiosas, mais do que a implementação de um Estado islâmico (Gonçalves, 2011).

As razões desta divisão tornam-se tão mais explícitas quando atentamos nos diferentes entendimentos de moderados e radicais quanto à legitimidade da *jihad* contra os governantes apóstatas dos países muçulmanos; a existência de uma *jihad* defensiva a nível global; o massacre de civis, e a legitimidade do emprego de bombistas-suicidas.

A grande causa para esta dualidade de visões no movimento deve-se à falta de respostas no Corão e na *Sunnah*, o que obriga os islamistas a utilizarem as fontes interpretativas *qiyas* e *ijtihad*. A secção radical deturpa o verdadeiro sentido dos textos sagrados, aplicando prescrições milenárias para situações atuais⁶⁹.

O processo de atribuição do estatuto de apóstata, *takfir*⁷⁰, ou a legitimidade de lutar contra líderes muçulmanos são outros pontos que distinguem moderados de radicais. Enquanto moderados recusam aceitar estes extremismos, os mais radicais apoiam-se na teoria de *jahiliyya*⁷¹ moderna de Mawdudi e, mais tarde, de Qutb para legitimar o recurso à *jihad* e à *irtidad* na luta contra os regimes islâmicos (Wiktorowicz, 2005).

Os islamistas moderados só aceitam o recurso à ação armada em caso de atual agressão em território islâmico, de acordo com a *jihad* defensiva prevista no Corão. Para os radicais, a presença de forças ocidentais nos lugares santos do Islão durante a década de noventa, é razão mais do que justificada para recorrer à *jihad*, ainda que não reconhecessem Saddam Hussein como muçulmano.

Relativamente ao ataque premeditado a civis, a fação moderada apoia-se nas inúmeras proibições ao longo do texto corânico e na *Sunnah* para a sua oposição. Na sua 2ª surata, versículo 189, o Corão ordena: “Luta na maneira de *Allah* contra aqueles que lutam contra ti, mas não ultrapasses os limites. *Allah* não gosta de transgressores” (Corão, 2: 189). Só será permitida a morte de civis por “dano colateral” ou se o inimigo utilizar não-

⁶⁹ Vide Yahya Michot (2011). “*Ibn Taymiyya’s “New Mardin Fatwa”. Is genetically modified Islam (GMI) carcinogenic?*”. Neste artigo, Michot, muçulmano belga largamente conhecido pelo polémico aval das atrocidades cometidas por islamistas contra monges franceses na Argélia de 1996, descodifica as *fatwas* de Ibn Taymiyya e assinala as várias incoerências das interpretações feitas por sucessivos islamistas.

⁷⁰ Termo adotado pelos radicais islâmicos e atribuído aos governantes muçulmanos que não governam segundo os princípios islâmicos. Grupos como a al-Qaeda utilizavam-no como argumento para invocarem a *jihad* contra os “governantes pró-ocidentais” (Lopes, 2010).

⁷¹ Para a compreensão deste termo, consulte-se o glossário e vejam-se as interpretações de Qutb e Mawdudi presentes no Anexo III.

combatentes como escudos humanos (Wiktorowicz, 2005). Assim se restringiam os alvos ao pessoal combatente⁷².

Só em finais do século transato, mais concretamente em 1996, no seguimento da tomada de posse do comando da GIA⁷³ por Antar Zouabri, os radicais islamistas começaram a colocar em causa a impossibilidade de causar baixas civis no inimigo. No escopo do líder argelino, todos aqueles que não seguissem a GIA, isto é, “o verdadeiro Islão”, a sua vida ficaria sob escrutínio dos militantes argelinos. Este raciocínio foi seguido por radicais por todo o mundo, incluindo a al-Qaeda. Na sua visão, todos aqueles que apoiassem o inimigo seriam “alvos a abater”. Eventualmente, a maior parte dos massacres seria negada tendo em conta a necessidade do apoio popular.

Já em relação à existência de bombistas suicidas, ou prática do martírio, o debate não se centra na sua legitimidade pela aplicação indiscriminada, mas se o ato consiste em suicídio, prática condenável no Islão, à semelhança do Cristianismo, à eternidade no Inferno. Os islamistas consideram-no como uma ação altruísta, um sacrifício pessoal em prol da religião e da nação muçulmana.

Assim sendo, é seu direito a recompensa divina devida⁷⁴. Relativamente ao Islamismo radical, apesar do seu objetivo ser o mesmo – a restauração do califado islâmico – os meios utilizados, como veremos, distinguem grupos *dawah*⁷⁵ e grupos *jiyah*. Enquanto os últimos procuram uma rápida tomada do poder através de atos bélicos, os outros focam-se em uma aquisição lenta e ponderada do poder (Gonçalves, 2011: 24).

De seguida, abordaremos o Islamismo radical na sua versão *dawah*, mais concretamente, nas duas mutações do Islamismo político em solo europeu, o Islamismo capitalista e o Islamismo multiculturalista, aliadas à progressão do sistema al-Qaeda, representante máximo do Jihadismo global. Esta inclusão de “versões ditas não-violentas” percebe-se pelo perigo que representam para as sociedades europeias como o

⁷² Os islamistas moderados entendiam por combatente todo aquele que participasse no esforço de guerra, desde os técnicos auxiliares de campo aos políticos responsáveis pelas decisões tomadas (Wiktorowicz, 2005).

⁷³ *Groupe Islamique Armé* ou em português Grupo Islâmico Armado, é o braço armado da organização argelina Frente Islâmica de Salvação (FIS), responsável pela guerra civil que assolou o país em inícios e meados da década de noventa. O grupo, que chegou a atingir a maioria dos votos nas eleições de 1992, foi duramente reprimido e perseguido. A guerra civil que se desenrolou ficou marcada pela morte de milhares de civis.

⁷⁴ No Islão, o mártir terá direito a um lugar no Paraíso, à omissão das torturas da morte e a casar com setenta virgens de olhos negros. MacDonald (2009) afirma que a predisposição dos islamistas para o martírio explica-se pela sua visão e entendimento de conceitos como a morte, vida e violência. Tanto a sua como a morte de outros justificam-se pela existência de um mundo extraordinário, uma realidade escondida que deve ser alcançada por todos os muçulmanos. O mesmo autor acrescenta que é esta visão distorcida do mundo que deve separar a cultura jihadista de um Islão político. O *Hamas*, grupo por vezes apresentado como moderado mas incluído na lista de organizações proscritas (Horne e Douse, 2013), regista “Nós acreditamos na morte. Vocês acreditam na vida” (*Hamas in Franco*, 2009).

⁷⁵ Usamos aqui o conceito de *dawah* não só enquanto “exortação missionária”, no seu sentido etimológico, mas também enquanto político e cultural, na medida em que não existe essa separação no Islão (muito menos no Islamismo).

demonstram as análises aos discursos de islamistas.⁷⁶ A sua ação indireta, focada na “criação de Estados islâmicos não territoriais na Europa”⁷⁷ (Paz, 2005), pretende reislamizar os muçulmanos europeus. A defesa de valores islâmicos, rejeição dos ideais europeus e consequente desintegração nas sociedades abertas, proporciona um ambiente propício à radicalização de membros nos quadros terroristas do sistema al-Qaeda.

1.6.2. ISLAMISMO CAPITALISTA E ISLAMISMO MULTICULTURALISTA

Continuadamente, diversos académicos têm alertado para o perigo que as facetas menos visíveis do Islamismo radical poderão colocar às sociedades “abertas ocidentais”⁷⁸ e ao “Islão aberto”⁷⁹. Assim, é nossa convicção, que uma visão integral da ameaça na Europa e, mais particularmente na Península Ibérica, enfrenta a inclusão do estudo destas variantes, o que se torna fundamental.

O conceito de “islamista contrariado” de Haenni (2005) está na base da construção dos termos Islamismo capitalista e Islamismo multiculturalista. Segundo o autor, o descontentamento de alguns islamistas radicais levou a uma reconfiguração do seu plano de ação. Não abandonando as organizações, estes islamistas continuam profundamente religiosos, mas empenhados não num projeto islâmico global, mas antes numa islamização de vários elementos das sociedades ocidentais (Haenni, 2005).

A Turquia figura como caso único no panorama muçulmano. Cidades como Kayseri na Anatólia Central tornaram-se nas últimas três décadas modelo-padrão em termos de vitalidade económica. Num estudo do *European Stability Initiative* (ESI)⁸⁰, o enriquecimento destas urbes turcas foi explicado pelo empreendedorismo do que Knaus intitulou de “calvinistas islâmicos”⁸¹ (Knaus, 2005). Ironicamente, a população turca, tal como a maioria dos muçulmanos, desconhece por completo Max Weber. Aliás, o mundo muçulmano não conheceu os valores do Humanismo, Iluminismo, ou sequer do individualismo e do autonomismo europeu (Langman e Morris, 2002). De resto, o Renascimento Árabe por comparação à Renascença Europeia, nunca teve lugar.

A explicação mais lógica seria o facto da criação da república turca moldada ao estilo europeu, com a religião subordinada ao Estado, ter obrigado islamistas a

⁷⁶ Vide Anexo V.

⁷⁷ Tradução da nossa responsabilidade.

⁷⁸ Para a definição do conceito de *sociedade aberta*, consulte-se Karl Popper (2012), *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*, Volume I: O Sortilégio de Platão.

⁷⁹ Vide Daniel Pipes (2009), “Islamismo 2.0” ou Bassam Tibi (1997), *The challenge of Fundamentalism: Political Islam and the New World Disorder*.

⁸⁰ Vide Gerald Knaus (2005) “*Islamic Calvinists: Change and conservatism in Central Anatolia*”.

⁸¹ Em referência ao ensaio de 1905 de Max Weber onde o autor alemão associa a ascensão do modelo capitalista à ética protestante.

encontrarem espaço de progressão nas atividades económico-empresariais (anteriormente profissão dos *dhimmi*)⁸², em virtude de terem os empregos públicos vedados. Outra explicação lógica seria a tentativa de imposição de uma economia de base religiosa através do chamado “dinheiro verde”⁸³ pelo governo do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP)⁸⁴ (Fernandes, 2006).

Apesar desta explicação poder ser considerada excessiva, se atentarmos no passado político de líderes do AKP como Recep Tayyip Erdoğan (primeiro-ministro), Abdullah Gül⁸⁵ ou Bülent Arinç⁸⁶ verificamos que todos eram membros do *Refah Partisi* (Partido do Bem-Estar ou Prosperidade) de Necmettin Erbakan, o primeiro partido islamista a liderar um governo na história da República Turca (1996-1997). Atualmente, a estratégia do AKP é mais eficiente e cautelosa do que a seguida pelo *Refah Partisi* de Erbakan. Recep Erdoğan continua a estratégia de islamização da sociedade e do Estado laico turco, mas sem cair na tentação de atacar o *establishment* demasiado cedo⁸⁷.

A estratégia política do AKP é resultado da influência preconizada por Fethullah Gülen⁸⁸ na década de noventa e início do século XXI, um defensor do capitalismo e da democracia europeia. A política turca do século XXI é assim o resultado da influência dos islamistas reformadores encabeçados pelo AKP, dos seguidores do Movimento Gülen e dos homens de negócio turcos mais conservadores. A convergência destes três atores culmina na “Terceira via”, o “*Islão de Mercado*” de Haenni⁸⁹ (Maigre, 2007) ou por outro lado no “Islão civil” (Yilmaz, 2011).

A doutrina fethullahista, à semelhança da política seguida pelo AKP, deixa dúvidas quanto à veracidade das suas iniciativas. Krespin (2009) acusa o fundador do maior movimento muçulmano sunita na Turquia de controlar os meios de comunicação, a polícia, o poder judicial e o sistema educacional, naquilo que caracteriza como um retrocesso dos valores liberais do Ocidente e, uma maior aproximação à ideologia islamista e organizações terroristas como o *Hamas* e *Hezbollah* (Krespin, 2009).

⁸² Vide glossário.

⁸³ Vide Michael Rubin (2005), “Green Money, Islamist Politics in Turkey”. *Middle East Quarterly*.

⁸⁴ Em turco, *Adalet ve Kalkınma Partisi*. O AKP é o sucessor do antigo grupo islamista radical *Milli Görüş* e, do *Refah Partisi*. Neste contexto, vide J.M.A.H. Maessen (2012), “*Reassessing Turkish National Memory: the AKP and the Nation. An analysis of the representation of Turkish national memory and identity by the AKP*”.

⁸⁵ Atualmente presidente da República Turca.

⁸⁶ A desempenhar funções de vice primeiro-ministro turco.

⁸⁷ Ao contrário do seu percussor, Erdoğan procurou cuidadosamente alastrar a sua influência junto dos principais atores sociais: do poder judicial aos tecnocratas turcos, do controlo sob os *media*, universidades e restante sistema educativo e, finalmente, ao exército turco.

⁸⁸ O Movimento Gülen caracterizava-se pelo seu pragmatismo. Defendia a adaptação da Turquia aos tempos atuais e utilização do poder da globalização para difundir os fundamentos islâmicos. A oposição secularista da Turquia acusa o Movimento Gülen e o AKP de afastarem a Turquia dos valores democráticos europeus (Lopes, 2010).

⁸⁹ Segundo o autor, o conceito consiste na cultura nascida na época da globalização, fruto da aliança entre o poderio económico/financeiro do capitalismo ocidental com os princípios islâmicos (Haenni, 2005).

Por outro lado, Koç contrapõe a falta de rigor científico da acusação de Rachel Krespin, justificando o facto com uma tentativa grosseira por parte da autora de denegrir as ações e políticas seguidas pelo Movimento Gülen e pelo AKP (Koç, 2010). Se nos demormos nas críticas de Koç, verificamos que existem claramente incongruências entre os dados apresentados por Krespin (2009), mas a dúvida quanto às verdadeiras intenções do Movimento Gülen e do AKP permanecem⁹⁰.

Em síntese, o Islamismo capitalista resulta numa conjugação da vontade de enriquecimento através do capitalismo europeu e da islamização de normas sociais e políticas. Revela uma maior sofisticação em relação ao radicalismo islamista e prossegue objetivos menos onerosos possibilitados pelo enriquecimento burguês do mercado e pelo capitalismo.

A versão multiculturalista da ideologia islamista conta com a particularidade de ter surgido com a segunda e terceira gerações das comunidades islâmicas presentes na Europa. Tal como o Islamismo capitalista, ou mesmo o Islamismo radical jihadista, as suas verdadeiras intenções nem sempre são perfeitamente tangíveis. Ainda assim, esforça-se por apresentar uma posição próxima dos ideais europeus. Por conseguinte, a sua ação tem garantido uma aproximação às fontes de poder europeu, reservando um lugar de destaque a nível político/religioso e ganho avanço aos seus adversários históricos, os muçulmanos laicos.

Funcionando como ponte entre os partidos políticos europeus e os milhões de eleitores muçulmanos europeus, o Islamismo multiculturalista fica em posição de reivindicar medidas ao poder político para colocar em marcha os seus planos naquela que poderia ser intitulada de “terceira invasão muçulmana”⁹¹ (Fourest, 2005). Se alguém eventualmente considerar este título como sendo exagerado, aconselha-se a leitura atenta de textos e declarações de alguns dos representantes do movimento⁹². Como exemplo, atente-se nestas declarações de Yusuf al-Qaradawi⁹³:

O Islão entrou por duas vezes na Europa e duas vezes a deixou (...). Talvez a próxima conquista, com a vontade de Alá, se faça pela predicação e pela ideologia (Qaradawi, 2002 in MEMRI).

⁹⁰ Vide Dogan Koç (2010). “Fethullah Gülen's Grand Ambition: A Biased, Selective, Misleading, Misrepresentative and Miscalculated Article”.

⁹¹ Os muçulmanos já invadiram a Europa por duas vezes. A primeira foi travada nos campos francos entre Poitiers e Tours, em 732, por Charles Martel. Leia-se que se não tivessem sido travados pelos francos, a história teria tomado outros contornos. Aliás, não é por acaso que esta batalha é considerada uma das quinze mais importantes da história (Creasy, 2008). A segunda invasão deu-se por duas vezes, isto é, em 1529 e 1683, os Otomanos estiveram às portas de Viena, tendo sido sempre derrotados, quer pela doença, quer por reforços do império polaco-lituano (David, 2012; Huntington, 1993: 31).

⁹² Vide Anexo V.

⁹³ Presidente da União Mundial de Sábios Islâmicos (UMSI), do Conselho Europeu para a Fatwa e Pesquisa (CEFP), preponderante na IM, e em vários sites e programas televisivos onde apresenta as suas *fatwas*.

Aproveitando-se da sua influência, instituições como a Fundação Islâmica de Leicester (IFL), a *Muslim Educational Trust* (MET) e indivíduos como Tariq Ramadan esforçam-se por criar uma cidadania muçulmana europeia em que os valores dos países de acolhimento são preteridos aos valores islâmicos, numa lógica de “cidadania diferenciada” (Fernandes, 2006: 73). Ironicamente, o Islamismo, ideologia teocrática e totalitária, alimenta-se das facilidades e liberdades concedidas por uma ideologia europeia, o Multiculturalismo.

Na Europa, estes grupos salafistas, que partilham a hegemonia com a IM e o *Tablighi*, pregadores das vicissitudes da sociedade ocidental, defendem a necessidade das diásporas islâmicas se afastarem da sociedade e se reunirem na *Umma*. São os principais desestabilizadores da “integração cultural e política das populações muçulmanas nas sociedades europeias nas quais se estabeleceram” (ICG, 2005: 13).

Concluindo, desta forma são-nos mais perceptíveis as causas e as bases em que assentam a ideologia islamista. O primeiro passo para um completo entendimento da realidade do terrorismo doméstico islamista em solo europeu está terminado. Importa agora estudar o sistema al-Qaeda, estrutura e suas formas de atuação. Apesar de exaustivo, este conhecimento da ideologia islamista, dos seus desenvolvimentos e características é fulcral para uma correta e completa aceção do Jihadismo global, não fossem estes grupos meros resultados do desenvolvimento islamista do século XX.

2. INSURGÊNCIA, TERRORISMO E GUERRA ASSIMÉTRICA

À semelhança daquilo que descrevemos anteriormente como uma genérica confusão conceptual entre religião e ideologia, também no que toca ao terrorismo encontramos múltiplas interpretações e, em muitos casos, totalmente desadequadas. Isto deve-se, não só à tendência de políticos, académicos e jornalistas em utilizarem terrorismo como sinónimo *stricto sensu* de violência política, mas também à propensão para a banalização do conceito “terrorismo”, sob justificação de ser demasiado pejorativo para os “defensores de liberdade” ou “revolucionários”, como gostam de ser apelidados aqueles que perpetuam atos terroristas⁹⁴.

Por estas razões, mas acima de tudo por ser o método de excelência entre grupos islamistas, conforme nota Mozaffari (2007), o “terrorismo, e difusão do medo na população civil é o instrumento de escolha nas mãos de grupos islamistas”⁹⁵ (Mozaffari, 2007: 8), e em virtude de ser um conceito indispensável para a compreensão do sistema al-Qaeda, importa rever o conceito de terrorismo e as suas relações com outras formas de luta armada.

De facto, têm sido numerosas e oriundas das mais diversas fontes as propostas para definir o próprio conceito de terrorismo. A multiplicidade de formas adotadas, as próprias circunstâncias em que se manifesta e a variedade de atores e diferentes interpretações, tornam o conceito de terrorismo de difícil materialização. De entre o vasto manancial de opiniões, escolhemos seguir o conselho de Alex Schmid (1992) e abordar o conceito em sentido lato de acordo com a arena académica⁹⁶ e, mais especificamente, de acordo com a sua interpretação:

*Terrorismo é um método promotor de ansiedade por meio da recorrente ação violenta, empregada por indivíduos (semi-) clandestinos, grupos, ou atores estatais, por razões idiossincráticas, criminais ou políticas, onde – em contraste com o assassinio – os alvos diretos de violência não são os alvos principais. As imediatas vítimas humanas da violência são geralmente escolhidas ao acaso ou seletivamente de uma população alvo, e servem como geradores de mensagem*⁹⁷ (Schmid, 1988: 28).

⁹⁴ Em analogia ao caso dos islamistas, que só se consideram muçulmanos. A exceção será o Sudão islâmico de Hassan al-Turabi. Sobre o líder sudanês, consulte-se Ahmad S. Moussalli (1994). “Hasan al-Turabi’s Islamist Discourse on Democracy and *Shura*”. *Middle Eastern Studies*.

⁹⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

⁹⁶ O autor identifica quatro “arenas de discurso” a saber: a arena académica, a visão estatal, a interpretação da opinião pública e por último, a própria subversão da realidade pelos terroristas (Schmid, 1992: 7-13).

⁹⁷ Tradução da nossa responsabilidade.

O terrorismo pode também ser entendido como *weapon-system* “que tem vindo a ser utilizado por uma vasta quantidade de grupos não-estatais, regimes ou governos”⁹⁸ (Wilkinson, 2011: 6). Apesar de historicamente o terrorismo estatal ser largamente mais letal que o seu congénere não-estatal, abordaremos apenas o terrorismo enquanto método não-estatal por ser conforme o nosso objeto de estudo.

Neste caso, interessa-nos estudar o Jihadismo global. A al-Qaeda, representante máxima desta tipologia de terrorismo, tem na sua extensa rede, células e grupos afiliados operáveis em pelo menos 90 países, tornando-a no grupo terrorista mais disperso da história mundial (Wilkinson, 2011). Importa aprofundar um pouco mais as características, motivações e etapas de um género de terrorismo que não se esgota nas suas características religiosas. O Jihadismo global comporta um vasto conjunto de características que ajudam a compreender esta tipologia terrorista, bem como a reconhecer o que é o terrorismo em *lato sensu*. Seguindo as tipologias avançadas por Alex Schmid e Albert Jongman (1988), pretendemos demonstrar como o Jihadismo global se insere em cada uma delas⁹⁹.

2.1. ELEMENTOS DEFINIDORES DE TERRORISMO

A maior parte das atividades terroristas islamistas podem ser enquadradas enquanto crimes. Atos típicos de grupos terroristas como ataques bombistas indiscriminados, homicídios, raptos, sequestros, e *hijacking* são atos que facilmente se percecionam enquanto crimes, não só pela sua ilegalidade (*mala prohibita*) mas como pela sua malvadez inata (*mala per se*), ou seja, são hediondos por si só.

Por outro lado, a relação entre terrorismo e revolução remonta à revolução francesa. Apesar da origem medieval, a palavra *terror* irá ganhar um outro pendor no decorrer da revolução francesa de 1789¹⁰⁰ (Roberts, 2002; Rapoport, 2002: 18). A partir de 21 de janeiro de 1793, data da decapitação do rei francês Luís XVI, o regime de terror decretado pelos radicais jacobinos¹⁰¹, percecionado como necessário para fazer face ao avanço da contrarrevolução que ganhava ênfase, rapidamente perdeu todo o sentido e o apoio social que o suportava.¹⁰² Assim, foi durante a revolução francesa que surgiu a

⁹⁸ Tradução da nossa responsabilidade.

⁹⁹ Neste sentido, consulte-se Anexo VI.

¹⁰⁰ A revolução russa de 1917 é outro claro exemplo de terrorismo aplicado durante um período revolucionário.

¹⁰¹ Fação mais extremista dos partidários da revolução francesa, era composta pelas classes mais baixas da sociedade francesa.

¹⁰² Aqueles que anteriormente tinham apoiado entusiasticamente as medidas draconianas jacobinas de Robespierre, principal representante do reino de terror, viravam-se agora contra os mentores, arrastando-os

definição “terrorismo” (Banlaoi, 2009; Roberts, 2002; Ansart, 2011; Beutel, 2007: 2), que junta a palavra “terror” com o sufixo “ismo” próprio de uma filosofia política ou, de forma mais assertiva, enquanto ato ou atitude, em analogia ao caso de fanatismo.

Como iremos ver mais adiante, os atos terroristas surgem como forma de intimidação, de propaganda, de comunicação, ou simplesmente como forma exemplificativa. Os atentados jihadistas do 11 de setembro e de 11 de março são a prova de uma ideologia que procura aproveitar os tempos de antena ocidentais de modo a criar efeitos psicológicos transcendentais da simples dimensão física (Moreira, 2004).

Com efeito, a relação entre terrorismo e revolução é longa, sendo esta tática utilizada tanto enquanto forma de alcançar o poder, como de o assegurar. Enquanto na maioria dos casos é visto como uma ferramenta ao serviço dos revolucionários, para outros como Mao Tsé Tung ou Che Guevara, o terrorismo vai ser enquadrado numa guerra de guerrilha contra Estados repressivos (Young e Gray, 2011).

Numa outra tipologia, terrorismo enquadra-se na “arena política”. Efetivamente, atos de terrorismo normalmente desenrolam-se em contextos de conflito político. Tal como no celebradíssimo adágio de Clausewitz¹⁰³, o terrorismo é também uma continuação de política. Na estratégia radical islamista isto é particularmente evidente. O facto da maioria dos grupos islamistas políticos servirem como “escudo” de grupos jihadistas vai ao encontro do discutido no capítulo anterior, sobre a dificuldade de sabermos quais destes grupos são verdadeiramente moderados, democráticos ou liberais, e não aquilo que eles querem que nós pensemos que são.

Neste sentido, uma boa forma de compreendermos a relação próxima entre as ações indiretas dos grupos *dawah* e as ações diretas dos grupos *jihad*, encontra-se plasmada na esquematização dos estádios de ação política de Alex Schmid¹⁰⁴ (1988: 58-59). As ações próprias do Islamismo político, presentes no primeiro e segundo estádio, ligam-se às do Islamismo radical, tipicamente a figura do último nível de confrontação numa lógica de escalada de poderes.

Segue-se-lhe a conexão do terrorismo com a guerra. Escusado será dizer que os atos terroristas não se confinam aos tempos de paz, algo amplamente demonstrado. O terrorismo tem sido prática comum antes, durante e após as guerras. No entanto, aquilo que define um ato de terrorismo e um terrorista não é, de forma alguma, similar aos conceitos de guerra e de soldado¹⁰⁵.

para a morte sob acusações de serem *terroristas*, uma vez que não o poderiam acusar de *terror*, visto o seu anterior apoio às políticas traçadas.

¹⁰³ “Guerra é a continuação de política por outros meios”¹⁰³ (Clausewitz, 1873).

¹⁰⁴ Vide Alex Schmid e Albert Jongman (1988), pp. 58-59.

¹⁰⁵ Sobre este assunto, consulte-se o Anexo VII.

A violência letal própria do tempo de guerra é legítima se esta se encontrar segundo as convenções internacionais e pelas “razões certas”, o que afasta o panorama de homicídio das mortes praticadas por soldados. Ao invés, o terrorista não segue as regras *jus in bello*¹⁰⁶, matando indiscriminadamente, civis, inocentes, homens, mulheres ou crianças, tal como é o caso do Jihadismo global¹⁰⁷. Justapondo, se estes fossem cometidos em tempo de guerra, os seus atos seriam enquadrados na tipologia de crimes de guerra (Schmid, 2004; Halliday, 2011; Lia, 2012).

Desta forma, os atos de terrorismo devem ser entendidos “ao equivalente a crimes de guerra em tempo de paz”¹⁰⁸ (Schmid, 2004: 203). A morte de civis ou de soldados que se tenham rendido, raptos e torturas de prisioneiros de guerra são atos considerados ilegais em tempo de guerra¹⁰⁹. Ao contrário dos “excessos de guerra” ou “dano colateral” próprio da guerra, os terroristas visam a morte de civis, o que os distancia uma vez mais deste âmbito.

Na segunda metade do século XIX surge o terrorismo não-estatal, catapultado, entre outros, por dois eventos históricos: a invenção da dinamite (1867) e o aperfeiçoamento da imprensa rotativa (1881)¹¹⁰. Este terrorismo ou “propaganda pela ação” (Schmid e Graaf, 1982: 5) viu-se apetrechado de novas possibilidades, conforme notou Peter Kropotkin sobre o poder da propaganda que os atos terroristas possibilitavam:

Com ações que compelem a atenção geral (...) a nova ideia impregna-se nas mentes das pessoas e conquista adeptos. Um ato poderá, em poucos dias, fazer mais propaganda do que milhares de panfletos. Acima de tudo, acorda o espírito de revolta (Iviansky, 1977: 45 in Schmid, 2004: 205).

Seguindo a velha máxima “boas notícias são más notícias” e “más notícias são boas notícias”, o advento dos *mass media* veio aguçar a relação entre a violência empregue pelos terroristas e os objetivos propagandísticos. Onde a violência ambicionava mudar comportamentos via coerção, a propaganda cobiçava o mesmo fim através da

¹⁰⁶ Princípios que regem as formas de condução e atuação numa guerra.

¹⁰⁷ Outros exemplos deste tipo de terrorismo religioso indiscriminado serão a destruição do povo *Canaanite* pelos exércitos judaicos de *Joshua* e os seus seguidores, no regresso dos escravizados judeus à terra prometida (Martin, 2010: 132-133), ou a destruição e fanatismo cristão das cruzadas, quer externas (as mais famosas na Terra Santa), quer as internas, como foi o caso dos cátaros na França do séc. XIII.

¹⁰⁸ Veja-se as quatro condições necessárias para a inclusão na Convenção de Haia sobre as regras de guerra no artigo 1.º, capítulo 1 do anexo da Convenção de Haia em, The Hague Convention IV (1899). “*Laws of War: Laws and Customs of War on Land*”.

¹⁰⁹ Vide The Geneva Convention IV (1949). “*Geneva Convention relative to the Protection of Civilian Persons in Time of War*”, nº1 e nº2 do artigo 3.º.

¹¹⁰ Poder-se-iam apontar inúmeras invenções e transformações, tais como o aparecimento da rádio ou as ligações ferroviárias, que desde inícios da revolução industrial tornaram o mundo, gradualmente, “mais pequeno”.

persuasão. Com a comunicação em massa, criam-se as figuras dos vilões e heróis. Se a opinião pública se identificasse com a sua causa, o terrorista ganharia a simpatia e admiração do público, tornando-se um verdadeiro herói. Por outro lado, se o público se identificasse com a vítima, o terrorista teria ainda assim assegurado um sentimento de terror que permaneceria nas testemunhas diretas ou indiretas das suas ações (Schmid, 2004: 207). Desta forma, “a ação terrorista garantiria a sua imortalidade”.

Com base naquilo que já depreendemos pelas características das tipologias anteriores, podemos afirmar que o Jihadismo global funciona como arma física mas, acima de tudo, psicológica. Tendo em conta que existem diferentes audiências recetoras dos efeitos dos atos terroristas¹¹¹, as consequências psicológicas que estes geram diferem grandemente quanto aos destinatários. De forma genérica, e se nos colocarmos numa posição imparcial, podemos registar diversos objetivos psicológicos do terrorismo.

Para começar, o principal alvo dos atos não passam pelas vítimas diretas mas pela sociedade em geral, ou grupos específicos. Um bom exemplo são os ataques de 11 de setembro, chocantes não só pela agressividade e mortalidade indiscriminada, mas também pelo simbolismo do ataque em si mesmo. Assim, enquadramos o terrorismo enquanto “comunicação violenta”¹¹² (Schmid, 2005: 139). Por outro lado, serve para deixar a mensagem em como os respetivos governos, forças de segurança e exércitos foram incapazes de os proteger. No caso jihadista, funciona também como forma de incentivo aos demais muçulmanos a aliaem-se às causas islamistas.

Dos pontos mencionados por Schmid, a relação entre terrorismo e religião é a que mais nos interessa, em virtude do tipo de terrorismo que estamos a analisar. Por outro lado, desde finais do século XX, que o terrorismo religioso se tem afirmado como o predominante na ordem internacional¹¹³ (Martin, 2010). Desde finais da década de oitenta que se assiste a um gradual aumento do número de grupos terroristas religiosos internacionais, em justaposição ao terrorismo étnico e terrorismo ideológico do passado, como se pode verificar pela próxima tabela.

¹¹¹ Neste âmbito, vejam-se as diferentes “audiências” dos atos terroristas in Alex Schmid (2005). “*Terrorism as Psychological Warfare*”, p. 138.

¹¹² Tradução da nossa responsabilidade.

¹¹³ Observem-se os dados reunidos pela agência *Reuters* sobre o aumento global da violência religiosa (Reuters, 2014).

Tabela III: Relação de grupos jihadistas face ao total (1968-1995)

Ano	Número de grupos
1968	0
1980	2 - 64
1992	11 - 48
1994	16 - 49
1995	25 - 58

Fonte: Bruce Hoffman (1997), p. 48.

A percepção do terrorismo, enquanto fenómeno moderno, esbate-se quando conhecemos a história do terrorismo religioso, como é o caso da durabilidade e poder destrutivo de antigos grupos terroristas religiosos como os hindus *Thugs*, os judaicos *Zealots* e *Sicarii* ou os islâmicos *Assassins*.

Fora do registo oficial, os terroristas *Thugs* terão sido os mais antigos, duráveis e destrutivos dos quatro grupos mencionados. Os *Thugs*, assassinos por “profissão hereditária”¹¹⁴ (Sleeman, 1918: 15), pretendiam imprimir o máximo de terror e tortura nas mortes das suas vítimas e oferecer como sacrifício à deusa Kali¹¹⁵. Apesar de não haver certezas quanto à data da criação do grupo, o primeiro registo aparece na descrição que Heródoto faz de um grupo que apelida de *Sagartians*, “estranguladores” ao serviço do exército persa (Rapoport, 2006: 7). Da mesma forma, existem poucas estimativas quanto ao número de mortes às mãos dos *Thugs*¹¹⁶.

O primeiro registo histórico de um grupo a praticar sistematicamente o terror leva-nos à Palestina, até ao grupo judaico *Zealot-Sicarii*¹¹⁷. A particularidade deste grupo residia na sua estratégia flexível. Tendo começado enquanto luta armada em forma de guerrilha e terrorismo psicológico, ao longo do tempo foi moldando a sua atuação consoante as necessidades. Apesar da sua breve existência (25 anos), o seu legado perdura até hoje. Ao fim de três revoltas incitadas pelo grupo, a nação judaica é expatriada, um acontecimento que marcará este povo durante os 2000 anos subsequentes.

Entre as grandes religiões monoteístas-universais, o Islão apresenta alguns dos exemplos mais claros da integração dos planos religioso e político numa só esfera. Esta tradicional sinergia islâmica representada nas ancestrais tribos islâmicas acaba por ser

¹¹⁴ Tradução da nossa responsabilidade.

¹¹⁵ Deusa hindu do terror e destruição.

¹¹⁶ Sleeman, um oficial britânico que ajudou a exterminar o grupo, estima que 1 milhão de pessoas terão sido mortas nos últimos três séculos de existência até à sua extinção no século XIX (Sleeman, 1918).

¹¹⁷ Smith (1971) separa os *Zealots*, tradicionais terroristas religiosos preocupados com a sua própria comunidade dos *Sicarii*, empenhados em incitar revoltas contra os gregos e romanos na Judeia (Smith, 1971).

recuperada pelos *Assassins*. Só assim, poderemos perceber a ascendência e importância deste grupo na história islâmica.

Os *Assassins* espalharam o terror nos impérios turcos seljúcidas na Turquia e Síria, de 1090 a 1275 d.C.¹¹⁸. Pela dimensão política dos seus objetivos, o grupo atingiu uma maior preponderância no Islão que os *Thugs* no Hinduísmo¹¹⁹.

É neste grupo ancestral, de origem xiita ismaelita¹²⁰ que podemos encontrar várias parecenças com os grupos jihadistas modernos¹²¹, conforme tabela.

Tabela IV: Elementos característicos dos *Assassins*

Purificação do Islão;
Mensagem moral com vista à transformação social;
Acolher a simpatia da comunidade;
Martírio, o assassino nunca sobrevivia (influência xiita);
Reconstrução e unificação da <i>Umma</i> ;
Teologia gnóstica;
Extensa rede de células em centros urbanos;
Forte implementação da <i>taqiyah</i> ;

Adaptado de David C. Rapoport (1984), pp. 664-668.

Concluindo, conforme podemos constatar, todos os elementos recolhidos da ideologia do grupo coincidem com características de grupos islamistas radicais jihadistas¹²². Cabe-nos agora perceber a evolução que este terrorismo em específico seguiu até aos moldes atuais.

2.2. A EVOLUÇÃO DA AGENDA TERRORISTA ISLAMISTA

Após o 11 de setembro, a ação militar desencadeada pelos EUA e aliados sob o mote *war on terror* destruiu a base central do maior grupo jihadista, o Afeganistão talibã da al-Qaeda.

¹¹⁸ Com Maomé também existia um grupo especial que assassinava “pessoas dentro ou fora do Islão, hipócritas, que tinham provocado ataques por discordarem dos ensinamentos de Maomé” (Rapoport, 2006: 16). Ao contrário dos clássicos *Assassins* que se apresenta, estes assassinos não praticavam o martírio próprio dos *Assassins* de base xiita, regressando para a aprovação de Maomé após a conclusão dos trabalhos (Rapoport, 2006).

¹¹⁹ A semelhança dos *Zealots*, a fusão da missão religiosa com as ambições políticas culminaram no uso de violência.

¹²⁰ Mais concretamente Nizaritas (Rapoport, 1984).

¹²¹ A título de exemplo, veja-se a utilização de bombistas suicidas pelos xiitas no Líbano, a maior inovação do Jihadismo (Rapoport, 2002).

¹²² Para o efeito, consulte-se o Anexo VIII.

Com a invasão do Afeganistão e do Iraque, a maior parte dos grupos terroristas adotaram a visão estratégia de Abu Musab al-Suri, oficialmente compilada em 2004 na *Chamada para uma Resistência Islâmica Global*¹²³. A doutrina de al-Suri, inegável após a morte de Bin Laden em 2011, pauta-se pela ação de pequenas células dispersas pelo mundo, em ataques menos letais e sofisticados mas mais numerosos e imprevisíveis. No último estágio, seriam utilizadas armas nucleares (Lia, 2006; Hirsch, 2013).

Na sequência dos atentados de Boston, Michael Hayden, antigo diretor da NSA, alertava que os ataques “serão menos sofisticados e menos letais, mas em maior número”¹²⁴ (Patten, 2013). Na mesma linha, Mike Rogers afirmava que atualmente “as capacidades da al-Qaeda em praticar ataques nos EUA são mais perigosas e numerosas do que no antes 11/9”¹²⁵ (Lubbock Avalanche, 2013). Por analogia, depreende-se que a atual probabilidade de ataques na Europa será, também ela, consideravelmente maior.

Com os relatórios anuais do Serviço Europeu de Polícia (Europol) sobre o terrorismo na Europa, muito se questionou a anunciada perigosidade jihadista em solo europeu. De facto, se se fizesse uma contabilização do número de ataques terroristas na Europa por tipologias, o terrorismo religioso estaria em clara desvantagem¹²⁶. Se compararmos os dados de 2007 a 2012, apenas 25% das detenções se deveram a motivações religiosas islâmicas¹²⁷. Quanto ao número de ataques, a desigualdade revelou-se ainda maior, caindo para menos de 1% do total¹²⁸. Mas analisemos a situação com mais detalhe.

O Departamento de Estado norte-americano publica anualmente na sua página oficial de *Internet* a contabilização de ataques terroristas, detenções policiais e decisões judiciais¹²⁹ por regiões do mundo. No que concerne a Europa, de 2007 a 2012, nos 13 países com mais incidência deste tipo de terrorismo foram registados pelo menos 31 atentados¹³⁰, o que superioriza as contas da Europol. Ainda assim, a sua significância no espectro terrorista europeu em pouco sofre alterações. Será precisamente o olhar sob um outro prisma, as consequências dos atentados, isto é, fatalidades, feridos e danos, que nos darão uma maior projecção da ameaça do Jihadismo global.

De facto, tal como começámos por apontar, o terrorismo não é um fenómeno recente. A história europeia encontra-se pejada de momentos em que o seu próprio rumo

¹²³ Manifesto composto por 1600 páginas e concebido para se converter no manual de reestruturação do sistema al-Qaeda no mundo pós 11 de setembro.

¹²⁴ Tradução da nossa responsabilidade.

¹²⁵ *Idem*.

¹²⁶ Vide Anexo IX.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ Contabiliza prisões efetivas e mandados de expatriação ou extradição.

¹³⁰ Vide Anexo X. Também Petter Nesser (2010), notório estudioso do fenómeno jihadista, contabiliza um maior número de ataques em solo europeu. Neste seguimento, consulte-se Petter Nesser (2010). “Chronology of Jihadism in Western Europe Update 2008-2010”. *FFI's Terrorism Research Group*.

foi escrito pelas mãos de terroristas. Alguns casos mais famosos incluiriam o assassinio da incontornável imperatriz Elizabeth (a célebre imperatriz Sissi da Áustria) do então decadente império austro-húngaro, o regicídio e assassinio do herdeiro real português em 1908 ou, então o ato ignidor da Primeira Grande Guerra Mundial, o assassinato em 1914 do futuro imperador austro-húngaro Franz Ferdinand e da sua mulher, Sophie, princesa de Hohenberg, por um estudante sérvio¹³¹.

De facto, apesar do lado sombrio do terrorismo que assombrava a política e sociedade europeias, a opinião geral era melhor retratada nas palavras de Brian Jenkins, “os terroristas querem muitas pessoas a assistir e não muitas pessoas mortas”¹³² (Jenkins, 1975: 4). Em todo o caso, em 1988¹³³, com o ataque ao Boeing 747-121 em Lockerbie a premissa deixou de se aplicar.

Em 2012, dos 67 piores ataques terroristas da História recolhidos por Robert Johnston (2012), mais de metade tinham marca jihadista¹³⁴ (Johnston, 2012; Rapoport, 2002: 14). Também James Piazza (2009) conseguiu comprovar a influência da ação jihadista na evolução entre o “velho terrorismo” e o “terrorismo moderno” conforme anexo XIII¹³⁵. Conforme nos indica a primeira tabela, na década de noventa, a média de vítimas por ataque praticamente triplicou comparativamente a dados da década anterior. Foi precisamente nesta altura que o Jihadismo se globalizou, numa década marcada pelos ataques às embaixadas norte-americanas no Quénia e Tanzânia¹³⁶. Já na primeira metade da década de 2000, onde se destacam os ataques de Nova Iorque, Londres, Madrid, Bali ou Bombaim, a média atingiu os 10,89 mortos por ataque. Já na segunda tabela, importa referir que dentro dos grupos terroristas religiosos, o Jihadismo foi responsável por 93,6% de todos os ataques (total de 809) e, por 86,9% das vítimas (Piazza, 2009: 64).

Numa outra consulta, desta vez à *Global Terrorism Database*¹³⁷ da Universidade de Maryland, verifica-se que de 2004 a 2012 o número de incidentes a nível mundial subiu incessantemente (à exceção de 2009) para máximos históricos em 2012 de 8200 ataques terroristas. Se se fizer uma semelhante procura para a região de maior incidência de ataques jihadistas (Médio Oriente e Norte de África), o resultado é idêntico, sendo que o número tem subido desde 2003 até ao máximo de 2400 ataques em 2012¹³⁸.

¹³¹ Sobre a história do terrorismo europeu, veja-se Walter Laqueur (1996). “Postmodern Terrorism: New Rules For An Old Game”. *Foreign Affairs*, pp. 24-37.

¹³² Tradução da nossa responsabilidade.

¹³³ No primeiro quartel do século XXI a Europa já tinha sido assolada por ataques terroristas com grande número de mortos como é o caso dos bombardeamentos em 1921 e 1925, na Bessarábia (atual Moldávia) e na Bulgária, respetivamente. Vide Anexo I, p.105.

¹³⁴ Vide Robert Johnston (2012).

¹³⁵ Vide Anexo XI.

¹³⁶ No dia 7 de agosto de 1998, múltiplos carros armadilhados explodiram junto às embaixadas dos EUA nas cidades de Nairobi e Dar-Es-Salam, capitais do Quénia e Tanzânia, respetivamente. O saldo final ditou mais de duzentos mortos.

¹³⁷ Base de Dados do Terrorismo Global.

¹³⁸ *Idem*.

Se dúvidas restassem quanto à ligação entre este aumento e a atividade dos grupos jihadistas, o número de incidentes perpetrados por determinados grupos dissipam-nas. Se restringirmos a consulta aos grupos da al-Qaeda na Península Arábica (AQPA) e à al-Qaeda no Iraque e Levante (AQI), encontramos números esclarecedores. No caso do AQPA, os ataques aumentaram drasticamente de 2009 a 2012, onde atingiram 200 ataques¹³⁹. Já o AQI mostra-se ainda mais ativo, com 300 ataques em 2012¹⁴⁰.

Por último, as mudanças na geopolítica mundial e, principalmente, no mundo islâmico, em muito contribuíram para o “reacender” da potencialidade da ameaça islamista. Para além de países do Médio Oriente e Norte de África, obviamente correlacionados com o terrorismo islamista, a primeira década deste século ficou marcada pelas Revoluções da “primavera árabe” e pelo número record de países falhados¹⁴¹. Estas realidades possibilitaram o engrossamento das fileiras jihadistas, aumento do seu poder e influência e, acima de tudo, de território (Hirsch, 2013).

Tabela V: Características dos grupos jihadistas globais

Alvos	Indiscriminados (maior impacto possível)
Objetivos	Comunicativos (intimidar, cativar, etc)
Área de atuação	Global
Violência	Total
Motivações	Ideologia; religião; política
Modo de atuação	Bombas, ataques suicidas
Recetores	Público em geral

Fonte dos dados: James Piazza (2009), p. 65; Armando Marques Guedes (2007), pp. 15-17.

¹³⁹ Vide Anexo XII.

¹⁴⁰ *Idem*.

¹⁴¹ Exemplo das sinergias constituídas pela AQIM com o grupo muçulmano Boko Haram, no Norte da Nigéria. Vide Faith Osasumwen Oviasogie (2013). “*State Failure, Terrorism and Global Security: An Appraisal of the Boko Haram Insurgency in Northern Nigeria*”.

Tendo em conta o vasto espectro de grupos, motivações e objetivos na realidade jihadista, focar-nos-emos nos grupos que se enquadram no “terrorismo islamista universal”¹⁴², isto é, grupos que compõem o sistema al-Qaeda¹⁴³. Estes grupos, para além de serem os mais ativos e destrutivos dentro do espectro jihadista¹⁴⁴ são os que dão primazia ao objetivo de atacar o Ocidente. De forma sintética, poderíamos resumir as características destes grupos às reunidas na tabela anterior.

Pelas razões expostas, e pelas particularidades da ameaça, parece clara a necessidade de estudarmos a organização, coordenação e métodos de atuação da nova estrutura jihadista global.

2.3. JIHADISMO CONTEMPORÂNEO: NOVAS ARTICULAÇÕES E MECANISMOS DE COORDENAÇÃO

No reino do terrorismo, a organização em célula única é referida como “lobo solitário” ou resistência não liderada. O terrorismo “lobo solitário” não recebe instruções diretas de uma organização central. Ao invés, ele ou ela recebe inspiração de uma ideia ou talvez de uma remota figura política subversiva¹⁴⁵ (Foster, 2006).

Atualmente estamos a ser confrontados com uma multiplicidade de ameaças não-convencionais. Estas ameaças onde se inclui o Jihadismo global, encaminham-nos para as perenes guerras de quarta geração¹⁴⁶. A esta geração pertencem os conflitos assimétricos, forma bélica que, ao contrário do confronto simétrico, implica o confronto entre um beligerante substancialmente menos poderoso que o outro, em que o mais fraco (tomando a al-Qaeda como exemplo) não visa ataque a alvos militares, mas antes almeja confrontar e atuar na própria sociedade, ao contrário das anteriores gerações, com demarcada acentuação tónica nas formas clássicas de guerra.

Ora, tal como nos refere Stefano Ruzza (2007), os conflitos assimétricos não devem ser só vistos como desequilíbrios entre forças, mas também fruto de oponentes

¹⁴² Equivalente ao nosso Jihadismo global.

¹⁴³ Tal como notou Daniel Burke (2013), 6 dos 7 grupos jihadistas mais mortais são afiliados da al-Qaeda (Burke, 2013).

¹⁴⁴ James Piazza (2009) separa os grupos jihadistas em estratégicos e grupos universais ou abstratos. As diferenças de atuação, de objetivos estratégicos e motivações levam a uma maior preponderância do número de ataques e vítimas por parte dos grupos universais (Piazza, 2009).

¹⁴⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁴⁶ De acordo com Marques Guedes (2007), a perda do monopólio da violência pelos Estados e a globalização propiciaram a emergência de conflitos assimétricos de índole étnica, nacionalista e religiosa. As guerras de quarta geração envolvem “assimetrias, global warriors e conflitos retratados como “culturais”” (Guedes, 2007: 46).

dísparos em termo de doutrina, organização e motivação, sob pena de todos os conflitos mundiais (à exceção de Guerra Fria) serem tidos como conflitos assimétricos (Ruzza, 2007: 1). O caso do Jihadismo global¹⁴⁷ preenche, como já vimos, todos os requisitos.

Como afirmámos anteriormente, a organização e os métodos de atuação da al-Qaeda e afiliados sofreram alterações nos últimos 15 anos. Da mesma forma, garantimos que a ameaça não se esbateu, muito menos se desmoronou. Pelo contrário, a al-Qaeda soube organizar-se na desorganização, atualizar-se e aprender na derrota. Voltou, mais do que nunca, com uma periculosidade iminente.

Após o sucesso dos ataques de 11 de setembro, Osama bin Laden conseguiu estabelecer o seu grupo como “hub” para o terrorismo global, e a al-Qaeda rapidamente tornou-se um ponto fulcral para uma rede de grupos terroristas ansiosos de desafiar o Ocidente¹⁴⁸ (Matthew e Shambaugh, 2005: 621).

2.3.1. O SISTEMA AL-QAEDA: ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E OPERACIONAL

O grupo al-Qaeda, entendido como expoente mais radical e violento da ameaça jihadista, sofreu um vasto conjunto de alterações forçadas após a investida militar de americanos e aliados em 2001. A sua remodelação, no que toca a definições estratégicas e organizacionais é, ainda hoje, alvo de divergências por analistas ocidentais¹⁴⁹.

Ao contrário do que muito se aclamou, a estratégia que a al-Qaeda hoje assume, em pouco difere da que se encontrava latente no pré 11 de setembro. Como nos garante Bruce Hoffman (2006), a al-Qaeda sempre encorajou uma dualidade de estruturas organizativas e operacionais, conforme os locais e as situações.

A sua estratégia pode ser repartida em quatro dimensões diferentes¹⁵⁰ (Hoffman, 2006). A primeira dimensão, de formato pré-11 de setembro, assentava numa clara

¹⁴⁷ A atuação do sistema al-Qaeda subdivide-se em insurgências e atos terroristas. Na Europa, por falta de frentes de combate abertas, promove atos terroristas vistos como “operações encobertas em espaço urbano” (Duarte, 2011: 228). Por esta razão, centram-nos-emos no último modo de atuação.

¹⁴⁸ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁴⁹ Relativamente ao planeamento estratégico, existem autores que afirmam haver uma clara definição, enquanto outros insistem em declarar a ausência de racionalidade nos atos da al-Qaeda. Já quanto à organização, uns assumem o movimento como uma organização hierárquica, outros como uma organização de *franchising* numa extensa rede e, por fim, enquanto sistema ideológico (Duarte, 2011).

¹⁵⁰ Outras alternativas de análise poderiam ser tomadas. Pathé Duarte (2012) divide o Jihadismo Global em três “centros de gravidade”: um central, correspondente à hierarquia de comando, outro periférico, que engloba os vários grupos afiliados e associados e, uma dimensão inspiradora onde, através da ideologia, a al-Qaeda consegue a radicalização de elementos estranhos à organização (Duarte, 2012).

hierarquia de comando¹⁵¹, atualmente restrita ao núcleo duro do grupo, a al-Qaeda Prime (AQP)¹⁵². Uma boa parte da velha liderança da al-Qaeda, incluindo o seu principal representante, bin Laden, foi eliminada no decorrer da ofensiva aliada pós 11 de setembro. Ainda assim, o que resta do grupo central (AQP) fixo na fronteira que medeia Afeganistão do Paquistão, mantém-se nesta configuração tipicamente *top down*. A cadeia de comando central, ainda que não chefie diretamente, continua a exercer controlo nos operativos e a planear as operações, numa base de *franchising* (Duarte, 2012: 227). Exemplos claros de ataques coordenados nesta tipologia organizacional terão sido os ataques às embaixadas na África Oriental em 1998 e os ataques de 11 de setembro.

A segunda categoria engloba os grupos terroristas afiliados ou associados à al-Qaeda¹⁵³. Em virtude da publicidade gerada pelo grupo jihadista global, estes grupos têm procurado associar-se ou, pelo menos, criar laços mais estreitos. Enquanto estes grupos ganhavam apoio material, financeiro ou publicitário, a al-Qaeda assimilava as causas locais destes grupos para a sua própria agenda global, esperando canalizar cada vez mais aliados à sua causa e construir uma agenda jihadista única sob a sua orientação.

A terceira subestrutura abrange células locais, com ligação direta ou indireta ao grupo central al-Qaeda. Estas células são compostas por dois tipos de adeptos da ideologia do grupo. Uns são antigos operacionais jihadistas, tendo estado presentes nas *jihad* da década de noventa ou, mais recentemente, em campos de treino no Médio Oriente ou África Oriental. Outros não possuem qualquer tipo de experiência no meio terrorista, sendo normalmente recrutados e radicalizados em solo europeu. A célula vai sendo construída localmente, sendo que a ligação mais ou menos próxima com algum membro do comando mais central da al-Qaeda ditará a maior ou menor autonomia de ação.

Por fim, uma quarta e última dimensão que, ao contrário da terceira dimensão da al-Qaeda, é constituída por indivíduos sem qualquer ligação direta ao aparelho central da al-Qaeda. Estes elementos são fruto de um recrutamento e radicalização interna, nos países ocidentais, agindo por via de influência da ideologia do grupo (Hoffman, 2006).

É por esta última via que a al-Qaeda, associada à ação dissimulada de outros grupos *dawah* que recrutam, radicalizam e doutrina indivíduos na causa islamista, tem vindo a assolar o continente europeu com as chamadas *self-starters cells* e o *homegrown terrorism* (Precht, 2007). Estas células, quer estejam ativas ou em estado latente, até que o momento de ação oportuna surja, atuam enquanto elos numa *scale free network* do Sistema-al-Qaeda (SAQ), como prontamente passaremos a explicar.

¹⁵¹ Neste sentido, confira-se Anexo XIII.

¹⁵² Vide Anexo VIII.

¹⁵³ Vide Anexo XIV.

2.3.2. A *SCALE FREE NETWORK* GLOBAL DO SISTEMA AL-QAEDA: O CENTRO DE GRAVIDADE IDEOLÓGICO

Os ataques de 11 de setembro chocaram o mundo livre e abalaram, por breves momentos, os alicerces estruturais da principal potência planetária, os EUA. Contudo, deixaram também marcas profundas naquilo que seriam os desenvolvimentos do SAQ.

A resposta ocidental aos atos declaradamente bárbaros de 2001 reduziu o santuário ideológico e base operacional do maior grupo jihadista (e terrorista) do mundo, a um mero espectro do tão aclamado Estado islâmico do Afeganistão. Sem campos de treino e com a sua cadeia de comando em permanente fuga, o SAQ viu-se obrigado a uma assumida reorganização da sua estrutura organizacional e operacional.

Aprendendo com os erros do passado, a remodelação liderada pelos ideais de Abu Musab al-Suri, impulsionou a troca dos moldes organizacionais assentes numa hierarquia fixa por um sistema ideológico e descentralizado, um “terrorismo individual” (Lia, 2006). Aos dois “centros de gravidade”¹⁵⁴ do SAQ, isto é, as nossas duas primeiras subestruturas, juntou-se um terceiro, o “centro de gravidade ideológico”¹⁵⁵ (Duarte, 2012: 229-231). Nesta fase, a estratégia jihadista passa por uma difusão ideológica por via das novas tecnologias comunicacionais, essencialmente pela *Internet*. Esta “direção” ideológica torna-se inspiracional para indivíduos que, sem qualquer relação entre si, vão reproduzir atos terroristas nos moldes do SAQ.

De facto, nesta fase já não encontramos a dependência funcional e organizacional que encontrávamos nas duas primeiras subestruturas. Agora temos uma estratégia jihadista que se concentra numa estratégia de *open source* ideológica¹⁵⁶. Por outras palavras, difunde os seus ideais *online*, concedendo máxima liberdade tática e técnica a todos os que queiram participar nos seus objetivos de *jihad*. Entre o centro de comando do SAQ e os novos recrutas existe apenas uma “identidade coletiva mobilizadora que, mesmo não partilhando a totalidade ideológica, emerge tipo comunidade epistémica “contra-hegemónica virtual” (Duarte, 2012: 327).

Ao aplicarmos a teoria das redes sociais entende-se a mudança que se operou no meio jihadista. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) vieram revolucionar por completo a forma organizacional das sociedades desenvolvidas.

¹⁵⁴ Conceito criado por Carl Von Clausewitz (2008). Em alemão, *Schwerpunkt*, significa “foco de esforço”. Assim, o *Schwerpunkt* corresponderia ao foco do esforço militar num ponto visto como fulcral para a estabilidade do adversário, neutralizando-o, alcançando assim rápido e eficazmente o sucesso final (Clausewitz, 2008: 428-432).

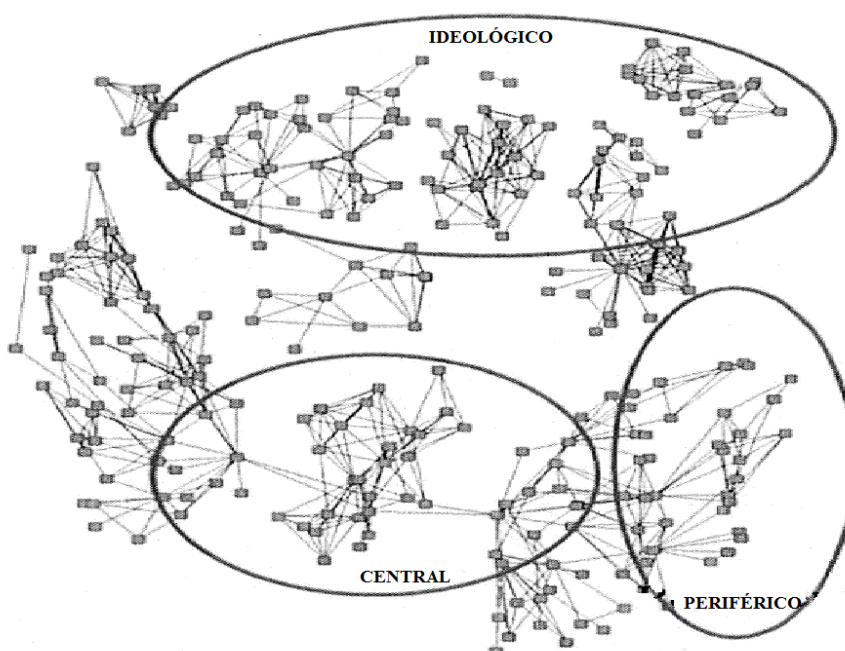
¹⁵⁵ Engloba as duas últimas subestruturas apresentadas do SAQ.

¹⁵⁶ De acordo com o conceito de *open-source warfare* de John Robb (2007). Esta nova forma de subversão assenta num princípio de liberalização do recrutamento. Longe do nível de aprimoração técnica de membros jihadista de grupos terroristas do SAQ, este novo tipo de ação subversiva vence pela amplitude e dimensão que atinge.

Porquanto a organização social em rede não seja novidade, as NTIC deram as ferramentas para a sua transformação e mutação numa rede global, complexamente interligada. Onde antes existia um predomínio de estruturas organizacionais verticais, existe agora uma clara predominância horizontal (Castells, 2005).

É neste espírito de acompanhamento das dinâmicas sociais que o SAQ e grupos aliados se inserem, incorporando estas formas de organização e atuação como suas em ambientes hostis, como é o caso da Europa. Não pretendendo aprofundar a temática, importa esquematizar como os jihadistas e futuros membros se estruturam, trocam informações, aprendem e relacionam-se em rede.

Tabela VI: Os três “Centros de Gravidade do SAQ”



Fonte: Scott Helfstein e Dominick Wright (2011), p. 370.

Ao aplicarmos a teoria das redes sociais ao SAQ, mais facilmente depreendemos a sua estrutura terrorista. Ou seja, dependendo da sua força de associação ao grupo central al-Qaeda, podemos dividir o SAQ em três dimensões celulares, conforme se encontram na primeira subestrutura (central), segunda subestrutura (periférica) ou terceira subestrutura (movimento), tal como apresentado em tabela.

As células de ligações fortes ao *core*, como a que originou os ataques de 11 de setembro¹⁵⁷, caracterizam-se pela participação ativa de membros centrais no desenrolar dos ataques. Células com ligações fracas são normalmente afiliadas do grupo central, que de uma forma ou outra têm membros na sua constituição com relacionamento às

¹⁵⁷ Neste sentido, consulte-se o Anexo XV.

lideranças centrais da al-Qaeda. Por último, e por influência da dimensão ideológica do SAQ, existem células que não possuem qualquer relação às lideranças centrais do grupo ou periféricas, mas que perpetuam atos em nome da ideologia jihadista (Helfstein e Wright, 2011).

O SAQ enquadra-se numa *scale free network*, que mais não é do que uma “rede sem escala”, em que uma minoria dos membros estão altamente conectados (Guedes, 2007: 55) e a larga maioria varia de poucas a nenhuma conexão. Este tipo de rede enquadra-se na tipologia de *small worlds*, isto é, tipo de redes tipicamente “pequenas e densas, em que a maioria dos nodos são vizinhos uns dos outros, e nas quais as ligações entre quaisquer um deles pode ser efetuada por uma curta série de “saltos”, ou “passos”, seis ou sete por norma” (Guedes, 2007: 59).

O sentimento de pertença, garantido pela dimensão ideológica, congrega na sua órbita um vasto conjunto de indivíduos doutrinados num regime celular. Estas células são formadas por indivíduos que se constituem enquanto “nós” na rede virtual, numa relação social informal. Ainda que alguns possam ter ligações a membros de outras células, ou mesmo a membros de grupos que compõem o SAQ, a maioria destes “nós” só se relacionam numa dimensão intracelular, sendo que ainda haja aqueles que não conheçam rigorosamente qualquer elemento.

Conforme podemos notar na matriz desenvolvida por Valdis Krebs (2002), aquando do planeamento e execução do ataque de 11 de setembro, a relação entre os vários membros é multiforme, desde membros centrais como Mohammed Atta¹⁵⁸, com mais de dez ligações, a membros que praticamente não tiveram ligações no desenrolar do planeamento do ataque, numa típica *scale free network*. Membros da mesma célula poderiam conhecer-se mas poucos teriam contacto com elementos fora da sua rede imediata.

Esta tendência explica-se pela estrutura “resistência sem líder” (Sageman, 2004). Não existe uma liderança centralizada ou vertical, ou sequer relações horizontais, excetuando as que sejam obrigatoriamente necessárias. Através destas células muito particulares, as chamadas “redes encobertas” (Guedes, 2007: 73), promovia-se a discrição e informalidade dos operacionais dentro dos Estados fortemente centralizados e hierarquizados. A liderança deste tipo de estrutura, de carácter inspiracional assenta numa “liderança simbólica”¹⁵⁹ ou *symbolic figureheads* (Beam, 1992). As diretrizes gerais emanadas por este tipo de liderança são depois colocadas na *Internet* onde ficarão disponíveis em qualquer lugar do mundo e para qualquer pessoa. Por via da inspiração ou

¹⁵⁸ De alguma forma “líder” da assombrosa coordenação do atentado de 11 de setembro.

¹⁵⁹ Estes “líderes” tendem para o simbolismo “porque selecionam para os seus “seguidores” tanto alvos quanto objetivos e finalidades genéricas, mas nunca descem nem à determinação, nem à gestão, nem à execução de quaisquer planos operacionais” (Guedes, 2007: 281).

mimetismo, assegurava-se a efetivação não de ataques destrutivos ao jeito do 11 de setembro, mas de ataques mais simples, frequentes e difíceis de prevenir em sociedades centralizadas como os Estados europeus.

Se, por um lado, a escassez de conexões entre os vários membros prejudicou as facilidades operacionais do SAQ, por outro lado, garantiu-lhes maior segurança. O SAQ tinha substituído eficiência por informalidade. Aliás, a substância desta nova configuração, representada nos ataques em Bali, Casablanca, Istambul, Madrid e Londres, consubstancia-se, em parte, pelo seu secretismo, tornando-a menos detetável pelas Forças e Serviços de Segurança (FSS), o que aumenta naturalmente a sua imprevisibilidade e perigo.

As novas técnicas de comunicação, essencialmente a *internet*, forneceram as ferramentas de planeamento estratégico, tornando as células autónomas do poder central. A iniciativa operacional pertencia a cada célula. A velha liderança da al-Qaeda como Azzam, bin Laden, Zawahiri e mesmo al-Suri podem ter providenciado a ideologia mas são as relações humanas que sustentam a rede terrorista. “Teríamos então como que uma subversão global sem liderança, sem estrutura fixa e sem cadeia de comando” (Duarte, 2011: 235).

3. EURÁBIA¹⁶⁰: MITO OU REALIDADE? O ISLAMISMO RADICAL NO CONTINENTE EUROPEU

O século XX pode ser visto como tendo sido dominado pelas lutas sobre a cor, com os não brancos resistindo à dominação dos brancos. Os primeiros anos do século XXI sugerem que lutas similares entre não muçulmanos e muçulmanos possam vir a definir a nossa Era (Modood, 2005: 209).

Em 1648, dois tratados assinados em cidades germânicas, Münster e Osnabrück, assinalavam o fim da Guerra dos 30 anos e o início do moderno sistema político internacional, fundado no princípio da soberania estatal, o Estado-Nação. A Paz de Westphalia, como ficou conhecida, acabava de singrar o ator estatal como legítimo soberano na ordem internacional, monopolizador de todos os poderes.

As guerras de quarta geração, lutas assimétricas e de subversão¹⁶¹ por excelência, apoiadas pelo enfraquecimento estatal preconizado pela globalização, transferiram setores-chave do poder central, como o caso do uso legítimo da violência, para os atores não-estatais. É desta forma que devemos encarar o SAQ como “fórmula (político-religiosa) que usa a conquista de poder, através da corrosão subversiva do poder formal e na maior parte das vezes utilizando a violência” (Duarte, 2011: 227). Para atingir os seus objetivos, conforme a sua área de atuação, reparte-se em duas estratégias distintas: a insurgência ou o terrorismo¹⁶².

Em locais com frentes jihadistas globais claramente delineadas, como é tipicamente o caso de países do Médio Oriente, nomeadamente, Afeganistão, Iraque e, mais recentemente, Síria, o facto de ainda existir uma ligação entre os métodos violentos empregues e o apoio da população, o SAQ assume a forma de movimento social¹⁶³ e

¹⁶⁰ Conceito definido por Bat Ye'or (2005). Nos seus livros, a escritora judaica de origem egípcia, descreve a “Eurábia” como o resultado de uma lenta e progressiva conquista islâmica da Europa. Não havendo possibilidade para aprofundar o assunto, as perseguições e massacres de minorias cristãs (*dhimmi*) em países islâmicos estão claramente expostos no caso sudanês, de arménios na Turquia, de assírios no Iraque, de cristãos na Síria ou coptas no Egito. Vide Bat Ye'or, (2005), *Eurabia: The Euro-Arab Axis*.

¹⁶¹ Aplicamos a definição de subversão de Raymond Aron (2003) que a traduz num “incitamento das massas contra os seus governos, pela provocação ou exploração de motins, rebeliões ou revoltas, de forma a enfraquecer os Estados rivais” (Aron, 2003: 525). Para tal, seria necessário que se verificasse uma insatisfação genérica da população e uma vontade de revolta por parte das minorias.

¹⁶² Vide Anexo VII.

¹⁶³ De acordo com Wieviorka (1988), o terrorismo não é um fenómeno desligado da realidade social. Tendo em conta o maior ou menor uso da violência, a sua ligação com os movimentos sociais variará. Se ainda conservarem apoio populacional, o grupo enquadrar-se-á num “movimento social”. Por outro lado, se se já perdeu por completo a proximidade com a população e a ideologia inicial, o grupo encarna num “movimento terrorista”. Quando o mesmo grupo se enquadra nas duas tipologias, encaixa-se num nível intermédio, o “antimovimento social” (Wieviorka, 1988: 3-24), como é o caso do SAQ.

persegue objetivos mais claros e tangíveis no que toca à tomada de poder e consequente criação de Estados islâmicos.

Por outro lado, em zonas hostis à ideologia, como é o caso da Europa, o SAQ transforma-se num puro movimento terrorista, levando a cabo atos de terrorismo ou “operações encobertas em solo urbano” (Duarte, 2011: 228).

Associada a esta estratégia terrorista da facção jihadista do SAQ, a vertente *dawah* compromete-se a criar novas linhas de combate no seio das sociedades europeias por meio de recrutamento e radicalização das comunidades islâmicas sedeadas no continente europeu. Desta forma, podemos encarar o SAQ enquanto “antimovimento social” (Wieviorka, 1988: 3-24). Impõe-se uma análise à forma como os indivíduos em solo europeu são “convocados” nesta demanda pela *jihad* global.

3.1. O ISLAMISMO EUROPEU *DAWAH*: CAMINHOS PARA O TERRORISMO

Conforme evidenciámos ao longo do trabalho, a ideologia islamista não é homogénea e, no que toca às suas manifestações em solo europeu, isso ainda mais evidente se torna. No primeiro capítulo, separámos a ideologia em dois grandes blocos: islamismo moderado e islamismo radical. Desses, centrámo-nos no islamismo radical e separámo-lo entre grupos *dawah* e grupos *jihad*. Ao passo que o Jihadismo, neste caso global, se encontra firmemente apontado como uma ameaça à civilização ocidental, os grupos *dawah* englobam grupos, indivíduos e instituições que, sob uma capa de ilusão, se apresentam como apologistas dos princípios democráticos e livres do mundo ocidental.

Muitos Estados e académicos europeus apelidam-nos de moderados, já que não estão referenciados como violentos e, algumas vezes, demonstram desagrado por atitudes mais radicais de grupos jihadistas. Na verdade, são estes que muitas vezes, instigam e apelam à rejeição dos valores e princípios das sociedades europeias por parte dos muçulmanos, normalmente em diásporas sedeadas em Estados europeus. Neste sentido vão destruindo de forma progressiva os alicerces em que assentam as sociedades livres, corroendo-as por dentro, e incitando a uma cada vez maior distanciação entre muçulmanos e europeus.

Foi a partir de inícios da década de noventa que a vaga de islamistas começou a chegar à Europa. A Grã-Bretanha, e mais propriamente a área metropolitana de Londres, tornou-se no palco mais visível desta tendência. Por responsabilidade dos próprios

muçulmanos mas também por culpa dos governos europeus¹⁶⁴, verdadeiros “guetos” islâmicos começaram a formar-se nos subúrbios de grandes cidades europeias, como Paris, Londres, Berlim, Estocolmo, Marselha ou Amesterdão. Aqui desenvolvia-se um tipo de “terrorismo social” (Paz, 2005).

Os muçulmanos eram doutrinados numa exclusão social perante as sociedades europeias, influenciados ou coagidos por islamistas radicais. Através de redes de ensino próprias, construção de mesquitas, atribuição de generosos subsídios e outras regalias sociais, o ambiente tornava-se, cada vez mais, adverso a estrangeiros (próprios europeus), hostil a tudo o que não fosse de acordo com as normas idealizadas pela ideologia islamista¹⁶⁵ (Phillips, 2008). São verdadeiros “Estados islâmicos não-territoriais” na Europa (Paz, 2005), onde a soberania pertence apenas à lei islâmica e a Deus.

Por outro lado, nas liberdades de expressão e ação europeias os pregadores radicais apelam abertamente, seja pela *Internet*, por televisão, pelo rádio ou diretamente nas mesquitas e comunidades, à adesão de muçulmanos aos quadros jihadistas, para eventuais ataques terroristas na Europa.

Estes jovens de segunda e terceira gerações, não se imiscuem nas sociedades europeias, rejeitando os seus valores, mas também não abraçam o Islão dos seus pais, mas sim uma mutação, uma doutrina religiosa a-histórica e a-cultural. Como tal, este é um “Islamismo europeu”, focado não apenas na salvação dos povos muçulmanos mas na criação da comunidade islâmica global, a *Umma* (Sageman, 2004).

Embora não praticando a violência, grupos islamistas políticos como a IM, *Hizb Ut-Tahrir*, *Jama’at i-Islami*¹⁶⁶ ou grupos islamistas missionários como o *Tablighi Jama’at*¹⁶⁷ promovem ou efetivamente procuram recrutar jovens “muçulmanos sociológicos”¹⁶⁸ para a *jihad* internacional ou mesmo doméstica, como foi o caso de Richard Reid e membros da célula de Leeds¹⁶⁹.

Tendo em conta os ataques de 7 de julho, de 11 de março, os bárbaros assassinatos de Theo Van Gogh e Lee Rigby, os assassinatos de judeus em França em

¹⁶⁴ Tal como Phillips (2008) corretamente referiu, o *establishment* europeu, por receio de ser apelidado de islamofóbico ou racista, preteriu a prevenção da expansão deste problema social a uma atitude politicamente correta (Phillips, 2008).

¹⁶⁵ Um exemplo desta situação encontra-se na versão da polícia religiosa saudita das *Muslim Patrols* na Grã-Bretanha, criadas por um conhecido pregador islamista radical, Anjem Choudary. Em zonas maioritariamente compostas por muçulmanos, estes jovens patrulhavam as ruas, agredindo e insultando todos os que não respeitassem a *Shariah*. Neste sentido, vide Anexo XVI.

¹⁶⁶ Neste sentido, veja-se o Anexo VIII.

¹⁶⁷ Visto como grupo estritamente proselitista e tolerante, o *Tablighi* é quicá a maior alavanca do recrutamento jihadista na Europa. Só em jeito de amostra, em 2002, o *Le Monde Diplomatique* indicava que 80% dos extremistas presentes em França teriam sido radicalizados fruto das ações do *Tablighi Jama’at*, a “antecâmara do fundamentalismo” (Le Monde in Alexiev, 2005). Havendo curiosidade, aconselha-se a leitura de Alex Alexiev (2005) “*Tablighi Jama’at: Jihad’s Stealthy Legions*”.

¹⁶⁸ Todos aqueles que descendam de pais muçulmanos, invariavelmente do seu grau de convicção religiosa (Fernandes, 2006: 15).

¹⁶⁹ As mesquitas que contribuíram para a radicalização de elementos da célula de Leeds faziam parte do quartel-general do grupo *Tablighi Jama’at* (Laville, 2006). Neste sentido, vide Anexo XVII.

2012, os distúrbios nas metrópoles de Paris e Londres e outras tantas dezenas de atentados falhados, é difícil compreender que a Europa tenha permitido e continue a compactuar com clérigos e políticos islamistas radicais exilados e imigrados que fomentam e incentivam as hordas jihadistas.

3.2. O PROCESSO DE RADICALIZAÇÃO ISLAMISTA NA EUROPA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE

Numa época em que a Igreja perde influência num mundo cada vez mais secular, o Islão parece ser a exceção à regra. O Cristianismo, religião predominante na Europa perde lugar não só para o mundo secular, mas também para a rápida expansão do Islão. Os seus números, impulsionados não só pela imigração mas também pela recorrente e popularizada conversão de europeus, atingiu praticamente os 6% do total populacional do “velho continente” e 25% do total mundial em 2010¹⁷⁰ (Kettani, 2010: 154). Apesar de não deixar de ser uma aproximação daqueles que serão os números reais, por defeito ou excesso, como podemos aferir, o Islão encontra-se bem representado na Europa, sendo certo que continua em clara expansão, ou não fossem estas comunidades na sua maioria jovens, ao contrário do que se sucede com os países europeus envelhecidos¹⁷¹ e com taxas de natalidade inferiores ao mínimo necessário para a renovação de gerações¹⁷².

O cenário populacional europeu tenderá, cada vez mais e se não for invertida a tendência, a perder população autóctone que, por sua vez, irá ser reposta por comunidades imigrantes. Uma boa parte dessa reposição provirá de países islâmicos, claramente a exceção, tanto no decréscimo populacional como no consequente envelhecimento¹⁷³. Tendo em conta os indicadores demográficos de muçulmanos na Europa e perspectivas futuras, a ameaça parece, cada vez mais, uma realidade a projetar.

O processo de radicalização é, como qualquer outro movimento social, de difícil explicação. No que concerne a radicalização islamista no espaço europeu, isso é tanto mais verdade. As razões catalisadoras deste fenómeno são variadas e diferem de indivíduo para indivíduo. A radicalização, entendida como “crescente disponibilização para perseguir e suportar – se necessário por meios não-democráticos – mudanças de

¹⁷⁰ Vide Anexo XVIII.

¹⁷¹ Estima-se que em 2050, os únicos países que poderão registar uma certa resistência ao fenómeno de envelhecimento populacional, serão países africanos e do Médio Oriente. Neste seguimento, consulte-se o *Institut National d'Études Démographiques* (2010).

¹⁷² É necessário uma média de 2,1 filhos por casal para se assegurar a renovação de gerações (Leão *et al.*, 2011: 21).

¹⁷³ Vide gráfico I e quadro II in Anexo XVIII. No gráfico I, apesar de notarmos um ligeiro aumento populacional em quatro países europeus, na França e Holanda, à semelhança da maioria dos países europeus, este dever-se-á à contínua receção de imigrantes, conforme se percebe pelo quadro II.

longo alcance em sociedade que entram em conflito com a ordem democrática”¹⁷⁴ (AIVD, 2006: 14), e a etapa de recrutamento, isto é, “ponte entre a convicção pessoal e o ativismo violento”¹⁷⁵ (Taarnby, 2005: 6) não se encontram dissociadas, pelo que para percebermos o fenómeno do JNA teremos de estudar os fatores de radicalização. Desta forma, não se trata de uma decisão individual mas de um longo processo de maturação composto por quatro fases, a *pré-radicalização*, *autoidentificação*, *doutrinação* e *jihadização*¹⁷⁶ (Sageman, 2004: 91; Silber e Bhatt, 2007: 6; Precht, 2007: 33;).

Esta divisão serve-nos mais como guia, uma vez que não existe uma clara separação entre fases, sendo que o indivíduo tanto pode seguir o processo desta forma sequencial como passar fases. Para acentuar esta dificuldade, para além dos tempos variáveis que medeiam entre a radicalização e a jihadização, apenas uma minoria acaba efetivamente por se tornar terrorista.

Contudo, existe efetivamente uma fase de mudança individual que, sendo reforçada por fatores internos e externos, culmina na prática de ações violentas, normalmente fruto da socialização com pessoas que partilham os mesmos valores, interesses e ideais. Neste sentido, passaremos a explicar as diferentes etapas do processo de radicalização com exemplos reais que nos permitam garantir uma ligação teórico-prática do fenómeno. Para tal, utilizaremos a célula de Madrid, a célula de Hofstad e a célula de Leeds¹⁷⁷ sempre com base no relatório de Mitchell Silber e Arvin Bhatt do *New York Police Department* (2007).

3.3. AS QUATRO FASES DE RADICALIZAÇÃO ISLAMISTA NA EUROPA

A pré-radicalização reparte-se em duas categorias: antecedentes e locais de congregação¹⁷⁸. Por um lado, refere-se à vida dos indivíduos antes da radicalização se operar. Por outro, enumera os locais potenciadores de uma futura radicalização. Embora não haja um perfil psicológico que se possa asserir constituir forte candidato, conforme reunimos na tabela que se apresenta, há uma vasta gama de fatores demográficos, sociais e psicológicos que tornam um indivíduo garantidamente mais vulnerável à ideologia islamista.

¹⁷⁴ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁷⁵ *Idem.*

¹⁷⁶ *Vide* Anexo XIX.

¹⁷⁷ Utilizámos o modelo de Thomas Precht (2007) no que toca aos processos de radicalização (Anexo XIX) por nos parecer de mais fácil compreensão. No que toca à análise das células selecionadas (Anexo XVII), recorreremos ao esquema adotado por Mitchell Silber e Arvin Bhatt (2007) por nos facilitar a ligação teórico-prática que queremos imprimir.

¹⁷⁸ *Vide* Anexo XIX.

Tabela VII: Fatores potenciadores de radicalização islamista em muçulmanos

Candidatos	
Idade	15-35 anos
Classe social	Classe média
Geração	Segunda e terceira gerações
Profissão	Estudante bem-sucedido ou desempregado
Estado Psicológico	Frustrado, aborrecido
Situação Criminal	Pequenos delitos, liberdade condicional
Ambiente	
Aspeto demográfico	Comunidades “guetos” islâmicas nas periferias das cidades europeias

Fonte dos dados: Mitchell D. Silber e Arvin Bhatt (2007).

Dos três casos que exortámos, todos eles apresentavam características similares¹⁷⁹, tendo procurado por via da socialização outras pessoas que sentissem o mesmo apelo. Um pouco à semelhança das causas que definimos anteriormente para a evolução da radicalização do movimento islamista¹⁸⁰, fatores internos e externos muito similares estão na base da radicalização de muçulmanos na Europa.

No que diz respeito aos fatores internos, podemos enumerar a falta de diálogo interpares nas diásporas islâmicas europeias no que toca à interpretação corânica¹⁸¹; as condições socioeconómicas que por si só, são potenciadoras da marginalização, alienação e entrada no mundo do crime; e, por último, a presença de *a'imma*¹⁸² radicais em solo europeu, financiados por países como a Arábia Saudita (Precht, 2007).

No que remete para fatores externos, estes reportam-se às intervenções militares do Ocidente em terras islâmicas e à condução da política externa dos países europeus, mais concretamente no que toca às políticas de segurança e defesa. Devido ao forte sentimento de identificação que estas comunidades ainda nutrem pelas suas origens, os fatores externos são fortes impulsionadores do processo de radicalização. Os massacres na Bósnia, as causas chechenas e palestinianas, o conflito em Cachemira e as invasões do Afeganistão e do Iraque têm perdurado no mundo islâmico.

A radicalização pode começar a qualquer altura e em qualquer local. Porém, existem locais que se figuram como substancialmente potenciadores de radicalismo, tais como são as mesquitas, as prisões, as escolas, as universidades, a televisão, a *Internet*, clubes de juventude, o local de trabalho, atividades desportivas, cafés, etc (Precht, 2007; Silber e Bhatt: 2007).

¹⁷⁹ Neste sentido, consulte-se Anexo XVII.

¹⁸⁰ Vide Anexo IV.

¹⁸¹ Principalmente na comunidade sunita, como também já tinha sido frisado.

¹⁸² Plural de *imam*.

Contudo, os *media* tornaram-se um importante campo de batalha ideológico, funcionando como forma de radicalização, comunicação e informação no meio jihadista. A estratégia islamista tem evoluído ao longo dos tempos, desde a publicação em papel, passando pela televisão até à *Internet*.

Em inícios do século XX, a principal fonte de propaganda e publicidade dos ideais islamistas advinha das impressões em série de livros e revistas. Numa primeira fase, ideólogos como Mawdudi, Qutb, Farag, Azzam ou Zawahiri publicaram livros que se tornaram “verdadeiras bíblias da identidade islamista”. Durante a *jihad* afegã, surge uma segunda vaga de publicações desta vez em formato de revistas periódicas, como foi o caso da *al-Jihad*¹⁸³. Diretamente da Europa surgia também a *al-Ansar*, produzida no Reino Unido, dirigida por Abu Qatada¹⁸⁴ e onde al-Suri escrevia regularmente¹⁸⁵. Atualmente encontramos várias revistas também acessíveis *online*, como é o caso da *Inspire*¹⁸⁶ ou a *al-Khansa*¹⁸⁷.

Em inícios do século XXI, a estratégia do Conselho de Informação¹⁸⁸ da al-Qaeda foca-se nas NTIC como principal meio de veiculação doutrinal e ideológico, criando para o efeito várias entidades jihadistas focadas na disseminação da ideologia como a companhia multinacional *al-Sahab* (“Nuvens”), a Frente Global Islâmica para os Media (FGIM), em 2001, e o Centro para os Media *al-Fajr*, em 2006¹⁸⁹ (Rogan, 2007). Da mesma forma, os canais de televisão por satélite como a *al-Jazeera* ou o canal oficial do *Hezbollah al-Manar* facilitaram a propagação da mensagem jihadista a um público mais alargado (Precht, 2007).

Desta forma, as NTIC tornaram-se ferramentas indispensáveis da ação jihadista global. Para além de servirem como veículo da ideologia que é usada para a influência de muçulmanos e não-muçulmanos nas sociedades ocidentais, também desempenham um papel fundamental nas fases seguintes do processo de radicalização. São bastante eficazes no que reporta à intimidação, legitimação, e enquanto local de socialização e campo de treino para os futuros terroristas, providenciando o *know-how* tão necessário para elaboração de atos terroristas.

¹⁸³ Fundada em 1984 pelas mãos de Abdullah Azzam. Tinha como principal objetivo a estimulação do esforço da *jihad* afegã.

¹⁸⁴ Neste sentido, consulte-se Anexo XVI.

¹⁸⁵ Foi fundada em meados da década de 1990, a revista promovia a *jihad* argelina e exaltava o esforço jihadista.

¹⁸⁶ A primeira edição data de junho de 2010. Visa atingir as suas audiências nos países ocidentais, influenciando-os no processo de radicalização.

¹⁸⁷ Formada em 2004, pretende ensinar mulheres casadas com jihadistas a reconciliar a vida familiar com as missões radicais dos maridos. Tipicamente o caso de Samantha Lewthwaite, vide Anexo XVII.

¹⁸⁸ Apelidado por *Abu Reuters*, era o conselho responsável pelo tratamento da informação dos *media* ocidentais e árabes. Vide Anexo XIII.

¹⁸⁹ Conhecida pela sofisticação tecnológica e de filmagem, estes distribuidores *online* promovem a publicação de feitos jihadistas, elaboram e distribuem documentários sobre a missão dos *mujahidin* disponíveis em várias línguas. Para mais detalhes, aconselha-se a leitura do trabalho de Hanna Rogan (2007), pp. 48-67.

De entre os locais suscetíveis de influenciar no processo de radicalização no Ocidente, as mesquitas constituíam um dos maiores focos de preocupação das autoridades. Efetivamente, até ao 11 de setembro, parte da estratégia de conversão e radicalização islamista passava por aqui.

O caso mais célebre neste aspeto é a mesquita de *Finsbury Park*, em Londres. Inaugurada há vinte anos numa cerimónia presidida pelo Príncipe Carlos de Inglaterra, era vista como símbolo do multiculturalismo britânico. Poucos anos mais tarde, após os ataques a Nova Iorque e a Washington, provou-se o que se temia. Ao invés de representar “uma ponte entre duas civilizações”, a mesquita tornou-se uma verdadeira incubadora de jihadistas sob a orientação de *a'ïmma* radicais como Abu Hamza e Abu Qatada, muitas das vezes patrocinados e financiados por países islâmicos como a Arábia Saudita. Estima-se que 35 detidos em Guantánamo tenham passado nesta mesquita do norte de Londres¹⁹⁰ (Swinford, 2011).

Por outro lado, pela elevada percentagem de muçulmanos na população prisional de alguns países europeus, e tanto mais pelo perigo de conversão de não-muçulmanos, as prisões devem ser estudadas como possíveis formadoras de recrutas jihadistas¹⁹¹. Como facilmente se depreende, os estabelecimentos prisionais têm um longo historial de radicalização de reclusos e, como não podia deixar de ser, constitui-se também como norma no caso islamista¹⁹². O meio fechado e hostil providencia uma vontade de pertença e identificação por parte do indivíduo, tanto numa ótica de proteção como de sanidade mental.

Embora a religião sirva como motivação e apoio a reclusos que pretendem superar um momento difícil e reconstruir as suas vidas, e apesar de não se estabelecer nestes casos uma relação direta (Precht, 2007), a verdade é que existem relatórios como o de Bakker (2006) que comprovam uma clara propensão para a radicalização de futuros jihadistas na prisão¹⁹³.

¹⁹⁰ Richard Reid, um dos autores da tentativa de detonação de uma bomba escondida nos sapatos durante o voo 63 que fazia a ligação Paris-Miami, foi radicalizado em *Finsbury Park*. Outros exemplos serão os dos autores do atentado de 11 de março de 2004 que, numa fase de autoidentificação, terão socializado e ganho força entre islamistas conceituados na mesquita “M-30” em Madrid, ou o de Mohammed Game, radicalizado na mesquita de *Viale Jenner*, e responsável pela tentativa de ataque suicida em outubro de 2009 a um quartel do exército italiano em Milão. Vide Anexo X.

¹⁹¹ Em 2013, no Reino Unido, pouco mais de 13% dos reclusos professam a religião islâmica (Berman e Dar, 2013: 11), enquanto em 2008 a França registava valores astronómicos na casa dos 60 a 70% do total (Moore, 2008).

¹⁹² Casos como o de Sayyid Qutb e de al-Zawahiri. O egípcio escreveu o famoso *Milestones* quando se encontrava aprisionado no Egito, enquanto o seu conterrâneo utilizou a sua passagem por uma prisão na Jordânia para recrutar seguidores (HSPI/CIAG: 2006). Outros casos mais recentes incluiriam Aiman Joud, Hany Taha e Fadal Sayadi, três dos sete suspeitos da tentativa de perpetuarem ataques bombistas em Sidney e Melbourne em 2005 (Silber e Bhatt, 2007: 29).

¹⁹³ Dos 246 jihadistas europeus analisado pelo autor, uma clara maioria tinha sido radicalizados na sua passagem por prisões europeias (Bakker, 2006).

Para além da mesquita e da prisão, outros locais apresentam-se como facilitadores no processo de radicalização. São, na sua maioria, ginásios, clubes de juventude, locais de trabalho e cafés, os quais se apresentam como locais preferencialmente frequentados por recrutadores e por jovens que procuram socializar com outros de mentalidades semelhantes (Precht, 2007).

No caso das universidades, o historial de radicalização já não é tão recente. Na Europa, os casos de jihadistas radicalizados domesticamente ou de terroristas que frequentaram universidades europeias ascendem às dezenas, desde os atentados de 11 de setembro, salientando-se Zacarias Moussaoui¹⁹⁴, Omar Sheikh¹⁹⁵, Saajid Badat¹⁹⁶, Mohammed Siddique Khan e Shehzad Tanweer¹⁹⁷, Sarhane bem Abdelmajid Fakhret, Basel Ghayoun e Anghar Fouad el Morabit¹⁹⁸, Taimour Abdulwahab al-Abdaly¹⁹⁹ ou Umar Farouk Abdulmutallab²⁰⁰. No que concerne a ginásios, casas privadas e cafés, estes sítios têm vindo a substituir anteriores locais de congregação, como era o caso das mesquitas²⁰¹. Tal facto deve-se a uma vigilância policial mais apertada e também a um maior sentimento de insegurança daí decorrente por parte dos aspirantes a jihadistas.

Deste modo podemos concluir que as causas e locais de radicalização são variáveis mas tendem a centrar-se nos sítios acima mencionados. Tal como podemos observar nos casos das células de Madrid, de Hofstad e na célula de Leeds, numa determinada fase, todas gravitaram as suas ações e planeamentos em torno de um local dos acima referidos. Numa fase de autoidentificação, todos eles procuraram ganhar motivação e conselhos numa mesquita extremista. Numa terceira fase, todos deixaram a mesquita pelas razões anteriormente expostas e por considerarem que já não reunia as condições necessárias para a prossecução dos seus planos, tendo-as substituído por locais mais privados.

À medida que vão progredindo na fase de doutrinação, os indivíduos já terão muito provavelmente procurado, encontrado e ligado-se a outros com mentalidades semelhantes. Este distante mas coeso grupo formam um cluster – aliança baseada em características sociais,

¹⁹⁴ Um dos confessos membros da célula de Hamburgo responsável pelos ataques de 11 de setembro.

¹⁹⁵ Responsável pela execução do jornalista Daniel Pearl no Paquistão em 2002.

¹⁹⁶ Coautor de Richard Reid no atentado falhado de finais de 2001, em que tentaram rebentar um avião por recurso à detonação de bombas escondidas nos sapatos.

¹⁹⁷ Dois dos autores dos atentados de 7 de julho em Londres. Vide Anexo XVII.

¹⁹⁸ Os três fizeram parte do planeamento e execução dos atentados de 11 de março de 2004. Vide Anexo XVII.

¹⁹⁹ Responsável pelo ataque suicida em Estocolmo em 2010. Vide Anexo X.

²⁰⁰ Confesso autor da tentativa de atentado à bomba no voo 253 com partida em Amesterdão e destino em Detroit. Vide Anexo X.

²⁰¹ Exemplo disso foram os casos dos protagonistas dos atentados de Londres em 2005, conforme Anexo XVII.

psicológicas, ideológicas e étnicas em comum (Silber e Bhatt, 2007: 38-39).

Por fim, na fase de jihadização, os membros aceitam o seu destino de servitude a *Allah* e dão os retoques finais na operacionalidade dos seus planos. Inicialmente, compenetraram-se nos seus objetivos, desligam-se do mundo e focam-se num treino em grupo. Ao mesmo tempo, procuram reforçar mentalmente a sua decisão de empreender a *jihad*, normalmente, através da consulta a *sites* jihadistas que disponibilizam textos e vídeos glorificantes do movimento jihadista. Numa última fase, num planeamento pormenorizado, utilizam a *Internet* para escolher o alvo, desenvolvem operações de reconhecimento ao local e adquirem os materiais logísticos necessários (Silber e Bhatt, 2007: 45-48). Chegados a esta etapa, o ciclo de radicalização termina e as hipóteses de prevenção policial diminuem drasticamente.

3.4. A CHAMADA PARA UM JIHADISMO DE NATUREZA AUTÓCTONE

Uma vez esclarecidas as formas de radicalização de indivíduos na Europa, importa estudar e compreender o fenómeno do *homegrown terrorism* ou, como o apelidou Pathé Duarte, o “Jihadismo de natureza autóctone”²⁰² (Duarte, 2012: 333). Este fenómeno caracteriza-se pela doutrinação de indivíduos criados ou nascidos na Europa, nos fundamentos de grupos jihadistas como o SAQ. As razões e os moldes em que esse fenómeno se assenta variam conforme estejamos a analisar a realidade no solo europeu ou nos EUA.²⁰³

A organização do SAQ em redes globais, conectadas com intensidades variáveis, agrupou células e indivíduos numa lógica de “interdependência complexa”, isto é, as partes constituem um todo relacionadas entre si. Há uma dependência mútua entre as várias redes, uma “interdisciplinaridade”. As células e indivíduos sedeados na Europa que vêm da Ásia e África atuam nos EUA, Iémen, e um pouco por toda a parte, ou seja, não existe uma relação entre locais de organização e locais de atuação.

Estes novos jihadistas são os principais suspeitos de ações terroristas desenvolvidas não só na Europa como em outros “teatros” da *jihad* internacional. O continente europeu serve tanto enquanto destino de atuação como intermediário²⁰⁴. Na

²⁰² Doravante JNA.

²⁰³ Por fazer parte do nosso objetivo, e por impossibilidades de tempo e espaço, focar-nos-emos apenas na Europa.

²⁰⁴ Exemplo desta ausência de relação obrigatória entre a área de radicalização e atuação é o caso de Abu Eisa al-Hindi. De ascendência queniana e hindu, traçou um caminho que o levou aos quadros do SAQ. Na

realidade, a maioria dos jihadistas ocidentais “atuam fora de portas”, e não nos países europeus, são os denominados *foreign fighters* (Hegghammer, 2013b: 1). Estes “lutadores da liberdade”, finda a sua radicalização, procuram aplicar a *jihad* em teatros internacionais, neste caso, palcos onde o SAQ e aliados travam guerras de insurgência contra inimigos do Islão²⁰⁵.

Contudo, ao contrário dos *domestic fighters*²⁰⁶, uma minoria destes jihadistas europeus protagoniza atos terroristas no seu retorno à Europa, pelo que ignorar este fenómeno seria subestimar a ameaça que representam²⁰⁷. Como provou Thomas Hegghammer (2013b), dos 263 jihadistas domésticos, 60 tinham combatido e treinado no estrangeiro, representando 29,56% do total de jihadistas domésticos. Dos 700²⁰⁸ *foreign fighters* europeus, 8,57% do total acabou por continuar a *jihad* na Europa. Como tal, chegamos à conclusão que o JNA é constituído tanto por jihadistas domésticos “não veteranos”, isto é, que não têm experiência no estrangeiro, como de “veteranos”, os que possuem um passado jihadista fora da Europa.

No continente europeu, este processo dá-se especialmente em comunidades socialmente marginalizadas, entre radicais exilados e jovens muçulmanos de segunda e terceira geração, refugiados políticos, jovens que migraram para prosseguir estudos numa universidade europeia e, cada vez mais, por convertidos²⁰⁹ (Roy, 2007: 52). Estes jovens não assimilam a tradição islâmica à semelhança dos pais, mas sim uma versão islamista da religião islâmica, tipicamente o caso do Salafismo-jihadista²¹⁰. Frustrados, desenquadrados e desintegrados das sociedades de acolhimento, homens e mulheres, “brancos” e “pretos”, formam uma “geração perdida” “pós-culturalista”, versada no ataque a alvos “globais” como o sistema de transporte²¹¹ (Roy, 2007: 52-54).

A importância destes ataques no mundo ocidental encontra-se claramente expressa na percentagem deste tipo de ataques em relação ao total de ataques jihadistas. Nos EUA, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) registou 24 ataques

altura da sua detenção, era um cidadão britânico sedado em Londres que planeava ataques terroristas em Nova Iorque, EUA. Vide Douglas Jehl e David Johnston (2004). “*Terror detainee is seen as leader in plot by al-Qaeda*”. The New York Times.

²⁰⁵ Atualmente o mais atrativo campo de batalha jihadista é a guerra civil na Síria, ainda que Chechénia, Caxemira, Palestina ou Iémen ainda representem locais apetecíveis.

²⁰⁶ O autor utiliza para designar os jihadistas que atuam na Europa (Hegghammer, 2013b: 1).

²⁰⁷ Como veremos mais à frente, países como Portugal estão sujeitos ao potencial perigo que possa advir destes combatentes. Só na Síria suspeita-se que mais de dez cidadãos se tenham matriculado na *jihad* da AQI e grupos aliados (Franco *et al.*, 2014: 16).

²⁰⁸ Em novembro do mesmo ano, o mesmo autor já registava entre 1.100 e 1.700 *foreign fighters* europeus que estariam só na Síria (Hegghammer, 2013a).

²⁰⁹ Sem fugir à norma, os números conhecidos no que concerne à taxa de conversão de europeus ao Islão são alarmantes. Em 2003, Olivier Roy apontava para mais de cem mil só na França (Roy, 2003: 70). Robert Leiken e Steve Brooke (2006), refere que 10% a 25% do total de jihadistas detidos pelas polícias europeias serão convertidos (Leiken e Brooke, 2006).

²¹⁰ Vide Anexo III.

²¹¹ Exemplo do 11 de março em Madrid, 7 de julho em Londres ou, os ataques de 29 e 30 de dezembro em Volgogrado, Rússia.

jiihadistas de 2004 a 2010. Desse total, 16 foram perpetuados por jiihadistas domésticos²¹² (O'Brien, 2011). Na Europa, a situação é semelhante. Tal como podemos observar pela seguinte tabela, a maioria dos ataques são fruto de um processo de radicalização interna²¹³.

Tabela VIII: Tipologia dos ataques jiihadistas em países europeus (2004-2013)

Jihadismo Doméstico		Jihadismo Global “Clássico” ²¹⁴		S/Dados
14		3		4
Sucesso	Insucesso	Sucesso	Insucesso	
7	7	2	1	

Fonte dos dados: Anexo X.

Um outro aspeto que ressalva da análise desta tabela, é a tendência do insucesso²¹⁵ (7) em ataques domésticos (14). As razões prendem-se com os esforços das FSS em prevenir os ataques mas, acima de tudo, pelas impossibilidades técnicas e financeiras, bem como pela falta de experiência dos próprios terroristas. Ainda assim, o SAQ parece reconhecer que o mais importante é haver a tentativa que lhes garanta publicidade, e não somente o sucesso das missões (Duarte, 2012: 335).

Quanto ao papel da ideologia islamista enquanto elo de ligação entre o SAQ e as células e indivíduos que se formam nos países ocidentais, já esmiuçámos, de forma cabal, pelo que escusamos de voltar a abordar esta relação. O segundo fator, a importância das NTIC, principalmente da *Internet*, também já a afluímos no que toca ao seu papel de “veículo” entre as duas partes. Contudo, a *Internet* desempenha uma dupla função em todo este processo. Para além do papel de veiculação, veio substituir os inúmeros campos de treino físicos que o SAQ dispunha no pré 11 de setembro. A acessibilidade às diretrizes do SAQ possibilitada pelas NTIC, como a *Internet* ou a televisão²¹⁶, veio facilitar a mimetização das ações. Por fim, consoante estejamos a falar de células ou “lobos solitários”, o jiihadismo doméstico na Europa assume duas configurações distintas, como veremos de seguida.

²¹² Ally Pregulman e Emily Burke (2012) apresentam dados ainda mais alarmantes. Vide Ally Pregulman e Emily Burke (2012), “*Homegrown Terrorism*”.

²¹³ De acordo com os dados recolhidos em Anexo X (Rússia e Bósnia não foram incluídas).

²¹⁴ No sentido de quando os indivíduos não nasceram nem foram criados na Europa.

²¹⁵ Não foram incluídos os ataques impedidos por ação prévia das autoridades.

²¹⁶ Um bom exemplo da radicalização de indivíduos sem ligações diretas ao SAQ, por via das NTIC, é o de Faisal Shahzad, que em 2010 tentou rebentar um carro carregado de explosivos em plena Times Square, Nova Iorque. Vide Lorraine Adams e Ayesha Nasir (2010). “*Inside the Mind of the Times Square Bomber*”. The Guardian, The Observer.

3.5. AS REDES JIHADISTAS GLOBAIS NA EUROPA: TIPOLOGIAS

Cabe-nos agora perceber como se desmembram os “tentáculos” mais periféricos do SAQ em solo europeu. Para o feito, procederemos a uma divisão minimamente exaustiva mas que servirá apenas como modelo-tipo de análise para melhor compreendermos as tipologias de ação do SAQ na Europa.

Com base nos trabalhos de Peter Neumann (2007) e de Raffaello Pantucci (2011), estruturámos a realidade do JNA na Europa em dois blocos: células e “lobos solitários” jihadistas²¹⁷. Se por um lado já sabemos da estruturação do SAQ em células, falta-nos explicar este último conceito. Para o efeito, transcrevemos as palavras de Pantucci (2011):

*Indivíduos que prosseguem objetivos terroristas islamistas sozinhos, seja por motivos pessoais ou por se sentirem parte de um grupo ideológico (isto é, um grupo de indivíduos que acreditam seguir uma ideologia semelhante: neste caso, aqueles que possam a vir a ser descritos como membros da al-Qaeda ou aderentes do al-Qaedaismo*²¹⁸ (Pantucci, 2011: 9).

Tendo em referência a forma de recrutamento dos membros e as condições de operacionalidade, podemos estruturar as células em três tipos distintos²¹⁹ desde a sua forma mais clássica, de “*top-down*”, do modelo pré-11 de setembro às células caracterizadoras da mudança operada no seio do SAQ. Por um lado, teremos as células “cadeia de comando”²²⁰, onde os membros radicalizados na Europa demonstram claras ligações ao SAQ desde o recrutamento à operacionalidade. Por outro, as células “auto-didatas”²²¹, totalmente opostas às primeiras células, evidentemente células próprias do “centro de gravidade” ideológico do SAQ.

Ao realizarmos estas distinções, adicionámos a última componente da atual nebulosa rede jihadista do SAQ, os “lobos solitários”. Separámo-los de acordo com três categorias: atuação, recrutamento e operacionalidade²²². Todos eles atuam desprovidos de comando central. Apesar de os “*lone attackers*” terem óbvias ligações ao SAQ, no momento final procedem desprovidos do apoio central, atuando sozinhos. Outra

²¹⁷ Além destes, podemos adiantar uma outra tipologia de “agentes jihadistas”, os “*Jihobbyists*”. Estes indivíduos não têm qualquer ligação ao SAQ mas revelam ser francos entusiastas da *jihad* islamista. Não atuam no terreno, sendo meros elos de ligação entre a ideologia jihadista e os futuros terroristas domésticos (Brachman, 2009: 19).

²¹⁸ Tradução da nossa responsabilidade.

²¹⁹ Vide Anexo XX.

²²⁰ Tradução da nossa responsabilidade.

²²¹ *Idem*.

²²² Vide Anexo XXI.

característica comum é a legitimação dos seus atos na ideologia islamista (Pantucci, 2011). Qualquer uma das tipologias de “lobos solitários” se enquadra dentro das já mencionadas células “autodidatas”, isto é, operam sem o apoio de um comando e controlo central. Contudo, é rara a ação que se possa dizer ser fruto de um homem só, sendo na maioria dos casos apoiado por outros indivíduos, seja financeiramente, tecnicamente ou apenas psicologicamente.

Destarte, podemos afirmar que a ameaça derivada do Jihadismo global do SAQ, se desdobra em várias subestruturas, que por sua vez são caracterizadas por diversas variáveis que tornam este fenómeno heterogéneo e muito difícil de rastrear por parte de FSS e governos europeus.

Como resultado, vimos também que a composição das células é frequentemente inconstante. A maioria reveste-se de uma amálgama de nacionalidades e passados, e com diferentes níveis de conexão ao comando central da al-Qaeda e afiliados, apenas interligados por uma ideologia que se propõe a derrotar os inimigos do Islão. Desta forma, torna-se difícil a sua classificação em células de comando, células guiadas ou células autodidatas.

No entanto, parece-nos acertado concluir que tanto o Jihadismo doméstico como o Jihadismo global “clássico” apresentam uma ameaça aos países europeus. Não podendo afirmar que o JNA se tenha tornado a única forma de operacionalização do SAQ na Europa, há todavia um aparente aumento de casos registados de JNA em solo europeu, tornando-se preponderante no número de ataques²²³. Esta situação justifica-se não só pelo poder da propagação ideológica islamista através das NTIC, mas também pelo fenómeno de radicalização e recrutamento de muçulmanos sociólogos e convertidos em países europeus, principalmente no Reino Unido, Espanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha. Cada vez mais jovens europeus são transportados para palco jihadistas espalhados pelo mundo como foi o caso do Iraque, da Chechénia e, presentemente, da guerra civil síria. Ao retornarem, uma percentagem considerável destes *foreign fighters* idealiza ou acaba mesmo por levar a cabo atos terroristas nos países europeus.

A tudo isto juntam-se as previsões alarmantes que dão conta de uma diáspora muçulmana cada vez menos minoritária, numa Europa também ela cada vez menos europeia. Se estas populações não forem devidamente integradas e protegidas daqueles que intendem persuadi-los a aceitarem uma ideologia violenta que promove a rejeição dos valores ocidentais e a não integração nas sociedades europeias, os casos de células autodidatas e lobos solitários tenderão necessariamente a aumentar.

²²³ Vide tabela VIII, p. 55.

3.6. RELÍQUIA DE UM TEMPO ANTIGO: O AL-ÂNDALUS NO ÂMAGO ISLAMISTA

A dimensão da percepção do inimigo na ideologia islamista assenta numa complexa historicidade religiosa e política transposta para a realidade do momento. A visão islamista, como já foi retratada, funda-se numa divisão do mundo em *Dar-al-Islam* e *Dar-al-Harb*. Longe de ser tão linear, a definição de inimigo e sua inclusão no *Dar-al-Harb* tem variado ao longo do tempo.

Como também já foi visto, a globalização do SAQ teve lugar quando a retórica do inimigo longínquo suplantou a anterior visão de um inimigo local que teria de ser combatido. Nesse inimigo distante estariam incluídos os EUA e todos os países aliados que, desde a Guerra do Golfo até à Guerra do Iraque, teriam trespassado território islâmico²²⁴. Associado a estes momentos, a questão da criação do Estado de Israel e consequente questão palestina criaram no ideário islamista a constituição de uma frente sionista-cristã que teria de ser derrotada.

O destaque dos países, atores não-estatais e religiões que se constituem como adversários do Islão, está bem patente no discurso islamista. Os termos “cruzados”, “sionistas”, países como EUA, França, Reino Unido, Espanha, Itália são referidos como inimigos do mundo muçulmano e por isso, como alvos que devem ser combatidos. A própria ONU é indicada como potencial inimiga²²⁵.

Em consequência, a definição do inimigo no espírito islamista abrange duas vertentes²²⁶. Por um lado, os países que tenham participado militarmente, ou de qualquer outra forma, nas invasões ao Afeganistão, Iraque ou, até na guerra civil do Líbano e na Guerra do Golfo. Além destes fatores, também a questão israelo-palestina e o apoio ocidental aos judeus pesa nesta decisão. Por outro lado, territórios como a Palestina, a Chechénia, Cachemira ou o al-Ândalus²²⁷ são, na visão dos islamistas, territórios islâmicos sob poder de infiéis. De Abdullah Azzam a al-Zawahiri, os líderes da al-Qaeda sempre incluíram o território que agora compreende Espanha e Portugal como alvo e, acima de tudo, terra islâmica por direito próprio. Nas últimas referências ao al-Ândalus, em 2006²²⁸ e 2007²²⁹, al-Zawahiri declarava a sua inclusão nos planos jihadistas, e que

²²⁴ Vide Anexo IV.

²²⁵ Consulte-se excertos de declarações de Ayman al-Zawahiri em Anexo V.

²²⁶ Neste caso, visando inimigos exteriores ao Islão, não englobando os inimigos no interior dos países islâmicos.

²²⁷ Em árabe “Península do Atlântico”, abarca o reino muçulmano estabelecido na Península Ibérica de 711 a 1492.

²²⁸ Consulte-se Nuno Ribeiro (2007), “Começa hoje o julgamento dos atentados de 11 de março em Madrid”.

²²⁹ Vide The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center (2011), p. 19.

os muçulmanos não deveriam descansar até que todas terras compreendidas entre o al-Ândalus e o Iraque não fossem libertadas.

Contudo, as realidades de Espanha e Portugal são díspares, tanto no que se refere à imigração islâmica, números e nacionalidades, quer no que se consubstancia à história e à dimensão da ameaça jihadista. Apesar da estratégia islamista radical não ter fronteiras, existem diferenças consoante o tipo de comunidade islâmica em apreço.

3.6.1. RADICALIZAÇÃO E JIHADIZAÇÃO EM ESPANHA

Na Espanha, separada do Norte de África por uma estreita faixa de mar e com dois enclaves (Ceuta e Melilla) em território marroquino, continuamos a verificar tanto uma porta de entrada para norte-africanos que pretendem entrar na Europa, como ponto de partida para muçulmanos sociológicos e convertidos que anseiam lutar noutros palcos jihadistas (Gunaratna, 2004).

A imigração em Espanha tem aumentado nos últimos anos. Em 2009, estimava-se que cinco milhões de imigrantes residissem em território espanhol (Bezunartea *et al.* 2009)²³⁰. Do total, mais de um milhão serão de ascendência muçulmana²³¹, predominantemente de origem marroquina.

Existem mais de 700 comunidades islâmicas em Espanha, representadas formalmente por duas federações: a *Federación Española de Entidades Religiosas Islámicas* (FEERI) e a *Unión de Comunidades Islámicas de España* (UCIDE). Alguns relatórios asseguram que as comunidades islâmicas espanholas se encontram bastante integradas, não sendo um foco de marginalização, instabilidade e recrutamento de jihadistas²³². No entanto, Espanha foi palco do maior atentado terrorista na Europa²³³ (11 de março de 2004) e é “líder”, logo depois da França, do número de detenções de suspeitos jihadistas e outros islamistas radicais na Europa²³⁴.

A ligação do Jihadismo a Espanha remonta a meados da década de 1980. A primeira detenção deu-se em 1984, um soldado iraniano que pretendia atacar um avião saudita. Em 1985 teve lugar o primeiro atentado jihadista em Espanha, quando uma bomba rebentou num restaurante frequentado regularmente por americanos da base de

²³⁰ Estima-se que até 2060 entrem mais de onze milhões de imigrantes em Espanha. Neste sentido, consulte-se Anexo XVIII.

²³¹ Vide Anexo XVIII.

²³² Nomeadamente o relatório elaborado pelo *Research Centre* (PEW) de Washington D.C. em 2005, e o relatório produzido pela *Metroscopia*, financiada pelos Ministérios da Justiça, Trabalho, Assuntos Sociais e do Interior, dois anos depois.

²³³ Em termos de mortalidade, só foi superado pelo atentado de Lockerbie, 270 mortos.

²³⁴ Vide Anexo X. A primeira detenção policial relacionada com presumíveis jihadistas ocorreu em 1989. Nessa data, uma célula do *Hezbollah* que pretendia atacar a Europa foi desmantelada (Jordán, 2014).

Torrejon de Ardoz. No ataque, dezoito espanhóis perderam a vida²³⁵. Já em 1994, dois espanhóis foram assassinados em Casablanca, Marrocos (Jordán, 2014). Apesar destes primeiros indícios, os moldes do Jihadismo tal como os conhecemos ainda não se tinham solidificado.

A atividade jihadista em Espanha pode ser considerada quanto a duas fases (Jordán, 2014). Numa primeira, de 1995 a 2004, predominavam as células de comando e células guiadas, enquanto numa segunda, as células autodidatas e os lobos solitários começaram a evidenciar-se²³⁶, um pouco à semelhança do panorama europeu.

Desde meados da década de 1990 que a Espanha tem sido utilizada como santuário para células do SAQ, normalmente marroquinas, argelinas ou sírias, que procuram promover a ideologia, recrutar novos membros para a *jihad* global, e recolher fundos, material e passaportes falsos para a atividade operacional de células espalhadas pelo mundo²³⁷ (Jordán e Horsburgh, 2005).

Em 1994 surgiria a célula “Soldados de *Allah*”. Estabelecida em redor da mesquita de Abu Bakr em Madrid, tinha ligações com o Hamas, grupos afiliados do SAQ (FIS, GIA)²³⁸, e com a própria AQP (Gunaratna, 2004). Destacada pelo seu papel de financiamento e suporte operacional, e célebre pelo papel que desempenhou nos atentados de 11 de setembro²³⁹, membros da célula de Abu Dahdah²⁴⁰ tiveram influência no desenrolar dos atentados de Madrid²⁴¹. Outros casos que puseram em evidência o refúgio logístico do território espanhol para o SAQ foram as detenções de Ahmed Brahim, responsável máximo pelo financiamento da al-Qaeda em Espanha e financiador de nove células dispersas pelo mundo, e a de Mohammed Zouaydi, acusado de financiar Eddin Yarkas e outras oito células internacionais (Gunaratna, 2004).

Posteriormente, assistiu-se a uma ascendência de células com menores ligações ao núcleo do SAQ. O atentado de 11 de março representou um ato jihadista sem precedentes na história espanhola. A rede compunha-se de quatro *clusters*: dois formados pelos espólios da rede de Abu Dahdah; um outro ligado ao Grupo Combatente Islamista Marroquino (GCIM), estabelecido na França e Bélgica; o último, constituído por jovens marginais e pequenos traficantes de droga que, progressivamente, foram adotando os ideais islamistas (Reinares, 2010a).

²³⁵ Neste sentido, consulte-se Israel Viana (2010).

²³⁶ Vide Anexo XXII para uma consulta mais pormenorizada.

²³⁷ O facto da maioria dos detidos serem fruto de uma radicalização nas comunidades islâmicas em Espanha (Bezunartea *et al.* 2009) não abona a favor daqueles que defendem a inexistência de relação entre comunidades islâmicas e radicalização jihadista.

²³⁸ Atualmente parte integrante da AQMI.

²³⁹ Neste sentido, veja-se as ligações que Eddin Yarkas (líder da célula) tinha com membros da célula de Hamburgo (responsável pelos atentados do 11 de setembro) como Mohammed Atta (líder).

²⁴⁰ Apelido de Eddin Yarkas, que substituiu Anwar Saleh na liderança do grupo.

²⁴¹ Vide Anexo XVII.

Em 2008, foi desmantelada uma célula terrorista em Barcelona. Dos onze condenados, um era residente em Espanha há 33 anos e outros cinco desde 1996. Dos restantes cinco, quatro desempenhariam a função de suicidas. Desses cinco, três vieram do Paquistão, um da Holanda e outro de Portugal. A célula, ligada a um grupo afiliado da al-Qaeda e membros do *Tablighi Jama'at*, com a sua principal base na mesquita Tariq ibn Ziyad²⁴², tinha definido como alvo prioritário o metropolitano de Barcelona. Segundo declarações em sede de audiência, numa segunda fase almejavam atingir a França e Alemanha e, numa última fase, Portugal, Bélgica e o Reino Unido (Reinares, 2010b).

Em 2002, grupos jihadistas reuniram-se em Istambul e tomaram uma decisão que iria formalmente revolucionar a *jihad* em solo europeu: ao invés de se limitarem a zonas de conflito, os atos jihadistas deviam ser realizados nos países de residência ou origem dos membros das células. Tendo coincidido com o desmantelamento da célula de Yarkas, foi a partir daqui que o atentado de Madrid se desenhou e preparou.

Neste sentido, Espanha participou ativamente nas ações das forças da coligação sob direção dos EUA, tanto no Afeganistão como no Iraque. Por estes motivos, em 2003 foram emitidas duas declarações de bin Laden que fazia referir a Espanha: “*Jihad* no Iraque: esperanças e perigos” e a “Mensagem ao povo espanhol”. Se na primeira explica como coagir as forças aliadas dos EUA a abandonarem o Iraque, através de ataques nos países visados (seis países, onde se incluía Espanha), no último, confirmavam a ameaça direta ao território espanhol²⁴³. No final, se juntarmos todas estas razões ao fator de ligação histórica ao Islão por via do al-Ândalus²⁴⁴, podemos encontrar as fundamentações e explicações para a Espanha ser vista como alvo do Jihadismo global.

Os ataques de 11 de março e a célula de Barcelona são prova evidente de que a estratégia jihadista do SAQ não se limita ao seu centro de gravidade. O que estes casos deslocalizados nos revelam é que a estratégia e eficácia máxima da mensagem jihadista passa por uma convergência de atores centrais ou associados/afiliados da al-Qaeda com células baseadas em território europeu. Desta forma, alia-se a experiência e capacidade técnica/financeira ao secretismo e disponibilidade dos novos recrutas domésticos.

Dentro deste cenário, o caso mais flagrante é a da AQMI que aponta Espanha e França como alvos prioritários. Aliás, parte da estratégia deste grupo associado da al-Qaeda passa pela restauração do al-Ândalus²⁴⁵ (Sage, 2011).

²⁴² Note-se, nome do comandante das tropas árabes e berberes que invadiram a Península Ibérica em 711.

²⁴³ Neste sentido, consulte-se a totalidade da mensagem em Jonathan Galt (2004).

²⁴⁴ Num dos comunicados pós-11 de março, a Brigada de Abu Hafs al-Masri da al-Qaeda iria declarar que os atos tinham sido um “ajuste de contas com a Espanha cruzada” (Reinares, 2010a), em clara alusão ao passado histórico do al-Ândalus e a consequente Reconquista Cristã.

²⁴⁵ Não foi ao acaso que se atribuiu o nome “Fundação para a Produção Mediática al-Ândalus” à unidade de propaganda do grupo.

No entanto, pelo que podemos aferir pela evolução do tipo de células desmanteladas por operações policiais em Espanha nos últimos 10 anos, as células autodidatas e os casos de lobos solitários começam a ganhar ascendência em relação às células clássicas do Jihadismo global²⁴⁶. Ao que tudo indica, as comunidades muçulmanas apresentam claros indícios de poderem representar uma fonte de radicalização islamista. De 2005 a 2008, das detenções policiais sob suspeita de terrorismo, apenas uma não incidiu sob indivíduos radicalizados ao nível comunitário (Bezunartea *et al.* 2009: 150).

Ademais, a localização geoestratégica de Espanha torna-a vulnerável aos jihadistas que pretendem entrar e sair da Europa. Só para o conflito sírio estima-se em várias dezenas o número de voluntários, onde já se registaram mesmo mortes de jihadistas espanhóis (Lundquist, 2013). A *jihad* em Espanha, proclamada formalmente e de forma direta em inícios deste século, não dá sinais de esmorecer.

3.6.2. GHARB AL-ÂNDALUS: O JIHADISMO DE NATUREZA AUTÓCTONE EM PORTUGAL

Ao contrário de outros países europeus, Portugal não possui a importância internacional e consequente mediatismo que o SAQ procura no momento de planear ataques terroristas. Se por um lado, o argumento é válido, por outro demonstra ignorância quanto ao funcionamento dos grupos jihadistas e falta de aprendizagem com a experiência de países vizinhos.

A Comunidade Islâmica de Portugal (CIP) começou a desenhar-se na década de 1950 com a chegada de muçulmanos para estudarem no país. Com a descolonização deu-se a chegada da maioria dos atuais imigrantes islâmicos em Portugal. De origem maioritária sunita, mas também em grande número xiitas do ramo ismaelitas nizaritas, vieram de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), principalmente moçambicanos²⁴⁷ e cidadãos da Guiné-Bissau (Costa, 2006). Em meados da década de 1990, deu-se início a uma nova vaga de imigrantes, maioritariamente de Paquistão e do Bangladesh, vistos como mais facilmente propensos à radicalização jihadista. Estima-se que os seus números se balizem entre os 15,025²⁴⁸ e os 50000²⁴⁹.

²⁴⁶ Vide Anexo XXII.

²⁴⁷ País que já registava mais de 20% de crentes islâmicos, em meados de 2007 já havia relatos de radicalização no seio do Partido Independente de Moçambique (PIMO) (Torres, 2009: 82).

²⁴⁸ Vide Anexo XVIII.

²⁴⁹ No seu *site* oficial, a CIP aponta para 40000 muçulmanos em Portugal enquanto uma reportagem da TSF estimava que 50000 viveriam em Portugal (Dias, 2013).

Ao que tudo indica, a maioria da comunidade encontra-se integrada, o que não implica que não haja recrutamento e radicalização no seu seio. O *Tablighi Jama'at*, grupo que como sabemos serve como plataforma para o Jihadismo, estabeleceu-se em Portugal em 1979 e a sua ação em espaço português já deu sinais preocupantes²⁵⁰. Um dos cinco bombistas suicidas da célula desmantelada em Barcelona em 2008, Imran Cheema tinha entrado na Europa, mais concretamente em Portugal (Reinares, 2010b), através do grupo *Tablighi*. Outro exemplo é o de Abdelaziz Benyaich, acusado de participação nos ataques em Casablanca em 2003, o qual estava em Portugal para frequentar o *Ijtimah*, a reunião anual do grupo onde congregam membros de todo o mundo (Noivo, 2010).

À semelhança de Espanha, Portugal também faz parte das “redes de suporte do SAQ”, as quais se dedicam a recolher fundos, material e passaportes falsos para a atividade operacional de células espalhadas pelo mundo. Em finais de 2001, o Serviço de Informações de Segurança (SIS) e a Direção Central de Combate ao Banditismo²⁵¹ (DCCB) da Polícia Judiciária (PJ), obtiveram acesso à informação dos serviços secretos espanhóis e americanos relativamente a Eddin Yarkas. Pelo material que foi recolhido, Yarkas teria o contacto de vários norte-africanos residentes em Portugal, a sua maioria na urbe lisboeta²⁵² (Vegar, 2007: 177).

Desde a tentativa de assassinato do embaixador israelita em Portugal em 1979, e o homicídio de Issam Sartawi, um dos fundadores da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) por um membro da Organização Abu Nidal²⁵³ (OAN), quatro anos mais tarde, que não se têm registado outros incidentes do género em território nacional. Contudo, como nos indicam os casos mais recentes, Portugal é território integrante da estratégia jihadista²⁵⁴. Como ficou demonstrado no atentado falhado da Noruega²⁵⁵ e noutros casos, países periféricos europeus poderão, cada vez mais, tornar-se locais úteis para o SAQ²⁵⁶.

²⁵⁰ Caso de algumas mesquitas nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto que se julga serem controladas pelo grupo e usadas como possíveis fontes de radicalização (Noivo, 2010).

²⁵¹ Atual Unidade Nacional Contra o Terrorismo (UNCT).

²⁵² Não será por demais relembrar o passado de Yarkas. Líder máxima da al-Qaeda em Espanha (quicá em toda a Península Ibérica), tinha ligações com as outras grandes células do SAQ em território europeu. A célula “espanhola” focava-se nas atividades de recrutamento, financiamento e apoio técnico a outras células. Mohammed Zouaydi já referido como tendo sido detido em Espanha, e Said Chedadi, ambos ilustres responsáveis pelo financiamento e recrutamento da al-Qaeda na Europa, passaram por Portugal antes do 11 de setembro. Delower Hossain, um dos representantes da al-Qaeda veio ao nosso país em 2004 e reuniu-se com as comunidades de Lisboa, Odivelas e Palmela (Torres, 2009: 83; 85).

²⁵³ Em tempos, considerada a organização terrorista mais prolífera do mundo: Para mais sobre a OAN, vide John Worman (2013), pp. 57-69.

²⁵⁴ Neste sentido, consultem-se os casos mais mediáticos dos últimos dez anos em solo português em Anexo XXIII.

²⁵⁵ Vide Brynjar Lia e Petter Nesser, (2010).

²⁵⁶ Existem rumores (serviços secretos russos) de que os últimos fogos que têm devastado a Península Ibérica tenham sido obra de jihadistas (Kern, 2012). Não havendo indícios que corroborem esta versão, a

Tal como outros tantos países europeus, cada vez mais jihadistas são forjados em Portugal e, através de Londres ou Espanha, são redirecionados para participar na *jihad* internacional. Só na Síria estimula-se que estejam mais de uma dezena de *foreign fighters* portugueses (Franco *et al.*, 2014; RASI, 2014). Ainda segundo o Relatório Anual de Segurança Interna de 2013 (RASI), a PJ tinha recebido 62 alertas de terrorismo²⁵⁷ (RASI, 2014: 394). Em 2012, um destes jihadistas português esteve envolvido no sequestro de dois jornalistas ocidentais e, em 2013, um outro no assassinio de um juiz (Franco *et al.*, 2014). Recorde-se que nestes teatros de guerra, os recrutas passam por uma série de campos de treinos, experiências e aprendizagens que os tornam amplamente mais perigosos.

Membro fundador da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), Portugal alojou em 2003, na Cimeira das Lajes, os preparativos para a ofensiva no Iraque. Participou nas missões internacionais da Bósnia e do Kosovo, do Afeganistão e do Iraque. Foi elogiado pelos aliados americanos pelo seu esforço antiterrorista. Tem uma das maiores e mais movimentadas Zonas Económicas Exclusivas (ZEE) de espaço marítimo, com portos estratégicos e altamente concorridos. É também um dos países com maior afluência de turistas estrangeiros, principalmente durante o verão nas praias do Algarve.

Por todos estes motivos, e pela possibilidade de albergarmos células adormecidas (RASI, 2014: 28), tudo leva a crer que Portugal, apesar de supostamente não ser um alvo primário do SAQ, faça ainda assim parte dos planos de grupos associados como o AQMI. O fenómeno sem-fronteiras ideológico do terceiro centro de gravidade do SAQ, veiculado pelas NTIC e exemplificado num crescente número de *foreign fighters*, desmitifica a crença de um Portugal livre da ameaça jihadista. Desta forma, o JNA e a sua última estrutura, os lobos solitários, constituem uma ameaça imprevisível a qual as FSS nacionais não podem menosprezar e para a qual terão que estar preparados.

verdade é que a revista *Inspire* de maio de 2012 instigava e ensinava prática de novas táticas *low cost* mas com grandes repercussões económicas, neste caso, incêndios. *Vide Inspire* (2012), Issue 9, pp. 30-36.

²⁵⁷ A Europol contabilizou 52 ao passo que a Interpol 10. A título de curiosidade, os alertas da Europol têm subido desde 2011 (RASI, 2013: 394).

CONCLUSÃO

Na realidade internacional pós divisão bipolar entre EUA e URSS, Samuel Huntington no seu livro *“The Clash of Civilizations”*²⁵⁸, antevia que um “choque de civilizações” marcaria os anos vindouros.

O mundo era multipolar e multicivilizacional, na maior parte das vezes, delimitado por convicções religiosas. No que diz respeito à nossa temática de estudo, na visão de Huntington (2009), a relação Ocidente – Islão seria das mais influenciadoras do advento e a que provocaria mais clivagens. O mundo dividir-se-ia entre muçulmanos e não-muçulmanos nas sociedades abertas do mundo ocidental (Huntington, 2009).

Neste sentido, o mundo islâmico tem registado e continuará a registar um avassalador aumento demográfico, pelo menos comparativamente às realidades ocidentais. No entanto, apesar da histórica animosidade entre cristãos e muçulmanos, não nos encontramos perante um choque de civilizações, mas sim um “choque de ideologias”. As razões para esta diferenciação são óbvias. Até indicações em contrário, a maioria islâmica não se coaduna com os princípios radicais do Islamismo e, como tal, não procura travar a “guerra santa” islamista. Desta forma, enquanto islamistas radicais representarem uma minoria populacional, os objetivos de restauração do califado islâmico e, numa segunda fase, a conquista do mundo por via do proselitismo e *jihad*, não será atingível.

No decurso da nossa investigação, esse foi um dos nossos objetivos iniciais: conceptualizar a ideologia islamista, caracterizá-la e separá-la da fé islâmica. Noutras palavras, separar islamistas de islamitas ou muçulmanos²⁵⁹. Partindo da definição de Islamismo enquanto distorção política e religiosa do Islão que visa instaurar, numa primeira fase, Estados islâmicos sob regência da *Shariah*, limitada pelo preceituado no Corão e *Sunnah*, procurámos construir um modelo-tipo de análise da ideologia islamista que nos permitisse discernir entre as várias secções islamistas.

Numa primeira divisão, separámos moderados e radicais. Por apenas ambicionarem a aplicação de certos regulamentos religiosos mais conservadores nos seus países, os moderados não se colocam numa rota de colisão com o mundo ocidental. Já o Islamismo radical predicava o ataque aos infiéis, retorno ao Islão puro dos antigos e a unificação do território islâmico à semelhança dos califados e impérios medievais islâmicos.

²⁵⁸ Samuel Huntington (2009), *O Choque de Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*.

²⁵⁹ Relembre-se as diferenciações em Anexo II.

Numa segunda fase, separámos os islamistas radicais quanto aos seus meios. Apesar de partilharem objetivos comuns, os grupos *dawah* adotaram métodos distintos dos grupos *jiyah*. Enquanto os últimos absolutizam a ação armada como forma de rápida ascensão ao poder, os primeiros por via da *taqiya*, numa ótica missionária e política, promovem a desagregação de muçulmanos das sociedades ocidentais, radicalizando-os e recrutando-os para os quadros jihadistas. Por fim, afirmámos ser importante abordar as variantes políticas em solo europeu (capitalismo²⁶⁰ e multiculturalismo), com os esforços jihadistas naquilo que percecionamos como um esforço comum. No Jihadismo, seleccionámos a variante global por se distinguir da *jiyah* interna e *jiyah* irredentista.

Seguidamente, e em relação direta com a retórica reunida para responder à primeira questão, seleccionámos os grupos que se identificam como mais ameaçadores para as sociedades ocidentais, quer fossem *dawah* ou *jiyahistas*²⁶¹. Como referimos, pela missão preponderante que desempenham na radicalização conducente ao ingresso de indivíduos no JNA, grupos como a IM, o *Hizb-ut-Tahrir*, *Tablighi* ou AKP, são tão ou mais letais que os grupos e células jihadistas do SAQ.

Iniciámos ainda a nossa abordagem ao terrorismo islamista, depois de assumida uma conceptualização de terrorismo e definidas as tipologias que o compõem, concluindo que o Jihadismo se insere em qualquer uma delas, com mais incidência sob a tipologia do terrorismo religioso. Ao contrário do “terrorismo clássico”, com a impulsão garantida pelas NTIC, o terrorismo jihadista aproveitou-se da potencialidade que a publicidade e propaganda lhes garantia e focou-se na execução de atos que ora chocassem, ora cativassem as audiências.

Destituída do bastião *pahshtun*²⁶² afegão, a al-Qaeda foi obrigada a reformular a sua estrutura e forma de operacionalização. Abu Musab al-Suri foi o principal mentor da revolução no seio jihadista, projetando um sistema ideológico e descentralizado, um “terrorismo individual”. Pequenas células e indivíduos sem qualquer ligação aparente ao núcleo central, seriam motivados a agirem em nome da ideologia islamista. Desta forma, a al-Qaeda trocava a eficiência e magnitude de ataques de outrora, pela dissimulação e secretismo das células autodidatas.

Ao protagonizar o JNA, a al-Qaeda transformou-se²⁶³ num Sistema, uma conjunção de três centros de gravidades, cada um com um tipo de células distintas, as células de comando do centro de gravidade central, células guiadas do centro de gravidade periférico e as células autodidatas do centro de gravidade ideológico. Na verdade, não existe um tipo absoluto de células, uma vez que são constituídas por uma

²⁶⁰ Mais presente na Turquia, país que ambiciona longamente pela adesão à UE.

²⁶¹ Explanado ao longo do texto e em Anexo VIII.

²⁶² Principal tribo afegã e maioritária nos talibãs (Rashid, 2001).

²⁶³ Pelo menos formalmente. Hoffman (2006) garante que o SAQ já se encontrava instituído.

multiplicidade de nacionalidades, origens e tipos de conexão à AQP ou grupos associados/afiliados. Aliado a este fenómeno, existe um processo de radicalização e recrutamento de jovens muçulmanos e não-muçulmanos no ideário jihadista em curso no Ocidente.

Por um lado, comunidades islâmicas sedeadas na Europa apresentam-se como embriões de Estados islâmicos em países europeus. Liderados por ideólogos radicais²⁶⁴ inseridos no Islamismo político ou missionário, mas considerados pelo *establishment* europeu como “moderados” e representantes do Islão europeu, minam as relações de muçulmanos com populações autóctones e lançam as plataformas de iniciação no Jihadismo do SAQ.

Apesar de não podermos afirmar que exista uma relação direta, mesquitas, prisões, universidades, e mais recentemente, ginásios e cafés, são locais propícios à radicalização de jovens de segunda e terceira geração muçulmanos no JNA. Numa primeira fase, estes jovens recrutas optam normalmente pelo ingresso na *jihad* externa²⁶⁵. Posteriormente, após uma longa passagem por campos de treino, experiências e conhecimentos específicos, cerca de 8,57% destes jihadistas tomam a decisão de atacar os países europeus.

Por fim, a estratégia ideológica do SAQ criou o seu último desenvolvimento no JNA, os lobos solitários. Divididos em quatro manifestações díspares, *loner*, *lone wolf*, *lone wolf pack* e *lone attackers*, têm em comum o facto de se justificarem por uma ideologia extremista, neste caso, o Islamismo radical, e por atuarem desprovidos de apoio central, enquadrando-se nas células autodidatas. Mais uma vez, reitera-se o facto de ser comum a associação de jihadistas sem ligação ao SAQ com outros mais diretamente conectados ao núcleo do sistema. Ampliada pelas previsões demográficas islâmicas, a ameaça expressa aos países ocidentais, como foi frisado, estende-se aos países ibéricos os quais simbolizam para muçulmanos, e de forma mais vincada para islamistas, o retorno a tempos gloriosos, parte integrante do *Dar-al-Islam* sob domínio dos infiéis cristãos.

Para o mundo muçulmano, a entrada neste novo decénio ficou marcada pelas revoluções da “primavera árabe”. Pelo que se pôde apurar até ao momento, a Tunísia figura como caso único da tão anunciada democratização do mundo árabe. Todos os outros países, desde a Líbia de Khadafi, passando pelo Egito de Mubarak, à Síria de Basar al-Assad, envolveram-se num turbilhão de distúrbios e conflitos internos. Mas os efeitos destas e outras instabilidades regionais não deixaram a Europa incólume.

²⁶⁴ Os mais mediáticos foram reunidos em Anexo XVI.

²⁶⁵ Só na guerra civil síria julga-se que terão aderido entre 1.100 a 1.700 *foreign fighters* europeus (Hegghammer, 2013a).

De facto, cada vez mais se tona certo que “o mundo globalizou e com ele o terrorismo” (Guedes, 2007: 45). A este fenómeno acrescem as facilidades concedidas pelas NTIC que, de forma eficaz, propagam a mensagem e ideologia islamistas pelos quatro cantos do mundo. Na Europa assiste-se a uma crescente espiral de recrutas que almejam lutar por *Allah* e morrer na *jihad*. Esta ameaça estende-se, como já verificámos, ao território nacional.

À semelhança da *jihad* afegã, a qual movimentou cerca de 4.000 voluntários estrangeiros, a guerra civil síria parece precipitar-se para um novo máximo histórico (Hegghammer, 2013c). Resta saber de que forma o desfecho do conflito sírio irá influenciar a evolução da ameaça jihadista em território europeu.

Dois cenários afiguram-se-nos possíveis. Numa primeira abordagem, há que ter em conta a eventualidade de uma repetição das *jihad* falhadas nos países islâmicos, em meados da década de noventa. O que então se verificou foi não só um retorno de muitos desses combatentes aos países (europeus) de origem, como um influxo de outros jihadistas que escolheram a Europa como destino. Foram precisamente estes dois grupos de indivíduos que contribuíram, à época, para o incremento da radicalização islamista no seio das sociedades europeias. Numa segunda abordagem, se se verificar uma vitória dos jihadistas, poderemos assistir a uma recriação, ainda que parcial, do Estado pária afegão que albergou e serviu como base de lançamento às atividades terroristas da al-Qaeda em fins da década de noventa e até à invasão aliada em 2001.

Em ambos os casos, a comunidade internacional – e muito em especial os países ocidentais – deve estar atenta à ameaça e preparada para a enfrentar. Há todo um investimento a ser feito pelos governos democráticos ocidentais ao nível da criação de redes eficazes de informação e da partilha da mesma (Guedes e Elias, 2012). Tal passa inevitavelmente por dotar as forças de segurança dos meios adequados (legislativos, logísticos e operacionais) para uma resposta à altura. É neste sentido que o melhor conhecimento do Jihadismo por parte das FSS se torna útil para a antecipação e prevenção de futuros casos terroristas. Deste modo, asseguram-se pilares fundamentais das sociedades ocidentais e promove-se a segurança num mundo cada vez mais globalizado e, como tal, mais permeável à ameaça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários e Enciclopédias

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001a). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 1, Lisboa: Verbo.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001b). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2, Lisboa: Verbo.

ALLEN, R.E. (1990). *The Concise Oxford Dictionary*. Oxford: Clarndon Press.

ESPOSITO, John (2004). *The Oxford Dictionary of Islam*. Oxford-New York: Oxford University Press.

GLASSÉ, Cyril (2008). *The Concise Encyclopedia of Islam*. London: Stacey International

GRESH, Alain e VIDAL, Dominique (2003). *Dicionário do Médio Oriente* (Lígia Calapez e Sofia Vilarigues trad.). Lisboa: Campo da Comunicação.

LOPES, Margarida Santos (2010). *Novo Dicionário do Islão*. Alfragide: Casa das Letras.

MORAIS, Armando de (1998). *Dicionário Inglês-Português*. Porto: Porto Editora.

s.a. (1999). *Dicionário Francês-Português*. Porto: Porto Editora.

SFEIR, Antoine (2007). *The Columbia World Dictionary of Islamism* (John King trad.). New York: Columbia University Press.

Obras Gerais e Específicas

ALEXIEV, Alex (2005). "Tablighi Jamaat: Jihad's Stealthy Legions". *Middle East Quarterly*, pp. 3-11.

ARON, Raymond (1955). *L'Opium des Intellectuels*. Paris: Calmann-Lévy.

ARON, Raymond (2003). *Peace and War. A Theory of International Relations*. New Jersey: Transaction Publishers.

AZZAM, Abdullah (2001). *Join the Caravan*. London: Azzam Publications.

AZZAM, Abdullah (2002). *Defense of the Muslim Lands. The First Obligation after Imam*. London: Azzam Publications.

BANLAOI, Rommel C. (2009). *Counter-Terrorism Measures in Southeast Asia: How Effective Are They?*. Manila: Yuchengco Center.

- BARAN, Zeyno (2010). *Torn Country: Turkey between Secularism and Islamism*. Hoover Institute. Stanford University: Hoover Institute Press Publication, pp. 29-51.
- BAT YE'OR (2005). *Eurabia: The Euro-Arab Axis*. New Jersey: Fairleigh Dickinson University Press.
- BAYAT, Asef (2005). "What is Post-Islamism?". *The International Institute for the Study of Islam in the Modern World Review*, 16 (5), Leiden University.
- BEAM, Louis (1992). "Leaderless Resistance". *The Seditonist* (12).
- BELL, Daniel (1960). *The End of Ideology: On the Political Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*. New York: The Free Press.
- BEUTEL, Alejandro J. (2007). "Breach of Law, Breach of Security: A Muslim American Analysis of US Counterterrorism Policies", *Perils of Empire: Islamophobia, Religious Extremism and the New Imperialism*. University of Maryland: AMSS 36th Annual Conference , pp. 1-23.
- BEZUNARTEA, Patricia *et al.* (2009). "Muslims in Spain and Islamic Religious Radicalism", in Michael Emerson (org.), *Ethno-Religious Conflict in Europe. Typologies of Radicalisation in Europe's Muslim Communities*. Brussels: Centre for European Policy Studies, pp. 136-158.
- BRACHMAN, Janet (2009). *Global Jihadism – Theory and Practice*. London: Routledge, pp. 1-20.
- ÇAĞAPTAY, Soner (2009). "The AKP's Foreign Policy: The Misnomer of "Neo-Ottomanism". *Turkey Analyst* 2 (8), Johns Hopkins University.
- CALADO, Sílvia dos Santos e FERREIRA, Sílvia Cristina dos Reis (2004). "Análise de Documentos: Métodos de Recolha e Análise de Dados". *Metodologia da Investigação I*, DEFCUL.
- CALVERT, John (2007). "The Contexts of Religion and Violence. The Striving Shaykh: Abdullah Azzam and the Revival of Jihad". *Journal of Religion and Society*. Omaha: Creighton University, pp. 1-22.
- CARDOSO, João Casqueira (2012a). "Modelos Jurídicos e Comunidades Islâmicas no Espaço Público Europeu" in Maria do Céu Pinto (org.), *Islão na Europa face ao Islão Global: Dinâmicas e Desafios*. Lisboa: Diário de Bordo Editores, pp. 17-39.
- CASTELLS, Manuel (2005). "A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Política", in Manuel Castells e Gustavo Cardoso (orgs.), *A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 17-30.

CHALIAND, Gérard e BLIN, Arnaud (2007). "Zealots and Assassins", in Gérard Chaliand e Arnaud Blin (orgs.), *The History of Terrorism. From Antiquity to al-Qaeda* (Edward Schneider, Kathryn Pulver and Jesse Browner trad.). Berkeley - Los Angeles - London: University of California Press, pp. 55-78.

CLAUSEWITZ, Carl Von (1873). *On War* (J. J. Graham trad.). London: N. Trübner.

CLAUSEWITZ, Carl Von (2008). *On War*. 7 (J. J. Graham, trad.). London: Atlantic, pp. 428-432.

CLEMENTE, Pedro (2008). "Islão: Legado de Abraão", in *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor Artur Anselmo*. Lisboa: Almedina, pp. 87-118.

CORREIA, Eduardo Pereira e DUQUE, Raquel dos Santos (2012). *O Poder Político e a Segurança*. Lisboa: Fonte da Palavra.

COSTA, Hélder Santos (2001). *O Revivalismo Islâmico*. Lisboa: ISCPs.

COSTA, Sandra Liliana (2004). "As Correntes de Pensamento no Interior do Islamismo". *Working Papers: O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*. Braga: Universidade do Minho.

COSTA, Sandra Liliana (2006). "O Islão em Portugal" in Maria do Céu Pinto (org.), *Islão na Europa*. Lisboa: Prefácio.

COSTA, Sandra Liliana (2012). "As Novas Tendências do Pensamento Islamita e as Redes Radicais Jihadistas" in Maria do Céu Pinto (org.), *Islão na Europa face ao Islão Global: Dinâmicas e Desafios*. Loures: Diário de Bordo Editores, pp. 167-209.

CREASY, Edward Sheperd (2008). *Quinze Batalhas Decisivas da Humanidade. De Maratona a Waterloo* (Miguel Mata trad.). Lisboa: Edições Sílabo.

CRUICKSHANK, Paul e ALI, Mohannad Hage (2007). "Abu Musab Al Suri: Architect of the New Al-Qaeda". *Studies in Conflict & Terrorism* 30 (3). London-New York: Routledge, pp. 1-14.

DAEHNHARDT, Rainier (2010). *Homens, Espadas e Tomates*. Sintra: Zéfiro.

DAVID, Saul (2012). *The Encyclopedia of War. From Ancient Egypt to Iraq*. Penguin Company. London: Dorling Kindersley Limited.

DERGHOUGASSIAN, Khatchik (2011). "The Social Origins of Shia and Sunni Islamism". *Journal of Race, Ethnicity and Religion*, 2 (6), pp. 1-41.

DUARTE, Felipe Pathé (2011). "Jihadismo Global: A (In) Coerência de uma Estratégia de Subversão?". *Revista Nação e Defesa*, (125), Instituto de Defesa Nacional, pp. 215-243.

ESPOSITO, John (2002). *Unholy War. Terror in the name of Islam*. Oxford-New York: Oxford University Press.

ETIENNE, Bruno (1987). *L'Islamism Radical*. Paris: Hachete.

EUBEN, Roxanne L. e ZAMAN, Muhammad Qasim (2009). *Princeton Readings in Islamist Thought. Texts and Contexts from al-Banna to Bin Laden*. Princeton-Oxford: Princeton University Press, pp. 321-327; 425-436.

FAITH, David (2011). "The Hawala System". *Global Security Studies* 2 (1). Northfield, EUA: Norwich University, pp. 23-33.

FARAJ, Muhammad 'Abd al-Salām (1986). "Translation of Muhammad 'Abd al-Salām Faraj's Text Entitled Al-Faridah al-Ghā'ibah" in Johannes J.G. Jansen e Muhammad 'Abd al-Salām (orgs.), *The Neglected Duty: the Creed of Sadat's Assassins and Islamic Resurgence in the Middle East*. New York: Macmillan, pp. 159-235.

FAWAZ, Georges (2005). *The Far Enemy. Why Jihad went Global*. New York: Cambridge University Press.

FERNANDES, José Pedro Teixeira (2006). *Islamismo e Multiculturalismo. As Ideologias após o Fim da História*. Coimbra: Almedina.

FERNANDES, José Pedro Teixeira (2012). "Genealogia do Islamismo Radical: de Ibn Taymiyya a Sayyid Qutb", in Maria do Céu Pinto (org.), *Islão na Europa face ao Islão Global: Dinâmicas e Desafios*. Loures: Diário de Bordo Editores, pp. 49-67.

FOUREST, Caroline (2005). *La Tentation obscurantiste*. Paris: Grasset.

FRADKIN, Hillel (2008). "The History and Unwritten Future of Salafism" in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (orgs.), *Current Trends in Islamist Ideology, Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World*, 6. Washington: Hudson Institute, pp. 5-19.

FREIXO, Manuel (2001). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*, 3.Ed. Lisboa: Instituto Piaget.

FUKUYAMA, Francis (1992). *The End of History and the Last Man*. Los Angeles: Avon Books.

GALITO, Maria Sousa (2012). "AQIM – Terrorismo Islâmico no Magreb e Sahel". *Revista Sol Nascente* (2), Instituto Superior Politécnico Sol Nascente.

GHORI, Faisal (2010). "Jihad: the trail of Political Islam/Globalised Islam: The search for a New Ummah/Face to Face with Political Islam". *Islamica Magazine*, (17), p. 116.

GONÇALVES, Francisco (2011). *O Islamismo Radical e o combate às suas ameaças: da Dawa à Jihad*. Loures: Diário de Bordo Editores.

GUEDES, Armando Marques (2007). *Ligações Perigosas. conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*. Coimbra: Almedina.

GUEDES, Armando Marques e ELIAS, Luís (2012). “Here be Dragons: Novos conceitos de Segurança e o Mundo Contemporâneo” in Eduardo Pereira Correia e Raquel dos Santos Duque (coord.), *O Poder Político e a Segurança*. Lisboa: Fonte da Palavra, pp. 27-58.

GUNARATNA, Rohan (2002). *Inside Al-Qaeda: Global Network of Terrorism*. Lisboa: Relógio d'Água, pp. 1-94.

GUNARATNA, Rohan (2004). “Spain: an al-Qaeda Hub?”. *UNISCI Discussion Papers*. Singapore: IDSS.

GUNARATNA, Rohan (2005). “The ideology of Al-Jama’ah Al-Islamiya”. *Current Trends in Islamist Ideology*, 1. Washington: Hudson Institute, pp. 67-81.

HAENNI, Patrick (2005). *L’Islam de Marché. L’ autre Révolution Conservatrice*. Paris: Éditions de Seuil-La République de Idées.

HASHMI, Arshi Saleem (2009). “Religious Parties and Militant Groups in Bangladeshi Politics: A Case Study”. *Spotlight on Regional Affairs*. Islamabad: Institute of Regional Studies.

HEGGHAMMER, Thomas (2013b). “Should i stay or should i go? Explaining variation in western jihadists’ choice between domestic and foreign fighting”. *American Political Science Review*. Noruega: Norwegian Defence Research Establishment (FFI).

HELFSTEIN, Scott e WRIGHT, Dominick (2011). “Success, Lethality, and Cell Structure across the Dimensions of al-Qaeda”. *Studies in Conflict & Terrorism*, 34 (11). Combating Terrorism Center-United States Military Academy West Point-New York: Routledge, pp. 367-382.

HOFFMAN, Bruce (1997). “Terrorism and WMD: Some Preliminary Hypotheses”. *The Nonproliferation Review*, 4 (3), p. 48.

HOFFMAN, Bruce (2006). “Islam and the West: Searching for Common Ground. The Terrorist Threat and the Counter-Terrorism Effort”. *The Rand Corporation*, Santa Monica.

HUNTINGTON, Samuel (1993). “The Clash of Civilizations?”, *Foreign Affairs* 72 (3), Florida: Council on Foreign Relations, pp. 22-49.

HUNTINGTON, Samuel (2009). *O Choque de Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial* (Henrique Ribeiro trad.). Lisboa: Gradiva.

KAHAN, Alan (2011). "Tocqueville, Islam, and Democracy". *Working Paper: Tocqueville on Religion: Checks and Balances for Democratic Souls*. Paris: American Graduate School in Paris.

KEPEL, Gilles (2005). *The Roots of Radical Islam* (Jon Rothschild trad.). London: Saqi Books.

KEPEL, Gilles (2006). *Jihad. The Trail of Political Islam* (Anthony F. Roberts trad.). London: I.B Tauris & Co Ltd.

KEPEL, Gilles (2008). *Beyond Terror and Martyrdom: The Future of the Middle East* (Pascale Ghazaleh trad.). Cambridge-London: The Belknap Press of Harvard University Press.

KEPEL, Gilles e MILELLI, Jean-Pierre (2008). *Al-Qaeda in its Own Words* (Pascale Ghazaleh trad.). Cambridge - London: The Belknap Press of Harvard University Press.

KETTANI, Houssain (2012). "Muslim Population in Europe: 1950-2020". *International Journal of Environmental Science and Development*, 1 (2), pp. 154-164.

KNAPP, Michael G. (2003). "The Concept and Practice of Jihad in Islam". *Parameters* 33 (1), pp. 82-94.

KRAMER, Martin (2003). "Coming to Terms: Fundamentalists or Islamists?". *Middle East Quarterly Review*, 10 (2), pp. 65-77.

KREBS, Valdis (2002). "Uncloaking Terrorist Networks". *First Monday*, 7 (4).

KRESPIN, Rachel Sharon (2009). "Fethullah Gülen's Grand Ambition. Turkey's Islamist Danger". *Middle East Quarterly*, pp. 55-66.

KRIPPENDORFF, Klaus (2003). "Conceptual Foundation" in Krippendorff, Klaus (org.), *Content Analysis. An Introduction to its Methodology*. London: Sage Publications.

KUMAR, Deepa (2011a). "Political Islam: a Marxist Analysis". *International Socialist Review*, 1 (76).

KUMAR, Deepa (2011b). "Political Islam: a Marxist Analysis". *International Socialist Review*, (78).

International Crisis Group (2005). "Understanding Islamism". *Middle East/North Africa Report*, (37).

- ISANI, Mujtaba (2010). "The Rise and Fall of the Jamaat-i-Islami in the Light of Social Movement Theory". *Virginia Review of Asian Studies*. Milwaukee: Marquette University, pp. 132-152.
- JACKSON, Roy (2006). *Fifty Key Figures in Islam*. London: Routledge Key Guides, pp. 44-46; 127-131; 190-205.
- JENKINS, Brian Michael (1975). "Will Terrorists go Nuclear". *The Rand Paper Series*. Santa Monica: The RAND Corporation, pp. 1-10.
- JORDAN, Javier e HORSBURGH, Nicola (2005). "The Jihadist Subculture of Terrorism in Spain" in Gary Wheeler e Jonathon Lynch (orgs.), *Cultures of Violence*, 5. Oxford: The Inter-Disciplinary Press, pp. 161-173.
- LANGMAN, Lauren e MORRIS, Douglas (2002). "Islamic Terrorism: From Retrenchment to Ressentiment and Beyond" in Harvey Kushner (org.), *Essential Readings in Political Terrorism*. Lincoln: University of Nebraska Press, pp. 130-179.
- LAQUEUR, Walter (1996). "Postmodern Terrorism: New Rules for an Old Game". *Foreign Affairs*. Florida: Council on Foreign Relations, pp. 24-37.
- LARA, António de Sousa (2009). *Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão*. Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP: Dislivro, pp. 712-715.
- LEÃO, Carla *et al.* (2011). "Globalização do Envelhecimento – O Caso Português". *Working Papers: População e Prospetiva*. Lisboa: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.
- LEIKEN, Robert e BROOKE, Steven (2006). "The Quantitative Analysis of Terrorism and Immigration: An Initial Exploration". *Terrorism and Political Violence*, 18 (4). Nixon Institute, pp. 503-521.
- LEWIS, Bernard (2001). *A Linguagem Política do Islão* (Marta Dias trad.). Lisboa: Colibri.
- LEWIS, Bernard (2003). *A Crise do Islão. Guerra Santa e Terror Ímpio* (Margarida Periquito trad.). Santa Maria da Feira: Relógio d'Água.
- LIA, Brynjar e HEGGHAMMER, Thomas (2004). "Jihadi Strategic Studies: The Alleged al-Qaeda Policy Study Preceding the Madrid Bombings". *Studies in Conflict and Terrorism*, (27).
- LIA, Brynjar (2006). "Abu Mus'ab al-Suri: Profile of a Jihadist Leader". *Joint FFI/King's College Conference - "The Changing Faces of Jihadism"*, London April 18th.
- LIA, Brynjar (2012). "What is terrorism?". *Winds of Change: On Irregular Warfare*, (18). Helsinki: National Defence University of Finland, pp. 360-374.

- MACDONALD, Kevin (2009). "Rethinking the Martyr within the Global Jihadi Movement" in Stewart Lockie *et al.* (orgs.), *The Future of Sociology*. Canberra-Australia: TASA, pp. 1-13.
- MAIGRE, Marie-Elisabeth (2007). "The Influence of the Gülen Movement in the Emergence of a Turkish Cultural Third Way". *Muslim World in Transition: Contribution of the Gulen Movement Conference*. London: SOAS University of London.
- MANASSERO, Maria Soledad (2011). "El Neo-fundamentalismo Islámico y el 11-S". *Centro Argentino de Estudios Internacionales*, (20).
- MARQUARDT, Erich e HEFFELFINGER, Christopher (2008a). "Sunni Activism", in Erich Marquardt e Christopher Heffelfinger (org.), *Terrorism & Political Islam. Origins, Ideologies, and Methods*, 2.Ed. United States Military Academy, West Point, New York, pp. 71-74.
- MARQUARDT, Erich e HEFFELFINGER, Christopher (2008b). "From Ali to Khomeini: The Development of Shiite Islamism", in Erich Marquardt e Christopher Heffelfinger (org.), *Terrorism & Political Islam. Origins, Ideologies, and Methods*, 2.Ed. United States Military Academy, West Point, New York, pp. 75-94.
- MARQUARDT, Erich e HEFFELFINGER, Christopher (2008c). "Understanding North Africa", in Erich Marquardt e Christopher Heffelfinger (org.), *Terrorism & Political Islam. Origins, Ideologies, and Methods*, 2.Ed. United States Military Academy, West Point, New York, pp. 197-216.
- MARTIN, Gus (2010). "Religious Terrorism", in Gus Martin (org.), *Essential of Terrorism. Concepts and Controversies*. Los Angeles: Sage Publications, pp. 130-156.
- MATTHEW, Richard e SHAMBAUGH, George (2005). "The Limits of Terrorism: A Network Perspective". *International Studies Review*, 7 (4), pp. 617-627.
- MAWDUDI, Abul A'La (1973). *Comprendre l'Islam*. (Islamic Foundation trad.). London: Islamic Foundation, Angleterre.
- MCGREGOR, Andrew (2003). "Jihad and the Rifle Alone. Abdullah Azzam and the Islamist Revolution". *The Journal of Conflict Studies*, 23 (2).
- MERANI, Alberto (1994). "Psicologia e Alienação", in Vilayanur S. Ramachandran (org.), *Encyclopedia of Human Behavior*, 4. San Diego, EUA: Academic Press, p. 401.
- MICHOT, Yahya (2011). "Ibn Taymiyya's "New Mardin Fatwa". Is genetically modified Islam (GMI) carcinogenic?". *The Muslim World*. Hartford Seminary: Blackweel Publishing, pp. 130-181.

- MIGAUX, Philippe (2007). "The Roots of Islamic Radicalism", in Chaliand, Gérard e Blin, Arnaud (org.), *The History of Terrorism. From Antiquity to al-Qaeda* (Edward Schneider, Kathryn Pulver and Jesse Browner trad.). Berkeley – Los Angeles – London: University of California Press, pp. 255-313.
- MODOOD, Tariq (2005). *Multicultural Politics. Racism, Ethnicity and Muslims in Britain*. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 209.
- MOREIRA, Adriano (2004). *Terrorismo*, 2.Ed. Coimbra: Almedina.
- MOUSSALLI, Ahmad S. (1994). "Hasan al-Turabi's Islamist Discourse on Democracy and Shura". *Middle Eastern Studies*, 8 (1), pp. 52-63.
- MOZAFFARI, Mehdi (2007). "What is Islamism? History and Definition of a Concept". *Totalitarian Movements and Political Religions*, 8 (1), pp. 17-33.
- NASR, Seyyed Hossein (2002). *The Heart of Islam, Enduring Values for Humanity*. New York: HarperSanFrancisco.
- NASR, Vali (2006). "When the Shiites Rise", in Erich Marquardt e Christopher Heffelfinger (org.), *Terrorism & Political Islam. Origins, Ideologies, and Methods*, 2.Ed. United States Military Academy, West Point, New York, pp. 95-106.
- NESSER, Petter (2010). "Chronology of Jihadism in Western Europe Update 2008-2010". *FFI's Terrorism Research Group*.
- NEUMANN, Peter R. e BROOKE, Rogers (2007). "Recruitment and Mobilisation for the Islamist Militant Movement in Europe". *King's College*, pp. 20-32.
- NOIVO, Diogo (2010). "Jihadism in Portugal. Grasping a Nebulous Reality". *ARI* (113), Real Instituto Elcano.
- OVIASOGIE, Faith Osasumwen (2013). "State Failure, Terrorism and Global Security: An Appraisal of the Boko Haram Insurgency in Northern Nigeria". *Journal of Sustainable Society*, 2 (1), pp. 20-30.
- PADGENS, Anthony (2009). *Mundos em Guerra. 2500 Anos de Conflito entre o Ocidente e o Oriente* (Miguel Mata trad.). Lisboa: Edições 70.
- PANTUCCI, Rafael (2011). "A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists". *The International Centre for the Study of Radicalisation*. London: King's College.
- PAZ, Reuven (2005). "The non-territorial islamic states in Europe". *The Project for the Research of Islamist Movements*.

PEREIRA, Miguel Batista (1992). "Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade". *Revista Filosófica de Coimbra*, 1 (2), pp. 205-263.

PHILLIPS, Melanie (2008). *Londonistão. Como na Grã-Bretanha se vive um clima de medo* (Inês Castro, trad.). Lisboa: Alêtheia Editores.

PIAZZA, James (2009). "Is Islamist Terrorism more Dangerous? An Empirical Study of Group Ideology, Organization, and Goal Structure". *Terrorism and Political Violence*, 21 (1), pp. 62-88.

PINTO, Maria do Céu (1996). "O Fundamentalismo Islâmico". *Revista Nação e Defesa*, 79, pp. 116-125.

PINTO, Maria do Céu (2010). "O Islão: os fundamentos". *Working Papers: O pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*, Universidade do Minho.

PINTO, Maria do Céu (2012). *Islão na Europa face ao Islão global: Dinâmicas e Desafios*. Loures: Diário de Bordo Editores.

POPPER, Karl (2012). *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos, I: O Sortilégio de Platão*. Lisboa: Edições 70.

PREGULMAN, Ally e BURKE, Emily (2012). "Homegrown Terrorism". *Center for Strategic and International Studies*, (7).

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2.Ed. Lisboa: Gradiva.

RAPOPORT, David C. (1984). "Fear and Trembling: Terrorism in Three Religious Traditions". *The American Political Science Review*, 78 (3), pp. 658-677.

RAPOPORT, David C. (2002). "The Four Waves of Rebel Terror and September 11", in Erich Marquardt e Christopher Heffelfinger (org.), *Terrorism & Political Islam. Origins, Ideologies, and Methods*, 2.Ed. United States Military Academy, West Point, New York, pp. 1-28.

RAPOPORT, David C. (2006). *Terrorism: Critical Concepts in Political Science*. New York: Routledge, pp. 1-36.

RASHID, Ahmed (2001). *Os Talibãs. O Islão, o Petróleo e o Novo Grande Jogo na Ásia Central* (Freitas e Silva trad.). Lisboa: Terramar.

REINARES, Fernando (2010a). "A New Composite Global Terrorism Threat to Western Societies from Pakistan? Making sense of the January 2008 suicide bomb in Barcelona". *Elcano Royal Institute working papers*, (28), pp. 1-18.

REINARES, Fernando (2010b). "The Madrid Bombings and Global Jihadism". *Survival*, 52 (2), pp. 83-104.

ROY, Olivier (1994). *The Failure of Political Islam* (Carol Volk trad.). Cambridge: Harvard University Press.

ROY, Olivier (2003). "EuroIslam: the Jihad Within?". *The National Interest*. (71), pp. 63-73.

ROY, Olivier (2007). "Islamic Terrorism Radicalization in Europe" in Amghhar, Samir, et al. (orgs.), *European Islam. Challenges for Society and Public Policy*. Brussels: Center for European Policy Studies, pp. 52-60.

RUBIN, Michael (2005). "Green Money, Islamist Politics in Turkey". *Middle East Quarterly*, 12 (1), pp. 13-23.

RUTHVEN, Malise (2000). *Islam: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

RUTHVEN, Malise (2005). *Fundamentalism, the Search for Meaning*. New York: Oxford University Press.

RUZZA, Stefano (2007). "Asymmetric War or Post-Westphalian War? War beyond the State". *Turin Conference*, European International Studies Association.

s.a. (2003). *O Sagrado Al-Corão*. Nova Oeiras: Associação Ahmadiya do Islão em Portugal.

SADRI, Mahmoud e SADRI, Ahmad (2000). *Reason, Freedom and Democracy in Islam: Essential Writings of Abdolkarim Soroush* (Mahmoud and Ahmad Sadri trad.). Oxford-New York: Oxford University Press, pp. 9-38.

SAGE, Andre le (2011). "The Evolving Threat of al-Qaeda in the Islamic Maghreb". *Strategic Forum*, (268). Washington, D.C. : Institute for National Strategic Studies

SAGEMAN, Marc (2004). *Understanding Terror Networks*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SCHMID, Alex P. e GRAFF, Janny de (1982). *Violence as Communication. Insurgent Terrorism and the Western News Media*. London-Beverly Hills: Sage Publications, pp. 1-5.

SCHMID, Alex P. e JONGMAN, Albert (1988). *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories, and Literature*. Centre for International Affairs, Harvard University, Amsterdam: North-Holland Publishing Company, pp. 28-48; 58-59.

SCHMID, Alex P. (1992). "The Response Problem as a Definition Problem". *Terrorism and Political Violence*, 4 (4), pp. 7-13.

- SCHMID, Alex P. (2004). "Frameworks for Conceptualising Terrorism". *Terrorism and Political Violence*, 16 (2).
- SCHMID, Alex P. (2005). "Terrorism as Psychological Warfare". *Democracy and Security*, 1 (2), pp. 137-146.
- SHEPARD, William E. (1987). "Islam and Ideology: Towards a Typology". *International Journal of Middle East Studies*, 19 (3), pp. 307-335.
- SHERIF, Ashraf El (2006). "Democratic Islamic Yuppies: Post-Islamism or another Islamism?". *AMSS 35th Annual Conference Muslim Identities: Shifting Boundaries and Dialogues*, Hartford.
- SILVA, Teresa de Almeida e (2011). *Islão e Fundamentalismo Islâmico: das Origens ao Século XXI*. Lisboa: Pactor.
- SIVAN, Emmanuel (1985). *Radical Islam: Medieval Theology and Modern Politics*. New Haven-London: Yale University Press, pp. 9-11; 90-129.
- SLEEMAN, James (1918). *Thug: or a Million Murders*. London: Sampson Low, Mastern & Co., Ltd.
- SMITH, Morton (1971). "Zealots and Sicarii, Their Origins and Relation". *The Harvard Theological Review*, 64 (1), pp. 1-19.
- TIBI, Bassam (1997). *The Challenge of Fundamentalism: Political Islam and the New World Disorder*. Berkley-California: University of California Press.
- TORRES, José (2009). *Terrorismo Islâmico. Gestão de Riscos para a Segurança Nacional*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- TZU, Sun (2007). *A Arte da Guerra* (Edição de Samuel Griffith). Lisboa: Evergreen.
- University Homeland Security Policy Institute and the University of Virginia Critical Incident Analysis Group (2006). *Out of the Shadows: Getting Ahead of Prisoner Radicalization*. United States of America: The George Washington University and The University of Virginia.
- USHAMA, Thameem e OSMANI, Noor Muhammad (2006). "Sayyid Mawdudi's Contribution towards Islamic Revivalism". *IIUC Studies*, (3), pp. 93-104.
- VEGAR, José (2007). "O Encaixe das Rodas Dentadas. A investigação do terrorismo jihadista em Portugal". *Sociologia, Problemas e Práticas*, (54), pp. 163-181.
- WAYWELL, Tyler (2005). "A Failure to Modernize: the Origins of 20th Century Islamic Fundamentalism". *The Concord Review*, pp. 159-190.

- WEINBERG, Leonard *et al.* (2004). "The Challenges of Conceptualizing Terrorism". *Terrorism and Political Violence*, 16 (4), pp. 777-794.
- WIEVIORKA, Michel (1988). *The Making of Terrorism*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 3-24.
- WIKTOROWICZ, Quintan (2005). "A Genealogy of Radical Islam". *Studies in Conflict & Terrorism*, (28), pp. 75-97.
- WILKINSON, Paul (2011). *Terrorism versus Democracy. The liberal state response*. London-New York: Routledge.
- YILMAZ, Ibsan (2011). "Beyond Post-Islamism: Transformation of Turkish Islamism Toward "Civil Islam" and its Potential Influence in the Muslim World". *European Journal of Economics and Political Studies*, 4 (1), pp. 245-280.
- YOUNG, Aaron M. e GRAY, David H. (2011). "Insurgency, Guerrilla Warfare and Terrorism: Conflict and its Application for the Future". *Global Security Studies*, 2 (4), pp. 65-76.
- ZACKIE, M. W. (2013). "An Analysis of Abu Mus'ab al-Suri's "Call to Global Islamic Resistance". *Journal of Strategic Security*, 6 (1), pp. 1-18.
- ZAIDI, Syed Manzar Abbas (2008). "The Fundamentalist Distortion of the Islamic Message". *Athena Intelligence Journal*, 3 (4), pp. 59-75.
- ZAWAHIRI, Ayman (2001). *Knights Under the Prophet's Banner*. London: Al-Sharq al-Awsat, pp. 1-67.

Teses e Dissertações

- ADAMSON, John C. (2011). "Global Jihad: Al-Qaeda and its Implications for the Global System", *An Undergraduate Honors Thesis Presented to the Department of International Studies*. Página consultada em 7 de fevereiro de 2014, <<http://intldept.uoregon.edu/wp-content/uploads/2012/12/INTL-UG-Thesis-Adamson.pdf>>.
- DUARTE, Felipe Pathé (2012). "O Jihadismo Global: da Teoria à Prática. Contributos para o Estudo da Estratégia de Subversão Armada de um Antimovimento Secular", *Tese apresentada para a obtenção do Grau de Doutor em Ciência Política e Relações Internacionais*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, pp. 222-370.
- MAESSEN, J.M.A.H (2012). "Reassessing Turkish National Memory: the AKP and the Nation. An analysis of the representation of Turkish national memory and identity by the

AKP”, *Master Thesis Presented at the Faculty of Humanities Theses*. Página consultada em 22 de novembro de 2013, <<http://dspace.library.uu.nl/handle/1874/253287>>.

VEGAR, José (2008). *As Células e as Fronteiras. A Circulação e Posse de Informação no Terrorismo Jihadista, no Crime Organizado Contemporâneo e na Investigação de Segurança*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Lisboa: Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa.

Legislação

THE GENEVA CONVENTION IV (1949). *Geneva Convention Relative to the Protection of Civilian Persons in Time of War*. Página consultada em 19 de fevereiro de 2014, <http://www.hrea.org/index.php?base_id=104&language_id=1&erc_doc_id=465&category_id=27&category_type=3&group=>>.

THE HAGUE CONVENTION IV (1907). *Laws of War: Laws and Customs of War on Land*. Yale Law School. Página consultada em 12 de fevereiro de 2014, <http://avalon.law.yale.edu/-20th_century/hague04.asp>.

Imprensa

ADAMS, Lorraine e NASIR, Ayesha (2010). “Inside the Mind of the Times Square Bomber”. *The Guardian*, September 19th. Página consultada em 29 de março de 2014, <<http://www.theguardian.com/world/2010/sep/19/times-square-bomber>>.

BAKER, Aryn (2013). “Al-Qaeda’s New Star Rises”. *Times*, 182 (25), December 16th, pp. 16-21.

BOOTH, Robert (2012). “Abu Qatada: spiritual leader for deadly islamist groups?”. *The Guardian*, February 7th. Página consultada em 9 de abril de 2014, <<http://www.theguardian.com/world/2012/feb/07/abu-qatada-spiritual-leader-islamist>>.

BIN LADEN, Osama (2004b). “Resist the new Rome”. *The Guardian*, January 6th. Página consultada em 08 de fevereiro de 2014, <<http://www.theguardian.com/world/2012/feb/07/-abu-qatada-spiritual-leader-islamist>>.

BURKE, Daniel (2013). “Terrorist Attacks and Deaths Hit Record High”. *CNN*, October 28th. Página consultada em 11 de março de 2014, <<http://religion.blogs.cnn.com/2013/10/28/terrorist-attacks-and-deaths-hit-record-high-report-shows/>>.

CORERA, Gordon (2013). "Al-Qaeda chief Zawahiri urges 'lone-wolf' attacks on US". *BBC*, September 13th. Página consultada em 7 de fevereiro de 2014, <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east24083314>>.

DIAS, Joana Sousa (2013). "Comunidade Islâmica em Portugal completa 45 anos de existência". *TSF*, 8 de novembro. Página consultada em 14 de abril de 2014, <http://www-ts.pt/PaginalInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=3523352&page=1>.

DOUGLAS, Jehl e Johnston, David (2004). "Terror Detainee is seen as Leader in Plot by al-Qaeda". *The New York Times*. Página consultada em 4 de abril de 2014, <<http://www.nytimes.com/2004/08/06/politics/06terror.html>>.

FRANCO, Hugo *et al.* (2014). "As três rotas dos jihadistas portugueses". *Expresso*, 5 de abril, pp. 16-17.

FRANCO, Manuela (2009). "Nós acreditamos na morte. Vocês acreditam na vida". *Público*, 6 de janeiro. Página consultada em 18 de dezembro de 2013, <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=14&ida=404>>.

GALT, Jonathan (2004). "A Message to the Spanish People: The Neglected Threat by Qa'idat al-Jihad". *Free Republic*. Página consultada em 14 de abril de 2014, <<http://www.freerepublic.com/focus/fnews/1101005/posts>>.

HEGGHAMMER, Thomas (2013a). "Number of Foreign Fighters from Europe in Syria is historically unprecedented. Who should be worried?". *The Washington Post*, November 27th. Página consultada em 08 de abril de 2014, <<http://www.washingtonpost.com/blogs-monkey-cage/wp/2013/11/27/number-of-foreign-fighters-from-europe-in-syria-is-historically-unprecedented-who-should-be-worried/>>.

HEGGHAMMER, Thomas (2013c). "Syria's Foreign Fighters". *The Middle East Channel*, December 9th. Página consultada em 18 de abril de 2014, <http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/12/09/syrias_foreign_fighters>.

HIRSCH, Michael (2013). "The Next Bin Laden". *National Journal*, November 14th. Página consultada em 19 de janeiro de 2014, <<http://www.nationaljournal.com/magazine/the-next-bin-laden20131114>>.

LAVILLE, Sandra (2006). "Suspects linked to hardline islamic group". *The Guardian*, August 18th. Página consultada em 09 de abril de 2014, <<http://www.theguardian.com/uk/2006/aug/18/terrorism.world>>.

Lubbock Avalanche Journal (2013). "Other views: Al-Qaida strengthens presence in America". Página consultada em 27 de fevereiro de 2014, <<http://lubbockonline.com/editorials/2013-11-23/other-views-al-qaida-strengthens-presence-america#Uw8re86u4U0>>.

LUNDQUIST, Lisa (2013). "Spain uncovers al-Qaeda network for syrian jihadists". *The Long War Journal*, June 21th. Página consultada em 14 de abril de 2014, <http://www.longwarjournal.org/archives/2013/06/spain_uncovers_al_qa.php>.

MEMRI (2002). "Leading Sunni Sheikh Yousef al-Qaradawi and Other Sheikhs Herald the Coming Conquest of Rome". *The Middle East Media Research Institute*. Página consultada em 8 de fevereiro de 2014, <<http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/774.-htm>>.

MOORE, Molly (2008). "In France, Prison filled with Muslims". *The Washington Post*, April 29th. Página consultada em 06 de abril de 2014, <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/04/28/AR2008042802560.html#>>.

MORA, Edwin (2012). "Sunni Muslim Extremists Committed 70% of Terrorist Murders in 2011". *CNSNews.com*, August 3th. Página consultada em 25 de janeiro de 2014, <<http://cnsnews.com/news/article/sunni-muslim-extremists-committed70-terrorist-murders2011>>.

PATTEN, David A. (2013). "General Hayden: Boston-Style Attacks may be the New Normal". *Newsmax*, April 15th. Página consultada em 27 de fevereiro de 2014, <<http://www.newsmax.com/Headline/boston-marathon-terrorist-attacks/2013/04/15/id/499611>>.

PIPES, Daniel (2009), "Islamismo 2.0" (Joseph Skilnik, trad.). *Jerusalem Post*, 25 de novembro. Página consultada em 30 de novembro de 2014, <<http://pt.danielpipes.org/77-74/islamismo>>.

Reuters (2014). "Religious Conflict in Global Rise". *The Telegraph*, January 14th. Página consultada em 20 de fevereiro de 2014, <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/10572342/Religious-conflict-in-global-rise-report.html>>.

RIBEIRO, Nuno (2007). "Começa hoje o julgamento dos atentados de 11 de março em Madrid". *Público*, 15 de fevereiro. Página consultada em 12 de abril de 2014, <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/comeca-hoje-o-julgamento-dos-atentados-de11-de-marco-em-madrid1285752>>.

ROBERTS, Adam (2002). "The Changing Faces of Terrorism". *BBC*, 1-7. Página consultada em 11 de fevereiro de 2014, <http://www.bbc.co.uk/history/recent/sept_11/changing_faces_01.shtml>.

SHAH, Sabir (2013). "History of Jamaat-e-Islami and its leadership". *The News International*, November 12th. Página consultada em 19 de janeiro de 2014, <<http://www.thenews.com.pk/Todays-News2-213836-History-of-Jamaat-e-Islami-and-its-leadership>>.

SOFFER, Ari (2014). "British Islamist Leader Vetted Recruits for Syria Jihad". *Israelnationalnews*, January 7th. Página consultada em 11 de abril de 2014, <<http://www.israelnationalnews.com/News/News.aspx/176034#.U0fKFqJwwUo>>.

SWINFORD, Steven (2011). "WikiLeaks: How Britain Became a Haven for Migrants Extremists". *The Telegraph*, April 25th. Página consultada em 06 de abril de 2014, <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8472854/WikiLeaks-how-Britain-became-a-haven-for-migrant-extremists.html>>.

TAYLOR, Jenny (2009). "What is Tablighi Jamaat?". *The Guardian*, September 8th. Página consultada em 11 de janeiro de 2014, <<http://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2009/sep/08/religion-islam-tablighi-jamaat>>.

VIANA, Israel (2010). "1985: El Primeiro Gran Atentado Islámico en España". *ABC*, 11 de maio. Página consultada em 13 de abril de 2014, <<http://www.abc.es/20100413/historia-/atentado-torrejon1985-islamismo201004121803.html>>.

Fontes Eletrônicas

AIVD (2004). *From Dawa to Jihad. The Various Threats from Radical Islam to the Democratic Legal Order*. Página consultada em 02 de dezembro de 2013, <<http://www.fas.org/irp/world/netherlands/dawa.pdf>>.

AIVD (2006). *From Dawa to Jihad. The Various Threats from Radical Islam to the Democratic Legal Order*. Página consultada em 09 de dezembro de 2013, <<http://www.fas.org/irp/world/netherlands/>>.

AKHMETKARIMOV, Bulat (2010). "Moderate Islam' in Turkey: Is the Ball in the AKP's Court?". *The Washington Review of Turkish and Eurasian Affairs*. Página consultada em 11 de janeiro de 2014, <<http://thewashingtonreview.org/articles/moderateislamturkey.html>>.

ANDERSON, David Q. C. (2013). *The Terrorism Acts in 2012. Report of the Independent Reviewer on the Operation of the Terrorism Act 2000 and Part 1 of the Terrorism Act 2006*. London: The Stationery Office. Página consultada em 17 de fevereiro de 2014, <https://terrorismlegislationreviewer.independent.gov.uk/wp-content/uploads/2013/07/Report-on-the-Terrorism-Acts-in2012-FINAL_WEB1.pdf>.

ANSART, Guillaume (2011). *The Invention of the Modern State Terrorism During the French Revolution*. Bloomington: Indiana University, pp. 1-6. Página consultada em 19 de

fevereiro de 2014, <<http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1031&context=revisioning>>.

As-Sahab (2008). "The all Interviews with Dr. Ayman al-Zawahiri by As-Sahab Media". *Internet Archive*. Página consultada em 07 de fevereiro de 2014, <<http://archive.org/details/The-all-Interviewes-with-Dr-Ayman-al-Zawahiri>>.

BAKER, Edwin e DONKER, Teije Hidde (2006). *Jihadi Terrorists in Europe. Their Characteristics and the circumstances in which they joined the jihad: an exploratory study*. Netherlands Institute of International Relations. Página consultada em 09 de abril de 2014, <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDI-QFjAA&url=http%3A%2F%2Fclingendael.info%2Fpublications%2F2006%2F20061200_c-scp_csp_bakker.pdf&ei=vFBRU9HkCYjV4ATsjoDIBg&usg=AFQjCNHGhRNZ1b5nQtrSaDuWkWcaHH4qvg&sig2=X7GRt6kig65ZR99HEWHccA&bvm=bv.65058239,d.bGE>.

BERMAN, Gavin e DAR, Aliyah (2013). *Prison Population Statistics*. London: House of Commons Library. Página consultada em 16 de março de 2014, <<http://www.parliament.uk/business/publications/research/briefing-papers/SN04334/prison-population-statistics>>.

BIN LADEN, Osama *et al.* (1998). "World Islamic Front for Jihad against Jews and Crusaders". *Al-Quds al-Arabi*. Página consultada em 08 de fevereiro de 2014, <<http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>>.

BIN LADEN, Osama (2004a). "Depose the Tyrants". *TriCollege Digital Repository*. Página consultada em 08 de fevereiro de 2014, <<http://.edu/dspace/bitstream/handle/10066/512-1/OBL20041216.pdf?sequence=3>>.

ELAHI, Manzoor (2013). *Islamic Perspetive on Jihad and Terrorism*. Página consultada em 23 de março de 2014, <https://www.academia.edu/3060953/Islamic_perspetive_on_Jihad_and_Terrorism>.

EUROPOL (2010). *TE-SAT 2010, EU Terrorism Situation and Trend Report*. Página consultada em 16 de fevereiro de 2014, <<http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cmsUpload/TE-SAT%2010.pdf>>.

EUROPOL (2011). *TE-SAT 2011, EU Terrorism Situation and Trend Report*. Página consultada em 16 de fevereiro de 2014, <<http://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/te-sat2011.pdf>>.

EUROPOL (2012). *TE-SAT 2012, EU Terrorism Situation and Trend Report*. Página consultada em 16 de fevereiro de 2014, <<http://www.europol.europa.eu/content/te-sat2012-eu-terrorism-situation-and-trend-report1569>>.

EUROPOL (2013). *TE-SAT 2013, EU Terrorism Situation and Trend Report*. Página consultada em 16 de fevereiro de 2014, <<http://www.europol.europa.eu/content/te-sat2013-eu-terrorism-situation-and-trend-report>>.

FELDNER, Yoam (2014). “Abu Hamza al-Masri”. *Jewish Virtual Library*. Página consultada em 11 de abril de 2014, <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography-/Masri.html>>.

FOSTER, Raymond (2006). “Terrorism Organizational and Communication Strategies”. *Policeone*. Página consultada em 08 de março de 2014, <<http://www.policeone.com/policeproducts/tactical/night-vision/articles/135924-Terrorism-organizational-and-communication-strategies/>>.

GIANNAKOURIS, Konstantinos (2008). *Population and Social Conditions*. Eurostat. Página consultada em 04 de abril de 2014, <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPU-B/KS-SF08-072/EN/KS-SF08-072-EN.PDF>.

HALLIDAY, Fred (2011). “Terrorism in Historical Perspective”. *Open Democracy*. Página consultada em 22 de fevereiro de 2014, <http://www.opendemocracy.net/conflict/article_1865.jsp>.

HAMAS (1988). “The Hamas Charter”. *The Jerusalem Fund*. Página consultada em 15 de dezembro de 2013, <<http://www.thejerusalemfund.org/www.thejerusalemfund.org/carryover/documents/charter.html>>.

HIRSH, Michael (2012). “The Next Bin Laden”. *National Journal*, November 14th. Página consultada em 19 de fevereiro de 2014, <<http://www.nationaljournal.com/magazine/the-next-bin-laden20131114>>.

HORNE, Alexander e DOUSE, Diana (2013). “*The Terrorist Act 2000: Proscribed Organizations*”. London: House of Commons Library. Página consultada em 18 de dezembro de 2013, <<http://www.parliament.uk/briefing-papers/sn00815.pdf>>.

INSTITUT NATIONAL D'ÉTUDES DÉMOGRAPHIQUES (2010). *Population Growth 2000-2050*. Página consultada em 04 de abril de 2014, <http://www.ined.fr/en/everything_about_population/q-raph_month/growth_population_2050/>.

JOHNSTON, Robert (2012). “Map of Worst Terrorist Attacks Worldwide: 100 or More Fatalities”. *Johnston Archive*. Página consultada em 05 de março de 2014, <<http://www.johnstonsarchive.net/terrorism/globalterrorism1.html>>.

JORDÁN, Javier (2014). “*Evolución organizativa de la militancia yihadista en España*”. Real Instituto Elcano. Página consultada em 7 de abril de 2014, <<http://realinstitutoel->

cano.org/wps/portal/web/rielcano_es/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_es/zonas_es/terrorismo+internacional/ari12-2014-jordan-evolucion-organizativa-militancia-yihadista-espana#.U1QD96JwwUo>.

KERN, Soeren (2012). “Al-Qaeda’s Strategy of a Thousand Cuts”. *Gatestoneinstitute*. Página consultada em 15 de abril de 2014, <<http://www.gatestoneinstitute.org/3412/fores-t-fire-jihad>>.

KNAUS, Gerald (2005). *Islamic Calvinists: Change and Conservatism in Central Anatolia*. ESI Report. Página consultada em 22 de dezembro de 2013, <<http://www.esiweb.org/index.php?lang=yu&id=224>>.

KOÇ, Dogan (2010). “Fethullah Gülen's Grand Ambition: A Biased, Selective, Misleading, Misrepresentative and Miscalculated Article”. *Fethullah Gulen Forum*. Página consultada em 02 de dezembro de 2013, <<http://www.fethullahgulenforum.org/-articles/10/fethullah-gulen-s-grand-ambition-biased-selective-misleading-misrepresen-tative-miscalculated-article>>.

LAUB, Zachary e MASTERS, Jonathan (2014a). “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/al-qaeda-islamic-maghreb-aqim/p12717>>.

LAUB, Zachary e MASTERS, Jonathan (2014b). “Al-Qaeda in Iraq”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/iraq/al-qaeda-iraq-k-islamic-state-iraq-greater-syria/p14811>>.

LIMA, Bernardo Pires de (2010). “Geração Confiscada”. *Instituto Português de Relações Internacionais*. Página consultada em 22 de dezembro de 2013, <http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=455>.

MASTERS, Jonathan (2012). “Hamas”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 11 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/israel/hamas/p8968>>.

MASTERS, Jonathan (2013a). “Al-Qaeda in the Peninsula Arabica”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/yemen/al-qaeda-arabian-peninsula-aqap/p9369>>.

MASTERS, Jonathan (2013b). “Al-Shabab”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 29 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/somalia/al-shabab/p18650>>.

MASTERS, Jonathan (2014). “Hezbollah”. *Council on Foreign Relations*. Página consultada em 11 de janeiro de 2014, <<http://www.cfr.org/lebanon/hezbollah-k-hizbollah-hizbullah/p9155>>.

O'BRIEN, Lauren, B. (2011). *The Evolution of Terrorism since 9/11*. FBI Law Enforcement Bulletin, FBI Federal Bureau of Investigation. Página consultada em 15 de fevereiro de 2014, <<http://www.fbi.gov/stats-services/publications/law-enforcement-bulletin/september-2011/the-evolution-of-terrorism-since9-11>>.

PRECHT, Thomas (2007). *Homegrown Terrorism and the Islamist radicalization in Europe: From Conversion to Terrorism*. Research report funded by the Danish Ministry of Justice. Página consultada em 16 de março de 2014, <http://www.justitsministeriet.dk/file-admin/downloads/Forskning_og_dokumentation/Home_grown_terrorism_and_Islamist_radicalisation_in_Europe_-_an_assessment_of_influencing_factors_2_.pdf>.

QUTB, Sayyid (1964). *Ma'âlim fi al-Tariq [Milestones]*. Young Muslim. Página consultada em 4 de dezembro de 2013, <http://web.youngmuslims.ca/online_library/books/milestones/hold/index_2.htm>.

ROGAN, Hanna (2007). "Al-Qaeda's online media strategies: from Abu Reuter to Irhabi 007". *Norwegian Defence Research Establishment (FFI)*. Página consultada em 02 de abril de 2014, <<http://rapporter.ffi.no/rapporter/2007/02729.pdf>>.

SILBER, Mitchell D. e BHATT, Arvin (2007). *Radicalization in the West: the Homegrown Threat*. New York Police Department. Página consultada em 14 de março de 2014, <<http://www1.nyc.gov/>>.

SISTEMA DE SEGURANÇA INTERNA (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna 2013*. Página consultada em 13 de abril de 2014, <<http://www.portugal.gov.pt/pt/documentos-oficiais/20140401-rasi2013.aspx>>.

STANFORD UNIVERSITY (2012a). *Jemaah Islamiyah*. Mapping Militant Organizations. Página consultada em 20 de janeiro de 2014, <<http://www.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/251>>.

STANFORD UNIVERSITY (2012b). *Al-Qaeda in the Arabian Peninsula*. Mapping Militant Organizations. Página consultada em 20 de janeiro de 2014, <<http://www.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/19>>.

STANFORD UNIVERSITY (2012c). *Al-Qaeda in Iraq*. Mapping Militant Organizations. Página consultada em 20 de janeiro de 2014, <<http://www.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/1?highlight=Al-Qaeda+in+Iraq>>.

STANFORD UNIVERSITY (2012d). *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb*. Mapping Militant Organizations. Página consultada em 20 de janeiro de 2014, <<http://www.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/65?highlight=A-I-Qaeda+in+Islamic+Maghrebe>>.

STANFORD UNIVERSITY (2012e). *Al-Qaeda. Mapping Militant Organizations*. Página consultada em 20 de janeiro de 2014, <<http://www.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/21>>.

TAARNBY, Michael (2005). *Recruitment of Islamist terrorists in Europe. Trends and Perspectives*. Research funded by the Danish Ministry of Justice. Página consultada em 28 de março de 2014, <<http://www.michaeltaarnby.com/publications>>.

TERRORISM RESEARCH & ANALYSIS CONSORTIUM (2014). *Al-Shabaab*. Página consultada em 02 de fevereiro de 2014, <<http://www.trackingterrorism.org/group/al-shabaab>>.

THE NATIONAL COUNTERTERRORISM CENTER (2014a). *Al-Qa'ida in Iraq*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.nctc.gov/site/groups/aqi.html>>.

THE NATIONAL COUNTERTERRORISM CENTER (2014b). *Al-Qa'ida in the Arabian Peninsula*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.nctc.gov/site/groups/aqap.html>>.

THE NATIONAL COUNTERTERRORISM CENTER (2014c). *Al-Qa'ida in the Lands of Islamic Maghreb*. Página consultada em 26 de janeiro de 2014, <<http://www.nctc.gov/site/groups/aqim.html>>.

THE NATIONAL COUNTERTERRORISM CENTER (2014d). *Al-Shabaab*. Página consultada em 30 de janeiro de 2014, <http://www.nctc.gov/site/groups/al_shabaab.html>.

United Nations (2004). *Resolution 1566*. Security Council, pp. 1-3. Página consultada em 17 de fevereiro de 2014, <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N04/542/82/PDF/-N0454282.pdf?OpenElement>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2005). *Country Reports on Terrorism 2004*, pp. 42-56. Página consultada em 25 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/documents/organization/4-513.pdf>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2006). *Country Reports on Terrorism 2005*, pp. 83-125. Página consultada em 25 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/documents/organization/6-5462.pdf>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2007). *Country Reports on Terrorism 2006*. Página consultada em 24 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2006/82732.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2008). *Country Reports on Terrorism 2007*. Página consultada em 24 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2007/103707.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2009). *Country Reports on Terrorism 2008*. Página consultada em 23 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2008/122432.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2010). *Country Reports on Terrorism 2009*. Página consultada em 23 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2009/140885.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2011). *Country Reports on Terrorism 2010*. Página consultada em 23 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2010/170256.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2012). *Country Reports on Terrorism 2011*. Página consultada em 21 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2011/195543.htm>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2013a). *Country Reports on Terrorism 2012*. Página consultada em 21 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/documents/organization/210288.pdf>>.

U.S DEPARTMENT OF STATE (2013b). *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism: Annex of Statistical Information*. Página consultada em 20 de fevereiro de 2014, <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2012/209981.htm>>.

WOOD, David (2012). “Anjem Choudary calls for more muslim babies in order to take over Great Britain”. *Answering Muslims*. Página consultada em 11 de abril de 2014, <<http://www.answeringmuslims.com/2012/08/anjem-choudary-calls-for-more-muslim.html>>.

ZIMMERMAN, Catherine (2013). *The Al-Qaeda Network. A New Framework for Defining the Enemy*. A Report by AEI's Critical Threats Project. Página consultada em 12 de março de 2014, <<http://www.criticalthreats.org/al-qaeda/zimmerman-al-qaeda-network-new-framework-defining-enemy-september10-2013>>.

ANEXO I

CRONOLOGIA

- 570-571: Ano de nascimento de Muhammad ibn ‘Abd Allah. Não se sabe com precisão a data de nascimento de Maomé, só se sabendo ter sido no ano do Elefante, nome dado em honra do exército abissínio que marchou para Meca em 570-571, da qual faria parte um elefante.
- 595: Maomé casa-se com Khadija, sua primeira mulher que dá à luz quatro filhas (Ruqayya, Um Kuthum, Zaynab e Fátima).
- 610: Primeira revelação de Maomé pelo Arcanjo Gabriel. Khadija e Ali tornam-se, respetivamente, a primeira mulher e o primeiro homem a converter-se.
- 613: Início da pregação de Maomé aos habitantes de Meca.
- 620: Morte de Khadija e do tio de Maomé, Abu Talib, o seu grande mentor atrás de ‘Abd al-Muttalib bin Hashim, avô do Profeta.
- 622: Ano do início da Hégira. Por pedido da cidade de Yathrib, Maomé torna-se árbitro da comunidade. A cidade muda de nome para Medina (cidade do profeta), onde se irá estabelecer a sua comunidade. Início do calendário islâmico.
- 623: Fátima casa-se com Ali Talib. Maomé casa-se com Aisha, filha de Abu Bakr.
- 624: Mudança da orientação (*qibla*) das orações de Jerusalém para Meca.
Data do tratado celebrado entre Maomé, cristãos e judeus de Medina.
Batalha de Badr, na qual um pequeno exército de 300 homens derrota um exército de 1000 mequenses, reforçando a missão e legitimidade de Maomé.
- 625: Batalha de Uhud entre as forças de Maomé e Meca. Vitória sofrida dos companheiros de Maomé, na qual fica ferido.
- 627: Meca volta a cercar Medina, desta vez com um exército superior a 10 mil homens. O cerco é levantado graças às trincheiras que são cavadas em torno da cidade.
A tribo judaica dos Banu Qurayza é aniquilada por auxiliar os invasores.

- 628: Tratado de cessação das hostilidades entre Medina e Meca por 10 anos, celebrado entre Maomé e Mu'awiya ibn Abi Sufyan, comandante das forças de Meca.
- 630: Conquista de Meca. A *kaaba* torna-se objeto de adoração a *Allah*.
- 632: Maomé realiza a sua última peregrinação (peregrinação do adeus) a Meca e morre a 8 de junho em Medina. Início das divisões entre os seguidores do Profeta.
- 632-634: Califado de Abu Bakr (1º califa), tornando-se o representante máximo da comunidade de crentes, sucessor de Maomé. Tinha o título de *Khalifat Rasul Allah*, isto é, “sucessor do mensageiro de Deus”.
- 632: Batalha de Yamama entre as forças de Abu Bakr e o suposto profeta Musaylimah. Nesta batalha, ficaram famosos os atos destemidos dos seguidores de Abu Bakr, que continuamente se lançavam contra as hostes inimigas. Este momento irá ser recitado por islamistas radicais como analogia aos bombistas suicidas.
- No fim da batalha, Abu Bakr decide reunir os textos dispersos do Corão numa única obra. A tarefa só se completará no califado de Uthman.
- 634-644: Califado de Omar ibn al-Khattab, designado por Abu Bakr como seu sucessor.
- 639-642: Os árabes muçulmanos conquistam o Egito.
- 644: Abu Lu'lu'a, escravo cristão de origem persa, assassina Omar. Sucessão de Uthman em detrimento de Ali, genro de Maomé.
- 644-656: Califado de Uthman ibn Affan, do clã dos Omíadas. Uthman que casara com Ruqayya na altura da sua conversão, é casado com outra filha do Profeta (Um Kuthum) após a morte da sua primeira esposa.
- Fim da compilação única do Corão.
- 649: Primeiras expedições marítimas árabes. Ocupação de Chipre.

- 656: Assassínio de Uthman, terceiro califa, e início da primeira guerra civil no Islão. Sucede-lhe Ali ibn Abi Talib, genro de Maomé que os futuros dissidentes xiitas apoiam desde a primeira sucessão do Profeta.
- 656-661: Duração do quarto califado islâmico de Ali Talib.
- 657: Mu'awiya bin Abu Sufyan, primo de Uthman e futuro califa, contesta o califado de Ali. Na batalha de Siffin, a sujeição de Ali a uma arbitrariedade temporal em detrimento do discernimento divino leva à primeira dissidência no Islão, os kharijistas.
- 660: Mu'awiya, vencedor na batalha de Siffin, é proclamado califa na Síria, Palestina, Egito e Hejaz (atual Arábia Saudita), ao passo que Ali continua califa na Pérsia.
- 661: Assassinato de Ali na mesquita de Kufa, por Abdur Rahman, kharijista. Ali torna-se mártir dos xiitas.
- Fim dos quatros califados, período áureo da história islâmica, conhecido como “época de ouro do Islão” a par da sua fundação por Maomé. Início da dinastia Omíada, sendo califa Mu'awiya ibn abi Sufyan.
- 674-678: Cerco árabe de Constantinopla.
- 680: Data do massacre de Karbala (atual Iraque), onde Hussein, filho de Ali, é morto conjuntamente com dezenas de familiares. O feriado islâmico da *ashura* é celebrado pelos xiitas como dia de luto pelo martírio de Hussein.
- Yazid I sucede a Mu'awiya ibn Abi Sufyan como califa do mundo islâmico.
- 711: Entrada de Tariq ibn Ziyad, comandante muçulmano, no sul de Espanha. Derrota do exército visigodo de Rodrigo na batalha de Guadalete. Início da conquista islâmica da Península Ibérica.
- 712: Conquista de Samarcanda.
- 717-718: Segundo cerco de Constantinopla, cidade ortodoxa e capital do império bizantino.

- 718: O reino cristão das Astúrias, comandado por Pelágio, resiste às ofensivas árabes e vence na batalha de Covadonga. Marco do início da reconquista cristã.
- 728: Morte de al-Basri, considerado como o pai do misticismo sufista (Sufi) do Islão.
- 732: A 25 de outubro de 732, dá-se a batalha de Poitiers (ou Tours), entre os exércitos invasores muçulmanos e o exército franco que marca o fim da expansão dos exércitos islâmicos. Carlos Martel funda a dinastia carolíngia e Abd al-Rahman ibn Abd Allah al-Gafiqi, emir do Al-Ândalus, morre no campo de batalha.
- 750: Fim do califado dos omíadas e início da dinastia abássida. Abu al-'Abbas, primeiro califa abássida, elimina o resto dos dirigentes omíadas, tendo sobrevivido Abd al-Rahman, fundador do emirado de Córdoba em 756.
- 751: Batalha do rio Talas que opôs os exércitos muçulmanos dos abássidas ao exército expansionista chinês pela posse da Ásia Central. Vitória islâmica e introdução das técnicas de fabrico de papel.
- 767: Morte de Abu Hanifita, fundador da escola de pensamento sunita hanafita.
- 795: Morte de Malik ibn Anas, fundador da escola de pensamento sunita malikita.
- 820: Morte de al-Shafi, fundador da escola de pensamento sunita shafiita.
- 855: Morte de Ahmad ibn Hanbal, fundador da escola de pensamento sunita hanbalita.
- 827: Conquista muçulmana da Sicília.
- 844: Primeira invasão normanda do Gharb al-Ândalus ("ocidente do al-Ândalus").
- 868: Conquista cristã do Porto e de Braga.
- 874: Desaparecimento de al-Bukhari, 12º Imã, descendente direto de Ali. Os inamitas (maioria no Irão) esperam pelo dia em que o Imã regresse para o estabelecimento do reino da justiça, antes do julgamento final.

- 929: O mundo muçulmano encontra-se dividido em três califados: Os abássidas, fatimidas no Egito e o califado omíada na Península Ibérica, recentemente restaurado.
- 966: Segunda invasão normanda. Batalha naval no rio Arade.
- 970: Fundação da universidade de Al-Azhar, no Cairo.
- 997: Al-Hajib al-Mansur destrói e conquista Santiago de Compostela.
- 1031: Abolição do califado omíada de Córdoba e início do período das Taifas, pequenos reinos autónomos em que se dividiu a Península Ibérica muçulmana após a desintegração do califado de Córdoba.
- 1057: D. Fernando I de Castela e Leão, conquista Lamego e Viseu.
- 1064: D. Fernando I conquista Coimbra.
- 1071: Batalha de Manzikert, entre os bizantinos e os turcos seljúcidas. A vitória dos seljúcidas permitiu o avanço muçulmano pela Anatólia.
- 1085: Entrega de Toledo a Afonso VI, rei de Castela.
- 1095: O Papa Urbano II convoca os cristãos numa cruzada pela recuperação da Terra Santa. A penitência dos crentes garantir-lhes-ia a redenção dos pecados.
- 1096-1099: Primeira cruzada cristã à Terra Santa.
Entre 1096-1098, os exércitos cruzados conquistam cidades importantes como Niceia e Antioquia.
Em 1099, os cruzados conquistam a cidade santa de Jerusalém.
- 1128: D. Afonso Henriques derrota a sua mãe, D. Teresa, na batalha de S. Mamede e assume a soberania do Condado Portucalense.
- 1147: Segunda cruzada cristã na Terra Santa, convocada por São Bernardo. A cruzada é liderada pelo rei Luís VII de França e Conrado III, imperador do sacro império romano-germânico.
D. Afonso Henriques conquista Santarém e Lisboa.
- 1158-1159: D. Afonso Henriques toma Alcácer do Sal, Évora e Beja.

- 1171: Saladino põe fim ao califado fatimida e funda a dinastia ayyúbida na Síria e Egito.
- 1187: Derrota cristã na batalha de Hattin e queda da cidade santa de Jerusalém e Acre às mãos do lendário líder militar curdo Saladino.
- 1189-1192: Terceira cruzada cristã na Terra Santa. Foi liderada pelo emblemático rei inglês Ricardo “Coração de Leão”, rei francês Filipe Augusto e o mítico imperador Frederico Barbarossa que acabou por morrer aquando da travessia de um rio na Anatólia.
- Ricardo “coração de Leão” assina um acordo com o comandante muçulmano, Saladino, que permitia a peregrinação de cristãos a Jerusalém.
- 1202-1204: Quarta cruzada, que ficou conhecida na história pelo saque cristão de Constantinopla, capital do aliado império bizantino.
- 1212: Vitória cristã na batalha de Navas de Tolosa. A junção dos exércitos ibéricos garante uma vitória fulcral na reconquista cristã.
- 1217-1221: Quinta cruzada cristã e conquista de Damietta.
- 1227-1228: Frederico II, imperador do sacro império romano-germânico lidera a sexta cruzada cristã. Consegue negociar o retorno da cidade santa de Jerusalém para as mãos cristãs, mas passados escassos anos a cidade foi retomada.
- 1250: A sétima cruzada foi a última que garantiu ímpeto e esperança à missão cristã. Ao leme da cruzada estava o rei-santo Luís IX de França. A estratégia passava por invadir as terras muçulmanas pelo Egito. O exército, fundamentalmente francês, acaba derrotado e feito prisioneiro às mãos dos futuros governantes do Egito, os soldados escravos mamelucos, liderados por Baibars.
- 1258: A destruição da cidade de Bagdade pelos mongóis deixa um rasto de destruição, com centenas de milhares de mortos. Os Mongóis vão conquistar as terras muçulmanas a este da cidade de Alepo, atual Síria.
- Fim da dinastia dos abássidas.

- 1270: O rei francês volta a embarcar para a Terra Santa. Desta feita, a oitava cruzada acaba com a morte do rei em Túnis.
- 1271: A nona e última cruzada cristã à Terra Santa. O rei inglês Eduardo I é derrotado em batalha com os mamelucos.
- 1301-1303: Primeiras conquistas do futuro califado otomano sob bandeira do seu fundador, Osman I.
- 1328: Morte de Ibn Taymiyya.
- 1379-1405: Devastação dos territórios compreendidos entre o império turco otomano do sultão Bayezid e o sultanato de Deli. As invasões de Tamerlão ficaram recordadas na história pela sua brutalidade: rasto superior a uma dezena de milhões de mortos.
- 1415: Os portugueses tomam Ceuta.
Início dos Descobrimentos.
- 1453: Conquista definitiva do império bizantino, com a queda de Constantinopla. A cidade sucumbiu ao cerco do exército otomano sob comando do sultão Maomé II.
Fim da Idade Média e começo da Idade Moderna.
- 1492: Os reis católicos de Espanha conquistam o último bastião muçulmano na Península Ibérica, a cidade de Granada.
- 1496: Expulsão dos muçulmanos de Portugal. As mourarias são extintas e desenvolvem-se os bairros habitados por mouros livres, administrados por um alcaide, administrador.
- 1498: Vasco da Gama “abre o caminho marítimo até à Índia”. Início de um período áureo para os portugueses.
- 1507: Conquista da fortaleza de Ormuz aos otomanos pelos portugueses comandados por Afonso de Albuquerque, o “Leão dos mares”.
- 1526: Famosa batalha de Mohács. O sultão Solimão I derrota o rei húngaro, Luís II.
Babur funda o império islâmico mogol na Índia, que irá perdurar até 1858.

- 1529: Primeiro cerco otomano de Viena.
- 1539: Os otomanos conquistam a fortaleza portuguesa de Áden.
- 1566: Ano da morte de Solimão I. O império otomano tinha atingido o seu auge. Nos finais do século seguinte, o império otomano começaria gradualmente a perder a sua influência e poder.
- 1571: Batalha de Lepanto. Foi a maior batalha naval do século XVI. A vitória das forças cristãs sob comando de D. João de Áustria frente ao exército otomano de Ali Pasha foi a primeira derrota do império otomano na sua contínua expansão desde o século XV.
- 1683: Último cerco de Viena por tropas otomanas. Os exércitos do reino polaco-lituano salvam a cidade cristã.
- 1787-1792: Segunda guerra russo-otomana. Criação do termo pan-Islamismo.
- 1792: Morte de Ibn al-Wahhab, fundador do Wahhabismo.
- 1798-1801: Napoleão Bonaparte na vanguarda do exército francês ocupa o Egito.
- 1803: Os wahhabitas tomam Meca e Medina, os dois lugares mais santos do Islão.
- 1827: Início da colonização francesa da Argélia que vai continuar até 1962. Em meados do século XX, a colónia francesa teria mais de um milhão de colonos europeus.
- 1849: Nasce Muhammad Abdu no Egito, discípulo de al-Afghani e um dos pais do Salafismo.
- 1881: A Tunísia torna-se um protetorado francês.
- 1882: Ocupação militar inglesa do Egito que se manterá até 1936.
- 1911: A Itália declara guerra aos turcos otomanos e assume controlo da Líbia até 1927.
- 1914: Início da Primeira Grande Guerra Mundial. O império otomano junta-se ao império austro-húngaro e ao império alemão na Tríplice Aliança, em oposição à Tríplice Entente formada por França, Rússia e império britânico.

- 1915: França, Grã-Bretanha e Rússia chegaram a acordo quanto à transferência de Constantinopla e o Bósforo para domínio russo caso ganhem a guerra (o acordo só foi anulado pelas consequências da revolução bolchevique).
Começa a “Campanha Gallipoli”, invasão aliada ao território turco. Ao fim de oito meses, e com o exército otomano a impedir a progressão dos invasores, o rasto de mortandade superava a centena de milhares de mortos.
- 1919: Início da “revolução egípcia” contra os colonizadores britânicos.
Mustafa Kemal começa a campanha pela independência turca.
- 1924: Abolição do califado otomano por Mustafa Kemal Atatürk no dia 3 de março.
- 1928: Fundação da Irmandade Muçulmana por Hassan al-Banna na cidade de Ismailiyya, no Egito.
- 1932: Proclamado o Estado independente da Arábia Saudita por Ibn Saud.
O Iraque ganha independência do domínio britânico.
- 1936: Assinatura do tratado anglo-egípcio pela independência total do Egito.
No mesmo ano, é celebrado o tratado franco-sírio que reconhece a independência da Síria.
- 1939: Início da Segunda Grande Guerra Mundial. Alemanha, Itália e Japão formam as Potência do Eixo que até 1941, tinham a Grã-Bretanha, França e Rússia como principais adversários.
- 1941: A Alemanha nazi começa o seu longo processo de extermínio das comunidades judaicas que ficou conhecido como Holocausto.
- 1948: David Ben Gurion proclama o Estado de Israel.
Primeira guerra israelo-árabe que envolve Egito, Transjordânia, Síria e Iraque.
A Irmandade Muçulmana é banida no Egito por acusações de “terrorismo” e assassínio”.
- 1949: Hassan al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana é morto por ordem do rei Farouk.

- 1952: Um golpe de Estado sob orientação do General Nasser força o rei Farouk a abdicar do trono egípcio.
- 1956: A Tunísia, Sudão e Marrocos alcançam a independência.
Israel invade o Egito e ocupa a Península de Sinai. Forças britânicas e francesas intervêm no canal do Suez.
- 1966: Execução de Sayyid Qutb.
- 1967: É oficializada a criação da Comunidade Islâmica em Lisboa (CIL).
Guerra dos 6 dias. O Estado judeu ocupa o Sinai e Faixa de Gaza ao Egito; a Cisjordânia aos jordanos; os montes Golã aos sírios.
- 1970: O general Nasser morre e sucede-lhe o presidente Anwar Sadat.
- 1971: Dá-se a formação do novo Estado-Nação do Bangladesh, após uma guerra entre o Paquistão Ocidental (atual Paquistão) e o Paquistão Oriental (futuro Bangladesh).
- 1972: Durante os Jogos Olímpicos de Munique, a equipa israelita é sequestrada por membros do grupo “setembro Negro”. A operação de resgate alemã acaba num banho de sangue.
- 1978: Anwar Sadat, presidente egípcio e Menahem Begin, primeiro-ministro israelita, assinam os acordos de *Camp David*, sob supervisão de Jimmy Carter, presidente americano.
Tomada do poder no Paquistão pelo general Zia ul-Haq.
- 1979: No calendário islâmico, a transição do ano 1399 para o ano 1400, trouxe um vasto conjunto de acontecimentos que iriam revolucionar o mundo muçulmano:
No Irão, o Ayatollah Khomeini encabeça a revolução iraniana que derrubaria o Xá Pahlavi e criaria o Estado islâmico do Irão.
No Afeganistão, no fim do ano, iniciava-se a invasão russa. Este seria o momento mais importante para a evolução do Islamismo, a par da revolução iraniana. É aqui que Salafismo, Wahhabismo, Escola Deobandi e outros movimentos se fundem na doutrina mais extremista da ideologia.

Na Arábia Saudita, o local mais sagrado do Islão (Grande Mesquita de Meca), é alvo de ocupação por 200 militantes em protesto pelas políticas de alinhamento da monarquia saudita com os interesses ocidentais.

Morte de Mawdudi.

- 1980-1988: O Iraque de Saddam Hussein invade o Irão.
- 1981: Sadat é assassinato por membros de um grupo islamista. Hosni Mubarak torna-se o novo presidente do Egito.
- 1982: Atentado contra o embaixador israelita em Londres. Israel responde invadindo o Líbano.
- 1987: Início da Primeira Intifada, revolta popular palestina contra a ocupação judaica.
- 1988: Criação da al-Qaeda.
Publicação dos *Versículos Satânicos* por Salman Rushdie.
- 1989: Queda do Muro de Berlim.
Retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.
- 1990: Em agosto, o Iraque invade o Kuwait.
A FIS ganha as primeiras eleições autárquicas multipartidárias na Argélia.
- 1991: Início da ofensiva americana contra as tropas iraquianas no Kuwait. A Arábia Saudita, ao permitir a permanência de tropas ocidentais em solo sagrado é alvo de críticas por parte de grupos extremistas.
- 1993: Um atentado à bomba no World Trade Center em Nova Iorque, atribuído a militantes ligados a bin Laden, faz seis mortos e mais de mil feridos. Na Somália, tropas americanas são obrigadas a abandonarem o país.
- 1994: Barusch Goldstein, colono judeu, abre fogo na cidade de Hebron e mata 29 muçulmanos e fere 120.
- 1996: Tomada de poder pelos Talibãs no Afeganistão.
Emissão da *fatwa* de 8 de agosto: “Guerra contra os americanos que ocupam a Terra dos Dois Lugares Sagrados”, por parte dos líderes da al-Qaeda.

- 1997: Ataque terrorista islamista em Luxor, no Egito, que totalizou 58 mortos entre os turistas ocidentais.
- 1998: As embaixadas dos EUA no Quênia e Tanzânia são palco de ataques terroristas. Bombistas suicidas matam mais de 200 e ferem mais de 4500. Bin Laden é apontado como principal suspeito. Bill Clinton responde, bombardeando o Sudão e Afeganistão.
- Emissão da *fatwa* contra “os americanos e os cruzados sionistas”, novamente pela al-Qaeda.
- 2000: Israel retira-se do Líbano após 17 anos de ocupação militar.
- Recomeço da Intifada palestina nos territórios ocupados.
- Uma lancha armadilhada explode contra o USS *Cole* da Marinha norte-americana, causando 17 mortos e 39 feridos. Mais uma vez, bin Laden está por detrás dos atos.
- 2001: A 11 de setembro, o maior atentado terrorista em solo norte-americano tem lugar. “Os 19 magníficos” como eram apelidados por extremistas islâmicos, militantes da al-Qaeda, tomam dois aviões e fazem explodir as torres do World Trade Center. O atentado totalizou mais de 3000 mortos e milhares de feridos.
- Um outro avião atinge o Pentágono, símbolo militar máximo norte-americano e um outro cai na Pensilvânia, desviado do seu destino por passageiros.
- A 7 de outubro começa a invasão americana do Afeganistão.
- 2002: Pim Fortuyn, académico e político holandês é assassinado a 6 de maio.
- A 12 de outubro, atentados terroristas na ilha de Bali fazem mais de 200 mortos e 300 feridos.
- A 23 de outubro, um atentado terrorista atribuído a separatistas chechenos faz 118 mortos e mais de 100 feridos num teatro em Moscovo, Rússia.
- 2003: A 20 de março os EUA dão início à invasão militar no Iraque.
- 2004: A França proíbe o uso de roupas e símbolos religiosos nas escolas.

A 11 de março, quatro comboios na capital espanhola, Madrid, são alvos de atentados à bomba. Os atentados perpetrados pela al-Qaeda deixam cerca de 200 mortos e mais de 1500 feridos.

Na abertura do Euro 2004, três membros da célula terrorista de Hofstad são detidos pelas autoridades policiais portuguesas sob suspeita de atentado contra o então primeiro-ministro português, Dr. Durão Barroso.

Em Beslan, a 3 de setembro, terroristas chechenos e árabes invadem uma escola com 1200 pessoas. No fim da intervenção policial russa, 200 pessoas tinham morrido, na sua maioria crianças e, mais de 700 ficaram feridas.

Theo Van Gogh, cineasta holandês, é brutalmente assassinado por um jihadista nas ruas de Amesterdão.

Yasser Arafat, Prémio Nobel da Paz em 1994 e líder da OLP, morre num hospital em França.

2005: Mahmoud Abbas, da Fatah, é o eleito para a sucessão na OLP.

A 7 de julho, a al-Qaeda deixa mais uma vez a sua marca na Europa. A capital inglesa é abalada por três bombas que rebentam no metro e uma outra num autocarro. Os terroristas deixam 56 mortos e 700 feridos.

O jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publica caricaturas de Maomé, gerando uma onda de indignação que atravessou todo o mundo islâmico e comunidades sedeadas na Europa.

2006: O *Hamas* ganha com maioria absoluta as eleições para o Conselho Legislativo palestino.

O líder da al-Qaeda no Iraque, al-Zarqawi é morto por tropas norte-americanas na cidade de Baquba.

A 11 de julho, uma série de ataques deixa mais de 200 mortos e 700 feridos em Bombaim, Índia.

Tropas israelitas invadem o Líbano após rapto e homicídio de soldados israelitas por membros do *Hezbollah*. O conflito deixa mais de mil mortos e mais de 2 milhões de deslocados.

Morte por enforcamento de Saddam Hussein.

2007: A ex-primeira-ministra Benazir Bhutto é assassinada num atentado bombista que vitimou outras 20 pessoas em Rawalpindi, Paquistão.

2008: O jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, divulga que o número de crentes islâmicos (19,2% da população mundial) já seria superior à percentagem católica (17,4%) mas inferior à percentagem cristã (33%).

Um atentado suicida destrói o Hotel Marriott em Islamabad, Paquistão, matando 60 pessoas e ferindo outras 226.

Israel invade a faixa de Gaza em resposta ao lançamento de rockets do *Hamas*. Saldo de mais de 1300 mortos e mais de 2700 feridos.

2009: A Suíça vota em referendo contra a construção de minaretes nas mesquitas.
A 25 de dezembro, um nigeriano tenta explodir um avião norte-americano que fazia a ligação de Amesterdão a Detroit.

2010: As revoltas da “primavera árabe” começam em finais de dezembro na Tunísia.

2011: Os protestos alastram-se a outros países do Norte de África e Médio Oriente.
Início da guerra civil na Líbia.

Série de protestos violentos no Egito.

Morte de Muammar al-Gaddafi e vitória dos rebeldes líbios.

2012: Mohamed Merah é protagonista de 2 ataques islamistas em solo francês que reacendem o sentimento de insegurança quanto à ameaça terrorista islamista.
Declarada oficialmente a guerra civil na Síria.

2013: O soldado britânico Lee Rigby é barbaramente assassinado numa rua londrina por dois confessos jihadistas.

O candidato da Irmandade Muçulmana Mohamed Morsi é deposto num golpe de Estado, após ter sido o legítimo vencedor das eleições do ano anterior.

Duas bombas em Volgogrado, Rússia, fazem mais de uma centena de vítimas, entre mortos e feridos.

2014: A al-Qaeda no Iraque e Levante imiscui-se oficialmente nos desígnios da guerra civil síria.

ANEXO II

O léxico islamista

Conceptualização por autor			
	Islamismo	Islamista	Islamita
Dicionário Inglês - Português (1998: 428; 570)	Islamism: Islamismo	Islamist: islamista	Islamite: Islamita
Dicionário Francês – Português (1999)	Islamisme: Islamismo	Islamiste: Islâmico	Islamiste: Islamita
Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001a: 2172; 2001b: 2542)	Islamismo: religião muçulmana fundada por Maomé; Islão; Maometismo	Islamista: Relacionado com o Islamismo, religião dos muçulmanos Islamita: Maometano; Que professa a religião islâmica	Islamita: Não tem o conceito
The Columbia World Dictionary of Islamism (2007: VIII; 170-177)	Islamism: Ideologia política e religiosa que pretende estabelecer um Estado islâmico sob escrutínio da <i>Shariah</i> e reunificar a <i>Umma</i> islâmica	Islamists: Todos aqueles que procuram islamizar a sociedade. Desde a prática do proselitismo, passando pelo disfarce político e social com vista à destabilização da sociedade, até ao terrorismo	Islamite: Não tem o conceito
The Concise Oxford Dictionary (1990: 628)	Islamism: religião dos muçulmanos; Islão	Islamist: Muçulmano	Islamite: Não tem o conceito

The Oxford Dictionary of Islam (2004)	Islamism: Não tem o conceito.	Islamist: Termo usado para definir um ativista social ou político islâmico. Cunhado para substituir o conceito de "Fundamentalista Islâmico", os islamistas estão totalmente comprometidos com a sua visão ideológica do Islão e Estado	Islamite: Não tem o conceito
The Concise Encyclopedia of Islam (2008)	Islamism: Não tem o conceito	Islamist: Não tem o conceito	Islamite: Não tem o conceito
Novo Dicionário do Islão (2010: 121;177)	Islamismo: Ideologia derivada do Islão. Ainda assim, a autora segue a designação "sinónima" "fundamentalismo"	Islamistas: Ativistas políticos, membros de movimentos e organizações, defensores do Islamismo	Islamitas: Crentes muçulmanos

Adaptado de José Fernandes (2006), p. 24

ANEXO III

Os Precusores do Islamismo moderno

Autores	História e Ideologia
<p>Ibn Hanbal (780 - 855) Fundador da Escola Hanbalita</p>	<p>História:</p> <p>A escola de jurisprudência sunita de Ahmad Ibn Hanbal é considerada como a mais conservadora e rígida das quatro escolas (Silva, 2011: 69). Descendente de um importante clã árabe e conhecido como “<i>imam</i> de Bagdad” (Jackson, 2006: 44), este teólogo e jurista muçulmano foi um crítico convicto das tendências mais racionalistas do seu tempo.</p> <p>Ideologia:</p> <p>Para a escola hanbalita e o seu fundador, o Corão e a <i>Sunnah</i> eram, mais do que fonte de direito, lei em si mesmo (Silva, 2011). Tal como afirma Jackson (2011), para Ahmad Ibn Hanbal, o Corão, <i>Sunnah</i> e os <i>hadith</i> deveriam ser as únicas fontes primárias, olhando para os <i>qiyas</i> apenas como último recurso, quando todas as outras não oferecessem certeza clara.</p> <p>Após mais de meio século de ensino e escrita, o erudito sunita acabou por morrer em 855. Ainda assim, o seu legado foi seguido e respeitado por milhares de crentes, ao longo do tempo e até aos dias de hoje.</p> <p>Por fim, apesar das contínuas invasões que assolaram o Médio Oriente, a sua herança manteve-se coesa ao longo dos anos. A doutrina hanbalita, ainda hoje presença assídua no reino saudita, vai conhecendo novos defensores ao longo do tempo, tal como Ibn Taymiyya, também conhecido como “pai da revolução islâmica”.</p>
<p>Ibn Taymiyya (1263 - 1328). "Pai da revolução islâmica"</p>	<p>História:</p> <p>Nasceu em Damasco, atual Síria. Lustrado tradicionalista, teólogo e jurista, foi um fervoroso líder da “resistência islâmica” aos invasores mongóis e opositor acérrimo da dinastia abássida.</p>

	<p>Ideologia:</p> <p>Ao contrário de Ibn Hanbal, vai defender a vigilância e controlo da religião por parte do Estado, através da sua ação coerciva, a <i>shawka</i>. Noutras palavras, o poder religioso não poderia estar dissociado do poder político; Intransigente na inovação (<i>bidah</i>); Defesa do retorno à pureza, ideais e práticas islâmicas do tempo do profeta Maomé (Silva, 2011; Sivan, 1985: 95).</p> <p>Resumia o Corão e <i>Sunnah</i> como fontes privilegiadas de direito; Advogava o retorno à <i>tawhid</i>, isto é, a unicidade divina que forma o primeiro <i>Ayat Allah</i> do Corão. O autor defendia não só esta unicidade de Deus mas também de culto. É a partir daqui que a maior parte dos seus sucessores se irão basear para o ódio e repulsa pelo secularismo ocidental (Pinto, 2010; Wiktorowicz, 2005).</p> <p>Ainda assim, a obra de Ibn Taymiyya nem sempre tem sido corretamente entendida. A razão independente ou o “<i>happy mean</i>” (Jackson, 2006: 130), baseado nos pilares da razão, tradição e liberdade, têm sido ignorados em benefício de um Ibn Taymiyya ultraconservador, legitimador e base de visões fundamentalistas.</p> <p>Cumulativamente, apesar da sua importância e do peso das suas obras e pensamento, Ibn Taymiyya só verá reconhecido o seu verdadeiro valor com o surgimento do movimento wahhabita, no século XVIII (Sivan, 1985: 100-101). É a partir desse momento que lhe começa a ser atribuído o papel de “defensor do revivalismo, o pai de muitos movimentos reformistas e o pai da revolução islâmica” (Silva, 2011: 85).</p>
<p>Ibn Abd al-Wahhab (1703 - 1792) Fundador do Wahhabismo</p>	<p>História:</p> <p>Nasceu na cidade de al-Uyainah, região do Najd, na Península Arábica sob domínio otomano. Doutrinado por Sheikh Abd Allah ibn Ibrahim ibn Saif e o Sheikh Muhammad Hayya al-Sindi aj-Madani e, influenciado por Ibn Taymiyya, vai escolher como alvo das suas críticas e reprovações o Cristianismo, o Xiismo e o Sufismo (Silva, 2011: 87).</p> <p>Em 1739 escreve aquele que seria uma obra-prima do movimento wahhabita, <i>Kita at-tawhid</i> (O Livro da Unicidade).</p> <p>Ideologia:</p> <p>Decadência religiosa como causa primária do declínio imperial; Propunha o retorno à idade de ouro do Islão, na época do profeta Maomé e dos seus companheiros, renunciar às inovações e legitimar apenas o Corão e a <i>Sunnah</i></p>

	<p>como fontes primárias; O seu objetivo passava por garantir ao Islão um lugar de destaque no plano internacional, suprimindo os nacionalismos obsoletos e garantindo a união de todos os muçulmanos.</p> <p>Tal como Ibn Hanbal e Taymiyya, al-Wahhab vai começar por dividir as populações por credo, entre crentes e não crentes. Daí partiria para o que poderia ser encarado como descrença (<i>kufr</i>) e enquadrado no conceito de politeísmo (<i>shirk</i>). Dentro desses pressupostos, xiitas, sufis, cristãos e judeus eram vistos como hereges, razão pela qual a <i>jihad</i> poderia ser empregue em nome de <i>Allah</i>.</p> <p>Em 1792, al-Wahhab então com 89 anos de idade, morre sem assistir à criação do primeiro dos três Estados wahhabitas que o mundo iria conhecer, sendo que o terceiro irá culminar com a criação do reino da Arábia Saudita.</p> <p>Atualmente, a influência deste movimento para a proliferação de grupos radicais e terroristas faz-se sentir, não diretamente, mas enquanto parte integrante do Salafismo ou <i>Salafiyya</i>. Isto porque o Wahhabismo nunca se expandiu em seu nome, mas em prol dos ideais salafistas e do Islão (El-Fadl, 2001 <i>in</i> Silva, 2011: 97; Wiktorowicz, 2005).</p>
<p>Jamal al-Din al-Afghani (1838 - 1897) "O Salafismo de Afghani"</p>	<p>História:</p> <p>Os principais líderes do movimento salafista foram al-Afghani, Muhammad Abduh e Rashid Rida. Foi oficialmente criado em finais do século XIX, no Egito.</p> <p>Ideologia:</p> <p>O Salafismo pertence à trindade formadora da ideologia islamista: Wahhabismo, Salafismo e Escola Deobandi. O movimento advoga o retorno à idade do Islão puro na época do Profeta e dos quatro <i>Rashidun</i>; aplicação da <i>Shariah</i>; regresso à glória passada dos impérios islâmicos (Costa, 2004). O movimento vai-se desdobrar em duas fases:</p> <p>Primeira fase:</p> <p>Os fundadores (al-Afghani e Muhammad Abduh) pretenderam reformar a lei islâmica, abolir as quatro escolas de pensamento sunitas responsáveis pelo fim do <i>ijtihad</i> e consequente atraso do Islão. Um ajuste entre a <i>Shariah</i> e a modernidade tornava-se imprescindível. Para tal, invocavam o exemplo dos companheiros do Profeta (<i>Salaf</i>) visto como critério seletivo de inovações científicas e tecnologias ocidentais. Propunha desta forma atingir a purificação da sociedade muçulmana, solucionar os problemas que a afetavam e acompanhar a progressão ocidental (ICG, 2005: 9).</p>

	<p>Segunda fase:</p> <p>Com o discípulo de Abduh, o sírio Rashid Rida, o movimento ganha novos contornos mais radicais. Impulsionado pelas alterações catapultadas pela Primeira Grande Guerra Mundial, com o fim do império otomano e o início do colonialismo europeu, o Salafismo torna-se um movimento de resistência, acrescentando às suas ambições a reconquista de território muçulmano (Costa, 2004; ICG, 2005: 9).</p> <p>Neste contexto, surge a distinção entre a vertente missionária e académica <i>al-salafiyya al-ilmiyya</i> e a corrente salafista guerreira <i>al-salafiyya al-jihadiyya</i>.</p> <p>Assim, o Salafismo tornou-se num movimento transnacional que defende rigorosamente os princípios islâmicos sob a égide da <i>jihad</i>.</p>
<p>Hassan al-Banna (1906 - 1949) "Fundador e líder da Irmandade Muçulmana"</p>	<p>História:</p> <p>A Irmandade Muçulmana (IM), arquétipo do Islamismo político e uma das mais conhecidas e agressivas organizações de cariz fundamentalista islamista, foi fundada por Hassan al-Banna, em 1928, no Egito.</p> <p>Hassan al-Banna nasceu em 1906, num Egito colonizado por uma potência estrangeira, o império britânico. Aluno do Dar al-Ulum, aos 21 anos tornou-se professor de Teologia, Direito e Literatura árabe.</p> <p>Em 1924, forças republicanas na Turquia aboliram definitivamente aquele que era o último símbolo imperial de união islâmica, o califado otomano. Devastado com o acontecimento e, à semelhança dos seus conterrâneos, Hassan al-Banna tornava-se cada vez menos tolerante para com os estrangeiros ingleses, abertamente injustos para com a população local, constantemente preterida.</p> <p>Consciente da miséria e pobreza que o povo muçulmano atravessava, culpabilizou as escolhas tomadas pelos líderes e representantes dos povos islâmicos, ao enveredarem pela imitação da cultura ocidental e por não terem seguido a pureza do Islão. Assim, tomou um conjunto de medidas focadas na mudança de rumo e alcance de um estado ideal de pureza islâmica.</p> <p>Ideologia:</p> <p>A sua ação, posicionada nas vertentes <i>dawah</i> e política, foi complementada por uma política institucional empenhada em aumentar e melhorar as condições sociais da população egípcia, com a construção de escolas, clínicas, sociedades de negócios e mesquitas.</p>

	<p>Na sua ótica, valores altruístas islâmicos como a caridade e generosidade poderiam ser seguidos de forma alcançar a modernidade e a riqueza. Quanto à influência ideológica, o fundador egípcio seguiu aquelas que tinham sido as pegadas dos ideólogos do Salafismo.</p> <p>Tal como os seus mentores, defendia a aplicação literal da <i>Shariah</i>, a defesa do Corão e <i>Sunnah</i> como únicas fontes primárias, respeito e cumprimento dos cinco pilares do Islão, e supressão de práticas quotidianas vistas como impróprias (álcool, prostituição e clubes noturnos). A transformação individual daria lugar à reforma da sociedade.</p> <p>Ao contrário de Abduh, Afghani e mesmo Rida, a IM de al-Banna atravessou o momento mais grave na decadência islâmica, a colonização europeia. O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe a independência dos países islâmicos mas sob a forma ideológica ocidental, os Estados- Nação (Fradkin, 2008: 14).</p> <p>Para al-Banna, o nacionalismo deveria ser erradicado e substituído pela <i>Umma</i>. O seu objetivo era o pan-Islamismo, “a unidade árabe como um primeiro passo rumo à Unidade Muçulmana” (Costa, 2001: 35; Kepel, 2008: 28).</p> <p>A meio do século XX, a organização, à semelhança da composição dos fiéis muçulmanos, era caracterizada pela heterogeneidade, seguida por pessoas dos diferentes estratos sociais. Pouco depois, a IM egípcia seria declarada uma organização clandestina pelo rei Farouk e, mais tarde, pelo general Nasser, vista mais do que simplesmente como radical e turbulenta, ou não fossem os “Irmãos” muçulmanos responsáveis por assassinatos políticos (Muhammad Nuqrashi, primeiro-ministro egípcio em 1948).</p>
<p>Sayyid Qutb (1906 - 1966) "Mentor ideológico da Irmandade Muçulmana e da Jihad Global"</p>	<p>História:</p> <p>A par do seu fundador, a Irmandade conheceu outra personalidade de referência obrigatória: o seu teórico Sayyid Qutb. Este letrado muçulmano tornou-se a fonte de legitimação e motivação para as ações e posições radicais tomadas, tanto pela sua organização como para grupos radicais mais contemporâneos.</p> <p>Nas palavras do sucessor de bin Laden na liderança da al-Qaeda, Ayman Zawahiri refere-se ao seu conterrâneo como sendo “o mais proeminente teocrático dos movimentos fundamentalistas” (Awsat, 2002 in Wiktorowicz, 2005: 80), o “pai da militância islâmica” (Esposito, 2002: 8).</p> <p>Sayyid Qutb, egípcio à semelhança de Hassan al-Banna, foi, tal como este, um produto da escola de Dar ul-Ulum. Após o seu início de carreira enquanto professor primário torna-se, em 1940, funcionário do Ministério de Educação</p>

	<p>Egípcio.</p> <p>Sensivelmente na mesma altura escreve aquela que será uma das suas obras de referência – <i>Justiça Social no Islão</i> – onde coloca o Islão, a par do Cristianismo e do comunismo, como uma força capaz de doutrinar os seus próprios ensinamentos sociais (Fernandes, 2006: 40-41).</p> <p>Similarmente ao processo de radicalização de muitos muçulmanos, Sayyid Qutb era um ferrenho admirador da cultura e sociedade ocidental. Ironicamente, é durante uma visita aos EUA que perde essa admiração e adquire um sentimento de aversão àquilo que considerava uma sociedade pervertida e imoral (Kepel, 2005: 38-39).</p> <p>Dois anos depois, em 1951, alista-se na IM.</p> <p>Ideologia:</p> <p>Maniqueísta assumido, dois ensinamentos famosos de Sayyid Qutb prendem-se, por um lado com a legitimação da <i>jihad</i> armada quando a <i>dawah</i> não surtisse o efeito desejado, e por outro com a reformulação do entendimento do conceito de <i>jahiliyya</i> (Kepel, 2008: 25-26; Qutb, 1964: 6).</p> <p>Ao contrário de Mawdudi, onde Qutb se irá inspirar, não se socorrerá da reforma por via política e social, mas da luta armada para a instauração do Estado islâmico (Wiktorowicz, 2005; Tibi, 1997: 55; Kepel, 2005: 52-57).</p> <p>Sayyid Qutb morreu em 1966 mas os objetivos da IM e dos movimentos descendentes da “organização mãe” mantêm-se inalterados: a construção do pan-Islamismo, ou seja, a união de “cada um desses Estados num único que represente a <i>Umma</i>” (Silva, 2011:107).</p>
	<p>História:</p> <p>Em paridade com a IM e Hassan al-Banna, a construção do <i>Jama'at i-Islami</i> partiu do desejo de constituição de um Estado islâmico inspirado no império muçulmano do século VIII e império otomano do século XVI.</p> <p>Tendo nascido em 1903 na Índia, outra colónia britânica, Ala Mawdudi vai juntar-se às crescentes vozes de contestação ao domínio anglo-saxónico, aliando-se ao movimento nacionalista indiano.</p> <p>Com o colapso do Movimento Khalifat em 1924, Mawdudi vai passar a criticar o nacionalismo e associá-lo às causas de decadência do mundo muçulmano (Costa, 2001).</p>

<p>Sayyid Abul Ala Mawdudi (1903 - 1979) "Arquiteto do Movimento Deobandi e do <i>Jama'at I-Islami</i>"</p>	<p>Assim, em 1941 funda o <i>Jama'at i-Islami</i> em Lahore em parceria com <i>ulama</i> da Escola Deobandi à qual Mawdudi pertencia.</p> <p>Ideologia:</p> <p>Em sintonia com os outros precursores, Mawdudi defende a necessidade de uma revolução islâmica para a instauração de um Estado islâmico que unisse toda a comunidade muçulmana sob a mesma bandeira.</p> <p>Em clara oposição aos seus contemporâneos modernistas e reformistas, Mawdudi defende a reinterpretação dos textos islâmicos em razão aos tempos modernos, mas numa lógica de <i>tajdid</i>, isto é, preservando a unicidade e pureza do Islão, tendo em conta a sua superioridade (Ushama e Osmani, 2006: 97-98).</p> <p>Para ele, o Islamismo seria uma alternativa viável ao capitalismo e comunismo, ideologias dominantes da época. Associado ao ideário do movimento, Mawdudi formula a teoria da <i>Jahiliyya</i> moderna. Para este, a situação que o mundo muçulmano vivia, dominado pelo Ocidente e corrompido pelas leis do homem, assemelhavam este período à altura que antecedeu o próprio Islão, marcado pela barbárie e subdesenvolvimento (Wiktorowicz, 2005).</p> <p>Para tal, propunha a construção do Estado islâmico, assente nos princípios da <i>tawhid</i>, <i>risalah</i> e <i>khilafah</i>. O homem governaria enquanto vice-regente do poder divino num supra Estado islâmico, o pan-Islamismo (Kepel, 2008: 34-36; Ushama e Osmani, 2006: 93; 96).</p> <p>O ativismo e dinamismo de Mawdudi estão espelhados na tomada de poder do General Zia Ul-Haq no Paquistão em 1977, na revolução iraniana de 1979 e na doutrinação dos Talibãs²⁶⁶, na qual desempenhou um importante impulso ideológico (Costa, 2004; Esposito, 2002: 16).</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

²⁶⁶ Para mais informações sobre os Talibãs, aconselha-se a leitura de Ahmed Rashid (2001). *Os Talibãs. O Islão, o Petróleo e o Novo Grande Jogo na Ásia Central*.

<p>Ayatollah Ruhollah Khomeini (1902 - 1989) "Mentor da revolução iraniana"</p>	<p>História:</p> <p>Foi com a revolução islâmica do Irão em 1979, perpetuada por Khomeini e milhares de ativistas islamistas, que os muçulmanos puderam ver algum do seu orgulho perdido restabelecido (Lewis, 2001: 11; Esposito, 2002: X, 8-9; DerGhoughassian, 2011: 10).</p> <p>Acusado de constituir um representante “fantoche” dos interesses do Ocidente, especialmente dos EUA, a monarquia do Xá Reza Pahlavi terminou de forma abrupta sob a bandeira do Islão e da necessidade de restituir o antigo esplendor a uma sociedade e religião ressentida do período colonial e subordinação aos interesses estrangeiros.</p> <p>Ideologia:</p> <p>O Ayatollah Khomeini, “descendente do Profeta através de uma linhagem que entronca no 7º <i>imam</i> – Mouza al-Kazem” (Costa, 2001: 42), adepto do envolvimento profundo dos altos representantes religiosos na “arena política”, defendia uma doutrina semelhante à de Hassan al-Banna e de Sayyid Abul Ala Mawdudi.</p> <p>Ainda assim, enquanto a IM só concebia o poder quando a sociedade muçulmana estivesse islamizada, Khomeini considerava antes que a população teria de ser guiada até esse objetivo por um governo religioso (Silva, 2011). Onde Qutb e Mawdudi tinham falhado, Khomeini venceu. O facto de ter conseguido unir todos os estratos da população possibilitou-lhe a revolução islâmica do Irão (Kepel, 2008: 24).</p> <p>A revolução iraniana feita sob a égide da depravação da sociedade e apetrechos ocidentais, os quais constituíam “uma praga que devia ser eliminada” (Lima, 2010), foi ironicamente, como notou Pires de Lima (2010), realizada por uma geração imbuída no <i>modus vivendi</i> ocidental, ao contrário do que acalentou Ruhollah Khomeini.</p> <p>Com o advento da revolução, o Irão torna-se um Estado islâmico xiita, dominado e controlado por um <i>Velayat-e-Faqih</i> ou “governo do teólogo jurisconsulto” (Silva, 2011: 114). Este será o evento catalisador de distúrbios, tentativas de revolução e confrontos no Iraque e, mais tarde, no Líbano com a criação do <i>Hezbollah</i> (Partido de Deus).</p> <p>Nas palavras do Ayatollah, “o Islão não tem fronteiras” (Rapoport, 2002:15).</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo IV

Causas e catalisadores do Islamismo moderno

Fatores	Descrição
Religiosos	<ul style="list-style-type: none"> - Clivagens históricas entre Judaísmo, Cristianismo e Islão. - Ânsia de retorno aos ideais puros do passado islâmico (rejeição de tudo o que seja inovação ou estrangeiro).
Geopolíticos	<ul style="list-style-type: none"> - Declínio do império otomano. - “Gritos de Ipiranga” dos países muçulmanos sob jugo dos impérios ocidentais. - Nostalgia de um tempo pan-islâmico. - Choque histórico da invasão de Napoleão Bonaparte ao Egito mameluco em 1798. - Imperialismo Europeu: Início com a anexação da Argélia pela França na década de trinta do século XIX. - Pós Primeira Guerra Mundial: Instabilidade causada pela delimitação aleatória de fronteiras pelas potências ocidentais. - Pós Segunda Guerra Mundial: formação do Estado judaico na Terra Santa. - Derrota na guerra árabe-israelita de 1967 e consequente insucesso do pan-Arabismo. - Acordos de paz de 1978 e apoio ocidental a governantes autoritários no mundo muçulmano (substituição do pan-Arabismo pelo pan-Islamismo). - Invasão soviética em 1979 ao Afeganistão (início da <i>jihad</i> afegã, fusão das doutrinas wahhabitas, salafistas e deobandistas, formação de milhares de <i>mujahidin</i>). - Derrota da União Soviética no conflito afegão, queda do Muro de Berlim e fim da Guerra-fria (islamistas vão encarar os acontecimentos enquanto uma vitória do Islão e não, dos EUA e restante mundo livre, sob a superpotência soviética). - Revolução iraniana de 1979 (credibilização ao movimento islamista); - Assalto à Grande Mesquita em Meca (mesmo ano). - Guerra do Golfo de 1991: <ul style="list-style-type: none"> - Primeira fase: rejeição da oferta de auxílio das tropas “árabes afegãs” de bin Laden pela casa real saudita. - Segunda fase: permanência de tropas ocidentais em solo sagrado muçulmano, findo o conflito. - Jihadismo irredentista na Chechênia e Cachemira. - Causa palestina (criação de Israel, ocupação de Jerusalém, opressão do povo palestino e omissão de intervenção ocidental).

Socioeconómicos	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Boom</i> demográfico, êxodo rural e escolarização da classe média e pobre dos subúrbios das cidades sobrelotadas no mundo muçulmano.
Modernidade	<ul style="list-style-type: none"> - Crise económica, cultural, de identidade e de autoridade nos países islâmicos impostas pelos Estados-Nação.
Rivalidades Internas	<ul style="list-style-type: none"> - Revolução iraniana (expansão da ideologia xiita do Irão vai colidir com os interesses e supremacia saudita). - Clivagens no interior do movimento (divergências entre fundamentalistas, tradicionalistas, modernistas, reformistas, ativistas radicais, pragmáticos e nacionalistas). - Divisão entre classes sociais (radicalização como sinónimo de pobreza, moderação associada a uma classe média).

Adaptado de Teresa de Almeida e Silva (2011); Bernard Lewis (2003); Gilles Kepel (2005); Bassam Tibi (1997).

ANEXO V

Discursos Islamistas (Estudos Estratégicos Jihadistas)

	Ideologia	Discurso
<p>Abu Musab al Suri (1958 -).</p> <p>(Cruickshank & Ali, 2007: 1-14; Zackie, M. W, 2013: 1-18).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Responsável pelo doutrinação de milhares de radicais islamistas. - Autor do manifesto <i>"The Call for Global Islamic Resistance"</i>. - Viveu vários anos em França, Inglaterra (Londres) e principalmente, em Espanha (Madrid). - Amigo pessoal de Imad Yarkas, Abu Qatada, Sheikh Qari al Jazaeri, Osama bin Laden, Abdullah Azzam, Mullah Mohammed Omar e al Zarqawi. - Al-Suri tinha o desejo, entre outros, de atingir as sociedades ocidentais com armas de destruição maciça, nucleares, químicas ou biológicas. - Para ele, a aliança entre sunitas e xiitas é inoportuna dada a influência negativa de grupos como o <i>Hezbollah</i> na causa palestina. Esta posição iria influenciar a ação da al-Qaeda sob orientação de al-Zarqawi no Iraque após a invasão americana. 	<p>Depois dos atentados de julho de 2005 em Londres, al-Suri afirmaria:</p> <p><i>"Juro por Deus que tenho em mim uma alegria maior do que a de um agricultor que vê os frutos da sua colheita após uma longa plantação, esforço e paciência ao longo de décadas de construção".</i></p> <p>Ao lado de al Jazaeri, al Suri sentia-se honrado pela participação na guerra civil argelina, conhecida pela barbaridade das ações islamistas:</p> <p><i>"Tive a honra de suportar a jihad contra os governos apóstatas na Argélia de 1994-1996. Tive a honra de me desassociar de todos aqueles que se desviaram do caminho correto".</i></p> <p>Al Suri reconhece a grandiosidade dos atentados de 11 de setembro mas declara que o preço a pagar (perda dos campos de treino e base segura no Afeganistão) foi demasiado grande para um ataque que não paralisou a maior potência mundial:</p> <p><i>"Sinto-me triste por não haver armas de destruição maciça nos aviões que atacaram Nova Iorque e Washington no 11 de setembro. Poder-nos-íamos ter livrado do maior número possível de votantes que elegeram Bush para um segundo mandato".</i></p> <p>Al-Suri, reconhecido como fanático mesmo dentro do círculo islamista, apregoava:</p> <p><i>"Matem onde quer que seja e não façam distinção entre homem, mulher ou criança".</i></p>

	<p>- O teólogo irá desenvolver a derradeira transformação organizacional e operacional da al-Qaeda no pós-11 de setembro: o terrorismo individual, baseado num esquema simples de redes de células em estreita ligação às chefias da organização.</p>	<p>Para o autor, os inimigos a abater seriam: “cruzados, cristãos, judeus e muçulmanos errantes”.</p> <p>Os campos de treino administrados por al-Suri eram preenchidos, como o mesmo relata, por recrutas europeus:</p> <p><i>“Entre aqueles que eu supervisionei e treinei em al Ghuraba estavam árabes e estrangeiros incluindo britânicos, nascidos, criados e residentes na Grã-Bretanha e outros de vários países ocidentais, incluindo americanos”.</i></p> <p>O ideólogo deixou bem claro a necessidade de alterar a estratégia da al-Qaeda, atuando:</p> <p><i>“Onde mais forte atingisse o inimigo e revitalizasse o espírito de jihad e resistência islâmica”, com o objetivo último de “espalhar o cancro da jihad ao encontro do mau cancro da ordem mundial”.</i></p> <p>Al-Suri, na sua última declaração pública, afirmava que os ataques aos EUA e aliados continuariam até quando estes:</p> <p><i>“ (...) retirarem as suas tropas dos países do Médio Oriente e nos deixarem reformar o estado de corrupção criado por governantes por eles designados”.</i></p> <p>Por fim, ainda nesta última declaração deixa um recado aos países ocidentais e um pedido aos seus <i>mujahidin</i>:</p> <p><i>“Volto a convocar os mujahidin que se encontram espalhados pela Europa e nos nossos países inimigos ou aqueles aptos para lá irem, para a importância da rápida movimentação para atingir Grã-Bretanha, Itália, Holanda, Alemanha, Japão, Austrália, Rússia e França e todos os países que tenham um presença militar no Iraque, Afeganistão ou na</i></p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>Península Árábica ou para atingir os seus interesses nos nossos países e por todo o mundo. E que todas as células adormecidas despertem porque a guerra está no seu auge e o inimigo prestes a colapsar perante a evidência desta realidade. Aqueles que agora dormem, podem não vir a participar quando acordarem”.</i>
<p>Abdullah Azzam (1941-1989).</p> <p>(McGregor, 2003; Calvert, 2007: 1-22; Azzam, 2001; Azzam, 2002).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco conhecido no Ocidente, Abdullah Azzam foi um dos pais do Islamismo radical, da <i>jihad</i> e consequente luta contra o secularismo, socialismo e materialismo. - Reputado pela popularização do conceito de <i>jihad</i> global. - Em 1984 estabeleceu o <i>Maktab al-Khidmat</i> (“Gabinete”), prelúdio da al-Qaeda. - Ao contrário de outros ideólogos, Azzam participou ativamente na resistência islamista, tendo lutado na defesa afegã da década de oitenta. - Veiculava como grande objetivo a restauração do califado islâmico. - Para Azzam, a <i>jihad</i> era um dever individual, que deveria ser empregue por todos os membros da <i>Umma</i>. - Abdullah Azzam, como os restantes ideólogos, reitera a 	<p>A posição do ideólogo era bastante clara como ele próprio vincava:</p> <p><i>“Apenas jihad e espingardas. Sem negociações, conferências ou diálogos”.</i></p> <p><i>“Jihad não deve ser abandonada até que apenas Allah seja venerado. Jihad continua até que o mundo de Allah seja erguido bem alto. Jihad continua até que os povos oprimidos sejam libertados. Jihad para proteger a nossa dignidade e restaurar as nossas terras ocupadas. Jihad é glória eterna”.</i></p> <p><i>“Sempre que a jihad é mencionado no texto sagrado, significa obrigação de combater. Não significa combater com a caneta ou escrever livros e artigos na imprensa ou dar palestras”.</i></p> <p>Azzam realça o protagonismo e heroísmo que caracterizam o martírio islâmico:</p> <p><i>“Todos os seus pecados serão perdoados. Ele será protegido de todos os tormentos da morte. Uma coroa de glória será colocada na sua cabeça. Ele será casado com 72 virgens”.</i></p> <p>Na sua fatwa de 1979, <i>Defense of the Muslim Lands</i>, Azzam afirma que a <i>jihad</i> em território inimigo é obrigatória até:</p> <p><i>“ (...) até que apenas restem muçulmanos ou pessoas submetidas ao Islão”.</i></p> <p>No mesmo texto, sublinha as pretensões</p>

	<p>memória da perda “joia” islâmica na Europa, o <i>Al-Ândalus</i>.</p> <p>Para ele, 1492 simboliza não só o resultado da desunião muçulmana como, nos tempos atuais, se poderia estabelecer uma analogia entre o <i>Al-Ândalus</i> e a Palestina, oprimida e “sequestrada” por judeus.</p>	<p>universalistas do Islamismo:</p> <p><i>“A bandeira no Afeganistão é islâmica e o objetivo é o estabelecimento da religião de Allah na Terra.”</i></p> <p>Noutras palavras, mas no livro <i>“Join the Caravan”</i>, o pecado permanecerá sob todo o muçulmano:</p> <p><i>“ (...) até que qualquer território (que tenha sido muçulmano) permaneça nas mãos dos infiéis, e nenhum será salvo exceto aqueles que façam a jihad”.</i></p>
	<ul style="list-style-type: none"> - Em semelhança aos restantes ideólogos, Zawahiri imiscui-se primeiramente na <i>jihad</i> do seu país de origem (Egito), embarcando depois na <i>jihad</i> global na década de oitenta no Afeganistão. - Número dois da hierarquia da al-Qaeda, tornou-se, após a morte de bin Laden, um dos três possíveis sucessores (Omar bin Laden e Abu Bakr al-Baghdadi). - Quanto às táticas a empregar, o ideólogo sublinha a importância da ação dos silenciosos “lobos solitários”, importantes pela sua ação/impacto na economia dos inimigos. - Tal como Azzam, Zawahiri apela à união do movimento islamista sob a bandeira única do Islão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Declaração pragmática do comandante islamista: <p><i>“ (...) continuaremos a combater-vos (Ocidente) até que o vosso poder seja destruído ou vocês se entreguem e se rendam”.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Numa tentativa de angariar apoio para além do universo islâmico, declara: <p><i>“É por isso que eu quero que pretos na América, pessoas de cor, índios americanos, hispânicos, e todos os fracos e oprimidos no norte e sul da América, na África e na Ásia, e por todo o mundo, saibam que quando aplicamos a jihad no caminho de Allah, não estamos a exercê-la apenas para terminar com a opressão dos muçulmanos, estamos a exercê-la para terminar com a opressão em todo o mundo”.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Relativamente às diferenças entre extremistas e “moderados” e os atritos entre ambos, al-Zawahiri deixa o seu comentário: <p><i>“ (...) quem frustrou o plano americano na região e os forçou a aceitar uma retirada (...) é o que eles (moderados) chamam de movimento</i></p>

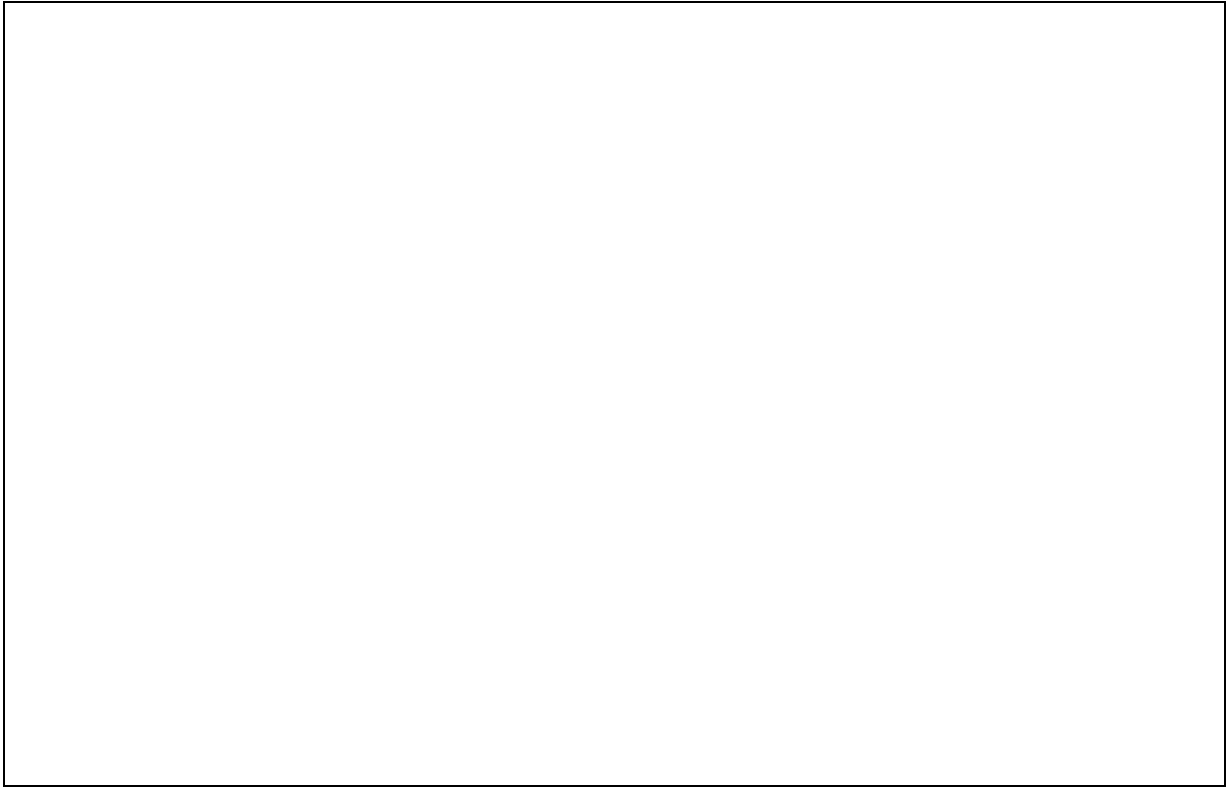
<p>Ayman al-Zawahiri (1951-).</p> <p>(Adamson, 2011: 13-15; As-Sahab, 2008; Corera, 2013; Zawahiri, 2001: 1-67).</p>	<p>- Em <i>“Knights Under the Prophet’s Banner”</i>, o autor deixa críticas aos movimentos islamistas como a IM que considera estarem a perder a sua essência islâmica e a acumular princípios mundanos, vazios e materialistas.</p> <p>- No mesmo texto, Ayman al-Zawahiri deixa claro quais são os inimigos do Islão: os inimigos internos (governantes apóstatas) e os cruzados-sionistas liderados pelos EUA. O Islão deverá estar preparado para combater os infieis.</p>	<p>de violência”.</p> <p>- A importância do movimento de <i>jihād</i> no Afeganistão e Iraque como parte de um plano maior (pan-Islamismo):</p> <p><i>“(...) a importância crítica da jihād no Iraque e no Afeganistão torna-se clara, porque a derrota dos cruzados lá – em breve, se Allah o permitir, - levará ao estabelecimento do califado, com a permissão de Allah”.</i></p> <p>- Sobre a aliança do Islamismo com outras forças seculares e ideologias como o comunismo, Zawahiri é claro:</p> <p><i>“O caso da Palestina é o melhor exemplo destes slogans cruzados e crenças sob a influência de uma aliança com o diabo para a libertação da Palestina. Eles aliaram-se ao diabo mas perderam a Palestina”.</i></p> <p>- No chamado livro de memórias de Zawahiri, <i>“Knights Under the Prophet’s Banner</i>, o teólogo caracteriza os movimentos não-violentos do Islamismo como:</p> <p><i>“Aqueles que prezam a discussão das características gerais dos movimentos jihadistas, e travam a iniciativa das operações militares”.</i></p> <p>Diabolização de todas as ferramentas ocidentais:</p> <p><i>“Eles [Ocidente] adotaram uma série de ferramentas para lutar contra o Islão, incluindo a ONU; os governantes dos povos muçulmanos; as empresas multinacionais; as comunicações internacionais e os sistemas de troca de dados; as novas agências internacionais e as organizações não-governamentais; que são utilizadas como cobertura de espionagem, conspirações, proselitismo e contrabando de</i></p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>armas”.</p> <p>Aos jovens das organizações islamistas como a IM, Zawahiri deixa um apelo:</p> <p><i>“É melhor para os jovens do Islão pegarem em armas e defenderem a sua religião com orgulho e dignidade em vez de viverem em humilhação no império da nova ordem mundial”.</i></p> <p>As ações dos <i>mujahidin</i> deveriam:</p> <p><i>“(...) infligir o maior número de baixas possíveis (...) concentrar no método do martírio (...) os métodos deveriam ser escolhidos de forma a ter o maior impacto nas estruturas do inimigo e a dificultar a sua rápida recuperação”.</i></p>
<p>Osama Bin Laden</p> <p>(1957-2011).</p> <p>(Euben and Zaman, 2009: 425-436; Bin Laden, 2004a: 1-18; Bin Laden, 2004b; Bin Laden et al., 1998;</p>	<p>- O mais famoso islamista foi fundador e financiador da al-Qaeda e do que conhecemos como a <i>jiḥad</i> global.</p> <p>- Até à sua morte, era visto como o Saladino dos tempos modernos (islamistas) ou como a face mais visível da ameaça do fanatismo islâmico para a ordem mundial (Ocidente).</p> <p>- Criado na Arábia Saudita, berço do Wahhabismo, foi doutrinado por professores influentes, em boa parte,</p>	<p>- Para o representante máximo da <i>jiḥad</i> islamista até 2011, o mundo bipolar é dividido em:</p> <p><i>“ (...) descrença global, com os apóstatas unidos sob a liderança da América, por um lado, e a Umma islâmica e as suas brigadas de mujahidin no outro”.</i></p> <p>Na declaração de 1998 (<i>Frente Islâmica Mundial para a jiḥad contra os Judeus e os Cruzados</i>), escrita juntamente com al-Zawahiri e restantes líderes do movimento, Osama aclama:</p> <p><i>“A regra de matar americanos e os seus aliados – civis e militares – é um dever individual para muçulmano que o possa fazer em qualquer país que seja possível, de forma a libertar a mesquita de al-Aqsa (...) do seu alcance, e em prol de afastar os seus exército das terras do Islão,</i></p>

	<p>expatriados do Egito, Síria e Jordânia, membros da IM, como Muhammad Qutb (irmão de Sayyid Qutb) e outros como Abdullah Azzam.</p> <p>- Inspirando-se em ideólogos antigos como Ibn Taymiyya e mais recentes como Qutb ou Azzam, bin Laden visualiza a <i>jiḥad</i> como obrigação individual, num mundo anti-islâmico onde o Islão é continuamente ameaçado.</p> <p>- Para bin Laden, assim como todos os muçulmanos são responsáveis pelo emprego da <i>jiḥad</i>, onde quer que estejam, também um ataque a um qualquer muçulmano, é um ataque a todos os muçulmanos.</p>	<p><i>derrotados e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano”.</i></p> <p><i>“A luta entre nós e eles começou há séculos atrás, e irá continuar. Não poderá haver diálogo com invasores exceto através das armas”.</i></p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO VI

Tipologias de terrorismo



Fonte: Alex Schmid e Albert Jongman (1988), p. 48.

ANEXO VII

Modalidades de ação armada

	Guerra Convencional	Guerra de Guerrilha	Insurgência	Terrorismo
Dimensão das unidades militares	Grande (exércitos, divisões, esquadrões)	Médios (batalhões, companhias)	Pequenos/médios (milícias armadas, paramilitares ou mercenários)	Pequenos (menos de 10)
Armas	Total utilização do arsenal militar (força aérea, marinha, infantaria, artilharia, etc)	Infantaria leve e, por vezes, artilharia	Combina elementos do terrorismo e da guerrilha	Espingardas de assalto, granadas de assalto, carros-bomba, bombas ativadas à distância, bombas de pressão barométrica
Táticas	Operações coordenadas entre ramos militares	Ofensivas táticas, elemento surpresa	Raptos, assassínios, carros-bomba, sequestros, violações, torturas, massacres	Raptos, assassínios, ataques bombistas, sequestros, violações, torturas, massacres
Alvos	Na sua maioria alvos militares, industriais, meios de comunicação e transportes	Alvos policiais, militares, políticos, de transportes e comunicações	Civis, símbolos estatais	Civis, militares, símbolos estatais e adversários políticos
Tipo de impacto	Destruição física	Principalmente física	Físico e psicológico	Coerção psicológica e física
Controlo de território	Sim	Sim	Sim	Não
Uniforme	Sim	Variável	Variável	Não
Delimitação da área de atuação	Guerra limitada a local pré-definido	Guerra limitada ao país em causa	Guerra limitada ao país/área em causa	Atuação global

Legalidade internacional	Sim, se de acordo com regras de guerra	Sim, se de acordo com regras de guerra	Não	Não
Legalidade doméstica	Sim	Não	Não	Não

Adaptado de A. Merani (1994), p. 401.

ANEXO VIII

Grupos islamistas: ideologia e locais de atuação

Islamismo Dawah	
Islamismo Missionário	
Autores	História, Ideologia, Locais de atuação e Líderes
<p>Tablighi Jama'at -</p> <p>(Kepel, 2006: 44-45; ICG, 2005: 8-9; Lopes, 2010: 337-338; Taylor, 2009; Alexiev, 2005).</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Movimento proselitista indiano, de origem deobandista, criado em 1926 com o objetivo de reencaminhar os muçulmanos no verdadeiro caminho da fé islâmica. - Em 1960, o <i>Tablighi</i> já era um movimento transnacional, disseminado por todo o mundo. - Foi a partir das redes construídas pelo grupo que, mais tarde, islamistas se viriam a espalhar pelo mundo, nomeadamente na Europa. - Após o 11 de setembro, as autoridades europeias têm apertado a vigilância aos militantes do <i>Tablighi</i> pela sua ligação aos terroristas jihadistas. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Supostamente apolítico. O facto de as suas atividades serem plataformas para a <i>jihad</i> global para jovens radicalizados na Europa, contradiz a opinião generalizada. - Pregava o retorno ao Islão, ao cumprimento literal da lei islâmica e apregoava a difusão missionária do Islão pelo mundo. - Conhecido pela sua atitude não violenta, vai-se esforçar por converter não só outros povos, como também outros muçulmanos que se tenham desviado do Islão puro. <p>Locais de Atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tradicionalmente indiano espalhou-se por todo o mundo árabe, Europa e Sudoeste Asiático. Em Portugal, a presença do <i>Tablighi</i> remonta ao ano de 1979. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muhammad Ilyas al-Kandhlawi. - Maulana Umarji. - Maulana Zubair Ul Hasan.

Islamismo Político	
<p>Irmandade Muçulmana</p> <p>(Fernandes, 2012: 61-63; Silva, 2011: 99-107; Fradkin, 2008: 5-19)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Podendo ser considerado como um movimento político, social e educacional, a Irmandade Muçulmana é o maior grupo islamista, estando presente em todo o mundo. - Foi fundado em 1928 por Hassan al-Banna no Egito britânico, na cidade de Isma'iyya. - Além de Hassan al-Banna, Sayyid Qutb foi outro nome impassível de omissão, considerado por muitos como pai do radicalismo islamista. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imbuído dos ideais salafistas, a IM apregoa o retorno ao “Islão puro” dos antepassados pios. - Islão como solução para a decadência islâmica. - A par das ações sociais, como os apoios à educação e saúde, a IM opõe-se aos valores ocidentais e seculares. - Imposição da <i>Shariah</i> a toda a sociedade. - Com Qutb, a IM ganha contornos mais radicais. - Os seus apoiantes veem o mundo de uma forma maniqueísta, o <i>Dar-al-Islam</i> em oposição ao <i>Dar-al-Harb</i>. Era a luta do bem contra o mal, o Islão contra o diabolizado Ocidente e governantes ímpios. - Atribuição do estatuto de infiéis (<i>kafir</i>) a governantes apóstatas e inimigos do Islão. <p>Locais de Atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Forte influência política e social no mundo árabe e nas comunidades muçulmanas sedeadas na Europa e EUA. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hassan al-Banna. - Hassan al-Hudaybi. - Sayyid Qutb.

<p>AKP – Partido do Desenvolvimento e da Justiça.</p> <p>(Baran, 2010: 29-51; Akhmetkarimov, 2010; Çağaptay, 2009; Koç, 2010; Fernandes, 2006: 52-62; Krespin, 2009; Yilmaz, 2011: 245-280)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Partido descende da mistura islamista com as tendências sufis da Anatólia. É descendente dos grupos radicais <i>Milli Görüş</i> e <i>Refah Partisi</i>, fundados por Erbakan e banidos da Turquia e, dos ideais do movimento Güllen. Foi fundado em 2001 por membros do <i>Milli Görüş</i>, Recep Tayyip Erdoğan, Abdullah Gül e Bülent Arinç. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reparte-se em elementos dos grupos radicais dos quais descende e da recente história do nacionalismo e secularização da Turquia desde Atatürk a Özal. - Retorno da centralidade do Islão à sociedade turca e imposição da <i>Shariah</i> (herança islamista). - Aplicação de princípios liberais e democráticos europeus (cunho secular do estado turco). - A partir da detenção judicial de Erdoğan em 1999, então presidente da câmara de Istambul, o AKP muda a estratégia que vigorava desde Erbakan e abraça uma aproximação aos valores seculares e democráticos. Desta forma, atrai tanto a elite secular como os apoiantes islamistas. Desde a implementação desta estratégia que académicos divergem quanto à veracidade da mesma, e seus verdadeiros intuitos. <p>Local de Atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turquia e comunidades turcas na Europa (principalmente, na Alemanha). <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recep Tayyip Erdoğan. - Abdullah Gül. - Bülent Arinç.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><i>Jama'at i-Islami – Partido Islâmico.</i> (Isani, 2010: 132-152; Hashmi, 2009: 18; Shah, 2013).</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Concebido em 1941 na cidade de Lahore, por Mawdudi e <i>ulama</i> deobandistas. - O <i>Jama'at-i-Islami</i> é criado como plataforma para a proclamação da revolução islâmica global, segundo o princípio da <i>tajdid</i>. - Começa como movimento social, para se tornar um movimento político. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imposição da <i>Shariah</i> a toda a sociedade. - Unicidade de Allah (<i>tawhid</i>). O Homem é vice-regente no mundo, sob observância divina de Allah. - Desejo de construção do pan-Islamismo. - Só depois da sociedade estar islamizada, poderia o Estado islâmico ser possível; <p>Local de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Subcontinente indiano e em certas comunidades na Europa, principalmente no Reino Unido. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sayyid Abul Ala Mawdudi. - Syed Munawar Hasan.
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><i>Hizb Ut-Tahrir – Partido da Libertação (Gonçalves, 2011:65-69).</i></p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criado em 1952 por Taqiu-Din an-Nabhani no Egito. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A sua estratégia dividir-se-ia em três fases: primeiro, constituir secretamente um partido; segundo, interagir com a sociedade e alcançar posições proeminentes na mesma; em último lugar, alcançar o poder, se necessária por via da força (<i>jiḥad</i>). - Têm um entendimento específico do califado islâmico, sendo que países não-muçulmanos que não o quisessem integrar podiam-no fazer, mediante o pagamento de uma taxa. Caso não o fizessem seria declarada <i>jiḥad</i>. - Apenas os homens teriam pleno gozo dos seus direitos cívicos. - Totalmente antissemitas. - Grupo muito completo, incorporando elementos de proselitismo, de partido político e grupo jihadista. <p>Organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divididos em células ao modo leninista, utilizam frequentemente a <i>taḳīyah</i>. - Recrutam principalmente em classes mais elevadas. É o grupo mais bem-sucedido no recrutamento de jovens frustrados na Europa Ocidental. <p>Local de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Europa, principalmente no Reino Unido. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Burhan Hanif. - Ata Abu Rashta.
--------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Islamismo Jihadista	
Jihadismo Irredentista	
<p>Hezbollah – Partido de Allah</p> <p>(Kepel, 2006: 127-130; Masters, 2014)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fundado em 1982, pela união dos xiitas libaneses durante a guerra civil. - Criação do Irão de Khomeini, propôs-se a construir um Estado islâmico no Líbano, à semelhança do Irão. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Defendia interesses políticos sírios e iranianos. - Aspirava à revolução social, à prática do martírio e da <i>jihad</i>. - As suas táticas variavam entre a utilização de bombistas suicidas e o rapto. - Promove a destruição de Israel e o fim dos interesses ocidentais no Médio Oriente. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Líbano e, mais recentemente, Síria. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hassan Nasrallah. - Naim Qassem. - Mustafa Badr Al Din.
<p>Hamas – Movimento de Resistência Islâmica</p> <p>(Gresh e Vidal, 2003: 165-167; Kepel, 2006: 150-158; Tawfik, 2011: 215-219; Masters, 2012)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fundado em 1987 pela IM após a Primeira Intifada pela causa palestiniana; - Constituído pela largamente jovem geração pós- Guerra de 1967. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para além de ser considerado um grupo islamista radical ou político, o Hamas é responsável por uma vasta rede de apoios sociais à população palestiniana. - Defendia a islamização da sociedade, aplicação genérica da lei islâmica. - Proclamava o dever islâmico da <i>jihad</i> sob todos os muçulmanos contra a ocupação judaica da Terra Santa. - Destruição de Israel e aniquilação do povo judeu. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Baseado em Gaza, desde a expulsão do grupo Fatah em 2007, opera na Faixa de Gaza, Israel e Cisjordânia. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sayyid Syed Munawar Hasan. - Khaled Meshaal.

Jihadismo Global	
<p>Al-Qaeda – “A Base”</p> <p>(Kepel, 2006: 313-322; Gunaratna, 2002: 54-94; Cardoso, 2012; Faith, 2011: 23-33; Wilkinson, 2011: 41-49; Stanford University, 2012e)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fundada por Osama bin Laden e Abdullah Azzam em 1989 no Afeganistão, sucessora da <i>Makhtab al-Khidmat</i> (MAK). - Tornou-se num grupo terrorista empenhado na luta contra o Ocidente após a guerra do golfo; O primeiro notório ato terrorista contra o Ocidente foi perpetrado em 1993 em Mogadíscio, onde causou a morte a 18 <i>marines</i> americanos. - Em 1998, bin Laden e Zawahiri, criaram a Frente Internacional Islâmica contra Judeus e Cruzados. Em 2001, dava-se o 11 de setembro, arquitetado por membros da al-Qaeda. - Após a destruição da base operativa no Afeganistão, a al-Qaeda repartiu-se em 4 variantes principais. Na fronteira do Afeganistão com o Paquistão intitula-se al-Qaeda <i>Prime</i> (AQP). <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proclamavam a <i>jihad</i> global, contra os inimigos do Islão (apóstatas, cristãos e judeus). - Restabelecimento do califado. - Permissibilidade de executar táticas como a tortura, raptos, homicídios e troca de reféns. - Legitimidade na morte de civis. - Defesa do pan-Islamismo. - A <i>jihad</i> enquanto dever individual e implementação do martírio. - Retorno aos ideais islâmicos da época do Profeta como solução para a decadência do Islão. - Para Gunaratna, a al-Qaeda figura nos “grupos extremistas apocalípticos”, isto é, apesar da sua praticabilidade e dos objetivos claros, é um grupo capaz de empreender ataques colossais. <p>Organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caracterizada por uma hierarquia vertical que providencia suporte tático e diretivas estratégicas à sua rede horizontal de células e grupos afiliados. - As células terroristas dividem-se em ativas e adormecidas, sendo que as últimas são as mais difíceis de rastrear. - Atualmente, a al-Qaeda encontra-se dividida em: núcleo duro da al-Qaeda na fronteira do Afeganistão/Paquistão, a al-Qaeda <i>Prime</i> (AQP); Grupos afiliados: a al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI); al-Qaeda na Península Arábica (AQPA); al-Qaeda no Iraque, que inclui a frente Síria (AQI); e a <i>al-Shabab</i> ou al-Qaeda no Este de África (AQEF); grupos aliados e células espalhadas pela Europa, América do Norte, América Latina, América do Sul, Norte de África, Este de África, Médio Oriente, Ásia Central, Sudoeste asiático e sudeste asiático.

	<p>Financiamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Através de fundações e organizações no mundo islâmico, principalmente nos EAU (Emirados Árabes Unidos) e na Arábia Saudita. - No Ocidente, através de supostas obras solidárias e de caridade, tal como a <i>zakat</i> e, através de crimes de fraude bancária. - Outras fontes de rendimento prendem-se com o crime transnacional: tráfico de diamantes, tráfico de pessoas e tráfico de narcóticos. - Regulado pela Comissão Administrativa e Financeira, o grupo move fundos clandestinamente por todo o mundo através do sistema de financiamento informal <i>hawala</i>, a chamada banca paralela. <p>Treino:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Principais manuais: <i>Encyclopedia of the Afghan Jihad</i> e a <i>Declaration of Jihad against the Country's Tyrants</i>. - O treino reparte-se em três tipos tendo em conta a sua missão: básico; avançado; especializado. - O básico resume-se à guerra de guerrilha e à <i>Shariah</i>; O avançado engloba o uso de explosivos, técnicas de assassinato e armas pesadas; O treino especializado abrange técnicas de vigilância e contra vigilância, forjar documentos e conduzir ataques suicidas marítimos e terrestres. - Treino psicológico que capacite o recruta da necessária resiliência mental para se sacrificar (martírio). - Treino religioso abrangente, desde a lei, história e política islâmica à <i>jihad</i> e a história do Profeta. - O treino paramilitar inclui também combate corpo a corpo, uso de facas, veneno, comunicações e conhecimento anátomo-fisiológico humano. <p>7 Premissas dos membros da al-Qaeda:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Remover as personalidades que bloqueiem o “apelo divino”. - Utilização correta das capacidades inexploradas do indivíduo. - Eficiência e eficácia em todas as perspetivas das missões endereçadas. - Aceitar e completar todas as tarefas impostas. - Encetar operações contra os inimigos e alcançar o estabelecimento de um Estado islâmico. - Atingir as condições necessárias à confrontação política do regime. - Alcançar a disciplina no secretismo e ao longo das suas missões. <p><i>Modus Operandi:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Infiltração nas forças de segurança, exército e esfera política dos Estados, dotando o grupo de um setor de <i>intelligence</i>. - As células são independentes umas das outras, não havendo relação entre membros de diferentes células. - O conhecimento dos membros das células baseia-se no mero “princípio da
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>necessidade de conhecer”, ou seja, só sabem aquilo que têm absolutamente de conhecer.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nos ataques a alvos ocidentais, as comunidades muçulmanas sedeadas em território europeu cedem abrigo e provisões aos membros da al-Qaeda. - As missivas estratégicas são elaboradas pela liderança do grupo. - Os ataques terroristas dividem-se em três passos: equipas de vigilância, equipas de logística e, por fim, equipas operacionais. - Os membros do grupo dividem-se em ocultos e visíveis. - Os abrigos, comunicações seguras e sistemas de transportes são vitais para a execução dos planos. - Os ataques terroristas são, normalmente, simultâneos, e almejam criar o máximo dano físico e psicológico. <p>Locais de organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está presente em mais de 90 países. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está presente em mais de 90 países. <p>Historial (resumido):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 26 de fevereiro 1993: Carro armadilhado por Ramzi Yousef explode por debaixo do World Trade Center em Nova Iorque, fazendo 6 mortos e 1.042 feridos. - 7 de agosto 1998: Duas carrinhas armadilhadas explodem nas imediações das embaixadas dos EUA em Dar es Salaam, Tanzânia e em Nairobi, Quênia. Resultado: 223 mortos e mais 4.000 feridos. - 11 de setembro 2001: O maior ato terrorista perpetrado nos EUA deixou um rasto de destruição. Dois aviões atingem as torres gémeas do World Trade Center, um outro atinge o Pentágono e um último despenhou-se na Pensilvânia. Resultado, 2.996 mortos e mais de 6.000 feridos. - 11 de março 2004: Quatro comboios são alvos de atentado na estação de Atocha em Madrid. Resultado: 191 mortos e mais de 1.800 feridos. - 7 de julho 2005: Três bombas no subterrâneo londrino e uma num autocarro perfazem 56 mortos e mais de 770 feridos. - 23 de novembro 2006: Série de ataques na cidade de Sadr City no Iraque matam 215 e ferem 257. - 23 de julho 2012: Múltiplos ataques contra xiitas no Iraque. Resultado: 116 mortos e mais de 300 feridos. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abdullah Azzam. - Osama bin Laden. - Ayman al-Zawahiri. - Abu Bakr al-Baghdadi.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>AQMI – Al-Qaeda no Magrebe Islâmico</p> <p>(Stanford University, 2012d; Laub, 2014a; National Counterterrorism Center, 2014c; Galito, 2012: 1-23)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formado em janeiro de 2007, é a sucessora do GSPC. Filial da al-Qaeda, conserva ainda hoje uma liderança argelina, sendo a maioria dos seus membros argelinos e mauritanos. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Similar à ideologia da al-Qaeda <i>Prime</i>. - Criação do califado pan-islâmico, desde o “al-Ândalus ao Iraque”. <p>Locais de organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Argélia e Mali (atualmente, tem-se deslocado para o Sahel). - Ramificações na Europa Ocidental, principalmente na França e Espanha, Portugal incluído. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Norte de África e Sahel, desde a Mauritânia ao Sudão, e de Marrocos à Nigéria. <p>Historial (resumido):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 11 de abril 2007: Dois bombistas suicidas atingem o gabinete do primeiro-ministro argelino e uma esquadra policial, causando 30 mortos. - 11 de dezembro 2007: Duas bombas explodem simultaneamente junto à representação das ONU em Alger, ao mesmo tempo que uma bomba rebentava no Supremo Tribunal argelino. Resultado final: 41 mortos e 170 feridos. - junho 2009: Ataque a uma comitiva de engenheiros chineses faz 29 mortos; - 2012: Ataques em conjunto com rebeldes tuaregues no Mali. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nabil Sahraoui. - Abdelmalek Droukdel.
	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formado em 2009 com a união de militantes iemenitas e sauditas, ganhou credibilidade com os atentados a bairros residenciais ocidentais na Arábia Saudita em 2003. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Similar à ideologia da al-Qaeda <i>Prime</i>. - Procura estender a <i>jihad</i> para além da Península Arábica, até a Israel. - Estigmatiza os xiitas no norte do Iémen, especialmente os <i>houthis</i>, considerados politeístas e, como tal, inimigos do Islão.

<p>AQPA – Al-Qaeda na Península Arábica</p> <p>(Stanford University, 2012b; Masters, 2013a; National Counterterrorism Center, 2014b)</p>	<p>Locais de organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Após a sua expulsão da Arábia Saudita, o grupo fixou-se no Iémen. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Península Arábica. - Ataques terroristas falhados nos EUA e Europa. <p>Historial (resumido):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 17 de maio 2003: Ataques a bairros residenciais ocidentais na Arábia Saudita fazem 29 mortos e mais de 200 feridos. - 7 de dezembro 2004: Ataque ao consulado americano em Jeddah faz 9 mortos; - 25 de dezembro 2009: Umar Farouk Abdulmutallab, membro do grupo, tenta detonar um avião com partida em Amesterdão e destino em Detroit, através da injeção de químicos num pacote de Pentrite. - 29 de outubro 2009: Descobertas bombas em aviões no Dubai e Londres. Objetivo da AQPA seria atingir sinagogas em Chicago. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Yusef al-Ayeri. - Abu Basir. - Abu Hurayrah. - Anwar al-Awlaki. - Ibrahim Hassan al-Asiri.
<p>AQEA – Al-Qaeda no Este de África ou Al-Shabab</p> <p>(Masters, 2013b; National Counterterrorism Center, 2014d; Terrorism Research & Analysis Consortium, 2014)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descende do grupo salafista extremista <i>al-Ittihad Al-Islami</i>, que teve o seu auge em meados da década de noventa, após o colapso do regime militar reinante na Somália de 1969-1991. - Em meados da década transata, como resultado da invasão militar etíope, os quadros do grupo aumentaram e os laços com a al-Qaeda <i>Prime</i> recrudescer. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecimento de um Estado Islâmico na Somália, sob regência da <i>Shariah</i>. <p>Locais de organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Somália. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Somália. - Países vizinhos como o Uganda e Quênia. - Ocidente (<i>foreign fighters</i> e jihadistas domésticos).

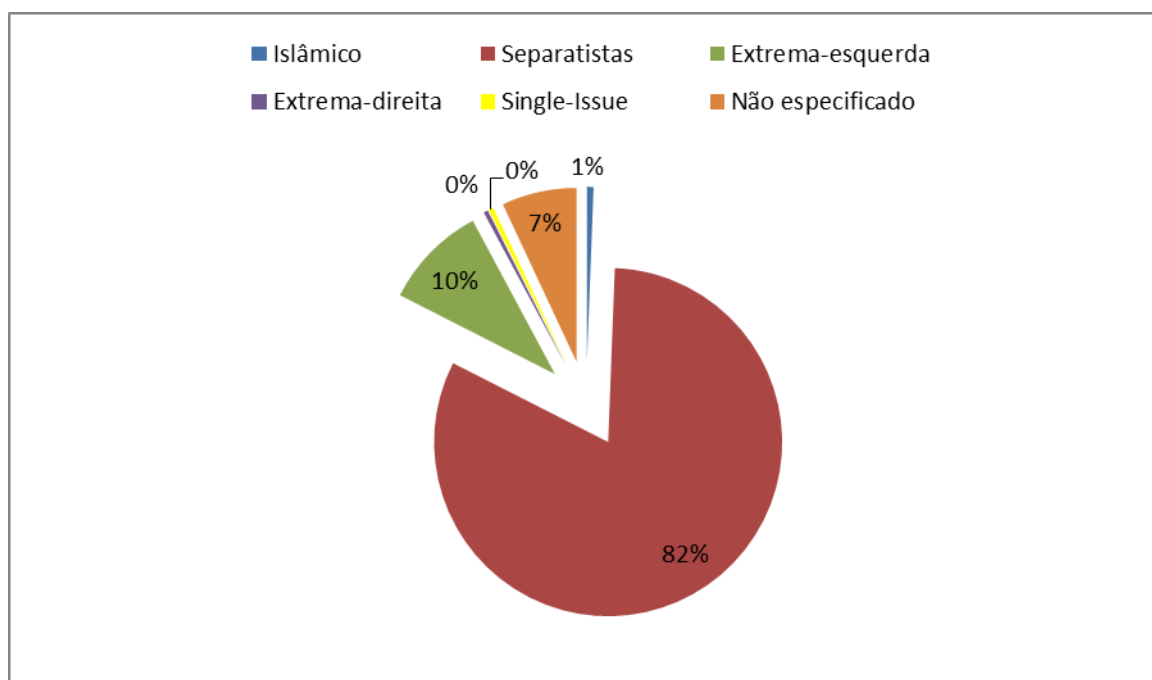
	<p>Historial (resumido):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 22 de fevereiro 2009: Um carro armadilhado mata 6 pessoas em Mogadíscio. - 18 de junho 2009: O grupo utiliza pela primeira vez bombistas suicidas. O ataque mata 35 pessoas na cidade de Beledweyne. - 4 de agosto: Quatro homens com ligações ao al-Shabab são acusados da tentativa de ataque terrorista ao campo militar australiano de Holsworthy. - 2 de janeiro 2010: Mohammed Geele, suspeito de possuir ligações ao al-Shabab, tenta matar o cartoonista dinamarquês Kurt Westergaard na sua casa em Aarhus, Dinamarca. - 11 de julho 2010: Dois bombistas suicidas do al-Shabab fazem-se explodir em dois locais na capital do Uganda, Kampala. O ataque visava as multidões que assistiam às transmissões dos jogos do Mundial de Futebol. Resultado: 74 mortos e mais de 70 feridos. - 4 de outubro de 2011: Um camião carregado de explosivos mata cerca de 100 pessoas e fere outra centena em Mogadíscio. - 21 de setembro de 2013: Membros do grupo tomam de assalto o centro comercial <i>Westgate</i> em Nairobi. No final, pelo menos 67 pessoas perderam a vida e mais de 175 ficaram feridas. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sheikh Hassan Dahir Aweys. - Ahmed Abdi Godane.
<p>AQI – Al-Qaeda no Iraque e Levante</p> <p>(Stanford University, 2012c; Laub, 2014b; National Counterterrorism Center, 2014a; Baker, 2013: 16-21)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formado em 2004, no Norte do Iraque. - Numa primeira fase, iniciou uma série de ofensivas contra xiitas iraquianos por forma a assegurar a instabilidade no país. A partir de finais de 2009, parece ter mudado de estratégia, tendo em mente apenas alvos governamentais ou ocidentais. - Em 2013, o líder al-Baghdadi deu um novo nome ao grupo: Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL). - A guerra civil na Síria serve como campo de treino para o ataque ao Ocidente. Ao contrário de bin Laden, a liderança do grupo prefere esperar pelo momento certo para atingir as hostes ocidentais. Os analistas garantem que a proeminência humana e tecnológica do grupo se fará sentir, muito ao contrário das passadas investidas da AQPA no Ocidente. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Similar à ideologia da al-Qaeda <i>Prime</i>. - Os objetivos a curto prazo passam pela implementação de um Estado islâmico que incorpore a Síria e Iraque, sob dependência da interpretação da <i>Shariah</i> por al-Baghdadi.

	<p>Locais de organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Norte do Iraque. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Até 2005, Iraque e Jordânia. - A partir de 2003 focou-se no Iraque e, mais recentemente, expandiu-se para a Síria. <p>Historial (resumido):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19 de agosto 2003: Ataque à bomba na embaixada da ONU em Bagdade faz 23 mortos e mais de 100 feridos. - 11 de setembro 2005: Mais de uma dúzia de bombas detonam em Bagdade perfazendo 160 mortos e 570 feridos. - 9 de novembro 2005: Bombas em hotéis ocidentais em Amã, Jordânia fazem 57 mortos. - agosto 2009: Várias bombas em edifícios governamentais em Bagdade fazem 250 mortos e mais de 1.000 feridos. - 21 de março 2012: 46 mortos e 200 feridos em dezenas de ataques espalhados por oito cidades iraquianas. - Dos mais de 7.900 mortos em ataques terroristas no Iraque, a sua maioria atribui-se ao grupo de al-Baghdadi. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abu Musab al-Zarqawi. - Abu Ayub al-Masri. - Abdullah Rashid al-Baghdadi. - Abu Bakr al-Baghdadi.
<p>GIA – Grupo Islâmico Armado</p> <p>(Marquardt e Heffelfinger, 2008c: 198-201; Masters, 2009; Galito, 2012: 2; 7-9; Kepel, 2006: 308-313)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fundado na Argélia, durante a guerra civil dos anos noventa. Em 1992, após o boicote à vitória eleitoral da FIS (Frente Islâmica de Salvação), surge a GIA, grupo radical predisposto a utilizar os mais variados ataques violentos. - O GIA foi responsável pelo início da <i>jiḥād</i> na França em 1995. - Na transição para o século XXI, o grupo mudou de nome para GSPC (Grupo Salafista para Pregar e Combater), devido às grandes contestações à morte indiscriminada de civis. Em 2002, o desmantelamento do GSPC levou à criação da AQIM em 2007 (Al-Qaeda no Magreb Islâmico). <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Durante a década de noventa, defendeu a destituição do governo secular e a imposição de um Estado islâmico. - Após a década de noventa, tornou-se um grupo jihadista global, empenhado no combate ao Ocidente e, principalmente, ao antigo colonizador francês.

	<ul style="list-style-type: none"> - Atribuição do estatuto de <i>takfir</i> a todos aqueles que não cumprissem os preceitos islâmicos, incluindo crianças e mulheres. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Até à sua extinção em 1998 e posterior formação do GSPC, atuava com especial incidência na Argélia e França, sendo que outros países europeus, como o Reino Unido, funcionaram como base, a partir de 1992. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mansour Meliani. - Cherif Gousmi. - Rachid Ramda.
<p><i>Al-Jama'ah Al-Islamiya</i> (Gunaratna, 2005: 68-81; Stanford University, 2012a)</p>	<p>História:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A fase final do grupo foi formada em 1993 na Malásia. <p>Ideologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proclamavam a <i>jihad</i> global, contra os inimigos do Islão. - Criação do pan-Islamismo no Sudoeste Asiático. - Divisão do mundo entre o bem (<i>Dar-al-Islam</i>) e o mal (<i>Dar-al-Harb</i>). - Aplicação totalitária da <i>Shariah</i> aos domínios sociais. - Unicidade de <i>Allah</i> (<i>tawhid</i>). O Homem é vice-regente no mundo, sob observância divina de <i>Allah</i>. - Regresso aos ensinamentos do Islão (<i>salaḥ</i>) para regresso à glória islâmica de outrora. <p>Locais de atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mais ativa no Sudoeste Asiático. <p>Líderes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abdullah Sungkar. - Abu Bakar Ba'asyir.

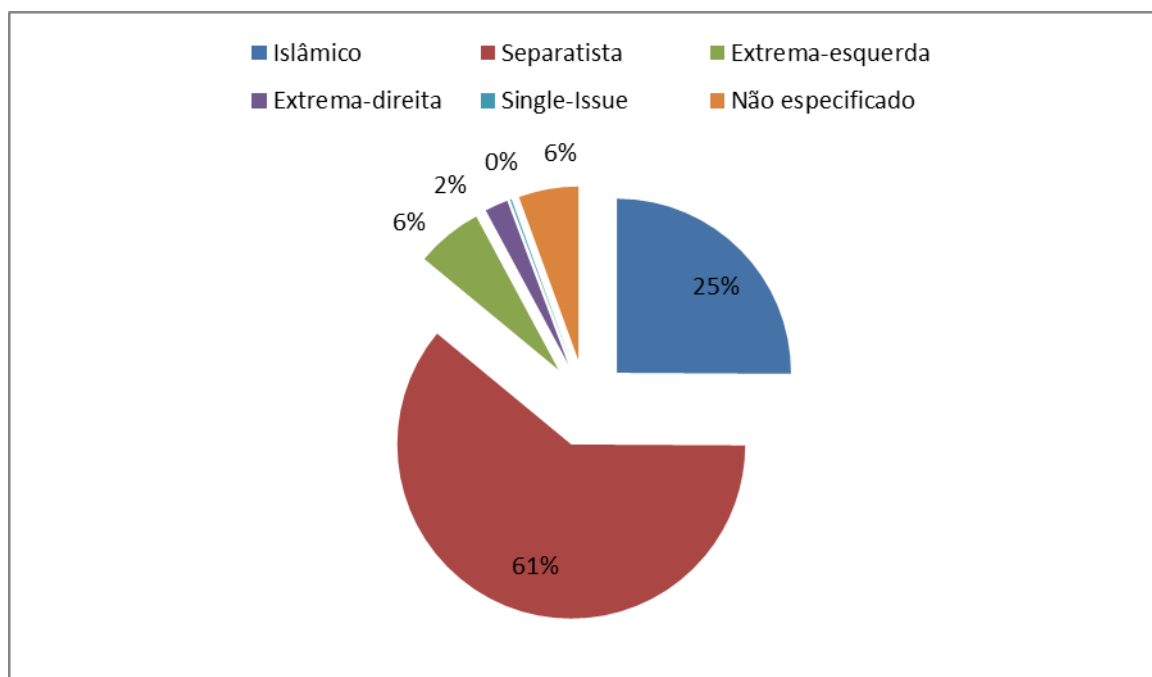
ANEXO IX

Gráfico I: Ataques terroristas na Europa por tipologia: 2007-2012



Fonte dos dados: EUROPOL, "TE-SAT. EU Terrorism Situation and Trend Report" 2007-2012.

Gráfico II: Detenções de terroristas na Europa por tipologia: 2007-2012



Fonte dos dados: Europol, "TE-SAT. EU Terrorism Situation and Trend Report" 2007-2012.

ANEXO X

Tabela I: Principais atos terroristas jihadistas registados em países europeus. Estão indicados tanto os atentados bem-sucedidos, falhados e prevenidos pelas FSS. Dados retirados do *site* oficial do Departamento de Estado dos EUA, *Country Reports on Terrorism*, relativos aos anos 2004 a 2012, tendo sido adicionados casos que os autores tenham tido conhecimento por outras fontes bibliográficas credíveis (dados de 2013 introduzidos pelos autores). Por falta de atualização, a totalidade dos dados referentes aos anos de 2013 e 2014 ainda não se encontram disponíveis.

Alemanha	2006	31 de julho: Por razões de defeito de construção, os engenhos explosivos colocados em comboios regionais na Alemanha não explodem.
	2007	4 de setembro: Polícia alemã detém 2 alemães e 1 turco e impede múltiplos atentados por meio de carros armadilhados.
	2011	2 de março: Arid Uka dispara e mata 2 pilotos americanos e fere outros dois no aeroporto de Frankfurt. 14 de maio: Murat K. esfaqueia dois polícias em Bona.
Bélgica	2012	12 de março: Imigrante marroquina sunita invade mesquita em Bruxelas, ameaça devotos com machado, espalha gasolina e incendeia mesquita. O <i>imam</i> local morre por inalação de fumos. 8 de junho: Imigrante muçulmano residente em França esfaqueia 2 polícias belgas em Molenbeek, em retaliação por um incidente anterior envolvendo uma muçulmana e polícias da mesma cidade.
Bósnia	2010	27 de junho: Ataque à bomba numa esquadra em Bugojno mata 1 e fere 6.
	2011	28 de outubro: Mevlid Jasarevic abre fogo contra a embaixada americana em Sarajevo. O autor fica ferido e é detido.
Bulgária	2012	18 de julho: Atentado bombista na cidade de Burgas num autocarro com 42 turistas israelitas. Dos passageiros, 5 israelitas e 1 búlgaro morrem. O <i>Hezbollah</i> é formalmente acusado.

Dinamarca	2007	4 de setembro: Polícia dinamarquesa detém 8 membros da al-Qaeda e impede atentado terrorista.
	2010	1 de janeiro: Mohammed Geele ataca cartoonista Kurt Westergaard com um machado. 10 de setembro: Uma pequena explosão dá-se no interior do hotel Jorgensen, consequência da tentativa de construção de uma carta-bomba por Lers Doukaiev.
Espanha	2004	11 de março: Bombas dispostas em vários comboios na capital espanhola deixam 191 sem vida e centenas de feridos. 2 de abril: Um engenho explosivo colocado num comboio que fazia a ligação entre Madrid e Sevilha falha a detonação.
	2008	19 de janeiro: Detidos 14 indivíduos, naquela que seria apelidada de célula de Barcelona. Visavam o metropolitano da cidade e tinham também Portugal nos seus planos.
França	2012	11 e 15 de março: Mohammed Merah mata 3 soldados franceses e fere gravemente outro em Montauban e Toulouse. 19 de março: Mohammed Merah mata 1 professor e 3 crianças numa escola privada judaica em Toulouse. 21 de março: Um pacote armadilhado explode junto à embaixada indonésia em Paris. Só se registaram danos materiais. 19 de setembro: Célula terrorista jihadista suspeita de ataque a um supermercado <i>kosher</i> com cocktails molotovs em Sarcelles.
Holanda	2004	2 de novembro: Theo Van Gogh é brutalmente assassinado por um membro da célula de Hofstad.
	2009	25 de dezembro: O nigeriano Umar Farouk Abdulmutallab tenta explodir um avião que fazia a ligação entre Amesterdão e Detroit.
Itália	2009	13 de outubro: Mohammed Game leva a cabo um ataque suicida

		sem sucesso a um quartel militar em Milão. O autor e um soldado ficam feridos.
Noruega	2006	17 de setembro: Indivíduos disparam com uma arma de fogo automática sob uma sinagoga em Oslo.
Reino Unido	2005	7 de julho: 4 bombistas suicidas fazem-se explodir no metro e num autocarro no centro de Londres. 56 pessoas morreram e mais 700 ficaram feridas. 21 de julho: Um conjunto de bombas espalhadas pelo metro de Londres falha a detonação.
	2006	9 de agosto: Polícia evita atentado terrorista que previa fazer explodir 10 aviões na noite desse mesmo dia.
	2007	29 de junho: Londres e Glasgow são, separados por horas, palcos de atentados falhados por parte de 2 homens. 1 morre e outro é preso.
	2008	22 de maio: Nicky Reilly, recentemente convertido ao Islão, falha um ataque suicida em Princesshay, Exeter.
	2009	Abril de 2009: Polícia inglesa detém 12 suspeitos de planearem atentados bombistas em lojas da cidade de Manchester.
	2013	22 de maio: O soldado britânico Lee Rigby é barbaramente assassinado numa rua londrina.
Rússia	2004	6 de fevereiro: Um bombista suicida mata 41 pessoas e fere cerca de 120 pessoas no metropolitano de Moscovo. 9 de maio: Uma explosão nos lugares VIP do estádio de futebol do Dínamo de Grozny mata cerca de 30 pessoas e fere 56. 22 de junho: Militantes armados tomam um edifício do Ministério do Interior na Inguchétia, matando 92 pessoas. 31 de agosto: Uma bombista suicida mata 10 pessoas e fere 50

		<p>no metropolitano de Moscovo.</p> <p>24 de agosto: Duas bombistas suicidas detonam em dois aviões de passageiros russos matando todos os ocupantes. No total 91 pessoas perderam a vida.</p> <p>1-3 de setembro: ao fim de dois dias de sequestro, 334 perdem a vida, 186 das quais crianças, no maior e mais dramático evento terrorista em solo russo.</p>
	2005	<p>13 de outubro: 200 a 300 homens armados atacam polícia e exército no Norte do Cáucaso. Várias dezenas morrem antes de se restabelecer a ordem.</p>
	2006	<p>21 de agosto: Uma bomba explode num mercado moscovita, frequentemente visitado por estrangeiros. 13 pessoas morrem e 47 ficam feridas.</p>
	2008	<p>6 de novembro: 12 mortos e 41 feridos resultado da ação de uma bombista suicida num mercado na cidade de Vladikavkaz.</p>
	2009	<p>17 de agosto: Um bombista suicida fez-se explodir num carro matando 25 e ferindo 164 pessoas na cidade de Nazran.</p> <p>27 de novembro: Uma bomba explode num comboio de alta velocidade que fazia a ligação entre Moscovo e São Petersburgo. 28 mortos e quase 100 feridos.</p>
	2010	<p>29 de março: Dois ataques suicidas levados a cabo por 2 muçulmanas no metro de Moscovo mata 40 e fere mais de 100 pessoas.</p> <p>26 de maio: Pelo menos 7 mortos e 40 feridos em Stavropol, resultado da explosão de uma bomba.</p> <p>31 de março: Dois ataques suicidas fazem 12 mortos e ferem outras 18 na cidade de Kizlyar, Dagestão.</p> <p>29 de agosto: 18 mortos e mais de 20 feridos num ataque de guerrilheiros chechenos a uma aldeia chechena.</p> <p>9 de setembro: Carro armadilhado em Vladikavkaz, Ossétia do Norte, mata 17 e fere mais de 160.</p> <p>19 de outubro: 3 militantes chechenos atacaram o complexo parlamentar em Grozny. 6 mortos.</p>
	2011	<p>24 de janeiro: Ataque suicida no aeroporto de Domodedovo em</p>

		Moscovo fez 35 mortos e feriu mais de 130.
	2012	3 de maio: Ataque suicida numa esquadra de polícia em Makhachkala, Dagestão. Fez 7 mortos e mais de 100 feridos.
	2013	21 de outubro: Bombista suicida feminino mata 7 e fere 36 pessoas num autocarro na cidade de Volgogrado; 29 dezembro: Dois bombistas suicidas em Volgogrado ceifam a vida a 34 pessoas e ferem outras 85.
Suécia	2010	11 de dezembro: Primeiro ataque suicida em solo sueco. Um sueco descendente de pais iraquianos faz-se explodir no centro de Estocolmo, após a primeira explosão do carro.

Adaptado de Departamento de Estado dos EUA (2004 a 2012).

Tabela II: Número de detidos, presos (atribuição de sentença condenatória) e expulsos (extraditados ou expatriados) por ano e por país. A análise destes dados deve ser feita tendo em conta que provêm de apenas uma fonte. Os dados estarão em muitos casos incompletos ou mesmo indisponíveis.

* Detidos – pela polícia, sem ou com mandato judicial; Presos – sentença judicial atribuída: prisão efetiva; Expulsos – expatriados ou extraditados.

** Número de suspeitos terroristas islamistas mortos pelo Estado russo.

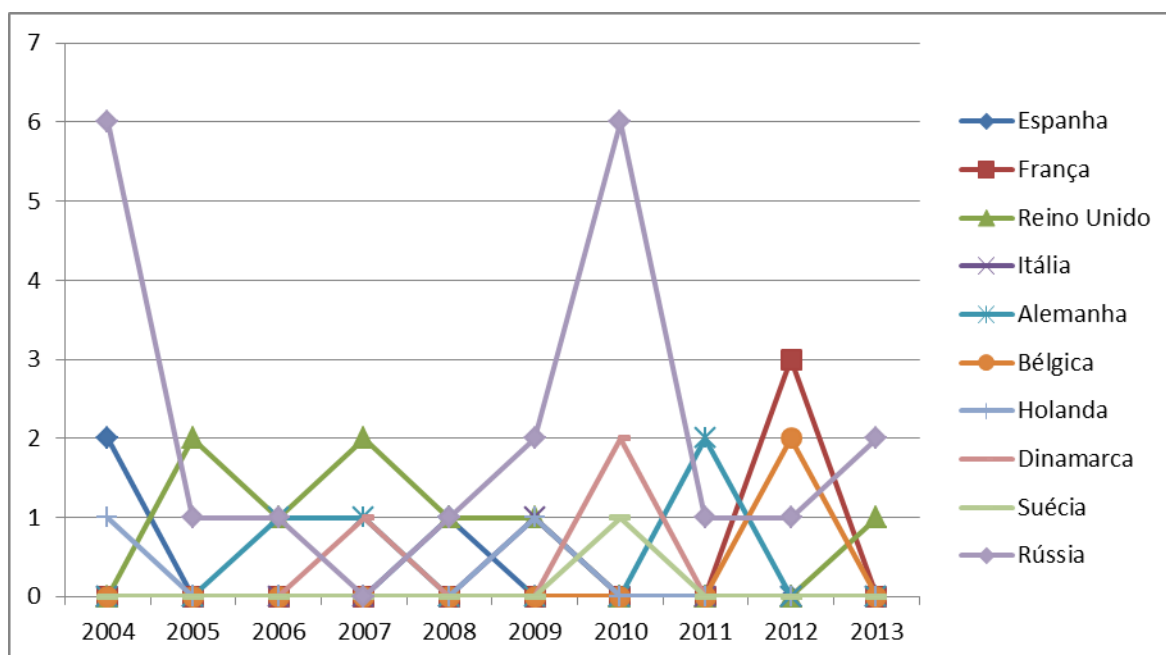
*** Número de terroristas islâmicos que se entregaram.

País	Situação*	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Alemanha	Detidos	4	4	12	3	6	3	2	7	0
	Presos	0	7	2	7	11	8	14	10	5
	Expulsos	1	0	0	0	1	0	0	0	0
Áustria	Detidos	0	0	0	0	0	2	1	0	0
	Presos	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	0	2	0
Bélgica	Detidos	10	14	0	0	15	0	9	0	7
	Presos	8	0	9	0	6	0	7	0	8
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Bósnia	Detidos	0	4	0	0	5	4	6	4	0
	Presos	0	0	0	3	0	0	0	0	7
	Expulsos	0	0	1	0	0	1	0	0	0
Bulgária	Detidos	0	0	0	0	0	0	s.d	s.d	0
	Presos	0	0	0	0	0	0	s.d	s.d	0
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	s.d	s.d	0
Chipre	Detidos	s.d	0	0	0	0	0	0	s.d	0
	Presos	s.d	0	0	0	1	0	0	s.d	0
	Expulsos	s.d	0	0	0	0	0	0	s.d	0
Dinamarca	Detidos	s.d	8	9	9	2	0	7	0	5
	Presos	s.d	0	0	8	7	0	1	2	5
	Expulsos	s.d	0	0	0	0	0	0	0	0
Espanha	Detidos	65	79	93	47	65	14	19	7	5
	Presos	1	18	0	26	0	11	0	0	0
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
França	Detidos	8	54	140	25	28	2	13	72	67
	Presos	0	13	28	14	19	18	0	0	0
	Expulsos	0	19	2	19	3	0	0	0	6
Grécia	Detidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Presos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Holanda	Detidos	1	0	6	0	2	1	15	1	55
	Presos	2	14	15	10	7	1	7	0	1
	Expulsos	0	0	1	1	0	0	0	4	1

Irlanda	Detidos	s.d	0	0	0	0	0	0	0	0
	Presos	s.d	0	0	0	0	0	0	0	0
	Expulsos	s.d	0	0	0	0	0	0	0	0
Itália	Detidos	60	18	29	24	32	12	13	1	17
	Presos	s.d	0	6	14	15	0	17	4	0
	Expulsos	s.d	13	28	0	1	0	1	3	1
Kosovo	Detidos	0	0	s.d	0	0	0	0	0	0
	Presos	1	0	s.d	0	0	0	0	0	0
	Expulsos	0	0	s.d	0	0	1	0	0	1
Noruega	Detidos	0	0	4	0	3	0	6	0	0
	Presos	0	0	0	0	1	0	1	0	4
	Expulsos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reino Unido	Detidos	16	s.d	20	39	3	17	15	19	20
	Presos	1	s.d	0	6	3	9	0	1	0
	Expulsos	s.d	s.d	0	4	1	0	0	6	5
Rússia	Detidos	s.d	s.d	s.d	500***	s.d	500**	300**	s.d	792
	Presos	2	30	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	7
	Expulsos	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	s.d	0
Sérvia	Detidos	s.d	1	0	16	0	0	0	17	0
	Presos	s.d	0	0	0	0	12	0	0	0
	Expulsos	s.d	1	0	0	0	0	0	0	0
Suécia	Detidos	s.d	0	0	0	0	1	14	5	0
	Presos	s.d	2	3	2	2	0	0	1	5
	Expulsos	s.d	0	0	0	1	1	0	1	0
Portugal	Detidos	10	0	0	1	0	0	s.d	s.d	s.d
	Presos	0	2	0	0	0	0	s.d	s.d	s.d
	Expulsos	0	0	1	1	0	0	s.d	s.d	s.d

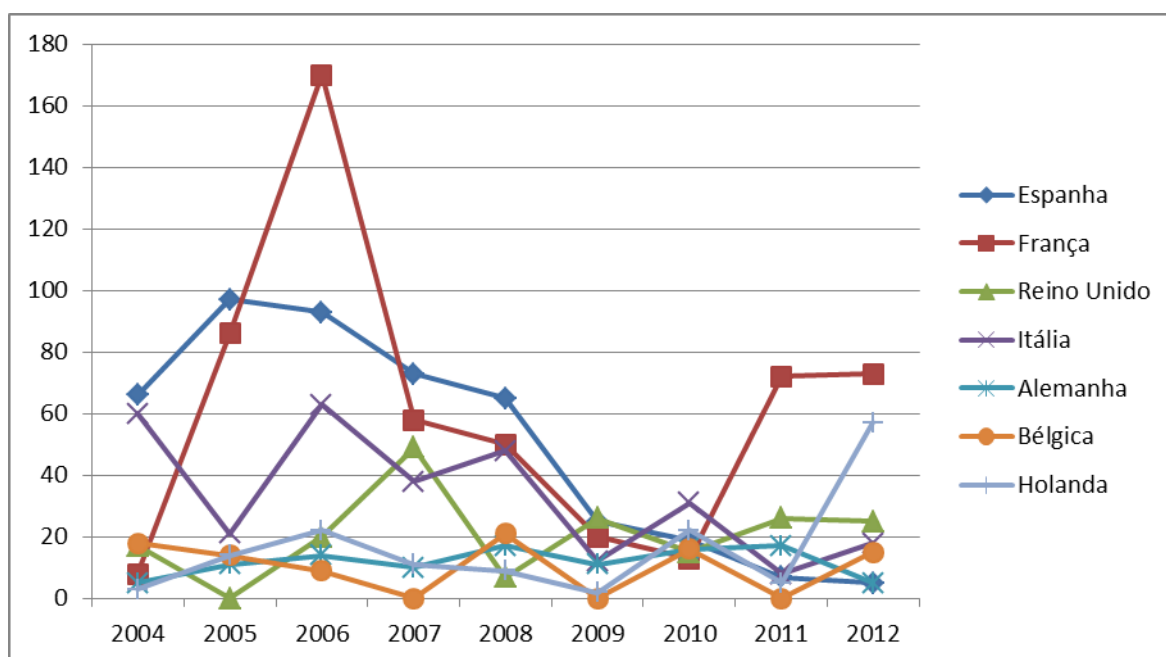
Adaptado de Departamento de Estado dos EUA (2004 a 2012).

Gráfico III: Evolução de atentados jihadistas nos países indicados, de 2004 a 2012.



Fonte: U.S. Department of State (2005), "Country Reports on Terrorism" 2004-2012.

Gráfico IV: Evolução de islamistas detidos, presos ou expulsos nos países indicados, de 2004 a 2012.



Fonte: U.S. Department of State (2005), "Country Reports on Terrorism" 2004-2012.

ANEXO XI

Tabelas I: Média de vítimas por ataque terrorista (1968-2005)

Anos	1968-79	1980	1990	2000-2005
Média de Vítimas por Ataque	2.08	3.83	10.38	10.89

Adaptado de James Piazza (2009), pp. 62-63.

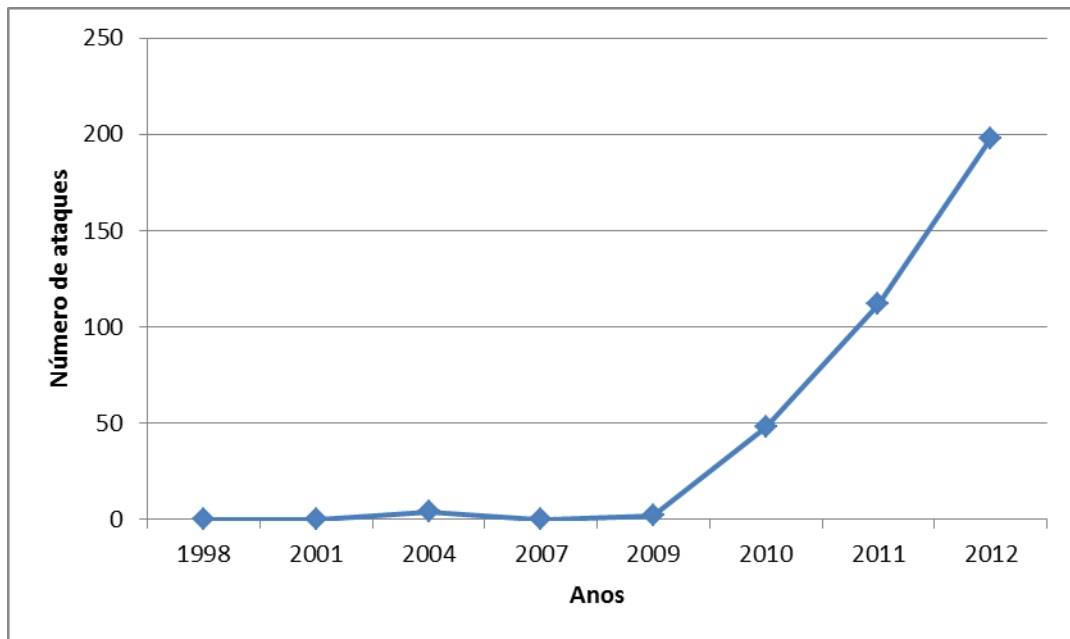
Tabela II: Média de vítimas por ataque terrorista por tipologia (1968-2005)

Tipologias	Extrema-Esquerda	Extrema-Direita	Separatistas	Religiosos	Outros
Média de Vítimas por Ataque	9.82	2.41	9.06	38.1	3.23
Número Total de Ataques	2240	879	2041	809	255

Adaptado de James Piazza (2009), pp. 62-63.

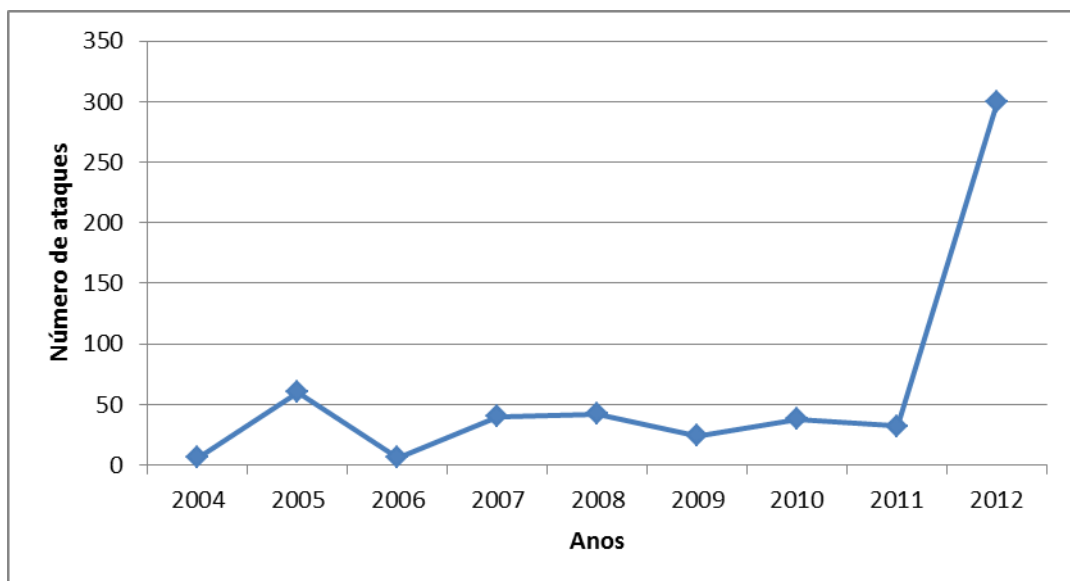
ANEXO XII

Gráfico I: Evolução da atividade terrorista do AQPA



Fonte dos dados: *Global Terrorism Database*.

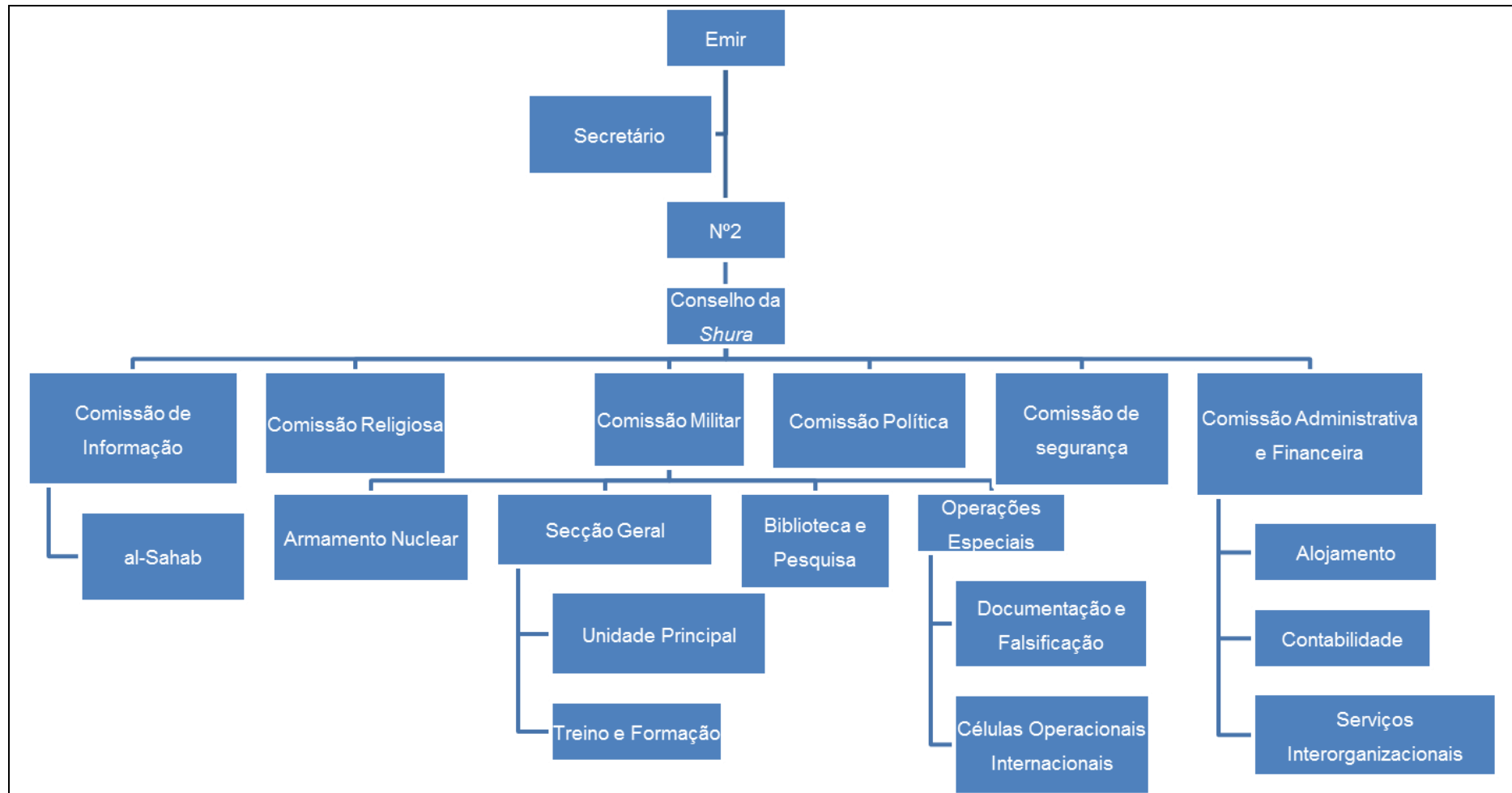
Gráfico II: Evolução da atividade terrorista do AQI



Fonte dos dados: *Global Terrorism Database*.

ANEXO XIII

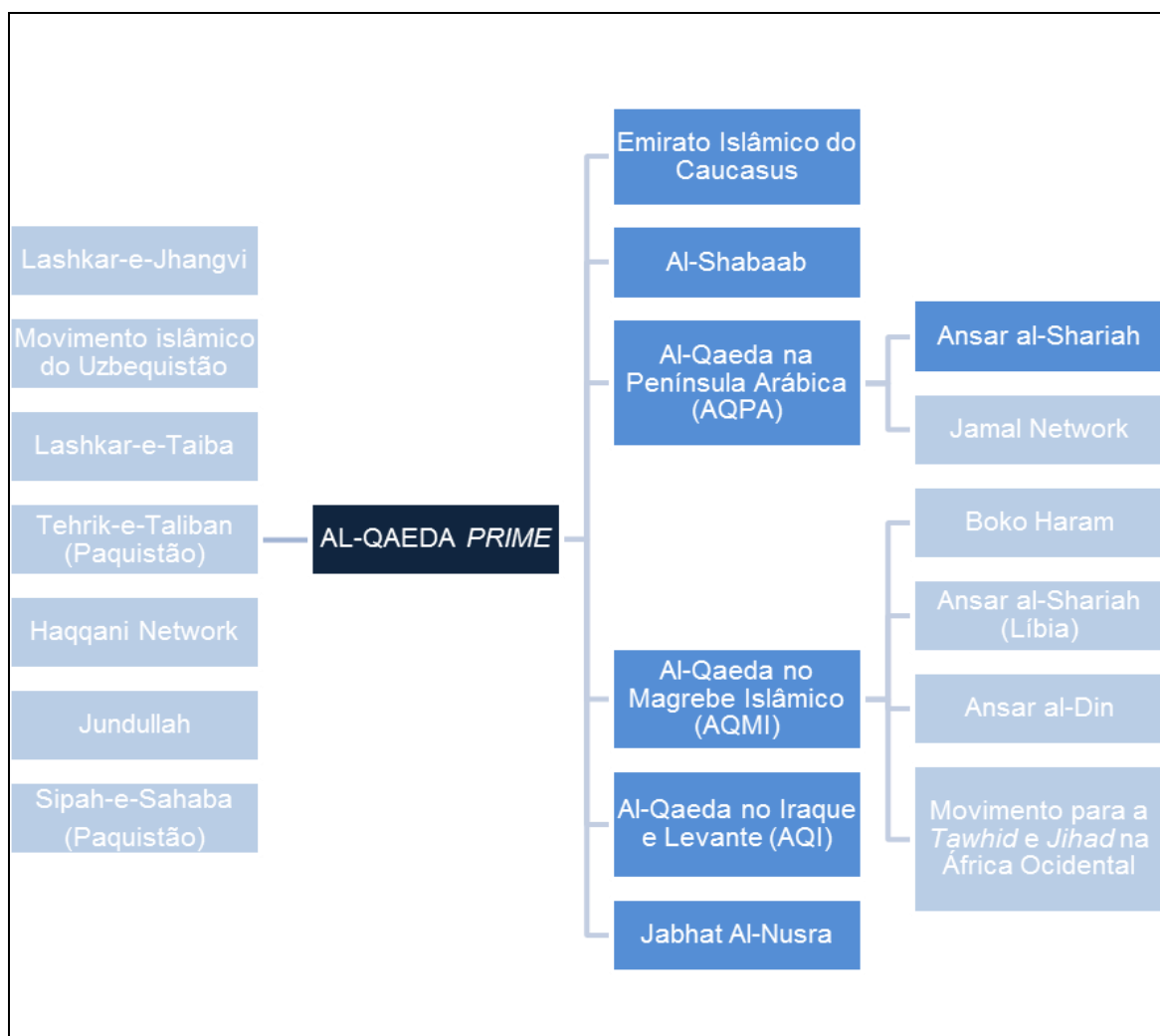
Estrutura Organizacional da al-Qaeda



Fonte: Felipe Pathé Duarte (2012), p. 254.

ANEXO XIV

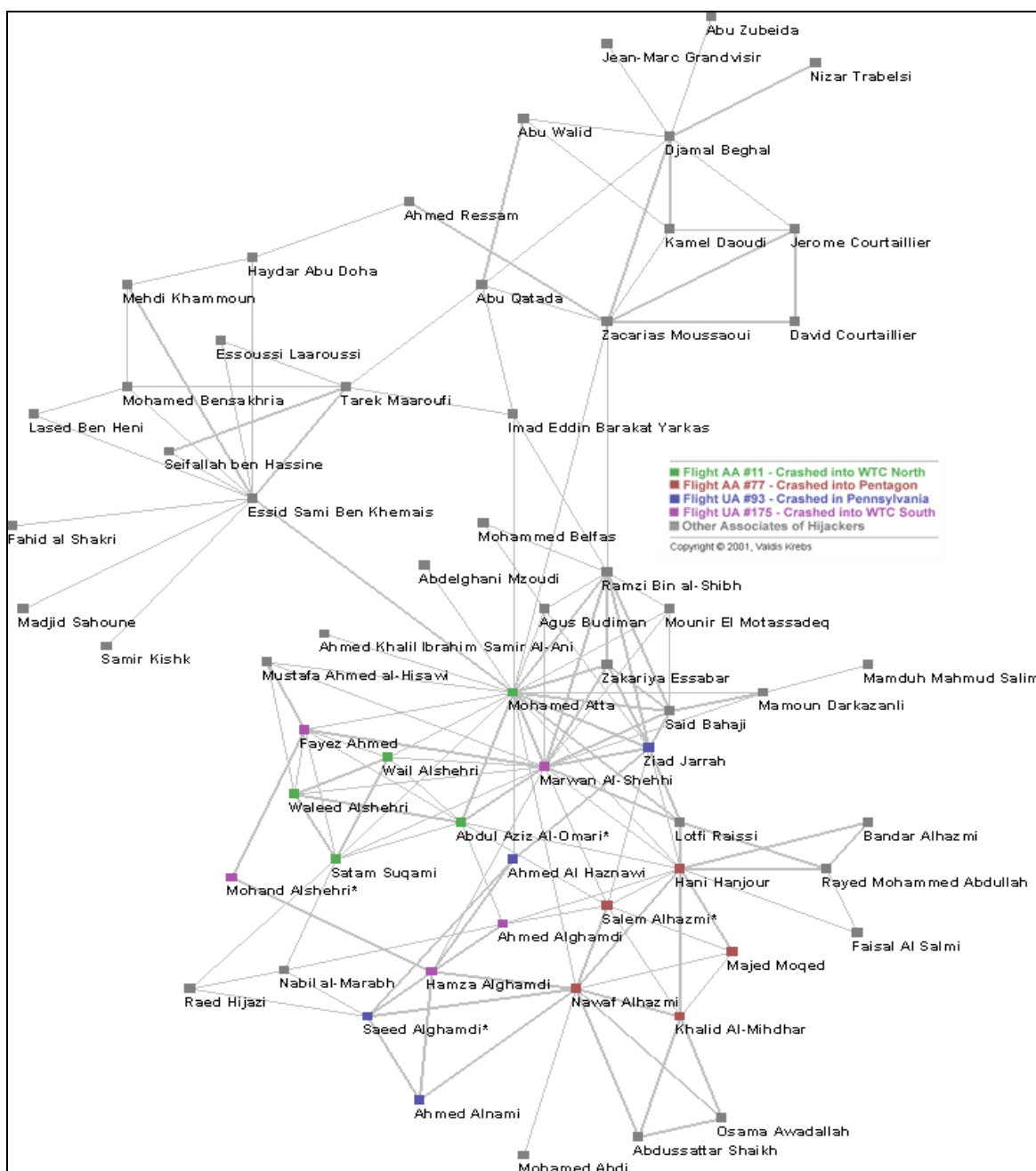
Rede de grupos afiliados e associados da al-Qaeda



Adaptado de Catherine Zimmerman (2014), p. 21.

ANEXO XV

Esquematzização em rede dos “19 Magníficos”²⁶⁷



Fonte: Valdis Krebs (2002).

²⁶⁷ Alcinha dada aos mentores e operacionais dos ataques de 11 de setembro de 2001 por jihadistas

ANEXO XVI

Representantes do Islamismo *Dawah* na Europa

Abu Qatada Entrada no Reino Unido: 1993.	Percurso Pré-Radicalização	<p>No final da década de 1980 deslocou-se até Peschawar, Paquistão, onde se fixa até 1993 e se torna Doutor em Direito islâmico. Apresentando-se sempre como professor encarregue de retornar os muçulmanos ao Islão puro, foi parceiro de al-Maqdesi no processo de doutrinação dos <i>mujahidin</i> afegãos nas décadas de oitenta e noventa.</p>
	Legado Islamista na Europa	<p>Tendo obtido asilo político para si e para a sua família em 1993, cedo demonstrou a força que imprimia ao espírito jihadista.</p> <p>Durante a década de 1990, colaborou com a revista <i>al-Ansar</i>. As <i>fatwas</i> que emitia disseminavam a cólera e barbaridade da guerra civil argelina, onde legitimava religiosamente a morte de civis (Costa, 2012: 206).</p> <p>Pouco tempo depois, colaborou na formação do grupo GSPC²⁶⁸.</p> <p>Proclamava a <i>jihad</i> contra os governos seculares muçulmanos e consequente criação de Estados islâmicos.</p> <p>Numa segunda fase, impor-se-ia um ataque aos inimigos do Islão, encabeçados por Israel. Para Qatada, se um muçulmano matar um não-crente pelo bem do Islão não haverá pecado (Booth, 2012).</p> <p>Embora não tenha participado ativamente nas operações de células na Europa, sabe-se que influenciou e encorajou Rachid Ramda²⁶⁹, e prestou assistência financeira e ideológica a membros da célula de Hamburgo²⁷⁰ e da célula de Madrid.</p> <p>A 14 de setembro de 2001 e 3 dias depois dos ataques, afirmava serem parte de uma luta entre cristãos e muçulmanos (Booth, 2012).</p>

²⁶⁸ Grupo Salafista para a Predicação e Combate. Neste sentido, *vide* Anexo VIII.

²⁶⁹ Antigo líder do GIA (Anexo VIII), responsável pelos ataques ao metro de Paris em 1995.

²⁷⁰ Célula operacional nos ataques de 11 de setembro. Nas investigações pós 11 de setembro, foram encontradas cassetes do ideólogo nos apartamentos de membros da célula de Hamburgo. Abu Qatada aparece na esquematização desenvolvida por Valdis Krebs (2002), *vide* Anexo XV.

		Ao fim de 8 anos, foi finalmente deportado para a Jordânia onde aguarda decisão final do tribunal jordano.
Abu Hamza al-Masri	Percurso Pré-Radicalização	Tendo vindo para a Europa estudar, recebeu cidadania britânica após contrair matrimónio com uma inglesa. Nos anos 90, associa-se a argelinos no país e radicaliza-se. O processo de radicalização leva-o até ao Afeganistão, onde acaba por perder um olho e uma mão no decorrer de combates.
	Legado Islamista na Europa	Depois da viagem empreendida até ao Afeganistão, volta para a Europa e torna-se num dos principais influenciadores e recrutadores de jihadistas na Europa. Em 1996 funda o grupo <i>Apoiantes da Shariah</i> , e de 1997 a 2003 promove discursos e sermões inflamatórios na mesquita de <i>Finsbury Park</i> ²⁷¹ , exortando por um lado o ódio ao Ocidente e, por outro, à <i>jihad</i> em locais como a Argélia (Costa, 2012). <i>"E a frente de batalha não se resume aos Balcãs e ao Médio Oriente [...] Nós acreditamos no estabelecimento de uma quinta coluna"</i> (Abu Hamza <i>in</i> Feldner, 2014). Foi também um acérrimo patrocinador da construção de um lémen islâmico em fins da década de 1990 e inícios de 2000, amigo íntimo de Abu Hassan al-Mihdar ²⁷² e, suspeito da tentativa de criação de um campo de treino jihadista no Estado de Oregon, no oeste dos EUA (Costa, 2012). De entre as largas dezenas de seguidores de Abu Hamza, destaca-se pelo seu mediatismo, Richard Reid. Atualmente, aguarda decisão judicial em um tribunal norte-americano.

²⁷¹ Diga-se de passagem que Abu Hamza tinha um verdadeiro arsenal bélico na mesquita (Phillips, 2008).

²⁷² Antigo líder do grupo terrorista *Aden-Abyan Islamic Army*, sediado no Iémen. Responsável pelo rapto de 16 ocidentais no país em finais de 1998 (Feldner, 2014).

Omar Bakri Muhammed Entrada no Reino Unido: 1993.	Percurso Pré-Radicalização	<p>Antes de se deslocar para Londres, o percurso islamista deste sírio vai começar desde muito novo nos escalões da IM. Mais tarde, exilado, parte o Líbano onde se junta aos quadros do <i>Hizb ut-Tahrir</i>. Em 1983, desloca-se para a Arábia Saudita e em dez anos depois imigra para Londres (Costa, 2012).</p>
	Legado Islamista na Europa	<p>Três anos mais tarde, em 1996, já oficialmente cidadão britânico, por motivos de divergência, abandona o grupo e cria um novo, o <i>al-Muhajiroun</i> (os Emigrados). Caracterizava-se pela sua profunda tendência antissionista, antissilk e anti-hindu, e à semelhança de outros grupos radicais, o seu objetivo passava, num último nível, pela instauração de um califado islâmico global (Costa, 2012).</p> <p>Porta-voz da Frente Internacional Islâmica (FII)²⁷³ e clérigo em várias mesquitas radicais na Grande Londres, Omar Bakri procurava incentivar a estabilização de uma identidade muçulmana na Europa totalmente afastada das sociedades autóctones e o recrutamento de jovens para a <i>jihad</i> global. Os <i>campus</i> universitários foram outros dos locais visados para a difusão islamista por seguidores do ideólogo (Costa, 2012).</p> <p>A 11 de setembro de 2003, numa das muitas comunicações conhecidas pelas suas visões antiocidental e pró-islamista, dá uma palestra de comemoração e congratulação pelos atentados de há dois anos, intitulada “Os 19 Magníficos”.</p> <p>Dissolvido em 2004, o grupo adota os títulos <i>Islam4UK</i> e <i>Muslim Against Crusades</i>, tendo sido posteriormente proibidos, em 2010 e 2011, respetivamente.</p> <p>O islamista Omar Bakri Muhammed encontra-se desde 2005 no Líbano, proibido de voltar à Europa.</p>
Anjem Choudary	Percurso Pré-Radicalização	<p>De origem paquistanesa, Anjem Choudary nasceu em 1967 em solo britânico. Tendo preterido o curso de medicina ao de direito, forma-se como advogado e acaba na Sociedade de Advogados Muçulmanos (SAM). Em 1999, já era indiciado na rede de recrutamento que treinava jovens</p>

²⁷³ Denominado ramo político da Frente Mundial Islâmica para a Jihad contra os Judeus e Cruzados.

		ocidentais no Reino Unido e que depois os enviava para as frentes de combate internacionais.
	Legado Islamista na Europa	<p>Amigo de longa data de Omar Bakri Muhammed, Choudary vai participar na criação do já mencionado <i>al-Muhajiroun</i>. Em finais da década de 1990 e durante o primeiro decénio do século XX, foi responsável por inúmeros protestos e manifestações de contestação contra o Ocidente. Conjuntamente com milhares de seguidores, defende a aplicação da <i>Shariah</i> na Europa e apoia a <i>jiyah</i> global (Soffer, 2014).</p> <p>Para o ideólogo, no crescente peso islâmico e número de conversões na Europa poder-se-á esconder a solução para a vitória sob os infieis. “Pode ser por pura conversão que a Grã-Bretanha se torne um Estado islâmico. Poderemos nunca ter de a conquistar pelo exterior” (Choudary in Wood, 2012).</p> <p>Choudary, o representante de Omar Bakri Muhammed na Europa, tal como o seu mentor e a grande maioria de islamistas no Reino Unido beneficiam dos apoios estatais, que por sua vez, são canalizados para as suas atividades de incitamento e recrutamento do programa jihadista global (Phillips, 2008).</p> <p>As ligações de Choudary estendem-se ao al-Shabab²⁷⁴ e à al-Qaeda no Iraque (AQI). No total, a rede que é considerada como a mais ativa no recrutamento e radicalização de jovens na Europa, é responsável pelo envio de largas centenas de combatentes para o conflito sírio (Soffer, 2014).</p> <p>Alguns dos discípulos mais célebres do ideólogo serão Asif Hanif e Omar Khan Sharif²⁷⁵, Michael Adebolajo e Michael Adebowale²⁷⁶ e elementos da <i>Muslim Patrols</i>²⁷⁷ como os convertidos Ricardo McFarlane e Royal Barnes.</p>

²⁷⁴ Grupo jihadista que luta pelo controlo da Somália. Vide Anexo VIII, p. 147.

²⁷⁵ Serviram enquanto jihadistas pelo Hamas. Em 2003, Hanif foi responsável pelo atentado bombista ao bar *Mike's Place* em Tel Aviv que vitimou três pessoas e feriu outras 55.

²⁷⁶ Dois convertidos que em 2013 assassinaram brutalmente o soldado Lee Rigby nas ruas de Londres.

²⁷⁷ Grupo que promove e impõe ativamente a lei islâmica (*Shariah*) em áreas “islâmicas” do Reino Unido. Neste sentido, vide <http://www.express.co.uk/news/uk/459782/Muslim-Patrol-handed-Asbos-banning-Sharia-Law-promotion-or-meeting-Anjem-Choudary>.

ANEXO XVII

Quadro I: A célula de Madrid

Pré-radicalização	Célula de Madrid ²⁷⁸	
Perfil dos candidatos	<p>Na sua maioria, na casa dos 30 anos ou mais novos, muçulmanos de primeira geração, distinguiam-se quanto aos antecedentes.</p> <p>Uns eram traficantes de droga, outros trabalhavam em <i>part-time</i>, enquanto outros eram estudantes com futuro.</p>	
	Jamal Ahmidan	De ascendência marroquina, era imigrante de primeira geração. Considerado bem integrado na sociedade espanhola, era líder de uma rede de tráfico de droga que operava entre Marrocos e Espanha. Foi identificado como presumível líder das operações.
	Jamal Zougam	Nascido em Tânger, cidadão espanhol desde 1983. Descrito como bem enquadrado socialmente, “um dos mais bonitos e populares jovens muçulmanos da diáspora de Madrid”. Juntamente com seu meio-irmão, Mohammed Chaoui, possuíam uma loja de telemóveis.
	Sarhane ben Abdelmajid Fakheth	Considerado o líder ideológico da célula, era referenciado como um proeminente estudante tunisino, aluno na Universidade de Madrid.

²⁷⁸ A 11 de março de 2011, jovens jihadistas fizeram detonar uma série de bombas de forma coordenada no sistema ferroviário da capital espanhola, matando 191 pessoas e ferindo mais de 1.800.

	Basel Ghayoun e Anghar Fouad el Morabit	Sírio e argelino, respetivamente, eram estudantes em Espanha.
	Mohammed e Rachid Ouland Akcha	Membros da rede de droga liderada por Jamal Ahmidan.
Ambiente	Vivem em Espanha mais de um milhão de muçulmanos ²⁷⁹ , na sua maioria de países do Norte de África. Uma boa parte sedeu-se na década de 1980, mas atualmente existe uma segunda geração de muçulmanos no início dos seus 20 anos.	
Autoidentificação		
Da conversão à Identificação	Sarhane ben Abdelmajid Fakhet	Fruto de uma crise pessoal desconhecida, deixa os estudos e “desliga-se do mundo”. Frequenta assiduamente a mesquita e interessa-se somente no Islão e na miséria do mundo.
	Basel Ghayoun e Anghar Fouad el Morabit	Começaram a frequentar um círculo extremista liderado por Rabei Osman el Sayed Ahmed, perito em explosivos e veterano jihadista, era membro do grupo <i>Egyptian Islamic Jihad</i> .

²⁷⁹ Vide Anexo XVIII.

	Outros membros da célula entraram em direto contacto com membros da antiga célula liderada por Eddin Barakat Yarkas ²⁸⁰ .	
Locais de congregação	Centro Cultural Islâmico, ou mesquita “M-30” em Madrid. Na altura, já era conhecida como uma “incubadora de extremistas”.	
Doutrinação		
Convicção	Sarhane ben Abdelmajid Fakhet	Após a participação da Espanha na invasão do Iraque, tende a passar mais tempo em <i>sites</i> jihadistas, ao que consta à procura de informações sobre certo tipo de explosivos.
Locais de congregação	Casa privada de Faisal Allouch	O planeamento estratégico passou a ser concebido na sala de estar da casa de Faisal Allouch, por considerarem estar demasiados expostos na mesquita.
Jihadização		
Decisão para cometer a <i>jihad</i>	O fator decisivo foi a publicação <i>online</i> de um documento chamado <i>Jihad in Iraq: Hopes and Dangers: Pratical Steps for the Blessed Jihad</i> . O documento definia métodos para a expulsão de americanos e aliados do Iraque. Numa dessas propostas incluía a prática de atos terroristas em Espanha pouco antes das eleições de 14 de março de 2004. Desta maneira, as forças espanholas seriam obrigadas a deixar o Iraque.	
Ação	Fakhet adquiriu formação na detonação de bombas por via da ativação celular.	

²⁸⁰ Atente-se na representação na rede de células do 11 de setembro, no Anexo XV. Ainda que tenha tido uma participação remota, Yarkas teve ligações diretas com o suposto líder, Mohammed Atta e outros membros.

AL-ÂNDALUS: DO TERRORISMO DOMÉSTICO ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA

	Ahmidan usou as ligações ao mundo da droga para trocar dinamite por droga.
	O grupo arrendou uma casa em Chinchon, usando-a para armazenar a droga, dinamites e, por fim, construir as bombas.
	A 4 de março, Zougam adquiriu vinte telemóveis Mitsubishi Tritum T110 para servirem como detonadores.
Resultado	Na manhã do dia de 11 de março de 2004, estações ferroviárias de Madrid eram alvo de múltiplos atentados à bomba. Posteriormente, Sarhane ben Abdelmajid Fakhet, “o tunisino”, ligaria para Abu Qatada pedindo a sua bênção (Jordan e Horsburgh, 2005) ²⁸¹ .

²⁸¹ Vide Anexo XVI. Apesar de detido e exportado para a Jordânia, a sua influência em jihadistas por todo o mundo mantém-se.

Quadro II: Célula de Hofstad

Pré-radicalização	Célula de Hofstad ²⁸²	
Perfil dos candidatos	<p>Na sua maioria, jovens de idades compreendidas entre os 18 e 28 anos, de origem norte africana e imigrantes de segunda geração.</p> <p>Também incorporavam uma minoria de convertidos.</p>	
	Mohammed Bouyeri	<p>Nasceu em Amesterdão, filho de imigrantes marroquinos. Era visto como um jovem promissor. No entanto, preferia o politécnico onde estava inscrito em contabilidade e informação tecnológica, em detrimento de longas horas de socialização em cafés e outros locais de convívio.</p> <p>Já tinha registo criminal por tentativa de assalto a um polícia com recurso a arma branca.</p>
	Jason Walters	Nascido em 1985, filho de pai americano (antigo soldado) e mãe holandesa, converteu-se enquanto adolescente.
	Ismail Akhnikh	Jovem de 21 anos, nascido na Holanda de pais marroquinos. Por falta de resultados enquanto aluno, foi enviado para a Síria onde recebeu educação religiosa antes de regressar e encontrar emprego na indústria de <i>hi-tech</i> .
	Nouredine el Fatmi	De descendência berbere, nasceu numa pobre vila marroquina, antes de imigrar para Espanha aos 15 anos. Posteriormente fixou-se na Holanda.

²⁸² Grupo constituído, na sua maioria, por muçulmanos sedeados na Holanda. Tinha planos para múltiplos ataques estratégicos em solo holandês, nomeadamente, em aeroportos, reatores nucleares e contra membros do Parlamento holandês. Em novembro de 2004, um dos membros, Mohammed Bouyeri, assassina barbaramente Theo Van Gogh nas ruas de Amesterdão.

Ambiente	A Holanda é casa para cerca de um milhão de muçulmanos ²⁸³ , na sua maioria de origem turca ou marroquina. A diáspora marroquina vive primordialmente nas cidades holandesas, sendo conhecida pela sua extrema dificuldade de integração.	
Autoidentificação		
Da conversão à Identificação	Mohammed Bouyeri	Condenado a uma pena de sete meses por tentativa de roubo a um polícia, foi no estabelecimento prisional que se iniciou no processo de radicalização. Depois de ser liberto, deixou os estudos e começou a trabalhar num centro comunitário. A sua progressiva agressividade e discurso carregado da ideologia salafista, provocaram o seu despedimento. Pouco depois, instalava-se na mesquita extremista de <i>al-Tawheed</i> .
Locais de congregação	Mesquita e estabelecimento prisional.	
Doutrinação		
Convicção	Mohammed Bouyeri	Deixou a mesquita de <i>al-Tawheed</i> . O grupo que inclui variados membros da célula e o líder ideológico, Redouan al-Issar, começou a reunir-se em sítios mais privativos, onde rapidamente aceleraram o processo de radicalização.
Locais de congregação	Casa privada de Mohammed Bouyeri	O planeamento estratégico passou a ser concebido na sala de estar da casa de Mohammed Bouyeri, onde o grupo discutia tópicos jihadistas <i>online</i> , e assistia a vídeos promotores do movimento.

²⁸³ Vide Anexo XVIII.

Jihadização	
Decisão para cometer a <i>jihad</i>	Vários sinais indicavam a aceitação da sua missão de <i>jihad</i> . Alguns membros como Jason Walters e Samir Azzouz tentaram adquirir treino no Afeganistão e juntar-se às listas jihadistas na Chechénia, respetivamente. No caso de Walters, já havia uma definição de alvos, como era o caso de Ayaan Hirsi Ali ²⁸⁴ .
Ação	Em outubro de 2003, Samir Azzouz já tinha obtido equipamento para a construção de bombas e desenvolvido uma lista de alvos como o parlamento holandês, centrais nucleares e o aeroporto internacional de Amesterdão.
	Pouco depois, alguns elementos do grupo, mais concretamente, Samir Azzouz, Ismail Akhnikh, Jason Walters e Redouan al-Issar, foram detidos por suspeitas de planearem um atentado terrorista em solo holandês. Azzouz acabou absolvido.
Resultado	Quando o grupo se preparava para os últimos preparativos de um grande ataque terrorista na Holanda, Bouyeri decidiu matar de forma bárbara Theo Van Gogh nas ruas de Amesterdão. As investigações policiais levariam à detenção dos outros membros da célula.

²⁸⁴ Neutralizada americana em 2013, é uma ativista, política e escritora de origem somali. Na altura, fazia parte da Câmara dos Representantes na Holanda e era conhecida pelas críticas ao Islamismo e certas práticas islâmicas.

Quadro III: A célula de Leeds

Pré-radicalização	Célula de Leeds ²⁸⁵	
Candidatos	Ambos os bombistas nasceram na área metropolitana de Leeds. Três deles eram imigrantes de segunda geração paquistaneses enquanto Germaine Lindsay era imigrante de primeira geração de origem jamaicana.	
	Mohammed Siddique Khan	Chefe de família, casado e licenciado, trabalhava desde 2002 enquanto professor assistente para jovens. Enquanto adolescente, Siddique aparentava ter abandonado a sua identidade islâmica por tendências largamente ocidentais.
	Shehzad Tanweer	Graduado na mesma universidade que Siddique (Universidade Metropolitana de Leeds), Shehzad que vinha de uma família rica e de trabalho, era versado no cricket e jiu-jitsu. Tinha boas posses: conduzia um mercedes e possuía património no valor aproximado de 150.000€.
	Hasib Hussain	Introvertido, mais novo de quatro irmãos, desistiu dos estudos quando frequentava o ensino secundário. Estava inscrito em equipas locais de cricket e futebol.

²⁸⁵ Na manhã do dia 7 de julho de 2005, três bombas fizeram-se rebentar no metropolitano londrino, espaçadas por 50 segundos. Uma hora mais tarde, uma quarta bomba destruía por completo um autocarro de transporte de passageiros. No total, morreram 56 pessoas (bombistas suicidas incluídos), mais de 700 ficaram feridos e o sistema de transportes britânicos levou dias a retomar a normalidade.

	Germaine Lindsay	Com 19 anos de idade, britânico de origem jamaicana, converteu-se ao Islão em 2000. Casado com uma britânica convertida ²⁸⁶ , era considerado dotado no desporto e nos estudos.
Ambiente	O Reino Unido é residência para mais de dois milhões e meio de muçulmanos ²⁸⁷ , sendo que metade pensa-se que residam na área metropolitana de Londres. Na sua grande maioria, são imigrantes de países asiáticos como o Paquistão, Bangladesh e Índia. Uma boa parte dos imigrantes fixou-se na Inglaterra na década de 1960.	
Autoidentificação		
Da conversão à Identificação	Mohammed Siddique Khan	Começou a sua radicalização na universidade metropolitana de Leeds, tendo começado a frequentar a mesquita de Beeston às sextas e deixado o álcool e drogas. Também começou a frequentar o ginásio e o clube de juventude locais.
	Shehzad Tanweer	Deixou de frequentar casinos, começou a aparecer com regularidade na mesquita e deixou crescer a barba. Tal como Khan, começou a frequentar a mesquita, ginásio e clube de juventude de Beeston.
	Hasib Hussain	Após uma viagem à Arábia Saudita começou a utilizar a indumentária islâmica. Começou a frequentar a mesquita, ginásio e clube de juventude de Beeston.

²⁸⁶ De nome Samantha Lewthwaite, considerou em entrevista como aberrantes os atos praticados pelo marido, Lindsay. No decorrer de buscas, a *Scotland Yard* descobriu um diário onde a visada tinha escrito sobre as virtudes e princípios que uma mulher de um jihadista deveria possuir, no acompanhamento do que era descrito como sendo uma causa nobre. Por incidência, era suspeita de atentados no Quênia contra ocidentais. Vide <http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/terrorism-in-the-uk/9124734/Germaine-Lindsays-widow-Samantha-Lewthwaite-my-role-as-a-bombers-wife.html>.

²⁸⁷ Vide Anexo XVIII.

AL-ÂNDALUS: DO TERRORISMO DOMÉSTICO ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA

	Germaine Lindsay	Seguindo as pegadas da mãe, no ano 2000 converteu-se ao Islão, adotando o nome “Jamal”. Em 2002 a mãe imigrou para os EUA com outro homem, tendo ficado sozinho e mais fragilizado pela radicalização imposta na mesquita de Huddersfield e Dewsbury, onde era presença habitual.
Locais de congregação	Mesquitas, ginásios, universidades e clubes de juventude.	
Doutrinação		
Convicção	Mohammed Siddique Khan, Shehzad Tanweer e Hasib Husain	Deixaram de frequentar a mesquita deobandi de Beeston sob críticas dos <i>a'imma</i> serem demasiado apolíticos e incompreensivos perante os problemas dos muçulmanos britânicos.
	Germaine Lindsay	Foi fortemente influenciado por Abdullah al-Faisal, também de origem jamaicana, antigo recluso no Reino Unido por acusações de incitamento à morte, incitamento ao ódio racial, etc.
Locais de congregação	Centro de aprendizagem de Iqra em Beeston	Isolaram-se do resto do mundo, focando-se na compreensão e debate dos tópicos jihadistas. Foi através das leituras dadas por Khan no Centro de aprendizagem que o grupo conheceu Lindsay.
Jihadização		
Decisão para cometer a jihad	Julho de 2003	Khan viajou para o Paquistão onde conheceu proeminentes membros da al-Qaeda como Mohammed Babar (tentativa de assassinato do presidente paquistanês Pervez Musharraf) e Momin Khawaja (técnico de <i>software</i> detido na Operação Crevice) ²⁸⁸ .

²⁸⁸ Operação policial britânica em 30 de março de 2004, que resultou na detenção de sete suspeitos de planearem ataques terroristas em solo britânico.

AL-ÂNDALUS: DO TERRORISMO DOMÉSTICO ISLAMISTA NA PENÍNSULA IBÉRICA

	Novembro de 2004	Khan e Tanweer viajaram para o Paquistão onde conheceram Abd al-Hadi al-Iraqi, antigo major das forças armadas de Saddam Hussein e na altura, um dos mais proeminentes membros da al-Qaeda. Foi dele que partiu a influência necessária para o grupo atacar em solo britânico.
Ação	A 31 de março de 2005 adquiriram 2-5 kg de peróxido.	
	De março a junho o grupo terá efetuado deslocações ao centro de Londres para efeitos de reconhecimento.	
Resultado	Na manhã de 7 de julho de 2005, a cidade de Londres era abalada por violentas explosões.	

Adaptado de: Mitchell D. Silber e Arvin Bhatt (2007).

ANEXO XVIII

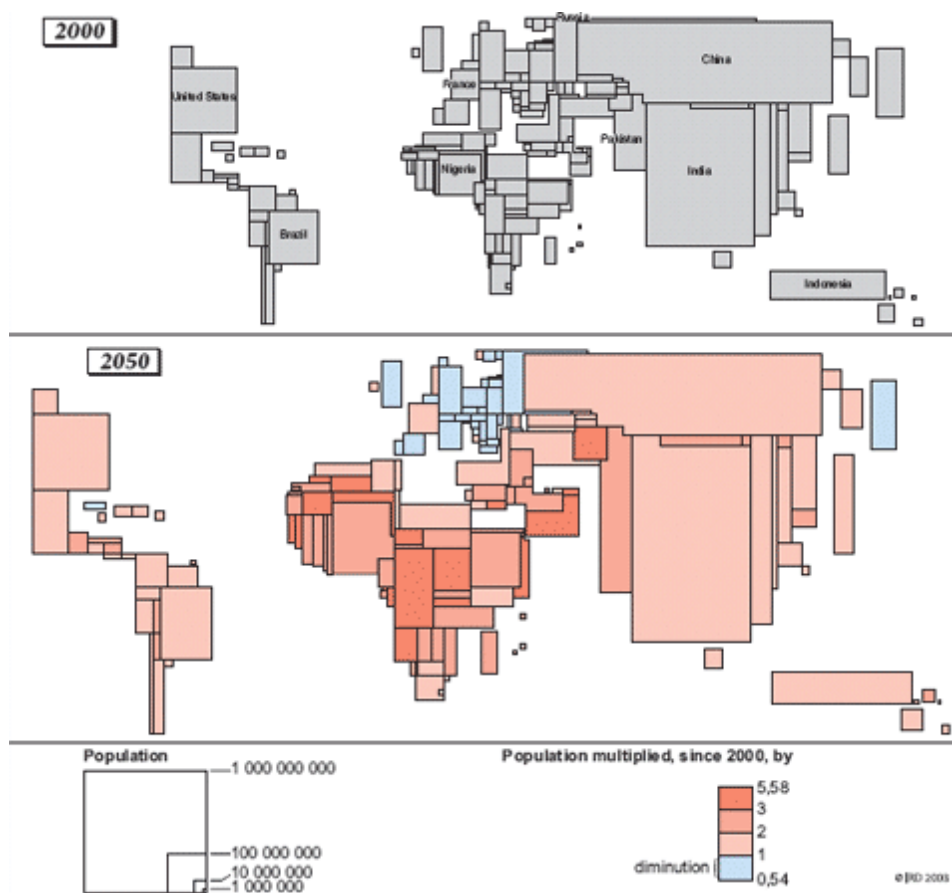
Quadro I: População muçulmana em países europeus em 2010

Países	População Islâmica	População Total	População Islâmica (%)
Albânia	2,522,276	3,160,087	79,59
Alemanha	4,283,364	82,056,775	5,22
Áustria	352,952	8,387,491	4,22
Bélgica	641,855	10,697,588	6,00
Bielorrússia	23,970	9,587,940	0,25
Bósnia	1,656,198	3,781,274	43,80
Bulgária	914,668	7,497,282	12,20
Croácia	56,444	4,409,659	1,28
Dinamarca	202,807	5,481,283	3,70
Eslováquia	4,870	5,411,640	0,09
Eslovénia	49,003	2,024,912	2,42
Espanha	1,178,231	45,316,586	2,60
Estónia	1,607	1,339,459	0,12
Finlândia	1,069	5,345,826	0,02
França	6,263,658	62,636,580	10,00
Grécia	319,845	11,183,393	2,86
Holanda	965,894	16,653,346	5,80
Hungria	2,992	9,973,141	0,03
Irlanda	34,876	4,589,002	0,76
Islândia	1,251	329,279	0,38
Itália	1,262,049	60,097,564	2,10
Kosovo	2,039,378	2,180,686	93,52
Letónia	6,497	2,240,265	0,29
Liechtenstein	1,730	36,190	4,78
Lituânia	2,604	3,255,324	0,08
Luxemburgo	9,659	491,772	1,96
Macedónia	681,052	2,043,360	33,33

Malta	3,075	409,999	0,75
Moldávia	1,532	3,063,574	0,05
Montenegro	110,967	625,516	17,74
Noruega	99,534	4,855,315	2,05
Polónia	26,627	38,038,094	0,07
Portugal	15,025	10,732,357	0,14
Reino Unido	2,475,971	61,899,272	4,00
República Checa	20,822	10,410,786	0,20
Roménia	65,689	21,190,154	0,31
Rússia	14,233,169	140,366,561	10,14
Sérvia	245,605	7,675,171	3,20
Suécia	499,965	9,293,026	5,38
Suíça	323,528	7,594,561	4,26
Ucrânia	445,247	45,433,415	0,98
Europa	42,052,753	732,729,325	5,74
Mundo	1,723,607,136	6,932,088,715	24,86

Fonte: Houssain Kettani, (2010), pp. 154-164.

Gráfico I: Evolução das populações mundiais



Fonte: *Institut National d'Études Démographiques.*

Quadro II: Balanço demográfico na Europa de 2008 a 2060

(in thousand)	Estimated population	Cumulative births	Cumulative deaths	Natural change	Cumulative net migration	Total change	Projected population
	1.1.2008	2008-2059					1.1.2060
EU27	495 394.0	250 897.1	298 799.9	-47 902.8	58 227.4	10 324.6	505 718.5
BE	10 656.2	6 453.5	6 472.1	-18.6	1 657.2	1 638.6	12 294.8
BG	7 642.2	2 739.2	4 940.6	-2 201.4	43.9	-2 157.5	5 484.7
CZ	10 345.9	4 364.0	6 433.0	-2 069.0	1 236.8	-832.1	9 513.8
DK	5 475.8	3 321.0	3 259.8	61.2	383.1	444.4	5 920.1
DE	82 179.1	32 205.8	51 693.1	-19 487.3	8 067.4	-11 419.8	70 759.3
EE	1 338.6	621.9	827.6	-205.7	-0.6	-206.3	1 132.3
IE	4 414.8	3 784.9	2 307.8	1 477.2	860.2	2 337.3	6 752.1
EL	11 216.7	4 997.6	6 944.3	-1 946.7	1 847.9	-98.8	11 117.9
ES	45 283.3	23 164.0	28 060.1	-4 896.1	11 525.5	6 629.4	51 912.6
FX	61 875.8	40 885.0	35 273.7	5 611.3	4 312.5	9 923.8	71 799.6
IT	59 529.0	25 452.8	37 412.0	-11 959.2	11 819.8	-139.4	59 389.6
CY	794.6	582.7	453.1	129.6	396.1	525.8	1 320.3
LV	2 269.1	870.6	1 453.0	-582.4	-4.3	-586.7	1 682.4
LT	3 365.4	1 331.4	2 145.2	-813.8	-4.0	-817.8	2 547.7
LU	482.2	353.2	289.3	63.9	185.6	249.5	731.7
HU	10 045.4	4 154.8	6 477.1	-2 322.3	993.6	-1 328.7	8 716.7
MT	410.5	187.4	242.8	-55.4	49.6	-5.8	404.7
NL	16 404.3	9 076.4	9 388.2	-311.8	503.7	191.9	16 596.2
AT	8 334.3	4 102.5	4 878.7	-776.1	1 479.1	703.0	9 037.3
PL	38 115.6	14 910.8	22 417.5	-7 506.7	530.0	-6 976.7	31 139.0
PT	10 617.4	4 938.2	6 602.8	-1 664.6	2 312.0	647.4	11 264.8
RO	21 423.4	8 211.6	13 066.8	-4 855.1	353.2	-4 501.9	16 921.4
SI	2 022.6	816.4	1 251.5	-435.1	191.0	-244.1	1 778.6
SK	5 398.8	2 116.6	3 222.6	-1 106.0	254.6	-851.4	4 547.3
FI	5 299.8	2 999.0	3 226.8	-227.8	329.9	102.0	5 401.8
SE	9 182.9	5 896.4	5 400.3	496.1	1 196.0	1 692.1	10 875.0
UK	61 270.3	42 359.1	34 660.3	7 698.9	7 707.5	15 406.4	76 676.7
NO	4 737.2	3 306.2	2 692.2	614.0	685.6	1 299.6	6 036.8
CH	7 591.4	4 166.4	4 321.2	-154.8	1 756.5	1 601.7	9 193.1

Fonte: Konstantinos Giannakouris (2008).

ANEXO XIX

As quatro fases do processo de radicalização

1ª Fase	Pré-Radicalização	Perfil dos candidatos	1) Crise de identidade islâmica 2) Discriminação, alienação e sentimento de injustiça 3) Ambiente social, vizinhos, amigos e família 4) Traumas pessoais 5) Falta de debate interno quanto à ideologia islamista
		Locais de Congregação	1) Comunidades “guetos” islâmicos 2) Mesquita 3) <i>Internet</i> 4) Escolas, clubes de juventude ou trabalho 5) Prisões 6) Atividades desportivas (ginásios, etc) 7) Família e amigos
2ª Fase	Auto-Identificação	Conversão	1) Da fé à identidade religiosa 2) Interpretação mais radical do islão 3) Conversão (exemplo mais recorrente: do Cristianismo para o Islão)
		Identificação	1) Crescente identificação e aceitação com a causa extremista
		Causas	1) Glorificação da <i>jihad</i> , ativismo, “desejo de uma causa” 2) Política externa perante o mundo muçulmano 3) Líder ou pessoa carismática
		Locais de Congregação	Iguais à 1ª fase

3ª Fase	Doutrinação	Convicção	1) Isolamento da vida anterior 2) Treino acrescido 3) Definição de papéis 4) Preparado para a ação
		Catalisadores	1) Viagens ao estrangeiro (campos de treino ou inspiração religiosa) 2) Criação de laços em grupo 3) Campos de treino locais
		Locais de Congregação	1) Casas privadas 2) Outros locais difíceis de detetar
4ª Fase	Jihadização	Ação	1) Preparação 2) Planeamento 3) Execução
		Reforços	1) Viagens ao estrangeiro 2) Criação de laços em grupo 3) Campos de treino 4) Vídeos, etc
		Componentes-chave	1) Financiamento 2) Seleção de alvo 3) Vigilância 4) Fabrico de bombas ou outros meios de ação 5) Teste
		Locais de Congregação	Iguais à 3ª fase

Fonte: Thomas Precht (2007), p. 34.

ANEXO XX

Tipologias de células jihadistas na Europa

Células	Recrutamento	Operacionalidade
<i>Chain of Command</i>	Seleção rigorosa pela liderança central do SAQ.	Missões, objetivos e recursos estabelecidos pelo SAQ.
<i>Guided Cells</i>	Voluntário. Após entrada, estabelecem-se ligações com o SAQ	Agem sozinhas, mas com acesso a recursos materiais e financeiros. SAQ apenas fornece inspiração e aconselhamento.
<i>Self-Starters Cells</i>	Voluntário e sem ligação ao SAQ.	Total ausência de comando ou controlo central. Membros sem ligações/com ligações limitadas ao SAQ; Sem acesso a recursos materiais e financeiros. Agem de forma autónoma, inspirados na ideologia islamista e declarações de líderes do SAQ e aliados.

Adaptado de Peter Neumann (2007).

ANEXO XXI

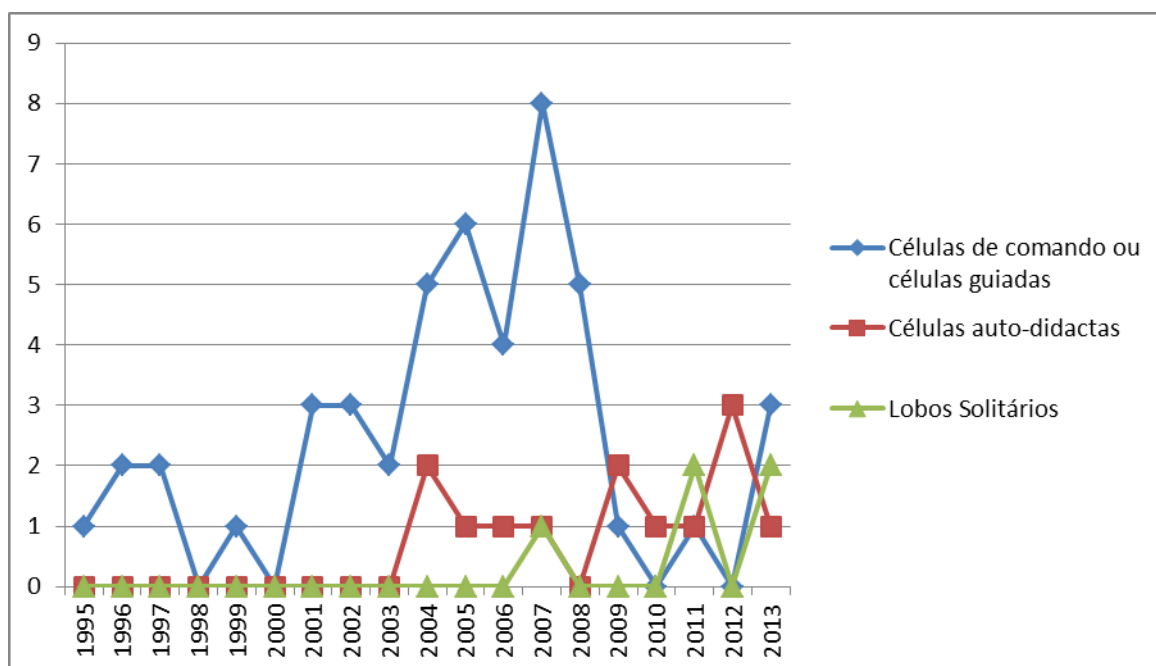
Tipologias de lobos solitários jihadistas na Europa

Lobos Solitários Jihadistas	Radicalização	Recrutamento	Operacionalidade
<i>Loner</i>	Sozinho	Voluntário, sem qualquer ligação ao SAQ.	Autónomo, sem qualquer ligação ao SAQ.
<i>Lone Wolf</i>	Sozinho	Voluntário, com algum tipo de ligação ao SAQ (mundo virtual).	Algum tipo de ligação ao SAQ (mundo virtual). Relativo comando e controlo central.
<i>Lone Wolf Pack</i>	Grupo	Voluntário, com algum tipo de ligação ao SAQ (mundo virtual).	Algum tipo de ligação ao SAQ (mundo virtual). Relativo comando e controlo central.
<i>Lone Attackers</i>	Sozinho	Voluntário, com ligações claras e formais (mundo real) ou informais (mundo virtual) ao SAQ.	Ligações claras e formais ao SAQ (mundo real) ou informais (mundo virtual). Com acesso a recursos materiais e financeiros do SAQ.

Adaptado de Raffaello Pantucci (2011), pp. 13-32.

ANEXO XXII

Evolução do Jihadismo em Espanha (1995-2013)



Adaptado de Javier Jordán (2014).

ANEXO XXIII

Percurso do Jihadismo em Portugal

Data	Local	Suspeito	Historial
Março 2003	Lisboa e Quarteira	14 argelinos, entre eles, Sofiane Laïb	Envolvidos na falsificação de documentos. Entre 1998 e 2000, Sofiane partilhou o apartamento em Hamburgo com Mohammed Atta. Um associado de Sofiane, Ben Yamin Issak, voou de Lisboa para Londres em 2002. Em janeiro de 2003, juntamente com Kamel Bourgass e outros magrebinos, foi detido em fase de preparação da “ <i>Conspiração de Rícino de Londres</i> ” ²⁸⁹ .
Junho 2004	Porto	11-20 magrebinos	Detidos por suspeitas de planearem um atentado no palácio do Freixo, onde decorria um jantar entre altos dignatários do EURO 2004. Especula-se que Durão Barroso, então primeiro-ministro português poderia ser o principal alvo. Entre os suspeitos encontravam-se Nouredine el-Fatmi ²⁹⁰ e Mohammed el-Morabit, da célula Hofstad. Acabaram deportados para a Holanda.
Outubro 2004	Bragança	1 bielorusso	Autoridades espanholas alertam Portugal que um suspeito, Serguei Malischev, se encontrava em Bragança a adquirir explosivos com vista a atacar a <i>Audiencia Nacional</i> de Madrid. Acabou por ser deportado para a Bélgica. Mais tarde, veio-se a provar ser um perito em armas

²⁸⁹ Neste sentido, consulte-se http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/4433459.stm.

²⁹⁰ Vide parte da constituição da célula de Hofstad in Anexo XVI.

			químicas com ligações à célula de Abu Safian, o qual tinha ligações diretas com Zarqawi, líder da AQI até 2006.
Fevereiro 2006	Lisboa e Amadora	4 cabo-verdianos	Responsáveis pela morte de 5 pessoas num bar em Roterdão. Acabaram por fugir para Portugal. O líder, Fernando Pires e outros dois membros foram detidos em Lisboa e Amadora, respectivamente. O outro elemento conseguiu fugir para Cabo Verde. Traficantes de diamantes, só tinham ligações indiretas à célula de Hofstad.
Novembro 2007	Porto	1 argelino	Residente no Porto, Samir Boussaha foi detido e extraditado para Itália sob suspeitas de ter sido membro do GSPC e de participar em redes de recrutamento de <i>foreign fighters</i> , juntamente com o irmão Mourad.

Adaptado de Diogo Noivo (2010); José Torres (2009); José Vegar (2007).

